





LIVRARIA ACADÊMICA
J. GUEDES DA SILVA
R. MÁRTIRES DA LIBERDADE, 12
ORTO — TELEFONE, 25988

R3186,101




Presented to the
LIBRARY *of the*
UNIVERSITY OF TORONTO
by
Professor
Ralph G. Stanton

1835

40

f



Digitized by the Internet Archive
in 2012 with funding from
University of Toronto

HISTORIA

DE LA ODIOSA IMAGEN

DE SAN JESUS

DE BOUTAS



HISTORIA
DA PRODIGIOSA IMAGEM
DO
BOM JESUS
DE BÔUCAS



1857
17.37
—
12

HISTORIA
DA PRODIGIOSA IMAGEM
DO
BOM JESUS
DE BÓUGAS



HISTORIA
DA PRODIGIOSA IMAGEM
DE
CHRISTO
CRUCIFICADO,

Que com o titulo de
BOM JESUS DE BOUCAS
SE VENERA NO LUGAR DE MATOZINHOS
na Lusitania,

Em que se referem notaveis Antiquidades deste Reyno,
DEDICADA AO MESMO SENHOR,
E OFFERECIDA
A ELREY DE PORTUGAL

D. JOAÕ V.
POR

ANTONIO CERQUEIRA PINTO
*Cidadaõ da Cidade do Porto, Academico supranumerario da Aca-
demia Real da Historia Portugueza.*



LISBOA OCCIDENTAL,
Na Officina de ANTONIO ISIDORO DA FONSECA
Impressor do Duque Estribeiro Mõr.

M. D. CC. XXXVII.

Com todas as licenças necessarias, e Privilegio Real.
Impresso à custa da Irmandade do Senhor de Bouças.

DA PRODIGIOSA IMAGEM
DE

CHRISTO CRUCIFICADO

Que com o cirulo de

BOM JESUS DE BOUCAS

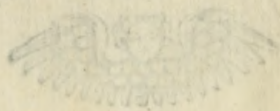
SE VENTRA NO LUGAR DE MATOZINHOS
na Lufitania
na qual se refereo nome de Evangelista d'este Reino

DEDICADA AO MESMO SENHOR

D. JOAÕ V.

ANTONIO CERQUEIRA PINTO

Collegio da Cidade do Porto, Academie portuguezas da thes
depois Real da Historia Portuguezas.



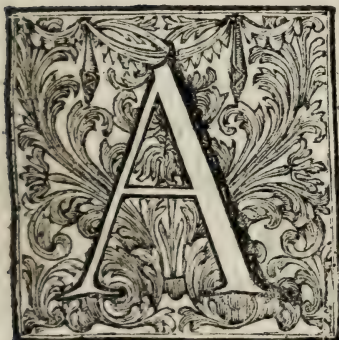
LISBOA OCCIDENTAL

No Officio de ANTONIO ISIDORO DA TORRES
Imprimeiro do Duq de Bragança 1817

M. D. CC. XXXVII
Copyright by the author, and printed by the
of the University of Coimbra



DEDICATORIA
A SAGRADA IMAGEM
DE
CHRISTO
CRUCIFICADO,
Que em Matozinhos se venera.
SENHOR



VOS, que sois o soberano Assumpto desta empreza, como Retrato admiravel de Christo na Cruz, exal-

Paulus Epif.
tol. ad Co-
laff. c. i. v.
15.

Lauret. Syl.
Alleg. ver-
bo Imago.

tado remindo o Mundo, e veneravel Imagem do mesmo, que o he de Deos invisivel: Qui est Imago Dei invisibilis: Esplendor da gloria, e Figura da substancia do Eterno Pay: Qui est splendor gloriae, & Figura substantiae Patris: Sagrado Prototypo, que a luzes da contemplação visto, e a nossos olhos exposto sois Filho de Deos acclamado: Imago coram oculis nostris, dicitur Filius Dei, cum in contemplatione cernitur; como com Origenes, Santo Agostinho, e Santo Ambrosio allegoriza Laureto. Prodigioso assombro, na affluencia de beneficios, que por este esclarecido meyo alcançamos sempre da Divina Clemencia, a que por taõ altos principios, se deve a mayor, e mais reverente adoração em todo o Universo, razão he, e precisa obrigação, se vos dedique huma obra, que he toda vossa pela materia, posto que desproporcionada na forma, atenta do Escritor a insufficiencia.

Mas pois Senhor, que nesse Divino Exemplar estais copiado, permitistes se
nos

nos destinasse empresa tão grande, que
 bem requeria hum agigantado talento, por
 talvez se conformar o interior influxo com
 os vossos dictames, em eleger as couzas
 humildes, e despreziveis: Ignobilia mun-
 di, & contemptibilia elegit Deus, e
 porisso vos dignastes sempre attender á
 oração dos humildes: Respexit in ora-
 tionem humilium, pois là deffas altu-
 ras infinitamente estais vendo as humilia-
 ções no Ceo, e na terra; Et humilia ref-
 picit in Cœlo, & in terra: sede, amo-
 rosissimo Senhor, servido agora aceitar be-
 nigno esta victima obsequiosa, que ainda
 que quanto a nós, seja humilde no estilo,
 e desprezivel no modo, he com tudo, quan-
 to a vós, conforme ao talento, que dis-
 puzestes concedernos, para que por todas
 as maneiras sejais louvado eternamente:
 Omnis spiritus laudet Dominum; e
 todos nos gloriemos em vosso louvor: Et
 gloriemur in laude tua: repetindo con-
 tinuamente, em vosso aplauso, fervorosas
 Alleluias.

Paul. Epist.
 1. ad Corint.
 c. 1. v. 28.

Pfall. 101. v.
 18.

Pfall. 112. v.
 6.

Pfall. 150. v.
 6.

Pfall. 105. v.
 47.

Antonio Cerqueira Pinto.





OFFERECIMENTO
A EL REY NOSSO SENHOR
D. JOAÕ V.
SENHOR.



OM o mesmo rude,
„ mas sincero estylo, com que Deos per-
mitio escrevessemos, e lhe dedicasse-mos
„ esta

„ esta resumida Historia , a offerecemos
„ tambem humilissimamente a Vossa Ma-
„ gestade , pelo que tem de relevante a
„ materia della , digna toda de exporfe na
„ Real presença de Vossa Magestade ; co-
„ mo Soberano feliz Monarquã de hum
„ Reyno , que para ter a gloria de ser o
„ mais esclarecido , logo com o grande
„ nome de Imperio seu , o instituiu o mes-
„ mo Christo em hum Real Ascendente de
„ Vossa Magestade , e em seus Regios des-
„ cendentes : *Volo in te, & in semine tuo im-*
„ *perium mihi stabilire* , dando-lhe por sin-
„ gularissimo Brazaõ as cinco Chagas, que
„ foraõ o inestimavel preço da Redempçaõ
„ humana , e saõ as Divinas copiosas fon-
„ tes , de que manaõ as piedosas affluen-
„ cias , com que Vossa Magestade sempre
„ Augusto , e Magnifico , se ostenta no
„ zeloso Culto da Religiaõ Catholica , por
„ infallivel continuado effeito da primeira
„ causa , que se dignou segurar , lhe seria
„ este Reyno de Vossa Magestade santifi-
„ cado , na Fè puro , e na piedade ama-
„ do : *Et erit mihi regnum sanctificatum , fide-*
„ *purum , & pietate dilectum.*

„ Estes celestial favor havia sido an-
„ terior-

„ teriormente a Portugal annuciado no
„ raro prodigio, com que por alta dispo-
„ sição da Divina Providencia, veyo da Pa-
„ lestina à Lusitania, por extraordinario
„ modo, a Sagrada Imagem de Christo Cru-
„ cificado, que de muitos seculos em Ma-
„ tozinhos se venera continuamente mila-
„ grosa, como em perenne deposito, e
„ penhor certo, não íó do que o Mundo,
„ com notavel assombro, tem já admira-
„ do, e visto na maravilhosa instituição
„ da Real Monarquia de Vossa Magestade,
„ e suas gloriosas consequencias, mas em
„ abonado final, de que será sempre feli-
„ cissima, para dezerpenho admiravel da
„ Divina promessa.

„ Sendo pois, Senhor, pelo assumpto
„ digna, posto que na construcção gros-
„ seira, e tosca, esta limitada offerta da
„ piedosa attenção de Vossa Magestade, em
„ que resplandece toda a circunspecção,
„ e beneficencia, não será menor grandeza
„ da benignidade Real de Vossa Magesta-
„ de o admitilla, não obstante o ser ella
„ tão humilde na fôrma; por imitar em
„ tudo a Bondade Divina, que de reveren-
„ tes humiliações se agrada, mayormente
„ quando

„ quando na Real Pessoa de Vossa Magestade continuamente brilha, junto com
 „ o esplendor da magnificencia, o decoro da virtude; e ainda que seja rara no Orbe esta gloria, por em Vossa Magestade ser unica, he notoriamente ao seu Imperio taõ adequada, que se lhe naõ conhece pelo discurso dos tempos variedade alguma; porque a Real vea, donde deriva, como no Campo de Ourique celestialmente illustrada, costuma produzir sempre esclarecidos Principes, em tudo primarios, e o he Vossa Magestade sobre todos, tanto, que melhor, que Cassiodoro da famosa Roma, podemos dizer os seus venturosos vassallos:

Cassiodorus.
 lib.7. Epist.7

„ *Tot annis continuis simul splendet claritate virtutis, & quanvis rara sit gloria, seculis suis producit nobilis vena primarios.*

Antonio Cerqueira Pinto,



PROLOGO

A O L E Y T O R .

N Aõ a conciliar applausos, que certamente não merecemos, nem a elles, sem duvida, aspiramos; mas a satisfazer, do modo possível, aos fervorosos desejos, e cortezãa recommendação dos Irmãos da Mesa da Sagrada Imagem do Bom JESUS de Bouças, suppondo talvez em nós a capacidade necessaria ao seu piedoso empenho, nos resolvemos a escrever esta resumida Historia, afim de com ella darem à luz os tres Sermões do solemniſſimo Triduo, que celebraraõ na occasiaõ de tresladarem a novo, e reformado Tro-no este Sagrado Penhor da Redemp-
ção

ção humana, e noticiarem ao Mundo o esclarecido Triunfo, com que executaraõ hum taõ glorioso projecto.

E supposto que alguns gravissimos Escriitores ponderaraõ ja em tratados particulares, e outros tocarãõ muy ligeiramente em seus escritos, parte das Antiguidades, que respeitaõ á vinda desta Sacrosancta Imagem da Palestina à Lusitania, e do seu Culto em Matozinhos, como naõ averiguaraõ tudo, e foraõ tambem diminutos em parte, nos pareceo precizo nesta propria, e proporcionada occasiaõ indagar, *ad unguem*, a materia com todas as circumstancias, que a podiaõ constituir mais notavel, e gloriosa, e resumir della hum breve Historia, regulada pela mais severa critica, que na sua composiçaõ formamos contra as nossas mesmas intelligencias, e discursos em varios pontos, que se nos reprezentaraõ difficultosos, para effeito de
faiem

fairem mais apuradas as noticias, de que expomos formada a mesma Historia.

Nella não desculpamos os nossos defeitos, por serem tão notorios, que não póde valerlhes esse affectado refugio; mas se *facienti, quod in se est, Deus non denegat auxilium*, o mesmo Senhor, que conhece o sincêro animo, com que em seu obsequio profeguimos esta empreza, disporà, tenha ella a aceitação, que for mais servido, por ser isto o a que sómente deve aspirar todo o fiel Catholico.

Vale.

LICENCAS

3

DA ACADEMIA REAL

*CENSURA DE D. FRANCISCO
de Almeida Arcediago de S. Pedro de
França na Sè de Viseo, Promotor do
Santo Officio na Inquisição de Coimbra,
e Deputado na de Lisboa, e Academi-
co do numero da Academia Real.*

EXCELLENTISSIMOS SENHORES

O Nome de Antonio Cerqueira Pin-
to, a sua grande erudição, e inda-
gação de todo genero de noticias Eccle-
siasticas, e Seculares, se tem feito tão no-
torios nesta Real Academia, que parecia
desnecessario fogueitar à Censura a Historia,
que compoz do Senhor de Matozinhos,
que apprezenta a Vossas Excellencias para
que sem esta diligencia lhe concedessem li-
cença para usar do nome de Academico.
Muytas, e repetidas vezes temos ouvido
referir aos Academicos, que escrevem as
Memorias, e Historia do Bispado do Por-

to, a grande abundancia de noticias daquelle Bispado, que tem recebido deste douto Academico, que não só procurou ajuntallas com trabalho, se não tambem distribuillas, ordenallas, e illustrallas com grande erudição. Eu tambem posso ser testemunha nesta materia; porque aproveitando-me do que ouvia referir a outros da vasta noticia deste douto Academico, recorri a elle, consultando-o em muitas, e diversas materias da Disciplina, e Ritos Ecclesiasticos de Portugal; e em todos os pontos recebi da sua mão hum precioso thesouro de noticias; conhecendo ao mesmo tempo, que supposto se tenha applicado particularmente a examinar tudo o que pertence às antiguidades da Cidade do Porto, de todo este Bispado, e de toda a Provincia do Minho: he igualmente bem instruido em toda a Historia Sacra, e profana de Portugal, e Hespanha.

Porém por não faltar ao preceito de Vossas Excellencias lí a dita Historia do Senhor de Matozinhos, e não servio esta diligencia de outra cousa mais, que de me confirmar o mesmo conceito, que já tinha do seu Author. Nella se vê tratado
com

cõm particular indagação, e erudição bem exquisita, tudo quanto pertence àquella prodigiosa Imagem, discorrendo largamente sobre quem foy o seu artifice, em que tempo foy conduzida ao lugar de Matozinhos, o culto, e veneração, que se lhe tem tributado até o presente. Por occasião disto examina este erudito Academico a Origem, e antiguidade do Lugar de Matozinhos, e o tempo em que por aquellas partes entrou a Religião Catholica; e com este motivo refere muitas noticias, dignas de estimação, da Cidade do Porto, e quasi todo Portugal.

Das Historias particulares de qualquer Provincia, Cidade, ou Villa costuma receber grande utilidade a Republica litteraria; porque supposto se limitem a menor territorio, que as geraes dos Reynos, ou Regiões dilatadas, referem com mais particular miudeza, e indagação muitas noticias, que, ou não tem lugar nas Historias geraes, ou são ignoradas dos seus Authores: e esta he a razão, porque as Historias geraes não fazem inuteis as particulares.

Na Historia, que compoz, e pertende

tende imprimir Antonio Cerqueira Pinto, se acharà esta mesma utilidade, porque nella se vem muitas Origens investigadas com particular cuidado, e muitos factos na verdade dignos de attenção, expendidos com grande diligencia, e erudição; e finalmente muitas outras circumstancias, que atégora eraõ desconhecidas, e se não achaõ em outro Author. E além desta utilidade, que he geral a todos, não ferà pequena a que receba a nossa Academia, principalmente aquelles, que escrevem as Memorias, e Historias do Bispado do Porto, pelas muitas noticias q se contém nesta obra pertencentes ao seu emprego.

Por todas estas razões me parece esta Historia muy digna de fahir à luz, e que seu Author deve usar do titulo de Academico para gloria da mesma Academia, que sem duvida não experimentaria tanta falta de noticias, se pelos outros Bispados, ou Provincias encontrasse Authores taõ curiosos, e doutos indagadores das suas antiguidades, como he Antonio Cerqueira Pinto. Lisboa Oriental 7. de Outubro de 1734.

D. Francisco de Almeida.

CEN-

CENSURA DO DOUTOR ALEXANDRE FERREIRA
Collegial do Collegio Real, Lente de Leys na Uni-
versidade de Coimbra, e nella Ministro da Meza
Ecclesiastica, Dezembargador dos Aggravos na Caza
da Supplicação, Juiz Privativo dos Cativos, Adjun-
to das Cauzas de Justiça no Conselho de Guerra, e
na Junta da Inconfidencia, Deputado da Junta da
Bulla da Cruzada, Deputado da Meza da Consci-
encia, e Ordens, Cavalleiro professo da Ordem de Chris-
to, Secretario Regio da Embaixada extraordinaria à
Corte de Madrid, Conselheiro da Rainha Nossa Se-
nhora, e Ouvidor Geral das suas terras, Deputado
da Serenissima Caza de Bragança, e Academico do
numero da Academia Real.

EXCELLENTISSIMOS SENHORES

POr commissão, e Ordem de Vossas
Excellencias, li o Livro, e Historia
da prodigiosa Imagem de Christo Crucifi-
cado, que com o titulo do Bom JESUS
de Bouças se venera no Lugar de Matozi-
nhos, escrita por Antonio Cerqueira Pin-
to, Cidadão da Cidade do Porto, e nos-
so Academico da Academia Real da His-
toria Portugueza. Muito temo faltar ao
preceito, porque lendo este Livro com
miudo exame, não pude descobrir causa
para a censura, e só gloriosos motivos
para a admiração.

Muitos elcreveraõ , e todos pouco, desta Prodigiosa Imagem : vista , a todos faz hum extraordinario respeito , para a veneraçãõ ; mas considerada para a sua Historia , a todos fazia temor a sua antiguidade , no justo medo de errarlhe os principios , e appariçãõ, tropeço , em que sempre cahem , os que escrevem de cousas antigas , como escreve Diodoro Siculo *de antiquitatib. Lib. 5. (Haut sané nos fugit vetustarum rerum scriptoribus , ut in multis labantur contingere. Nam , & antiquiora illa paululum subobscuram ambiguitatem præbent scribentibus, & temporum descriptio, haut facilis cognitu, quandoque detrahit legentibus fidem. Accidit insuper quod omnium est difficilimum, ut de antiquorum gestis scriptores inter se admodum dissentiant.)*

Pelo que lhes pareceo deixar este negocio antes confuso , que errado : a devoçãõ , e o amor a esta sacratissima Imagem pela ter visto algumas vezes , e sempre com reverente veneraçãõ , e pela gloria de nascer naquellas visinhanças , me fazia hum ancioso desejo de saber o Author desta santissima Imagem , o tempo , e o modo da sua appariçãõ , de donde

de viera a estas prayas , e le com ambos os braços , e quando appareceo o que lhe faltava , e qual era , e como se conservou a mesma Imagem na infelicidade , com que estas terras foraõ invadidas , e occupadas de tantas , e taõ diversas Nações barbaras, em que todos fallaraõ , sem mais discurso , que a tradiçaõ , que sendo esta sempre veneravel , se justifica melhor pelos discursos , com que se lhe descobrem os fundamentos , e os principios.

Mas deste affectuoso cuidado , que como eu, teriaõ muitos , nos livra , e ensina o Author desta Historia Antonio Cerqueira Pinto, pois ninguem com mais prudente discurso , com mais profundo exame , com mais advertido cuidado , e com taõ madura resoluçaõ , podia vencer , dispor , e expedir estas grandes difficuldades , que a antiguidade fazia mayores , como com menos verdade escreveo Auzonio no Panegyrico de Graciano : *Quis aut dicenda prudentius cogitavit ? Aut consultius cogitata disposuit ? Aut disposita maturius expedivit ?* Porém naõ quero passar de Cenfor a Panegyrista , lea-se esta Historia , que he o mais eloquente Panegyrista deste gran-

de Author ; como escreveu Oven lib. 3.
Epigram. 8.

*Nil opus Authorem hunc , nihil hunc laudare li-
bellum*

Hoc opus Authorem laudat , hic Author opus.

Nesta Historia não se offendem ,
mas antes se observaõ religiosamenre os
preceitos dos nossos Estatutos Academi-
cos , não averà razaõ para se lhe negar
a approvaçãõ , que pede ; mas muita pa-
ra se lhe persuadir continue as grandes
idéas , que tem disposto , para que se lo-
grem com gostoso applauso os grandes ,
e curiosissimos estudos deste nosso Acade-
mico. Lisboa Occidental 30. de Novembro
de 1734.

O Doutor Alexandre Ferreira.

O Director , e Censores da Academia Real da Historia Portugueza mandaõ imprimir este Livro, vistas as Approvações dos dous Academicos , a que se cometteo o seu exame. Lisboa Occidental a 3. de Dezembro de 1734.

Marquez de Valença.

Conde da Ericeira.

D. Manoel Caetano de Souza.

Conde do Assumar

Marquez Manoel Telles da Sylva.

LICEN-

LICENCAS

5

DO SANTO OFFICIO.

*CENSURA DO MUITO RE-
verendo Padre Dom Caetano de Gou-
vea Clerigo Regular, Qualificador do
Santo Officio, Examinador das Tres
Ordens Militares, e Academico do
numero da Academia Real.*

EMINENTISSIMO SENHOR

VI por ordem de V. Eminencia o Li-
vro de que esta petição trata, com
tres Sermões appensos, e assim no Livro,
como nos Sermões não achei couza al-
guma opposta á Nossa Santa Fè, ou bons
costumes. Lisboa Occidental nesta Casa
da Divina Providencia 17. de Janeiro de
1736.

D. Caetano de Gouvea.

CENSU-

*CENSURA DO MUITO REVE-
rendo P. Fr. Antonio de Santa Maria ,
Lente jubilado na Sagrada Theologia,
Qualificador do Santo Officio, Exami-
nador das Tres Ordens Militares, e do
Priorado do Crato , e Relação Eccle-
siastica Oriental, e Prior actual do Con-
vento de Nossa Senhora da Boa Hora
de Agostinhos Descalços.*

EMINENTISSIMO SENHOR

HE muito digno da Licença de Vossa
Eminencia para se imprimir o Li-
vro , e os tres Sermões , de que trata es-
ta petição , porque não achei nelles , e
em toda a Historia couza alguma contra
nossa Santa Fé , e bons costumes. Vossa
Eminencia mandarà , o que for servido.
Lisboa Occidental Convento da Boa Hora
dos Agostinhos Descalços 30. de Janeiro
de 1736.

Frey Antonio de Santa Maria

Vistas as informações , pôde-se imprimir o Livro , e Sermoens que se apresentaõ ; e depois de impressos tornaraõ para se conferir , e dar licença que corraõ , sem a qual não correráõ Lisboa Occidental , 31. de Janeiro de 1736.

Fr. Lancaſte. Sylva. Cabedo. Soares.

LICEN-

LIGER-

L I C E N C A S

3

DO ORDINARIO.

CENSURA DO MUITO REVERENDO P.M. Fr. Antonio da Expectação Religioso da Observancia da Provincia de S. Francisco de Portugal, Lente Jubilado na Sagrada Theologia, Examinador das Ordens Militares, Calificador do Santo Officio, e Penitenciario Geral de toda a Ordem Serafica nos Reynos de Portugal, &c.

ILLUSTRISSIMO, E REVERENDISSIMO SENHOR

POr mandado de V. Illustrissima Reverendissima vi o Livro intitulado, *Historia da Prodigiosa Imagem de Christo Crucificado, o Senhor de Bouças*, composto por Antonio Cerqueira Pinto; e logo pela grande noticia de seu Autor dera esta obra por qualificada, se lendo-a para doutrina, mais que para exame, me não achara obrigado, pela ufura, que me deixa, a alguma compensação agradecida.

Tomou

Tomou este Autor para seus estudos huma materia taõ alta, que só a podia cõmprender a sua infatigavel facundia, praticando no seu estudioso genio o discreto Aphorismo de Horacio

Sumite materiam vestris, qui scribitis, equam viribus

E ainda que o assumpto deste Autor foy temporal quanto ao successo, teve tanta analogia com o Divino, que bem pode por sua materia chamar-se sacro: porque se na antiguidade chamavaõ remedios sacros aos que punhaõ pendentes no Templo, como se naõ chamarà sacro hum manifesto, que do mesmo Filho de Deos apparecido, foy, e serà venerando transfumpto?

Mas certo saõ muitas as forças da sua estudiosa intelligencia, quando a persistencia de seus estudos pòde deobstruir quasi dezefete seculos para facilitar a circulaçaõ da deleitosa noticia à prodigiosa Invençaõ, de que trata nesta rezumida Historia; e o conseguiu com tanta felicidade, que parece prezenciou as verdades mais

na coexistencia dos tempos, que na habi-
tuação, e frequencia dos estudos; e se na
sentença de alguns Filósofos: *Quidquid æta-
tis est retro, mors est,* (Lang. vers. Temp. sent. Phi-
los.) fez a lição do Author o milagre de re-
fufcitar verdades ha tantos seculos defun-
tas.

Nesta parte me parece podia dizer
que na sua mente tivera eternos annos, *an-
nos æternos in mente habuit*, e assim co-
mo soube fazer Historia, em que fez pre-
sentes os passados, infiro eu poderà tam-
bem fazer Historia dos futuros, dando af-
fim hum segundo a outro Oraculo (*Vieira
Histor. do Futur.*) já que lhe não pode tirar
o ser primeiro, mas não fica mal reputa-
do em ser daquelle primeiro o segundo.

A razão da minha illação he, por-
que sendo a eternidade huma posse simul-
tanea de preteritos, presentes, e futuros,
como dizem os Theologos, *est tota simul,*
& *perfecta possessio*; se o Author teve pre-
sentes os preteritos, porque não terà tam-
bem arguição para fazer presentes os fu-
turos? Principalmente os que cabem na
eternidade de tempo, sem offender os que
são contingentes livres, por serem refer-
vados

vados a outra superior, e unica idéa.

Tanto ao natural descreve a faustofa Procissão, que se fez na declamação daquella portentosa Imagem apparecida, que parece a vê passar, quem a passa pelos olhos; e figurando nella os Deozes Gentilicos, como despojos daquelle renovado triunfo, fez tal harmonia aquella fabulosa guarnição, que alli servio o profano sem dissonancia aos cultos do Divino.

Tres Sermões, que se prègaram na descripta Solemnidade traz posthumos á sua obra; e supposto muito differem o predicativo do historico, sendo a materia a mesma, nem a huns, nem a outra lhe ficou lugar de emulação, ou inveja: porque todos, e toda a obra he tão livre de alguma esculpulosa critica, que nem a malicia teria confiança para macular a immunidade de huma obra em nada repugnante aos Dogmas, e Constituições da Igreja.

He tão util esta doutrina para a Nação Portugueza, que a este Indagador dos anteriores seculos, devemos desejar o ardente espirito, com que certo Grego escreveu seis mil volumes dando alma a seis mil

mil

mil corpos , atè que invejosa a morte lhe embargou a penna para lhe não usurpar de vida a muita que em seus escritos trasladou para a immortalidade da fama.

Muitas almas deixou o Grego nos seus volumes , mas tanta alma infundio neste seu Livro o nosso Lusitano , que se em o Grego foy admiração o numero , no nosso Lusitano sempre ficará admiravel o estylo , pois juntando ao discreto o delectavel , faz a lição hydropezia para fazer incançavel , ou infaciavel a ambição da leitura ; maxima , que praticava Cicero chamando intemperada a escrita , que não leva o delectavel , para convidar a fadiga :
(Lang.v. script.)

Mandare quemquam cogitationes suas litteris sine delectatione ad alliciendum lectorem hominis est intemperanter abutentis otio , vel litteris.

Deixou finalmente o nosso Escritor este volume para noticia do passado reverente culto ao Senhor apparecido , e para lizonjear os animos na frequencia dos estudos , e lição dos Livros. (Ovid. 1. remed.)

Constantes animos scripta relicta morvent.

379

Por todas estas razões me parece se deve dar este volume ao prelo. S. Francisco da Cidade em 28. de Mayo de 1736.

Fr. Antonio da Expectação.

Vistas

V Ista a informação pode-se imprimir o Livro de que se trata, e depois de impresso tornarà para se conferir, e dar licença para que corra. Lisboa Occidental 30. de Mayo de 1736.

Gouvea.



LICENÇAS

DO PAÇO

SENHOR

O Bedecendo à Real ordem de V. Magestade vi a *Historia do Senhor de Matozinhos*, que escreveu, e compoz Antonio Cerqueira Pinto Cidadão da Cidade do Porto. Desta Sagrada Imagem foy sempre neste Reyno tão gloriosa a fama, como o infinito numero de milagres, com que a mereceo. Christo, que em toda a parte he o mesmo, e que em toda a parte tem o mesmo poder, não se deve negar, que em alguns Reynos tem dado mais a conhecer a sua Clemencia, e que se inclina mais piedosamente aos røgos de quem se vale da sua misericordia. Neste nosso Reyno, que elle amou, e que elle elegeo para Trono particularmente seu, se veneraõ muitas Imagens do mesmo Senhor Crucificado, porém não cuvimos que sejaõ tão repetidas as maravilhas do seu amor, como nesta de Matozinhos.

Neste anno de 1736. se cumprem mil seis centos e doze annos , que aquella Sagrada Imagem aportou miraculosamente nas prayas da mais venturosa , e mais feliz terra do Mundo , qual he a de Matozinhos ; e desde aquelle tempo comecou a ser venerada pelos seus prodigios , que como derivados da Fonte perenne da piedade , nunca teraõ fim. Imagens do mesmo Senhor tem havido , que conservando hum mysterioso silencio estiveraõ muitos seculos sem mais acclamação , que o respeito , que era devido á sua representaçãõ ; mas o Senhor de Matozinhos não houve tempo , em que deixasse de mostrar em beneficio dos necessitados , e dos afflictos o seu poder , o seu amor , a sua piedade , e a sua compaixão.

Naquelle infelicissimo tempo , em que Espanha foy invadida , conquistada , e assollada pelo furor barbaro dos Mouros , padeceraõ muitas Imagens , que eraõ veneradas pelos Fieis , a sua ruina , porque temerosos os Christãos das irreverencias , que lhes havia de fazer o odio injusto dos Sarracenos , para as salvar de taõ sacrilegas mãos , as foraõ escondendo em bre-
nhas,

nhas, e matas tão asperas, e tão incultas, que só eraõ vistas pelos rayos do Sol. Mas como o dominio dos Mouros se dilatou em Espanha por muitos annos para castigo severissimo dos peccados dos seus naturaes, foraõ morrendo os Christãos, que as haviaõ occultado, e com as suas mortes o conhecimento dos lugares, em que escondera o seu zelo as Sagradas Imagens, succedeo que mortas tambem estas noticias, se perdeu a memoria dellas, como se vê no grande numero de Imagens, que pelo discurso do tempo mais descobrião prodigios celestes, que sciencia humana. Porém o Senhor de Matozinhos sempre se conservou no mesmo lugar, em que apparecera, permitindo que àquella Corte da sua Crucificada Magestade, e àquelle venerado Trono do seu respeito se não atrevesse a cega furia dos impios sequazes de Mafoma.

Por estas, e por outras muitas razões teve sempre esta Sagrada Imagem humana particular veneração em todo este Reyno, merecida pelos repetidos, e portentosos beneficios, que se tem dignado fazer a favor de todos, mas especialmente

da

da Cidade do Porto, como se vio naquelle anno de 1644. em que mudadas as Estações, ou por castigo do Ceo, ou por desordem da natureza, choravaõ os Lavradores a ruina das sementeiras, não só naufragantes, mas já afogadas em agua, que nem de dia, nem de noite cessava. Recorreo o Senado do Porto à Irmandade do Senhor de Matozinhos, que condescendeo com os seus rogos a favor de huma causa, que era commua. Sahio da sua Igreja aquella Sagrada Imagem posta em hum grande, e bem ornado andor sobre os hombros de quatorze Sacerdotes, e acompanhado de mais de quarenta mil almas, que concorreraõ dos lugares não só vizinhos, se não distantes, chegou à Cathedral daquella antiga Cidade, ouvindo-se por taõ dilatado caminho taõ repetidos os clamores, os ays, os soluços, os ardentes indicios da contrição, e os rios de lagrymas, que até parece se compungia a terra, como penetrada de taõ penitentes expressoens. Ainda hoje naquella populosissima Cidade está taõ viva a tradição do beneficio do Senhor suspendendo os diluvios de agoa, e dando hum anno memoravelmen-

te fertilissimo , como o innumeravel curso de gente , e as demonstrações Catholicas de todo o Povo , então , da sua dor, depois , do seu agradecimento.

Como a devoção com o Senhor de Matozinhos foy sempre por esta causa em mayor augmento , e como o tempo tudo consome , e tudo gasta com a imperceptivel violencia do seu curso , foy necessario reedificar-se-lhe a sua Capella , e depois de acabada tresladar-se para ella a Santa Imagem , o que a sua devotissima , e nobilissima Irmandade fez com despeza igual ao seu zelo , ordenando hum magestoso Triduo com tres doutissimos Sermões, que para louvar o do primeiro dia , em que officiou a Missa o Illustrissimo Cabido do Porto , bastará dizer , que foy estudo do Reverendo Doutor Manoel dos Reys Bernardes Conego Prebendado na mesma Cathedral , e nella Magistral da Escriitura , Commissario do Santo Officio , e Juiz Conservador de algumas Religiões neste Reyno , cujas grandes , e conhecidas letras feria aggravallas , se eu entrasse no atrevido pensamento de as ponderar.

Este tezouro de noticias antigas , e
novas

novas entrou a descrever a singular pena de Antonio Cerqueira Pinto, a cuja natural elegancia acrescentou nova excellencia a grandeza, e a piedade do Assumpto. Aqui se estaõ vendo successos de mais de dezeseis seculos taõ vivamente representados, que parecem de hontem: aqui se estaõ vendo as antiguidades taõ doutamente tratadas, que ficaõ incontrastaveis: e aqui se estaõ vendo as conjecturas taõ prudentemente fundadas, que passaõ a evidencias. Aqui se vè o quanto importa, e o quanto serve para semelhantes obras a sciencia da lingua latina, como a tem o Autor, para averiguar nas fontes os lugares, que ou approva, ou condemna, porque de outra sorte he andar como em trevas vendo traducções, que muitas vezes estaõ viciadas já por malicia, já por ignorancia. Com a delicada, e subtilissima força da Logica, que aprendeo, sabe provar, e concluir a sua proposição, cuja falta se conhece em muitos Autores, que não podem como destituídos dos preceitos Logicos provar com arte o seu intento, de que nasce ficar languido o discurso, e o argumento sem força.

Eu que tive a fortuna de tratar no Porto ao Autor, reparey que a sua livraria não era numerosa, mas que se compunha de bons livros: e daqui argumentey, que não são os muitos livros os que fazem aos homens doutos, mas poucos livros lidos com cuidado, e examinados com attenção.

Entendo que o grande numero de livros se fez, e se inuentou para confusão, porque vejo que houve maiores homens, quando havia menor numero de livros. Antigamente tudo era estudo proprio, porque trabalhava o entendimento, sem mais soccorros, que a sua especulação; hoje cança o entendimento, e falta o tempo, para ver Tratados das mesmas materias. Antigamente cada hum escrevia conforme o havia imaginado; hoje accomoda-se a imaginação ao discurso alheyo. Não nego, nem posso negar a incrível fecundidade, de que tem sido causa o artificio nunca bastantemente louvado da impressão, pois por ella se communicou a todos, o que era só para alguns, e vio o Mundo em infinitas copias, o que reservava a curiosidade como precioso tesouro; mas tambem he

he certo , que depois da sua rara invenção he mais o que se treslada , do que o que se compoem. Da-se ao velho nova forma , da-se metodo ao que o não tinha, que não he pequeno beneficio ; mas a substancia he a mesma , porque a differença só consiste nos accidentes , do que pudera fazer huma nobilissima inducção , se me dera tanta licença huma Censura.

Como a cegueira da Critica tem feito o seu fundamento em não perdoar a obra alguma , que faya à luz publica , não faltou quem reparasse em ser secular o Autor desta Historia , persuadindo-se , ou pertendendo persuadir que a penna de hum Ecclesiastico era mais propria para hum Assumpto tão sagrado , como este. Este he o castigo da Critica , porque muitas vezes succede que no mesmo , que reprova , tenha por justiça do seu fado a sua condemnação. E em que praça rematarão os Ecclesiasticos todos os assumptos Ecclesiasticos ? Que Rey , ou que Principe lhes deo o privilegio de serem elles os unicos , que escrevessem materias Sacras ? Estes Criticos devem de ter assentado que o mesmo he escrever , que sacrificar. A todos he per-

permitido occuparem o tempo com o que for de seu agrado. Sem fahir de Espanha, Advogado era André del Marmol , e escreveo a *Vida de Fr. Jeronymo Gracian* : Gregorio Lopes Madeira Cavalleiro do Habito de San-Tiago era Ministro do Conselho de Castella, e escreveo *Excellencias de S. João Bautista* , e hum Tratado da *Conceyção da Senhora* : Manoel Mendes de Barbuda e Vasconcellos era Secular, e compoz a *Vida de N. Senhora* em Oitava Rima com o titulo de *Virginidos* : Gaspar de Seixas de Vasconcellos Cavalleiro do Habito de Christo era Secular, e escreveo *la Corona de Espinas de Christo* : Affonso Nunes de Castro era Medico , e escreveo a *Historia Ecclesiastica* , e *Secular de Guadalaxara* , e as *Vidas das Veneraveis Madres Maria de S. Paulo* , e *Anna de Santo Antonio* : Nuno Barreto Fuzeiro Cavalheiro muito estimado pela sua erudição, e muito mais pela piedosa Fundação do Convento das Religiosas de Nossa Senhora da Conceyção da Luz, escreveo em Oitava Rima a *Vida de S. João Evangelista* : Troillo de Vasconcellos da Cunha Fidalgo bem conhecido, e Secretario, que foy da Junta dos Tres Estados escreveo hum grande Poema

Poema do Myſterio da Santiffima Trindade com o titulo *Eſpelho do Inviſivel*. Do meſmo Affumpto, que he o Senhor de Matozinhos, eſcreveo huma Relação, impressa em Coimbra, Manoel Tavares de Carvalho, que era Capitão Fronteiro da Praya, e lugar de Matozinhos; e outros muitos Seculares, de que por agora não faço mais memoria, eſcreverão de Affumptos Sagrados. E ſe eſte reparo mereceſſe attenção, ſeria neceſſario que os Pintores, e Eſcultores foſſem Eccleſiaſticos para ſalvar a indecencia de ſerem pintadas, ou feitas as Imagens por mãos de Seculares.

Naõ he melhor que hum Secular ſe occupe em eſcrever acções religiosas, e eſpirituaes, do que eſcrever hum Eccleſiaſtico, Prelado de huma Igreja, Retiro de Cuidados, Roda da Fortuna, Alivio de Triftes, e Conſolação de Queixofos, que tem ſervido de fazer ignorantemente diſcreta a muita gente ocioſa? Naõ he melhor que eſcreva hum Secular Vidas de Santos, do que eſcrever hum Eccleſiaſtico Criſtaes da Alma, que não tem de bom ſe não o que representa aos ouvidos eſte devoto,

voto, e enternecido titulo, que ju'gaõ
que são affectos de huma Alma arrependi-
da, e penitente, não sendo nada do que
parece depois de examinado? Não faça a
Critica reparos tão dignos de censura!

Huma das grandes, e dignissimas elei-
ções, que tem feito a Real Academia de
Vossa Magestade, foy aggregar à sua dou-
tissima Sociedade hum homem tão beneme-
rito de semelhante beneficio, como An-
tonio Cerqueira Pinto, porque elle não
veyo participar da honra de Academico
Real para juntar materiaes historicos; en-
trou com elles já digestos, e ordenados,
como são as principaes Antiguidades do
Porto, chamadas a hum exame severamen-
te douto, e critico; de que resultará,
dando-se à luz, que merecem, huma no-
va gloria tanto à Historia Ecclesiastica, co-
mo Secular daquelle Bispado; e se as suas
continuas, e publicas occupações lho per-
mitissem, veria este Reyno renovados na
sua exactissima penna os Rêfendes, os Bri-
tos, os Estaços, os Severins, e os Bran-
dões, que tiraraõ das trevas da confusaõ,
e da ignorancia a Historia Portugueza,
que ainda com todas estas luzes, senaõ

§§§§

estã

està informe, não està perfeita. Neste volume da Historia do Senhor de Matozinhos não vejo clausula, nem palavra contra o Real serviço de Vossa Magestade, e me parece muito digna de se lhe dar a licença que pede para se haver de imprimir. V. Magestade mandará o que for servido. Lisboa Occidental, nesta Casa de N. Senhora da Divina Providencia de Clerigos Regulares 20. de Julho de 1736.

D. Jozè Barboza C. R.

Que

Que se possa imprimir vistas as licenças do Santo Officio, e Ordinario, e depois de impresso tornarà á Mesa para se conferir, e taixar, que sem isso não correrà. Lisboa Occidental 24. de Julho de 1736.

Pereyra. Rego.

ALLOQUITUR OCEANUS
SOLEMNEM ENARRANS POMPAM;
*Quæ venerabilis Imago Christi e Cruce
pendentis*

V U L G O

O SENHOR
DE BOUCAS

In novum facellum translata est die tertia
Maii, Anno 1733.

PROSOPOPEIA POETICA.

Siste gradum quicumque vides vaga littora, lentum
Siste gradum : felix littora sacra vide.
Littora, quæ cernis, cælo confinia crede,
Nam modo cælesti lumine terra nitet.
Ille ego cunctarum Princeps spumofus aquarum;
Cujus ad imperium flumina prona fluunt:
Ille ego, ne possem fines excedere certos,
Vincula conjecit dextera Sacra Dei.
Scilicet injecit, quando fremo littore curvo;
Obtenebroque undis sidera clara poli:
Ille ego, qui scelerum vindex furiosus Adami
Lympharum extinxi mole cadente genus.
Ille ego Lamechidis placidis qui fluctibus Arcam
Extuli, ut Armenis sideret illa jugis.

Ille ego, qui cecini mersa Pharaone triumphos,
Disceret ut Domino subdere colla suo.
Ille ego, qui struxi crystallina mænia lymphis,
Quà vocor ex imo murice jure ruber:
Cum fugeret dilecta Deo gens illa potenti
Memphitici Regis jussa severa timens:
Ille ego Jordanis qui pura fluenta coegi
Vertere, cum præsens substitit Arca Dei.
Ille ego cui multæ variarunt nomina gentes,
Qui solo Oceani nomine notus eram.
At nunc irarum sedato turbine cogor
Obsequio promptus jussa benigna sequi.
Cur modo non repetam veteris mea munera cultus,
Si majora mihi forte videre datur?
Cernere sorte datur pendentem e stipite Christum,
Cujus ab aspectu gloria tota venit.
Illius effigies hæc est, quem perfidus olim
Israel infamem fecit adire Crucem.
Illius effigies hæc est, quem ductus amore
Discipulus mira condidit arte pius.
Hæc est, quam mites fluctus venerantur euntem
Cum pius attingit littora, *Bouça*, tua.
Quid mirum! si sacra pedum vestigia prona,
Terraque, vel cælum, ventus, & vnda colunt,
Hæc est effigies lævo spoliata lacerto,
Ars cui non valuit fingere docta parem.
Hæc est, quam celebrant *Matosinia* littora grata
Clamore, et lacrimis, pectore, voce, manu,
Hæc est thesaurus populi plorantis, agrorum,
Atque infirmantùm maior, et una salus.
Ah! quoties plebem contagia dura premebant:
Solo conspectu depulit illa necem.
Ah! quoties æstus, torrentia sidera, fervor
Ignito busto grana cremanda dabant!

Ah!

Ah! quoties messes constantibus imbris albæ
 Languentes miserè damna suprema petunt!
 Sufficit effigies grato deducta triumpho:
 Absistunt imbres, soluitur imbre polus.
 Innovat ergo vagâ pulchrum plebs arte facellum,
 Nam deturparunt secula longa vetus.
 Ligna cadunt silvis; surgunt fabrefacta, metallo
 Splendescunt fulvo; nobile surgit opus.
 Indicunt pompam, quâ dignâ in sede locetur
 Vt cunctis pateat, lux, medicina, salus.
 Iam facer à veteri *Portu* venit ergo Senatus,
 Offerat ut supplex thura vapore Deo.
 En bellatoris veniunt Mavortis alumni,
 Vt summo præstent munera prompta Duci!
 Fervere jam video *Matosinia* rura catervâ,
 Vndique quam novitas optima jure trahit!
 Illuxit tandem Maii lux tertia, quando
 E tenebris arbos eruta sacra fuit.
 Ordine procedunt: *Matosinia* præit Imago;
 Quam tardi formant ora verenda senis.
 Illa premebat equi phalerati terga, corona
 Inclita munitæ Turris ad instar erat.
 Altera, quæ sequitur, monstrabat *Biblia Sacra*,
 Dextera fert calamum, candida læua librum.
 Tertia signabat jactatum marmore *Jonam*,
 Effet ut exanimis viva figura Dei.
 Fæmina quæ graditur, dicta est *Allegoria*, alto
 Pectore quæ servat, reddere clara solet.
 Nereis illa Thetis Titanis nataque Vestæ,
 Quæ gerit immensi sceptrâ profunda maris!
 Illa mihi dudum sociata est sorte jugali,
 Vt pelagi colerent flumina cuncta Deam!
 Insequitur signans fatalia tempora Jonæ,
 Cum fuit à puppi præcipitatus aquis,

Aëolus ille truces qui ventos carcere frænat,
 Cogit & ad nutus mittere flabra suos.
 Ibat, ut exprimeret miseranda pericula Jonæ,
 Cùm fuit à puppi præcipitatus aquis.
 Occupat inde locum domitor generosus aquarum,
 Quem mare, quem venti, quem fera bruma timet.
 Hic est *Neptunus*, qui temperat æquora curru:
 Tempore sic Jonæ flectitur unda maris.
 Neptunum insequitur varianti corpore *Prothæus*,
 Principis æquorei cui data cura gregum.
 Littore pascebat Phocas deformia monstra,
 Qui Jonam excepit marmore, cetus erat.
 Ille *Arhamantiades* Thebarum Regis, & Inus
 Filius est, pelagi portubus ipse præest.
 Designat portum, tenuit quem naufragus olim
 Infidis Jonas præcipitatus aquis.
Nympha venit speciosa chori pars inclita falsi,
 Festivis animos docta movere modis:
 Innuit oppressum Jonam resluentibus undis,
 Clamorem que simul, quo ferit ipse polum.
Durius ille senex aurato flumine diues
 Cæruleum cingit flore micante caput.
 Ille coronato fulget qui vertice, *Læca*
 Dicitur, est cujus blanda fluentia fluunt.
 Gaudentem hic leni demonstrat murmure Jonam;
 Cùm reddit justo vota sacrata Deo.
 Quæ rutilat sacrâ triplici redimita coronâ,
 Et triplici splendet dextra decora Cruce:
Arx est *Christiadiùm*, fuso fundata cruore
 Illius, est hominum qui via, vita, salus.
 Profert illa pii lacrimosa vocabula Jonæ,
 Cùm vovit rursus Templâ videre Dei.
Letitiam insignem videas modò claudere pompam;
 Dulcis, Io, resonâ voce, triumphæ, canens.

Pectora

Pectora sic Christo plaudunt *Matofnia* turpi
E Cruce pendenti; nam pia corda flagrant,
Ardet amore Dei celebris plebs illa vetusta,
Qui visu effringit spicula dura necis.
Idcirco eximia pompâ veneratur amicum
Sidus, quo placido vita beata viget.
Fas erat, ut festam celebrarent secula pompam;
Servaretque pium nuncia charta diem.
Solutus ad optatum poterat perducere finem
Hoc opus, & tanto munere dignus erat
Flos novus; Ausoniis redolens *Antonius* hortis;
Qui novit doctâ promere scripta manu.
Qui leget, aspiciet, tanta est facundia mentis;
Nam quæ visa volant, semper adesse putes.
Dignum laude virum celebrant sua scripta perenni,
Venturo assidue tempore maior erit.

Cecinit

Elegantissimo Authori addictissimus

O. V. J. R. D. B. C.

EPISTO-



EPISTOLA.

A U T H O R I.

MAxime vir, nostri rarissima gloria Sæcli,
Grande decus Lysiæ, grande decusque mihi.
Digna tui possim facili quo dicere plectro
Carmina, queis tollam nomen ad astra tuum.
Ipse licet superem frondosa cacumina Pindi,
Castalioque licet largius amne bibam.
Inspiret quanvis mihi pectore tota sororum
Plus solito vires ingeniosa cohors.
Quæque minora tibi venient præconia semper,
Nulla quidem meritis laus erit apta tuis.
Unus Alexandrum merito depinxit Apelles,
Non alius tanto munere dignus erat.
Æolidemque Ducem cantu celebravit Homerus,
Non alia poterat voce per astra vehi.
Virgilius Prygii cecinit facta inclita, tanto
Heroi inferior forsitan alter erat.
Lusidas toto celebris Camonius Orbe
Personat, apta quidem non foret ulla, tubâ.
Magnos magna decent si sic, mea, Maxime vir, nunc
Musa tuis meritis me negat esse parem.
Te solum tua scripta queunt celebrare politum,
Ingenua arte tuum teque beabit opus.
Nam brevis immensum te fecit pagina, fama
Grandior, & parva es magnus in historia.
Nempe nitor verbis simul est, & copia dives,
Eloquii gravitas, & rationis apex.
Materies superat vires; mortalia vincit
Pectora; laudis erit quam tibi larga seges!

Historiam

Historiam scribis simulachri daleis JESUS,
Quod Lysii magna religione colunt,
Aspice quod Cælo, ripæ crepitantibus undis
Eripitur mirum sede locanda sacra.
Arte modo superas reliquos tu maximus Author,
Sic tuus in chartis eminet arte labor!
Nulla tibi similem, nec talem proferet ætas;
Sic micat ingenii gloria rara tui!
Namque voluminibus clausis ingenia magnis;
Tritum opus ingenii est, tenuisque labor:
Magna sed in parvo describere margine facta,
Hoc opus, hic magnis est labor ingenii.
Hinc te magna manet ventura in sæcula fama;
Hinc tuus æterno tempore vivet honos.
Sed quid ego exili Oceanum trabe currere tento?
Carmine quid laudes persequor usque tuas?
Pallade conspicuum commendat pagina, teque,
Quæ divisa omnes, gloria juncta beat.

T. C. De B. C. R.

AUTHO-

AUTHORI .

Maxima Lusitadum confurgit gloria genti,
Cum Christi Oceani Litus imago petit :
Ipse voluntates petit , ast Antonius offert
Et mentem , cunctis plus dedit iste Deo.

A L I U D

Latior Oceano tua mens nunc proditur orbe,
Quando orbi præstas, Vir venerande, librum :
Nam tumida Oceani Christus lata æquora linquit,
Ut tua mens caperet , quod mare non potuit.

*CHRISTI DOMINI IMAGINI
die Martis inventæ sine brachio, &
eodem die Martis brachium
recuperanti.*

JESUS imago die Martis se prodit , eodem
Sic etiam fumpsit brachium utrumque die :
Cur ? Quia Lusitadis Mars est fortissimus : ergo
Nullus Lusitadis jam timor esse potest.

D. Fr. E. a S. H.

SONETO.

A U thor egregio de piedosa Historia
Que com penna elegante, e reverente
De hum Deos amante de huma Cruz pendente
Pelo martyrio descreveis a gloria.

Vòs fazeis que confira outra victoria
O milagre que obrara a chama ardente,
Deixando a Fé quando o fazeis patente
Mais segura nos olhos da memoria.

Tinha o tempo entre sombras duvidoso
O Milagre de Bouças adorado
Constante o culto fim, porèm medroso.

Mas por vossa eloquencia declarado
O patibulo fica mais glorioso,
Porque fica o milagre eternizado.

De hum Amigo do Author.

AO MUY DOUTO, E SABIO

Academico da Academia Real

ANTONIO CERQUEIRA

P I N T O,

*Author deste Livro Historia do Senhor
de Matozinhos ;*

POR SEU GRANDE AMIGO

ANTONIO DIAS PALHEYROS

Portuense.

S O N E T O.

FAmoso Historiador esta leitura
Do Bom JESUS, Historia intitulado,
Sendo Historia a meu ver da Cruz Sagrada,
Bem se pòde chamar Sacra Escriitura:

Vossa Escriitura justa, Santa, e pura
He de nota; porèm não he notada;
Antes denota ser Canonizada
Por lição infallivel, e segura.

Ex vi desta noticia, que respeita
Do Bom JESUS a Imagem, conhecemos
Ser verdadeira, e livre de suspeita:

Quando Antonio de ti hoje sabemos
Não ser por Phydias esta Imagem feita;
Ser effeituada sim por Nicòdemos.

SONE

SONETO.

DE Apollo o Coro entoe o doce accento
Em as margens do Leça laureado
Dando palmas a Antonio sublimado
Com suave, e honrozo acatamento:

Essas Ninfas do Douro, com portento,
Te acclamem Escriitor Sabio, elevado;
Pois só tu entre todos has achado
Pura verdade do Apparicimento:

Daquella Sacra Imagem Sacrosanta
Que a Matozinhos grande, e robre fez
Desde o dia em que o Mar fora a lançou:

A Fama no Clarim Antonio canta
Tua penna, que escreve dia, e Mez,
Anno, lugar, e quem a effigiou,

Do mesmo Autor

C A R T A .

QUE MANDO U AO AUTOR
AGOSTINHO JOZE^c
DE ATTAIDE

Sacerdote , Theologo , do Habito de S. Pedro , natural da Cidade do Porto , tendo a noticia de estar findo o Livro.

„ **M** Eu amigo , e Senhor. Hoje , que
„ me certifico , concluyo Vm. o Li-
„ vro , a que tinha dedicado a louvavel
„ fadiga de seu incançavel estudo , he jus-
„ to lhe renda as graças de dar com o fim
„ da obra , gêral principio ao gosto , dos
„ que estamos na sua expectaçã. Dan-
„ do-lhe juntamente os parabens , pois
„ principiou Vm. e consummou , o que
„ parecia já mais que difficil , impossivel ,
„ havendo de fundamentarse em tão anti-
„ gas noticias , como são as da appari-
„ ção mysteriosa da Sagrada Imagem do
„ Senhor JESUS em Matozinhos.

„ Nesta obra , faz Vm. a Deos o gos-
„ to ; porque gostava Deos que os Israeli-
„ tas indagassem as antiguidades , para nel-
„ las

§§§§§

„ las

„ las toparam o conhecimento das finezas,
„ que lhes fizera , e como Vm. com as ef-
„ crutação do antigo beneficio , que Deos
„ obrou com a nossa Provincia , mandan-
„ do-lhe a impulsos de sua providencia ,
„ lá de Jerufalem a Sagrada Imagem do
„ Nosso Redemptor , nos renova a obriga-
„ ção de tão avultada merce , quem du-
„ vida , faz Vm. a Deos gosto nesta obra ?

„ Dâ Vm. tambem gloria aos Patri-
„ cios ; porque renovando a memoria de
„ tão antigo beneficio , conhecerà o Rey-
„ no , e entenderá o Mundo quanto se
„ avantajaja esta Provincia a todas , tendo a
„ gloria de ser presenteada pela Divina Pro-
„ videncia , não menos , que com a Sa-
„ grada Imagem do mesmo Filho de Deos.
„ Não sey se differa , veyo aquella Sagra-
„ da Imagem a ser testemunha da razão ;
„ porque o seu Divino Prototypo ficara no
„ Calvario virado para o Occidente : co-
„ mo mostrando aquelle Sol Divino , que
„ quando no Occidente da vida , morria
„ por todos , tinha o seu amor para com-
„ nosco neste occidente do Mundo , o pri-
„ meiro lugar , e parece , que porisso.

„ Dispoz a Divina Providencia , que
„ se

„ se formasse no Calvario, daquelle Ori-
„ ginal Divino, esta Sagrada Imagem,
„ que logo nos nviara como final do ef-
„ pecial amor, que nos tinha. Praticão
„ os amantes dar seus retratos para pro-
„ va de seus affectos, e talvez que por es-
„ ta razaõ formou Deos o homem a quem
„ ab initio amava, pondo nelle a sua
„ Imagem, para mostrar nesta acreditado
„ o amor do Original que lha dera, e que
„ mayor testemunho do especial amor,
„ com que o Filho de Deos morreo por
„ nós, que permitir se fabricasse na sua
„ morte a Imagem, que nos remetera?

„ Tambem Vm. adquire para si os
„ creditos de hum louvavel espirito; por-
„ que se o escrutar as antiguidades, como
„ se pòde entender de S. Paulo, he officio
„ do Espirito, na indagação de taõ an-
„ tigas noticias, quem lhe pòde negar es-
„ piritito grande? Mayormente; porque
„ não ha melhor testemunho do fugeyto,
„ que as suas obras, e porisso não expli-
„ cando Christo aos legados do Bautista,
„ quem era, só lhe encommendou a me-
„ moria das suas acções; porque estas
„ craõ o mais cabal testificativo da sua

„ pessoa : e sendo esta obra de Vm. fervo-
„ roso trabalho de hum conhecido espi-
„ rito de virtude , porque ao Sagrado se
„ dedica , devemos confessar de seu espi-
„ rito a virtude , pela obra de que trata :
„ tambem porque

„ Dizia David , que os peccadores
„ tambem escrutavaõ noticias , mas que
„ era para fomentar iniquidades , porèm
„ se a indagação das noticias , em que Vm.
„ se cançou , além de serem justificadas
„ pelo seu assumpto , o são , porque inci-
„ tão virtuoso zelo com a Sagrada Imagem
„ de que trataõ , havemos confessar nesta
„ escrutação de noticias a virtude de seu
„ espirito.

„ Finalmente patentea Vm. tambem
„ a sua elevada sciencia ; porque como
„ dizia o Ecclesiastico , a escrutação de
„ noticias he clara mostra da sabedoria.
„ As noticias , que desta materia haviaõ ,
„ estavaõ encerradas no coração da anti-
„ guidade , centro do esquecimento , e
„ ou por antigas , ou por poucas , estava
„ como perdida a sua memoria , porèm
„ pôde tanto a sciencia de Vm. que escru-
„ tando o coração , e centro das antigui-
„ dades,

„ dades , manifestou o que a todos estava
„ occulto. Para credito da Sabedoria Di-
„ vina diz David, conhece Deos os oc-
„ cultos segredos do coração humano. Se-
„ ja muito embora timbre da sciencia Di-
„ vina conhecer o que nunca se fez publi-
„ co, porém na limitada sabedoria dos
„ homens fique a de Vm. elevada, conhe-
„ cendo aquillo, que posto foy sabido, já
„ o tempo o tinha encuberto com tão di-
„ latados seculos, que fazia perdida a sua
„ mayor memoria.

„ Entre tantos Herões da nossa Pa-
„ tria, quiz a Divina Providencia se ap-
„ plicasse Vm. a este emprego; porque só
„ tivesse a gloria, de que na zelosa vene-
„ ração, que se espera augmentada àquel-
„ la Sagrada Imagem, lhe ficasse esta de-
„ vedora, do modo possivel. Deve Vm. a
„ Deos a sabedoria que lhe deo, porém
„ applicando-lhe esta a despertar o nosso
„ zelo na veneração daquella Sagrada Ima-
„ gem de Deos Filho, parece, que na
„ veneração, que se lhe seguir desta obra,
„ lhe fica o mesmo Senhor em divida.

„ Eu bem sey, que como fomos
„ obrigados dar a Deos tudo quanto nos

„ dâ , em lho darmos , como fatisfazemos
„ ao que devemos , em nada nos fica de-
„ vedor , porê^m , agradafe Deos tanto
„ de o fervirmos com o que nos dà (por-
„ que damos o feu a feu dono) que parece
„ como obrigado da noſſa virtude , nos
„ premia os acertos com o beneficio do
„ premio , e affim para que eſte ſenaõ de-
„ more , nem ao Senhor crecida venera-
„ çãõ , nem aos Patricios a gloria , peço
„ a Vm. dê a eſtampa eſte Livro , que em
„ laminas de bronze devia de ſer impreſſo
„ com letras de ouro , para ſua eterna me-
„ moria , que toda ſeja para ſalvaçãõ de
„ Vm. e honra de Deos , que o guarde fe-
„ lices , e dilatados annos. Porto oito de
„ Dezembro de 1735.

Senhor Antonio Cerqueira Pinto

De Vm.

Patricio , e Capellaõ amante

Agostinho Joze de Attaide.

CARTA

C A R T A

QUE MANDOU AO AUTOR

deste Livro ;

BENTO DE MATOS

„ **M**Eu Senhor. Tres cousas conci-
„ liaõ a veneraçãõ a este Livro. A
„ primeira o seu Autor , a segunda a ver-
„ dade exacta , com que Vm. escreve , e
„ a terceira o elegante estylo , com que
„ falla : para que em todas as suas partes
„ se admire a grande erudiçãõ , e profun-
„ do juizo do seu Autor ; de sorte , que
„ esta obra , me parece , excede a quantas
„ Historias de semelhante assumpto tem
„ sahido ao theatro do Mundo.

„ Elegeo Vm. para elevado assump-
„ to da sua penna a *Historia do Senhor de Ma-*
„ *tozinhos* : liçãõ tanto mais util , e necessa-
„ ria , que a das Historias humanas , quan-
„ ta he a differença dos interesses tempo-
„ raes aos eternos , do corpo mortal , à
„ alma immortal. Nem os successos , que
„ comprehende esta Historia , pediaõ me-
„ nor Escritor , nem a penna de Vm. ma-

„ yor assumpto. Não basta que as cousas,
„ que se dizem, sejaõ grandes, se quem
„ as diz, não he tambem grande. Para a
„ pintura roubar as admirações, basta fer
„ empreza do pincel de Apelles. Para a
„ estatua dever venerações à eternidade,
„ basta fer fadiga do escopro de Fidias.
„ Para esta obra merecer as approvações
„ de grande, basta olhar para a grandeza
„ do seu Autor: basta conhecerse que he
„ erudito desvello da sua penna, primoro-
„ so artificio de sua idéa, e elevada pro-
„ ducção do seu juizo. Tanto respeito con-
„ cilia nos seus escritos a grandeza do Au-
„ tor!

„ „ Entrou Vm. na construcção desta
„ nova obra, e para que toda ella se estri-
„ baste nos solidos fundamentos da ver-
„ dade, primeiro, e essencial requisito,
„ que aponta a Arte na regular fabrica do
„ edificio Historico, tratou abri-lhe os
„ alicesses na alta consideração do empre-
„ go, que tinha. Entendeo Vm. que fal-
„ taria às Leys do Real Instituto Acade-
„ mico, que professa, se expuzesse ao
„ publico estas noticias defraudadas da-
„ quelles principios, em que se costuma
„ „ susten-

„ sustentar a fé dos homens. Começou Vm.
„ logo a examinar os Autores , a investi-
„ gar os cartorios , a indagar nos estragos
„ do tempo monumentos incorruptos , e
„ com estudiosa ambição a converter em
„ seu uso os mais preciosos tesouros da
„ antiguidade. He a verdade a Alma da
„ Historia , sem a qual são de pouco , ou
„ nenhum credito todos os escritos. Não
„ he a verdade hum Jano com duas caras :
„ não he hum Proteo , que em muitas fi-
„ guras se transforma : he sim , no enten-
„ dimento humano , o conhecimento da
„ cousa , segundo está real, e effectivamen-
„ te em si , a cousa nas sciencias humanas
„ mais difficultosa de achar. Na investiga-
„ ção della gastarão os Antigos Filosophos
„ o tempo, e a vida ; gastarão outros mui-
„ ta fazenda ; outros pregrinaraõ pelo
„ Mundo , frequentaraõ as Academias ,
„ consultaraõ os homens mais doutos ;
„ cançaraõ o juizo , e a memoria , e ain-
„ da se não sabe a utilidade do seu traba-
„ lho. PorèmVm. ajuntando com laborio-
„ so cuidado a Chronologia dos tempos ,
„ e outros Elementos historicos precisos
„ para verificar as verdades dos factos al-

„ cançou totalmente a verdade no que es-
„ creve.

„ O modo de escrever para bem ha
„ de ser antes breve, que diffuso, e mais
„ grave, que dilatado, ha de correr, mas
„ não ha de superabundar; e mais se ha
„ de attender ao folido do sentido, que
„ ao sonoro das vozes. Consiste a perfei-
„ ção do estylo em huma certa mediania
„ entre a escasseza, e redundancia dos vo-
„ cabulos. Morre o conceito attenuado
„ (deixeme Vm. explicar assim) e myrrado
„ na esterilidade do discurso; inchado, e
„ exuberante opprime a memoria, e a pa-
„ ciencia. Ha de ter accommodação de
„ frases, e palavras, nem antiquadas,
„ nem muito escuras. Peccava o estylo de
„ Mecenas em palavras desuzadas, e af-
„ fectadas. Escrevia Augusto com estylo
„ natural, intelligivel, e facil. Escreve Vm.
„ com hum estylo grave sem baixeza, pro-
„ fundo sem escuridade, elegante sem af-
„ fectação, fertil sem redundancia, por-
„ que desprezando o superfluo, diz com
„ brevidade tão clara, que tudo se perce-
„ be com distincção: a pureza da lingua
„ se vê no genuino das palayras verdadei-
„ ramente

„ ramente portuguezas , na propriedade
„ das locuções , e na elegancia das frases ,
„ com que falla em toda esta Historia.

„ Dizem os Criticos , que na Arte
„ Historica os artificios da eloquencia são
„ delictos , porque a pomposa elocução
„ não he propria do Historiador , que só
„ tem por officio fazer huma simples nar-
„ ração das acções , e dos successos. Ho-
„ je são tantos os comprehendidos nesta
„ culpa , que o não cahir nella , antes pa-
„ rece vicio , que virtude : de fórte , que
„ tem hoje o estylo Historico tantas feitas,
„ e tão oppostas humas às outras , que he
„ quasi impossivel conciliar as opiniões ,
„ para formar à idéa de hum perfeito Hif-
„ toriador. Vm. para se não apartar das
„ leys rigorosas , que os Historiadores An-
„ tigos fielmente guardaraõ para exemplo
„ dos futuros , e para contemporizar com
„ o genio deste seculo , do mesmo modo,
„ que a virtude està no meyo , assim quiz
„ dar ao estylo Historico , com que escre-
„ veo esta Obra , huma gloriosa mediania ,
„ entre o rigor dos Antigos , e a liber-
„ dade dos Modernos. Na Architectura
„ inventaraõ os Romanos a ordem Com-
„ posita ,

„ posita , que usa dos ornatos das duas or-
„ dens , Jonica , e Corinthia , e ainda
„ que desta ordem não haja exemplo nos
„ primeiros Architectos, não só he admit-
„ tida , mas leva hoje a preferencia. Sen-
„ do pois a Historia huma Architectura ra-
„ cional , com a verdade por fundamento,
„ com o titulo por frontispicio , e com a
„ symmetria das partes por corpo , por-
„ que razão não será não só admitido, mas
„ tambem applaudido hum estylo compo-
„ sito , ou composto da gravidade antiga,
„ e da pompa moderna ?

„ Para observar a mediança , com
„ que o estylo Historico se faz utilmente
„ agradavel , não reparou Vm. em mode-
„ rar os brios da sua natural elegancia ,
„ conhecendo , que na moderação deste
„ engenhoso excesso consiste a vitoria da
„ discrição , que da penna de Vm. sahe
„ como agoa da fonte , porque corre, mas
„ não inunda , e correndo , não mingua ,
„ porque sempre está nascendo.

„ Esta he a razão, porque se eu sou-
„ bera formar hum Panegyrico , corres-
„ pondente às excellencias de Vm. bem
„ me lembrava dizer , que se Vm. existisse

„ no meſmo tempo que o Mileſio Thales,
„ injultamente julgaria a eſte Filoſofo o
„ Tripode aureo , que ſe peſcou no mar
„ de Coos , o Oraculo de Jonia. Que com
„ mais razaõ, que a Beroſo , lhe erigiriaõ
„ os Athenienſes Eſtatua com lingua de ou-
„ ro ; porque Vm. excedeo a Thales nas
„ compoſições , porque ſe aventejou a Be-
„ roſo na eloquencia. Porèm como o lou-
„ vor ha de ſer commenſurado ao mereci-
„ mento, e o de Vm. notoriamente grande
„ excede qualquer elogio , ferà em mim o
„ ſilencio o Panegyriſta dos ſeus louvores.
„ No encomio das glorias de Alexandre, diz
„ o Texto Sagrado, que conſiderando nelle
„ a terra ficara muda: *Siluit terra in conſpectu*
„ *ejus* (1. Machab. 1.3.) Eſte he o mayor dos
„ louvores , hum reſpeitoſo ſilencio : em
„ ſemelhantes empenhos muito mais ſigni-
„ fica a admiraçãõ, que a eloquencia , por-
„ que a eloquencia ſe eſgotta fallando , e a
„ admiraçãõ callando ſe conſerva. Deos
„ guarde a Vm. muitos annos. Lisboa
„ Oriental 25. de Julho de 1736.

Amigo , e criado de Vm.

Bento de Matos.

ERRA-

ERRATA S.

NO Capitulo 3. pagina 8. no titulo do mesmo Cap. onde diz *Venevel Imagem* ; ha de dizer : *Veneravel Imagem*.

No numero 19. p. 10. na 2. regra da p. onde diz *cauza* ha de ser *couza*.

Na pag. 14. no fim do n. 27. onde na penultima regra do n. *historia* ; ha de ser *historica*.

Pag. 16. nas ultimas palavras do n. 30. onde diz *divino principio* ha de ser *diverso principio*.

Na 1. regra da p. 17. n. 33. onde diz *na nossa Hespanha* , ha de ser *da nossa &c.*

Na pag. 29. e no n. 59. na antepenultima para a penultima regra, onde diz *pelos menos fundamentos*, ha de ser *pelos mesmos fundamentos*.

No fim da p. 32. no n. 66. e segunda regra delle, onde diz *e mais plauzivel dos antigos* ha de ser , *e mais plauzivel que o dos antigos*.

Na pag. 95. na 9. copla do Hymno alli transcripto , e ultima regra della , onde diz, *Pandatur ut mysterium* , ha de ser *Pandetur &c.*

Na p. 103. n. 197. onde diz *de pouca idade* , e *pelos Romanos estabelecida* , falta hum *a* e deve ser *de pouca idade* , e *a* *pelos Romanos estabelecida*.

Na p. 116. n. 218. na 3. para a quarta regra da p. onde diz *a conduzição a Jope* , ha de ser *o conduzirão*.

Na p. 133. na ultima regra do n. 248. onde diz *o tinhaõ* ha de ser *o tinha*.

Na p. 134. e 3. regra do n. 150. onde diz , *e devia no mesmo Concilio*, ha de ser , *e devia dar no mesmo Concilio*.

Na p. 135. na 1. para a 2. regra, n. 252. onde diz *estabelecer*, ha de ser *estabelecerem*.

Na p. 137. na penultima regra della, n. 256. onde diz *a ceacaõ*, ha de ser *erecção*.

Na p. 148. n. 272. na antepenultima regra do mesmo n. onde diz *ElRey Joaõ III.* ha de ser *ElRey D. Joaõ*.

Na p. 168. na 2. regra delle , e penultima do n. 306. onde diz , *e já e ntão trinia cinco* ha de ser , *e já então havia trinta e cinco*.

Na p. 178. e n. 323. onde diz, *o foy destas ha de ser o foy desta*, e na regra seguinte, onde diz *occurram aõ nzs multiplicadas doenças*, ha de ser *as multiplicadas*.

Na p. 179. na 2. regra della, e ultima do mesmo n. 323. onde diz *e sem vigo*, hade ser *e sem vigas*.

Na p. 183. no n. 332. onde diz *anno 134*. ha de ser *anno 124*.

Na p. 184. no mesmo n. 332. perto do fim, onde diz *e tyrarias invazões*, ha de ser *e tiranas &c.*

Na p. 188. na 2. regra della, e quasi no fim do n. 337. onde diz, *que parece as amenas ostentações*, ha de ser *que parece que as amenas &c.*

Na p. 193. no n. 347. onde diz, *e de anno a esta parte*, ha de ser, *e de annos &c.*

Na p. 200. no n. 358. onde diz, *dos Serafims Religiosos*, a palavra *Serafims*, ha de ser *Seraficos*.

Pagina 359. no n. 460. onde diz; *por todo que logrou a gloriosa vista*, ha de ser *por todo o tempo que logrou &c.*

Na pagina 262. no n. 464. faltaõ as allegações marginaes.

Na pagina 263. n. 465. onde diz, *rematarãõ este obzequio incidente*: o *obzequio*, ha de ser *obzequioso*.

Na p. 265. onde diz, *nas rubricas taõ frescas*, ha de ser *nas rubricas taõ fresca*.

Na p. 273. no fim do n. 481. onde diz *daquelles que aspiraõ*, ha de ser *daquellas que aspiraõ*.

Na p. 286. n. 503. aonde diz, *aos Magnatas*, ha de ser, *ao Magnates*.

Na p. 287. n. 506. onde diz *Dyctima* ha de ser *Dictynna*.

Na p. 291. quasi no fim do n. 512. onde diz *das mas solidas virtudes*, ha de ser *das mais solidas &c.* e onde diz, *de regular humilde*, ha de ser, *de regular humildade*.

Na p. 304. no n. 535. *as que nos quatro do Triunfo*, ha de ser *a que nos quatro &c.*

DO SANTO OFFICIO.

Visto estar confôrme com o original,
pòde correr. Lisboa Occidental 18.
de Outubro de 1737.

Fr. Lancafre. Teixeira. Sylva. Soares. Abreu.

DO ORDINARIO.

Visto estar confôrme com o original,
pòde correr. Lisboa Occidental 18.
de Outubro de 1737.

Gouvea.

DO PACO.

Que possa correr, e taxaõ em oito-
centos reis. Lisboa Occidental 19.
de Outubro de 1737.

Pereira. Teixeira. Rego.

THE GREAT CITY
OF
NEW YORK
IN
THE
YEAR
OF
OUR
LORD
1776

Printed and Sold by
J. M. G. & Co. No. 101
Nassau Street

THE
NEW YORK
LIBRARY
OF THE
CITY OF
NEW YORK
AND
THE
LIBRARY OF THE
UNIVERSITY OF THE
CITY OF NEW YORK

1776

THE
NEW YORK
LIBRARY
OF THE
CITY OF
NEW YORK
AND
THE
LIBRARY OF THE
UNIVERSITY OF THE
CITY OF NEW YORK

1776



HISTORIA DO SENHOR DE MATOZINHOS.


Dividida em dous Assumptos, expendidos em Capitulos, e numeros continuados: consiste o primeiro Assumpto em descrever todas as antiguidades, que respeitão à Veneravel Imagem de Christo Crucificado, que com o Titulo de Bom JESUS de Bouças se venera no insigne Lugar de Matosinhos, termo da Cidade do Porto na Lusitania, desde o tempo do milagroso apparecimento desta Veneravel Imagem naquelle Lugar, continuados progressos de seus prodigios, estado de sua Igreja até os tempos de ser mudada ao sitio, em que existe agora, com tudo o mais pertencente ao mesmo Assumpto.

Consiste o segundo Assumpto em manifestar o solemne Triunfo, e Prociissão do Triunfo, com que no Mez de Mayo de 1733. foy collocado no reformado magnifico Trono da Capella mór da sua Igreja, estado presente della, e do Lugar de Matosinhos, Com tudo o mais pertencente ao mesmo Assumpto.

ASSUMPTO I.

CAPITULO I.

Do motivo desta Historia, antiguidades, Veneração, e Culto da sagrada Imagem do Senhor de Bouças desde o seu Prodigioso apparecimento em Matosinhos.

I.  COLLOCACAM admiravel da prodigiosa Imagem de Christo Crucificado, que com o especioso titulo do Senhor de Bouças se venera no venturoso lugar de Matosinhos, ao reformado, e magnifico trono, que em seu magestoso Templo lhe erigio o ardente

dente zelo, e devoção reverente dos Irmãos da sua Mesa, não só servio de glorioso assumpto aos triplicados panegyricos, com que em solemniſſimo Triduo a celebrãõ, havendo-lhe em huma pomposa Procissão precedido o vistoso Espectaculo do mais esclarecido triumpho.

2 Mas occasionou tambem o fervoroso estímullo de diligenciarem perpetuar-lhe a memoria, tanto na exposiçãõ destes festivos applausos, quanto na indagaçãõ criticamente judiciosã dos antiquiſſimos, raros progressos, com que esta sagrada Imagem desde que milagrosamente aporrou nas occidentaes maritimas prayas deste apraſivel terreno, o tem illustrado com credito universal do Lusitanico Reino, como Imperio seu, singularmente escolhido para assombro do Mundo.

3 Sendo pois dous os empenhos do presente systema: hum da Collocaçãõ o triumpho: e outro a ponderaçãõ das antigas memorias, que respeitãõ à vinda desta sagrada Imagem do Oriente ao Occidente: da Palestina Oriental na Asia a Matuzinhos, termo Occidental da Europa na Lusitania, para que de hum ao outro extremo seja louvado o Senhor do Universo: *A solis ortu usque ad occasum laudabile nomen Domini*: e se manifestem a todo o Mundo as maravilhas do Altissimo:

Psalms. 112.

3.

Eccles. 11.4.

Mirabilia opera Altissimi.

4 Serã o segundo empenho vistoso apparato do primeiro empenho, para que na grandeza deste, pela precedente, continuada relevancia daquelle, fique o intento presente do modo possivel desempenhado, permittindo o mesmo

Senhor

Senhor inspirar auxilios : *Dominus Deus auxilia-*
tor, para descrever com acerto as ponderaveis
 circumstancias de tão remontados assumptos.

5 Permittio a Providencia divina, que des-
 de a Creação do Mundo destinou a grandes em-
 prezas a nossa Lusitania, que o lugar de Mato-
 zinhos della, assim como foy o primeiro das Hes-
 panhas, que nos matutinos crepusculos, com
 que nellas amanheceo a luz da Graça, univer-
 salmente recebeo a Fè Catholica, fosse tambem
 logo em merecido premio do seu rendimento,
 soberano deposito daquelle sagrado penhor, que
 sendo da Redempção humana exemplar o mais
 claro, ficasse tambem sendo feliz anticipado an-
 nuncio, de que Portugal havia de ser Reino pro-
 prio de Christo, como depois se vio no Campo
 de Ourique gloriosamente instituido, e pelas
 cinco Chagas do mesmo Senhor com tymbre o
 mais elevado.

6 Mas entrando já na indagação do tempo,
 em que esta soberana Cópia do Prototypo da nos-
 sa Redempção milagrosamente furgio nas mariti-
 mas prayas deste Occidente; pela perpetua in-
 variavel tradição de muitos seculos na memoria
 dos homens estabelecida, e por observação de
 prodigios continuada, como herança feliz nas
 descendencias, sómente se sabia atêgora, depois
 que se confundirão, e se perderão outras noti-
 cias pelas ruinas, que entre varios incidentes
 causáráo as repetidas invasoens de Naçoens bar-
 baras em Hespanha, que o apparecimento succe-
 dera nos principios da primitiva Igreja; fundou-
 se nisto a igualmente invariavel tradição, de
 que

que o insigne Varaõ Nicodemos fora desta sagrada Imagem o piedoso Artifice, ficando confusamente ignorado o anno de taõ prodigioso successo.

7 Da mesma forte, e com as mesmas circumstancias permanece a tradiçaõ incontestavel, que esta divina Imagem apparecera diminuta de hum braço, que por boas razoens se entende haver sido o esquerdo, de que por muitos annos com assombros do caso, não admittio o supplemento, que anciosamente lhe repetiraõ os Catholicos, até que apparecendo com igual prodigio o proprio braço, e applicado com reverente culto, se lhe unio em fórma, que não só ficou integralmente completo aquelle divino Composto, mas sem mais indicio da precedente falta, que a tradiçaõ de a ter havido.

8 Destas tradiçoens, como de monumentos successivamente animados, a que não romperãõ as anteriõres calamidades de Hespanha, escreverãõ sómente os que deste Senhor escreverãõ, quaes foraõ o Licenciado Jorge Cardoso, o Padre Frey Luiz dos Anjos: o Illustrissimo D. Rodrigo da Cunha: o Padre Antonio de Vasconcellos: Manoel de Faria, e Souza: Manoel Tavares de Carvalho: o Reverendissimo Doutor Antonio Coelho de Freitas, o Padre Antonio Carvalho da Costa, e outros que doutamente tratarãõ, quanto puderaõ alcançar desta materia, que sem duvida, por grande requeria indagaçaõ mais extensa, pois he digna toda não só de elogios multiplicados, mas de muy largos panegyricos.

Cardoz Agiol.
Lusit. tom. 3.
dia 10. de
Junho, e seu
comment. lit.
A. pag. 615.
e 625.
Fr. Luis dos
Anjos Fard.
de Port. n.
182. p. 558.
Illust. Cunha
Cat. dos Bisp.
do Porto 2.
part. Cap.
45. p. 393.
P. Vasconc.

CAPITULO II.

Continua a mesma materia.

9 **A**lguns annos ha, que bem casualmente reparou a nossa advertencia em occasiao de estar venerando com jucundo jubilo aquelle famozo Labaro, e devoto Padraõ, que se erigio em glorioso tropheo, e sagrado monumento do sitio, em que na praya de Matozinhos se manifestou este Celestial prodigio, que na baze delle se achava gravada em caracteres de Arithmetica Arabiga, que nas Hespanhas se pratica ordinariamente agora, a Epoca de 162.

10 E reflectindo na ponderação della repetidas vezes esprayando na mesma praya o discurso a varios rumos para a intelligencia deste arithmetico lemma, ou abbreviado enigma, a que fazia mais impenetravel a circumstancia de o não acompanhar alguma inscripção, ou epigraphe, que o reduzisse a termo algum perceptivel, se nos moveo ultimamente o pensamento a considerar, que poderia ser huma breve memoria, e resumida declaração da Era do divino apparecimento do Senhor naquella praya.

11 As prateadas caás de hum antigo velho reccorreo na mesma occasião curiosamente o nosso reparo, a investigar, se ao menos por tradição haveria no mesmo lugar noticia alguma, de que pudesse colherse a proporcionada intel-

Descr. Regni Lusit. a pag. 560.

FariaNoches Clar. 1. p. Palest. 3. p. 117.

Tarvares de Carv. Relaç. da prociss. do Senhor de Bouças no anno de 1644. impress. node 1645.

Doutor Coelho de Freitas Trat. da Vener. Imagem do dito Senhor.

P. Carvalho da Costa Coreograf. Portug. tom. 1. trat. 6. Cap. 5. pag. 361.

ligencia deste confuso emblema , ao que satisfez respondendo lembrar-se de ter ouvido dizer a fogueiros seus ascendentes , dos que com effcasso conhecimento alcançára no largo gyro dos seus annos , que a referida gravada conta lhes parecia ser indício breve do tempo , em que a sagrada Imagem de Christo Crucificado havia nesta praya apparecido, por terem tradiçãõ, que assim constava dos antigos Cartorios das Igrejas de Bouças , e Leça do Ballio , que haviaõ perecido em vorazes incendios.

12 Por esta notavel circumstancia , que não tinha sido com reflexãõ advertida , parecendo-nos de verosimel abonada pela attenta ponderaçãõ de tantos , e taõ continuados prodigios , quantos nesta veneravel Imagem se experimentáraõ sempre , corroborado tudo com effcazes argumentos deduzidos de outros bem relevantes , que em proprios lugares se hirãõ expendendo ; concluoio o nosso conceito em assentir na intelligencia , de que não só era proporcionada a tradiçãõ constante de haver sido Nicodémus o piedoso Artifice deste Divino Retrato; mas que o seu prodigioso apparecimento em Matozinhos succedera na era de Cesar de 162.

13 Reflectindo depois com mais larga ponderaçãõ neste ponto , reparámos , que da Epoca de Cesar 162. diminuidos 38. annos , que ao Nascimento de Christo precedeo a origem daquella Era , pela qual se computavaõ em Hespanha os annos até os de 1383. e de 1422. em que os Serenissimos Reys D. Joaõ I. de Castella , e D. Joaõ I. de Portugal , cada hum em seus dominios , estabe-

estabeleceraõ conforme ao Illustrissimo D. Rodrigo da Cunha se contassem pelo Nascimento de Christo , veyo a succeder este milagroso apparecimento no anno de 124. do Nascimento do mesmo Senhor.

*Illustrissimo
Cunha Catal.
dos Bisp. do
Porto 2. part.
Cap. 26. p.
243.*

14 E diminuidos delle tambem mais 34. annos não completos , que Christo viveo no Mundo atè consumir a nossa redempçaõ , do tempo do qual se devem contar os progressos da Igreja Catholica , que na morte do mesmo Senhor teve principio , e algum mais dos que com gravissimos Escritores mostraremos , superviveo Nicodémus retirado da perseguiçaõ judaica , em huma herdade de Gamaliel , Mestre que havia sido de S. Paulo , tempo em que sem duvida esculpido esta sagrada Imagem para piedosa consolaçaõ da saudosa memoria do seu Divino Mestre , vinha a mesma a ter de esculptura 90. annos , ou pouco menos , ao tempo da sua appariçaõ em Matozinhos , e por consequencia agora neste anno de 1733. a de 1699. de permanencia , e a de 1609. neste por todas as razoens venturoso lugar.

CAPITULO III,

*Continua a mesma materia , e averi-
guação do anno , em que esta vene-
ravel Imagem appareceo em Ma-
tozinhos.*

15 **F**Ormada com as referidas circun-
stancias na nossa ponderação a idéa,
de que na Era de Cesar de 162. apparecera na
praya de Matozinhos aquella Imagem sagrada,
e sendo pela expendida combinação de Epocas
advertida, foy esta huma de duas opinioens , que
no discurso historico de seu Sermaõ panegyrico
expoz no dia primeiro do proximo Triduo o
Reverendissimo Doutor Manoel dos Reys Bernar-
des, Conego Magistral na Sé do Porto, com
aquella vasta elegancia, e sublime erudição, que
em semelhantes emprezas ostentou sempre.

16 Mas porque mencionou tambem outra
opinião ideada pelo Reverendissimo Padre Mestre
Frey Raphael da Purificação, Religioso Capucho
da Provincia de Santo Antonio do Brasil, e na-
tural do mesmo lugar de Matozinhos, que com
elevado engenho, em concionatoria palestra ti-
nha exposto, que entrando no dito lugar a Fé,
e o Bautismo, donde se difundira a toda a Hes-
panha na Epoca de Christo de 46. por estes, e
outros fundamentos se persuadira, que no an-
no

no de 50. fora da sagrada Imagem o apparecimen-
to, vindo a ter alli 1683. annos, fazendo o cal-
culo pelos do Nascimento de Christo, nos mo-
veo esta noticia outra confusão, e nova duvida.

17 Para mais exacta resolução della tor-
námos pessoalmente ao lugar de Matozinhos, a
fazer miudo exame, se haveria algum final,
inscripção, monumento, ou vestigio, em que esta
segunda, e mais antiga opiniaõ se fundasse tanto
no Templo, e Padraõ existentes, como nas rui-
nas, que ainda permanecem do primitivo Mos-
teiro de Bouças, aonde pelo continuado circu-
lo de largos seculos havia sido esta sagrada Ima-
gem de Christo com reverentes cultos vene-
rada.

18 Achámos porém com evidencia, que
na baze daquelle Padraõ não havia gravada mais
que a referida Epoca de 162. mas constou-nos
por fidedignos testemunhos, que em outro lado
da mesma baze estivera tambem gravado o nu-
mero 50. até que pelos annos de 1726. brotan-
do prodigiosamente junto do mesmo Padraõ hu-
ma perenne fonte, em que se tem feito obras
magnificas, e renovando-se a golpes de picão
aquella baze, succedera por inadvertencia apa-
gar-se-lhe o numero 50. ficando sómente a Epoca
162. conservada, mas ignorada sempre a sua ver-
dadeira intelligencia.

19 Consta-nos mais, que sobre o arco da
Capella Mayor do Templo existente se acha tam-
bem gravada a mesma Epoca de 162. que agora
ficou cuberta de talha dourada, pela com que
de novo se adornou toda a Capella; porém nos
vestigios

vestígios do antigo Mosteiro de Bouças não achamos causa alguma pertencente a este ponto, havendo-as ainda em abono de outros, que adiante expenderemos. De forte que só na Igreja, e no Padraõ existentes se reconhece repetidamente transcripta a Era de 162. e demais haver tambem no Padraõ decifrado o numero 50. sem outro algum caracter, letra, ou final, que pudesse servir-lhe de notorio commento.

20 E logo he digno de reparo estar decifrada tanto no Padraõ, como no Templo a Era de 162. sem discrepancia, pela conformidade notavel de sua repetida existencia! E mais o não ter sido advertida, e menos ponderada atègora, estando a todas as luzes tão manifesta! Se já não fosse, que o verse tambem no Padraõ de 50. o numero, confundisse pela multiplicidade dos termos, de huma, e outra conta distincta a bem diversa importancia! Conservando-se ellas só como enigmas expostas a se lhe poder dar com genuina interpretação a mais proporcionada intelligencia.

21 E reparando que com algum positivo fundamento haviaõ sido gravados na referida baze aquella Era, e aquelle numero: certificados tambem depois que na noticia deste senão estabelecera a segunda opiniaõ sobredita, mas unicamente na intelligencia, de que continuando em Jerusalem a perseguiçaõ, que contra a Igreja movera Herodes Agryppa, de que resultou o martyrio de Santiago, e a prisaõ de São Pedro, se resolvera Nicodémus (que suppunha ainda vivo no anno de 50. e continuar tambem da perseguiçaõ

feguição o disturbio) a lançar ao mar no porto de Jope a Imagem Sagrada, por evitar nas correntes da agoa as irreverencias da terra, até chegar a esta, que prodigiosamente buscára, como já illustrada pela Fé, e pelo Bautismo, que no anno de 46. universalmente tinha recebido; ficamos na certeza de que não passára aquelle engenhoso discurso de huma bem ponderada conjectura movida da tradição antiquissima, de que nos principios da primitiva Igreja aportára a dita veneravel Imagem nesta feliz parte da Lusitania.

22 O que tudo supposto, fica sem duvida certo não haverem sido anteriormente indagadas, tanto da Era, como do numero as misteriosas circumstancias, as quaes judiciosamente ponderadas parece que com evidencia da repetidamente gravada Era se manifesta, que na de Cesar de 162. pela qual naquelle tempo se contavaõ em Hespanha os annos, e no de 124. do Nascimento de Christo 90. depois de sua Paixão Sagrada, aportára felizmente em Matozinhos esta veneravel Imagem prodigiosa.

23 Manifestando-se igualmente do tambem gravado numero 50. que faltando por muitos annos o braço esquerdo, de que por todos elles não tinha admittido o diligenciado supplemento, apparecera para mais affombro dahí a cincoenta annos o proprio, e haver-se disso symbolizado a memoria no dito numero. E como nisto não ha contradicção repugnante, nem parece poder ter outra applicação historica mais congruente, e mais conforme às tradiçoens antiquissimas,
antes

antes deste modo ficarem ellas melhor corroboradas , se conclue ser esta a mais verdadeira , e mais propria intelligencia de huma , e outra conta mysteriosa.

CAPITULO IV.

Ponderaõ-se algumas razoes em confirmação do referido.

24 **N**Em contra a ponderada intelligencia pòde obstar o achar-se a Era de 162. em algarismos da Arithmetica Arabiga, que dos tempos do dominio Sarraceno ficou introduzida em Hespanha, e não em Caracteres da Latina, que do dos Romanos se praticava nella, havendo na continuação do seu Imperio succedido aquelle prodigio; porque o Padraõ, em que se achagravada, já he reformado, e de quando pelos annos de 1542. como refere o Licenciado Jorge Cardozo, ou pelos de 1550. tem para si Manoel Tavares de Carvalho erigio a Universidade de Coimbra o novo Templo existente, e poresta razão se acha tambem sobre o arco da Capella Mayor delle decifrada da mesma forte a sobredita Epoca.

*Card. Agiol.
Lusit.tom.3.
comment. ao
dia 10. de
Junholit.A.
pag. 625.
Tavares de
Carvalho
na Relação
deste Senhor
impres.no an-
no de 1645.*

25 A razão que haveria para se gravarem, e só por algarismos estas repetidas memorias na Igreja, e no Padraõ da praya existentes, entendemos procedeo de que ao mudar da Igreja, e renovar o Padraõ, se expressou em hum, e outro novo, e reformado edificio, o mesmo que

nos antigos havia delineado, que tudo estaria em Caracteres, e numeros Romanos do primitivo tempo, em que haviaõ sido transcriptos, formando-se depois em algarismos Arithmeticos, no desta reformação praticados: e como nos antiquados monumentos não havia inscripção alguma, que os declarasse, e tinhaõ já perecido em particulares incendios as occultas memorias dos Cartorios, entendendo-se que sem duvida continhaõ mysterio, posto que já entaõ ignorado, os descreveraõ da mesma sorte, que no Padraõ, e no Templo os tinhaõ achado, e só com a differença de estylo introduzido.

26 Sendo a fundamental primaria razãõ de nos antigos edificios se acharem sõmente sem inscripção alguma gravados aquelles mysteriosos monumentos, porque como tinhaõ sido formados nos tempos da primitiva Igreja, em que se não permittia aos Catholicos fazerem publica ostentação das cousas sagradas, e só se lhes concediaõ, ou dissimulavaõ os Oratorios, e templos, que das Historias consta tiveraõ, e conservaõ, do modo possivel pelos mesmos tempos atè os de Constantino Magno, em que já desassombrada principiou a ter na exaltação a magestade, que pelos seguintes seculos se foy augmentando; lhes foy preciso accomodarem-se entaõ à disposiçãõ do tempo, descrevendo unicamente quasi em enigma os numeros referidos.

27 E como os numeros de conta, ainda que estivessem publicos no Padraõ da praya, não tendo inscripção, que os declarasse, eraõ indifferentes a varios sentidos, porisso os descreveraõ

ção sem mais exposição os Catholicos ; mayormente ficando nelles , e em seus descendentes por tradição continuamente invariavel conservada a memoria do que significavaõ os gravados numeros. E supposto que a intelligencia delles se escurecesse , ou confundisse na larga serie dos seguintes seculos pelas varias irrupçoens de dominios barbaros, se não apagou comtudo na principal substancia a tradição constante, por sempre haverem em Matozinhos successivas descendencias dos seus primitivos Catholicos ; e como a tradição principal concorda , até nas particulares circumstancias , com a exposição ponderada dos decifrados monumentos, nos parece se lhes não póde applicar outra mais genuina historia , e verdadeira intelligencia.

28 Tem abonado a experiencia de muitos seculos , ser o lugar daquelle Padraõ verdadeiramente o sitio de hum , e outro milagroso apparecimento ; porque estando defronte delle metidos ao mar huns escabrosos penhascos , a que chama *Leixoens* o vulgo ; por mais que as tempestades embravecidas ostentem nelles com encapellada inchação horrorosos deliquios , nunca nelles se vio haver naufragio, antes sim seguro azylo a toda a embarcação , que de proposito encaminha o rumo a este furgidouro admiravel , para salvar-se de todo , o que de outra sorte seria infallivel estrago , e notorio perigo , conseguindo deste modo bonança na mais furiosa tormenta.

29 Com propriedade notavel se denomina do *Espinhoeiro* aquelle protentoso sitio ; porque

que se em hum abrasado ostentou Deos com Moysés admiraveis prodigios: *Apparuitque ei Exod. 3. 25 Dominus in flamma ignis de medio rubi*: e reconheceo o grande Escriptor do sagrado Texto, que o Eipinheiro ardendo em chammas, senão reduzia a cinzas: *Et videbat quod rubus arderet, & non combureretur*; neste não revestido de incendios, mas de christalinos reflexos admiraõ sempre os Catholicos, que por haver nelle surgido a sagrada Imagem de Deos humanado, se achaõ alli sempre vitæ alentos, e nunca ceruleos estragos.

C A P I T U L O V.

Mostra-se o dia do apparecimento da Veneravel Imagem do Senhor de Bouças em Matozinhos.

30 **A** Veriguado que o apparecimento da Veneravel Imagem do Senhor de Bouças em Matozinhos succedera na era 162. de Cesar, e no anno 124. do Nascimento de Christo parece digno tambem de ponderar o dia, em que se vio taõ admiravel prodigio na Lusitania. O Reverendissimo Doutor Antonio Coelho de Freitas no Tratado, que compoz deste Divino Assumpto, afirma pro tradiçaõ constante que em tres de Mayo, o que se manifestava da procissaõ solenne, que neste dia costuma sempre fazer-se ao lugar do apparecimento; e sem duvida

Coelho de
Freitas Trat.
do Senhor de
Matozinhos
Cap. 4. pag.
14.

duvida que não ha positiva memoria de tempo posterior, em que a expedição deste culto tivesse divino principio.

31 Para se abonar de certa esta circumstancia faz argumento formal a tradição permanente pelo que della em proporcionados termos pondera o Padre Doutor Frey Manoel Leal Chronista Augustiniano, concluindo com o vulgar axioma de Direito: *Quod in antiquis rebus confirmatis plenam probationem à fama peti debere.* Alem do mais em que a este respeito assenta commummente a judiciosa, e mais bem acertada critica dos melhores Escriptores, que nas tradições uniformes estabelecem as antigas, e remontadas emprezas de seus assumptos.

Doutor Leal. Chryf. Purificativo. Purificat. 2. Exam. m. 5. n. 8. p. 95.

32 Dito se infere huma notavel excellencia da Lusitania a reconhecerse o quanto ella foy sempre da Divina Providencia favorecida; pois permittio, que em tres de Mayo do anno 124. do Nascimento de Christo succedesse em Matozinhos o apparecimento da Imagem do mesmo Senhor Crucificado, em presagio, e anticipado annuncio, de que depois em semelhante dia do anno de 326. conforme Lourenço Beyerlinch, e outros muitos, havia de descubrir em Jerusaleme Santa Helena o proprio Lenho, em que foy summada a Redempção do genero humano. Mas não foy esta a primeira, nem a unica vez, que por este sagrado final foraõ as glorias de Hespanha singularmente symbolifadas, porque desde a Creação do Mundo tem sido prodigioso emblema dos seus triunfos.

Beyerlinch Theatr. Vit. human. tom. 5. lit. O. p. mihi 610. Not. A. B.

33 Occasião houve já de reparar-mos em abono

abono admiravel na nossa Hespanha ; que na Creação do Mundo dispuzesse Deos , principiasse pela Vespera o dia primeiro delle : *Factum est Vespere , & mane dies unus* ; e deste prodigio entã repetido , além de varias ethymologias , que allegoriza Laureto , e pondera Durando , tomou talvez à Igreja Catholica o Religioso Rito de principiarem pela vespera , nos seus dias solennes , os festivos cultos.

34 *Vesper* , ou *Vesperus* para com os Latinos , e *Hesperus* para com os Gregos , significa , e significou sempre a Venus , Planeta Occidental , em que desde aquelle principio se considerou , e com razão , a mesma Hespanha symbolizada , que porisso se chamou , e denomina ainda : *Vesper* , *Vesperugo* , e *ultima Hesperia* , como he bem vulgar no commum dos Escritores , que tratãrãõ della , sendo estes os seus primitivos epitetos , que como proprios lhe foraõ em todos os tempos reconhecidos , posto que depois por motivos particulares , se lhe impuzessem tambem outros.

35 A este vespertino Planeta , que no nosso caso he masculino , e não a fabulosa Venus ; de que trataõ os Mythologicos , figurãrãõ sempre commummente , com Joã de Sacrobosco , os Mathematicos , pondo-lhe huma Cruz por divisa , prodigioso final em todos os seculos das prerogativas de Hespanha , significada neste esclarecido Planeta , de cujo benigno influxo , e tambem de haverem sido os antigos septemtrionaes Hespanhoes , quaes os Asturianos , e Cantabros , conforme Garibay , os primeiros , que entre ou-

Genes. 1. 5.

Lauretus.

Sylva Aleg.

verbo Vesp.

Durandus in

Rational. lib.

5. Cap. 9. a

num. 1.

Garib. Comp.

Histor. de

Hesp. tom. 1.

lib. 4. Cap. 4.

tas sciencias, tiveraõ noticia da dos movimentos Celestes, procedeo sem duvida o notavel brazaõ, que conservavaõ, de terem a fagrada Cruz por Armas.

36 E em tanta forma observaraõ em todos os seculos esta regalia, que quando o Emperador Octaviano Cesar Augusto acabou de conquistallos, ficando assim das Hespanhas Senhor absoluto, para mayor gloria de seus triunfos, tomou por Armas do Romano Imperio aquelle esclarecido final, que por este principio se chamou Cantabro, como além de outros muitos referem Rodrigo Mendes Sylva, e o Doutor Francisco de Amaya.

37 E sendo pelo commum dos Escritores bem sabido, que dos tempos de Augusto, as principaes insignias do Romano Imperio, forãõ o *Cantabro* pela occasiaõ referida, e o *Làbaro* pelo admiravel prodigio, que depois succedeo a Constantino Magno, se faz digno de notar que os nomes de hum, e outro estandar-te, dizem o mesmo Amaya, e o Padre Fr. Paulo de Saõ Nicolao, tiveraõ origem de Hespanha; e assim nella foraõ preconizadas sempre as mais relevantes emprezas daquelle Imperio.

38 Mais he de notar, que supposto a Cruz antigamente fosse entre varias Gentes afrontoso patibulo, o naõ era em Hespanha; porque dos Cantabros, e mais Lusitanos affirmaõ expressamente Estrabaõ, e Alexandre ab Alexandro, que os culpados destinados à morte entre elles eraõ com montes de pedras opprimidos; e adverte Estrabaõ ser este costume observado de todos, os

que

que occupavaõ o lado Septemtrional de Hespanha, como Callaicos, Asturianos, e Cantabros.

39 Por todo o referido entendemos, que nunca em Hespanha se vio que a Cruz servisse de patibulo, senão quando o mesmo Octaviano Augusto na Conquista dos Cantabros, para horroroso espanto delles, como por authoridade de Estrabaõ diz Garibay, mandou Crucificar alguns; *Garib. Comp. Historic. de Hesp. tom. I. lib. 6. Cap. 27. in fine pag. 176.* mas tanto lhes não servio de horror este conflicto, que o toleraraõ com alegre canto, presagio sem duvida do jucundo jubilo, com que depois haviaõ de sopportallo varios esquadroens de Santos Martyres, principiando no Collegio Apostolico este esclarecido triunfo, já em Hespanha, e só nella, anteriormente symbolisado.

C A P I T U L O VI.

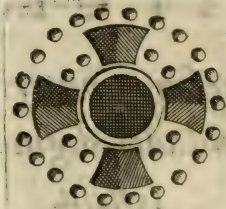
Continua a mesma materia, com algumas antiguidades dignas de advertencia.

40 **S** Emelhantes ponderaçoes, a outro intento, nos moveraõ tambem já a conjecturar a vinda de Noè a Hespanha, não só primeira, mas segunda vez, e desta com sua mulher Vesta a buscar o ultimo descanzo, e esperar o eterno na nossa Lusitania, e serem nella com Tubal sepultados no Promontorio, a que disso resultou o nome de Sacro, e haver instituido a mesma Vesta no valle de Chèllas junto a

Lisboa a Religião de Virgens Vestaes em fagrado Rito, que depois reduzido ao Gentilico, introduziraõ em Troya os Gregos, donde passando aos Romanos o ampliou de forte Numa Pompilio, que de entãõ se ficou reputando por seu particular instituto, sendo-o só na supersticiosa ostentaçaõ dos erros, com que no Gentilismo foy cegamente venerado; mas conservando sempre, como logo veremos, huma clara sombra do que tinha sido, a confirmar o que deste fagrado final himos pnderando.

41 Reparamos com particular attençaõ; em que na antiga estatua de Vesta, que no fim do Tratado della traz copiada Justo Lipsio, estava pendente do peito huma insignia na forma, que vay transcripta.

*Just. Lipsius
Syntagma de
Vesta, & Vestalibus in
Notis ad Cap.
15. infine,*



Notavel circumstancia por certo! Pois he sem duvida ser este vistoso emblema, naõ só expressa figura da Cruz fagrada; mas ainda das cinco Chagas, que formadas nella, haviaõ de ser o meyo principal da Redempçaõ humana, e parece que antecipado profetico molde das singularrissimas Armas, com que no campo de Ourique foy instituido Portugal em Reino de Christo escolhido.

42 E advertimos mais, se he que fielmente se acha este divino lemma copiado na impressão de Justo Lypfio, que as cifras intermedias, e da circumferencia, completaõ justamente o numero de 30. em alluzaõ talvez misteriosa aos trinta dinheiros, porque depois em Jerusaleem foy vendido o Redemptor do Mundo, e por tudo nelle ideado o Portuguez Real escudo pelos altissimos fins a que a Divina Providencia o hia dispondo, e tem já o mesmo Mundo com affombro universal admirado, e visto.

43 Mas para que claramente se veja, que todas estas excellencias da nossa Lusitania foraõ delineadas, não só na disposição admiravel da creação dos Celestes Orbes; mas dentro dos limites da mesma Lusitania, noticiamos aos curiosos (ainda que isto pareça digressão, mas precisa) que a miuda reflexão em nossas Historias nos fez advertir, e *ad unguem* indagar haver no principal dellas huma grande confuzaõ, occasionada de os Nacionaes Escritores não distinguirem formalmente as divisoens de Hespanha, tempos, e occasioens, em que foraõ feitas antes do Nascimento de Christo. E porisso equivocadamente suppuzeraõ que ella sempre estivera pelos Romanos dividida em tres Provincias, Tarracense, Betica, e Lusitania, e que esta nunca passára do Douro para o Septemtriaõ, até donde nace nos Cantabros o rio Ebro.

44 O que procedeo sem duvida, de não examinarem com plena advertencia o historiar de Plinio, Estrabaõ, e Pomponio Mella confrontados, e construidos, não só literal, mas historicamente

Valer. Max.
lib. 6. cap. 5.

camente no seu genuino, e verdadeiro sentido, ocasionando-se disto, e de entenderem que a Lusitania fora sempre restricta entre os rios Guadiana, e Douro, o disvellarem se desnecessariamente em especularem nella a situaçã da famosa Cidade Cinania, de que tanto celebra Valerio Maximo a valerosa reposta, que deu ao Consul Decio Junio Bruto, sem advertirem, que este, e semelhantes casos succederaõ em tempo, que a Lusitania se extendia àquellas regioens Septemtrionaes, e muito antes de Octaviano Augusto, que foy o que a constituiu entre os rios Guadiana, e Douro.

45 Mas examinado bem este essencialissimo ponto, temos averiguado, que a primeira divisaõ de Hespanha pelos Romanos (sem tocarmos em outra diversa, e mais antiga) expulsos já della por Scipiaõ Africano o Mayor os Carthaginezes, foy no anno 557. da fundaçã de Roma, sendo Consules Cn. Cornelio Cethego, e Q. Minucio Rufo, tempo em que a dividiãõ em duas Provincias, Citerior, e Ulterior, entre as quaes mediava o rio Ebro.

46 E supposto depois se extendesse algum tanto mais a Citerior, como sentem, ou talvez confundem varios Escriitores: e supposto tambem alguma; vezes se fizesse, ou se denominasse em Roma huma sã Provincia, e tornasse logo a ter a reputaçã de duas, isto era quanto à administraçã do governo, e das conquistas conforme as occasioens o pediaõ; sempre porèm com tudo, quanto ao terreno, era dividida nas duas Provincias referidas, Citerior, e Ulterior, na forma, que bem explica Joaõ Vazeo.

VascusChron.
Hisp. Cap. 8.
fol. mihi 13.
vers. & 14.

47 Desta maneira permaneceo dividida em duas Provincias até o tempo, em que Octavião Cezar, constituido Emperador absoluto, fez com o Senado a bem sabida repartição das Provincias do Romano Imperio, e nesta occasião instituiu Provincia particular a Andaluzia, que com o nome de Betica largou ao Senado, o que succedeo no anno 727. da fundação de Roma, e no 7. Consulado de Octaviano, já desde então Augusto conforme Dion Cassio, e então he que restringio, e limitou entre os rios Guadiana, e Douro a Lusitania, que de antes se extendia ao már Cantabrico, accrescentando à nova Provincia Tarraconense tudo, o que corre do Rio Douro para aquella parte.

Dio Cassius
lib. 53.

48 De forte que do tempo da dita primeira divisaõ de Hespanha em duas Provincias Citerior, e Ulterior até o sobredito, em que Octaviano Augusto a dividio em tres, Tarraconense, Betica, e Lusitana, senão acha menção alguma destas tres Provincias como taes em Historia Romana, nem que ao governo politico, e administração de cada huma dellas, se mandassem particularmente destinados, Consules, Proconsules, Pretores, ou Legados, como se manifesta do que das mesmas, e outras Historias, e ainda de Direito recopila João Vazeo.

49 E o que mais he, que tudo o que antes desta divisaõ de Augusto se denominava Hespanha Ulterior, tudo era Lusitania, que comprehendia em Regioens diversas, mas contiguas, varias gentes de nomes distintos, como Andaluzez, Turdetanos, Lusitanos, Turdulos, Pefures, Vetoens,

Vasens Chron.
nic. Hesp. C.
12. per totū,
& 13. in principio.

Vetoens, Callaicos, Bracaros, Asturianos, Cantabros da parte Occidental do Rio Ebro, e outros muitos. Bem se hia chegando a esta verdade, se nella mais reflectisse o insigne Historiador

Morales lib. 7. Cap. 8. e suas obras advertio, e tocou, que tanto Tito Livio, como os mais Escriitores Romanos ordinariamente ufavaõ do nome geral de Lusitanos, nas Addic. para fallarem de todos os da Ulterior.

7. e 8. de sua Historia.

C A P I T U L O VII.

Continua a mesma materia.

50 **C**Om igual diligencia averiguamos tambem, que Estrabaõ,

como Escriitor admiravel antes de Plinio, e dos tempos de Augusto, e Tiberio, no lugar em que disse, que a Lusitania, como Regiaõ, a cingia pelo lado Austral o rio Tejo: *Hujus regionis latus australe Tagus cingit*, em que a muitos Escriitores pareceo haver contradicãõ, a naõ havia; porque Estrabaõ, como escreveo de Hespanha (o que depois observaraõ Plinio, e Pomponio Mella) pelo que tinha sido, pelo que era, e pelo que naõ acabava de deixar de ser quanto às suas divisõens, para declarar tudo, fallou aqui da Lusitania, *qua Lusitania*, e dos primitivos Lusitanos, *qua Lusitanos*, de que pelo tempo adiante se foraõ deduzindo, multiplicando, e extendendo todos os mais Lusitanos, que com os diversos nomes já referidos occuparaõ toda a

Provin-

Strabo Geograph. lib. 3. pag. 144.

Provincia Ulterior até a divisaõ de Augusto.

51 Nisto quiz Estrabaõ singularmente pôr mayor antiguidade manifestar, que a regiaõ dos Lusitanos, *qua Lusitanos* a cingia pelo lado Austral o rio Tejo, insinuando-o do primitivo principio, e primeiro tempo, em que depois da vinda de Tubal a Hespanha, ou na occasiã della, fundou Elysa neto de Noè a famosa Cidade de Lisboa; porque a Elysa, e não a Luzo, filho, ou companheiro de Bacho, nem a Ulysses, se deve verdadeiramente attribuir a primaria fundação daquelle celebre emporio do Mundo, e a origem dos Lusitanos, *qua Lusitanos*; pois tudo o mais, que de outros fundadores se escreve, se ha de entender que foy só reedificação; e augmento, de que temos bons exemplos, e muitos bem posteriores.

52 Tratáraõ pois Estrabaõ, Plinio, e Pomponio Mella, bem entendidos, de Hespanha quanto às suas divisoens pelo que tinha sido, dividida em duas Provincias: pelo que era em tempo de Augusto (no qual, e depois escreveirão) dividida em tres: e pelo que não acabava de deixar de ser quanto à Lusitania; porque não obstante a politica divisaõ, em que Augusto a limitou no rio Douro, ainda depois por muitos annos, se ficaraõ reputando da mesma Lusitania varias povoaçoes, e Cidades, que della tinhaõ sido nas Provincias de Entre-Douro, e Minho, e Galiza; e por esta razão se acha no Martyrologio Romano, e outros escritos, mencionada Braga repetidas vezes, como Cidade da Lusitania; e pela mesma he, e foy sempre Matozinhos

tozinhos, hum dos antigos lugares della; o que não especificamos aqui com evidentissimas provas, por não fazermos a digressão muy larga.

53 Mas já se manifesta, que chegando, como chegava a antiga Lusitania, pelo Septentrião, ao már Cantabrico, e fontes do rio Ebro, e tendo os Cantabros, Asturianos, e mais povos occidentaes desta parte, entre outros ritos, e costumes, a Cruz por brazaõ, e por armas, que dentro dos limites da mesma Lusitania teve origem a veneraçãõ della, e ainda ao mesmo tempo, que nas outras Provincias do Mundo era a Cruz affrontoso patibulo, a veneravaõ os Occidentaes Hespanhoes, como portentoso final de seus esclarecidos triunfos.

54 Por todo o referido, e por varias razoes de conjectura verosimel, porque já deduzimos antiquissimos principios à Cidade do Porto com o seu primitivo nome de *Cale*, attribuindo-os aos tempos de Tubal, e Noè: reparando a respeito deste em affirmar Josepho, que vivera 950. annos, 350. delles depois do diluvio, que huma das razoes, porque Deos permittira taõ larga vida aos primeiros Patriarchas, fora para poderem conseguir a certeza das Artes inventadas, como a Astronomia, e Geometria, das quaes não podia haver sciencia completa em menos de 600. annos, espaço, de que diz o mesmo Josepho, chamar-se anno Grande.

55 Disto inferimos a primeira vinda de Noè a Hespanha, não só a conduzir a Tubal, e suas familias para a renovação della aos 100. ou 130. annos do diluvio; mas tambem com elle

elle Japhet , e seus filhos , e outros Principes , e Cabeças de familias , antes de passarem às Provincias , que lhes estavaõ destinadas , a verem , e experimentarem no Occaso o Sol , e os movimentos celestes , de que já estavaõ no Oriente com grande observação instruidos , e poderem conseguir deste modo sciencia completa daquellas Artes , que reconheciam precisas , visto que tambem para isso lhes permittia Deos as vidas tão largas.

56 E como neste Occidente tinha tambem Noé para observar a Hesperia Vespertina , em que desde a creação do Mundo estava Hespanha symbolizada , e na Cruz da sua insignia , como penacho della , a nossa Lusitania , região Occidental , de que por virtude da prophetica benção , lançada a seu filho Japhet , haviaõ de hir os Portuguezes seus descendentes , no tempo pela Divina Providencia destinado , levar aos Orientaes tabernaculos de Sem a Fé Catholica , visto como tambem a Noé foraõ revelados os mysterios do Nascimento , e Paixaõ de Christo , os quaes bem mostra o Doutor Manoel do Valle de Moura annunciou antes do diluvio aos mortaes , que pereceraõ nelle , bem de tudo se inferre a primeira vinda deste Santo Patriarcha a Hespanha , e não menos o motivo da segunda.

Genes. 9. 27.

*Dout. Moura
de Incantat.
Opuscul. I.
sect. 3. Cap.
4. a n. 14. à
pag. 493.*

CAPITULO VIII.

Prosegue-se a mesma materia.

57

A Respeito de conjecturar a segunda vinda de Noé, e com sua

mulher Vesta a Hespanha, com reflexão advertimos dizer o Padre João Bussieres da Companhia de JESUS, resumindo no fim da vida deste Santo Patriarcha os seus trabalhos, que elle, para que ninguem desejasse muito os Imperios, morrera, como particular, privado delles: *Sed nequis imperia nimium arderet, privatus obiit Noé Sanctissimus.* E como do sagrado

*P. Bussieres
Floscul. Hist.
Areola. 2. in-
fine pag. 11.
& 12.*

Genesis. 9. Texto, e tambem de Josepho só consta, que elle morrera, sem declararem onde, e não haja fundamento certo, para dizer com Cedreno, e menos com Beroso, que aponta o Padre Fr. João de Pineda, que elle fallecera em Italia, e fora sepultado em Armenia, fica lugar ao discurso de ponderar neste ponto o mais verosimel.

29.

*Josephus de
antiquit. lib.
1. Cap. 3.*

58 Porque supposto entre os muitos nomes, que a Noé attribuirão com notavel confusão os Antigos, fosse hum o de Jano, e deste digaõ commummente os Mythologicos, Poetas, e varios Escritores, que reinara em Italia, delles mesmos se colhe haver entre Jano, e Noé huma grandissima differença; pois dizem, que admittira Jano em sociedade no governo daquelle Reino a Saturno, por este lhe ensinar, e a seus Vassallos, semear, e cultivar as terras, e as

vinhas

vinhas; donde se manifesta bem não ser este Jano, o Patriarca Noé, que foy o primeiro, que depois do diluvio, de tudo deu documentos, como he bem notorio.

59 Mayormente, porque o referido Padre *P. Bussières* tratando do Patriarca Noé, poem a sua morte no anno 2606. da criação do Mundo, e mencionando o reinado do Jano com Saturno em Italia, lha affina entre os annos de 2700. e 2741. do mesmo Mundo, com mediação de mais de hum seculo. E assim por huma, e outra razão manifesto, não haver sido este Santo Patriarca o Jano; que na Italia reinou com Saturno, e que nesta parte houve confusão grande entre os Escritores; e não haver tambem, pelos mesmos fundamentos certeza, de que Noé fallecera em Italia, e se sepultàra em Armenia.

60. Mas ainda dado que Noé houvesse de antes reinado particularmente em Italia (sendo que não consta tivesse especial Imperio, mais que o universal do mundo, em quanto o soberbo Nembròt se não arrogou o particular, a que deu principio em Babylonia) como o largasse, querendo acabar em descanço, parece não havia para isso Provincia mais retirada, e mais propria, que a nossa Lusitania, que he verosimel escolheria por todas razoens já ponderadas, e acompanhando-o precisamente sua mulher Vesta, instituir ella em Lisboa, pelos mesmos motivos, a Religião de Virgens, que em memoria do seu nome se chamàraõ Vestaes, de que são claros vestigios, os que doutamente refere Luiz Marinho de Azevedo, e não em Italia,

como

Marinho de Azevedo. Fundac. e Antig. de Lisboa lib. 2. à C. I.

*Macedo Eva
e Ave 2. part.
Cap. 2. n. 7.*

como por authoridades de Pineda , e Matute fundadas em Berozo, ponderou o Doutor Antonio de Soufa de Macedo.

61 Concluindo-se , por tudo , que dentro dos limites da antiga Lusitania foy por permissão Divina o Real escudo de Portugal na insignia de Vesta ideado em attenção à Cruz , com que na creação do Mundo se adornou a Vespertina Hesperia , e tiveraõ sempre estas Regioens Occidentaes por Braço , e por Armas: Labaro singularmente pelo Ceo confirmado no apparecimento da sagrada Imagem de Christo em Matozinhos , e depois no campo de Ourique restabelecido , para desempenho das gloriosas emprezas a Portugal destinadas , tanto antes , como depois do Univerfal Cataclysmo.

CAPITULO IX.

Trata-se do apparecimento do braço da Veneravel Imagem do Senhor de Bouças ; com averiguação do dia , mez , e anno , em que foy descoberto.

62 **V**isto já com a probabilidade possível , e por taõ admiraveis circumstancias bem fundada , que em tres de Mayo do anno 124. do Nascimento de Christo apporrou em Matozinhos a Veneravel Imagem do Senhor de Bouças , e das mesmas tradiçoens confite,

te ; que muitos annos estivera com a falta de hum braço, sem poderse averiguar atègora quantos foraõ , e do numero 50. que tambem havia gravado no Padraõ da praya referido , temos conjecturado , que tantos foraõ os annos , em que a veneraçã Catholica desenganada de que não admittia outro effigiado supplemento , o sentia , em quanto não teve a celestial consolação, de que, com igual prodigio, apparecesse o proprio no mesmo sitio , resta ponderarmos o anno , o mez , e o dia deste memoravel successo.

63 Quanto ao anno , sendo elle aos cincoenta do apparecimento da soberana Imagem , como este havia sido em tres de Mayo do de 124. do Nascimento de Christo , ficou sendo o da milagrosa invenção do braço o de 174. do mesmo nascimento : e pelo que respeita ao mez , e ao dia deste segundo portento , visto que do primeiro se comprova a tradição , de que fora em tres de Mayo do anno 124. pela solenne procissão , que em tal dia costuma fazer-se ao maritimo sitio , em que succedera ; da mesma forte por costumar solemnizar-se a festa mais plausivel deste Senhor na segunda Oitava do Espirito Santo , se colhe , que no dia , em que no anno de 174. cahio esta Oitava , que pelo calculo mais ajustado foy em terça feira 25. de Mayo daquelle anno , por nelle ter sido a Dominga de Pentecoste a 23. do mesmo mez , que nesse dia de segunda Oitava este braço apparecera.

64 E como por taõ raro prodigio , ficou integralmente completo este Divino Artefacto , foy tal o prazer , e o jubilo dos Catholicos , que
per-

porisso o ficaraõ solemnisando com propria festa no dia de segunda Oitava do Espirito Santo, e sempre nella, posto que mudavel, pelo ser tambem na Igreja a celebridade do Pentecoste, de que he accessorio, e cahio em 23. de Mayo naquelle anno. Circunstancia he digna de attençaõ, e advertencia, que tanto hum, como o outro apparecimento succederaõ ambos em terça feira, porque tal foy o dia do primeiro, em tres de Mayo do anno de 124. em que, por ser Bissexto, corria Dominical affixa áquelle mez a letra B.

65 Da mesma forte o dia do segundo apparecimento foy tambem em terça feira segunda Oitava do Espirito Santo, que no anno de 174. segundo depois de Bissexto, em que foy Dominical a letra C. cahio em 25. de Mayo. Naõ he de menos consideraçaõ a circumstancia de haver sido tambem terça feira o dia de tres de Mayo do anno de 326. em que Santa Helena descubrio em Jerusaleem a Cruz sagrada, por ser nelle Dominical a letra B. razãõ porque já notamos, que o apparecimento do Senhor de Bouças na Lusitania fora feliz presagio, e antecipado annuncio, daquelle apparecimento na Palestina, sendo assim admiravelmente correspondentes nestas diarias circumstancias, de Matozinhos as prerogativas.

66 Prodigioso tem sido para este lugar o mez de Mayo, e mais plausivel dos antigos, tanto por nelle se terem admirado, e visto os referidos portentos, quanto pelo novamente alli succedido tambem em Mayo do anno de 1726.

em que andando huma afflicta mulher fazendo novena ao Senhor no Padraõ do sitio, em que havia apparecido, para alcançar remedio divino, pelo não ter achado humano, a huma enfermidade, que padecia no rosto, lhe occorreo ao pensamento hum dia desejar, e pedir agoa, com que lavasse aquella mancha; e lavrando por mão propria, e com Fé viva ao pé do Padraõ huma pequena cova, de repente lhe brotou della o liquido cristal, que applicou á queixa; e repetindo nos seguintes dous dias a mesma diligencia, conseguiu, não só a melhora, que desejava; mas o ser perenne aquella fonte, que o ficou sendo atégora de correntes claros prodigios em milagrosos effeitos.

67 Neste prodigio he de notar com assombro, que manou, e mana esta fonte admiravel por cinco partes, dispostas em fórma de huma Cruz perfeita, para que o Mundo reconheça, que da soberana Imagem de Christo alli apparecida, lhe procede a virtude, em tanta copia, que por mais agoa que continuamente se lhe tire, está sempre na mesma enchente com abundancia de graças, quaes experimentaõ, não só a immensidade de Romeiros, que todos os dias a ella concorre; mas quantos enfermos de varias, e distantes partes mandaõ procuralla. E teve tambem esta milagrosa fonte a circumstancia, de que principiando o devoto impulso, e ardente supplica da mulher necessitada em Domingo 19. de Mayo do dito anno, tiveraõ seu pleno effeito na terça feira 21. do mesmo; e por tudo ficou sendo o dia de terça feira para Matozinhos sempre notavel.

68 A diligencias de duas mulheres permittio Deos ostentar em Matozinhos dous singulares prodigios , hum o da invenção do soberano Braço , quando já se suppunha , e por experiencia constava , não haver humano remedio a supprir da sua falta o defeito ; outro romper aquella fonte nunca vista , nem esperada , nas miudas areas de hum esprayado terreno. A primeira bufcando nos desperdicios do mar arrojados com que desse calor a remir seus defabrigos , achou bem casualmente o portentoso braço , que suppondo sem reflexão despedaçado lenho , o lançou entre outros repetidas vezes no fogo , donde em todas saltando fóra , e accudindo aos clamores do feu affombro os visinhos , se acrisolou o desengano , e purificou o conhecimento, de que era o penhor desejado.

69 A segunda desejava , e pedindo a Deos agoa na mesma parte (como no deserto a pedio Moysés) com que desse cura à sua queixa , a descubrio tão salutifera , que como em fonte de agoa viva , conseguiu o que pertendia. Prodigio se faz à ponderação notavel , que pelos elementos do Fogo , e Agoa , que são sempre os mais activos , manifestasse Deos naquella praya dous piedosos portentos , mais benigna , e suavemente , do que foy o da agoa no diluvio , e será o do fogo no juizo.

CAPITULO X.

Profegue-se a materia do assumpto, com outras antiguidades dignas de advertencia.

70 **M**Anifesto a luzes do defengano o Divino Braço, affirma a antiga tradição perpetuamente constante, que fora em solenne procissão conduzido ao sagrado Templo, em que, cincoenta annos havia, estava a soberana Imagem em Religioso deposito, e que milagrosamente se lhe unira em fôrma, que nem parecia haver-lhe faltado, nem ficara indício algum (fôra da tradição) de qual era, o de que a sagrada Imagem havia apparecido diminuta. Prodigio tão raro; que porisso, e pela precedente circumstancia, de não haver admittido outro artificial supplemento, além de algumas clarezas adjacentes, que escureceo a mobilidade dos seculos, se corrobora bem a tradição, nas principaes circumstancias invariavel, de haver sido Nicodemus o seu piedoso Artifice.

71 Escritor houve, e de boa nota, qual *Faria.Noche* o nosso Manoel de Faria, e Souza, que affirmou, *claras. 1. p.* que tambem o primeiro apparecimento deste *Noc. 2. Pal.* Senhor naquella praya fora visto, e annuncia- *3. pag. 119.* do por huma mulher, que, qual outra Magdalen na Resurreição de Christo aos Discipulos, o noticiára em Matozinhos aos Catholicos; e assim feria,

feria, para que succedesse tudo com admiravel proporção da figura ao figurado.

72 Nem pareça incoherente à chronologia dos tempos da primitiva Igreja o dizer-se, que tanto o Senhor de Bouças, como o seu Braço foraõ levados em procissão ao Templo; porque o uso das procissões, e dos templos, principiou logo com a mesma Igreja por instituição Apostolica, como entre outros bem mostraõ Lourenço Beyerlinch, e o Padre Fr. Jeronymo Roman; ainda que entãõ não fossẽm com a magnifica pompa, que depois tudo foy tendo pela paz universal da Igreja, em que a constituiu Constantino Magno.

Beyerlinch. Teatr. vit. hum. tom. 6. tit. Processio. pag. mihi 630. & tom. 7. tit. Templū a pag. mihi 35. à Not. G. Roman Rep. del Mundo tom. 1. Rep. Christ. lib. 4. Cap. 1.

73 É notou bem Beyerlinch, por authoridade de Eusebio, que tanto antes disso tinhaõ Igrejas por toda a parte os Catholicos, que assim se manifestava dos editos dos Emperadores, em pertenderem demolillas, especialmente Diocleciano, e ainda mais no que aponta de Alexandre Sevèro, que na mesma Roma permittio havellas, e teve vontade de nella erigir a Christo hum templo, como delle affirmaõ Lampridio, e Alexandre Ab Alexandro; advertindo Lampridio, que tambem de Hadriano se dizia o mesmo, e que para isso ordenára, que em todas as Cidades se edificassem templos sem Imagens algumas, insinuando que a Christo os queria dedicar todos, o que não teve effeito por infames razoens de estado advertidas dos consulentẽs, para que com taõ geral permissãõ se não fizessem os pòvos todos Catholicos.

Lampridius in Alexand. Sever. Alexander ab Alex. lib. 6. Genial. C. 14.

74 Não deixou porẽm o Emperador Alexandre

xandre Severo de particularmente venerar a Christo em feu Oratorio, como delle escrevem Lampridio, e Alexandre ab Alexandro, manifestando-se assim, que se as Igrejas no Gentilico Romano Imperio não eraõ totalmente permittidas, foraõ sempre bastantemente dissimuladas, e feitos com mais particularidade, e menos pompa os cultos dellas; sendo que com boa, e luzida decencia, como por authoridade de Santo Agostinho refere Baronio. Aqui advertimos que desta materia de Religiaõ tratamos sómente em commum as noticias, que são precisas ao presente assumpto, porque a individuação da antiga Disciplina Ecclesiastica da Lusitania he proprio emprego do doutissimo Academico Real D. Francisco de Almeida, a cujo esclarecido talento fegeitamos, quanto neste particular escrevemos.

*Raronius An-
nal.Ecc.tom.
1.annoChris-
ti 58. pag.
mibi 623. n.
59.*

CAPITULO XI.

Continua a mesma materia.

75 **E**Ntre os apontados Escretores deste assumpto, seguindo a Mariz, diz o Reverendissimo Doutor Antonio Coelho de Freitas, depois de referir a invenção da Soberana Imagem do Senhor de Bouças, que collocada ella na Igreja pelos Catholicos, detenganados estes, de que não admittia diverso supplemento ao braço, que lhe faltava, lhe instituirão Confraria, fizeraõ festas, e determinãrão solemne procissão em o dia de sua invenção mi-

*Coelho de
Freitas Trat.
do Senhor de
Matozinhos
cap. 4. pag.
16. e 17.*

lagrosa, que se celebra todos os annos, em tres de Mayo, ao lugar onde o mar o lançou, em que levantáraõ padraõ em memoria daquella felicidade.

76 Não parece haver na Chronologia dos tempos repugnancia formal, em que logo aquelle padraõ se erigisse, e depois por algumas vezes se reformasse; nem em que a procissão ao lugar do apparecimento, no dia delle, se instituisse; porque já de muito antes temos visto o quanto a sagrada Cruz era venerada, e conhecida na Lusitania, e muito mais desde os primitivos principios da Igreja Catholica, em que tambem as procissoens com Religioso culto se profeguião.

77 Mas parece havella, em que logo entãõ se lhe instituisse a Confraria mencionada; porque supposto dos antigos moradores de Matozinhos possa entender-se, entre os mais, este culto, por haver sido o primeiro lugar das Hespanhas, que universalmente recebeu a Fé Catholica; com tudo, como não consta que naquelles principios se praticasse o haver Confrarias, parece posterior a instituiçaõ desta, mayormente não havendo mençaõ dellas nas antigas Historias Ecclesiasticas.

78 Parece-nos precisa esta advertencia, para que os leitores menos versados daquelles doutos dous Escritores entendaõ, que elles fallãraõ neste sentido, querendo insinuar que a instituiçaõ da Confraria do Senhõr de Bouças era das mais antigas da Lusitania, e modello talvez de todas, as que a seu exemplo se instituisseni em Hespanha; porque das de leigos na

Italia affirma Carlos Sigonio tiveraõ principio no anno de 1233. chamado porisso anno de geral devoção.

Sigonius de Regno Italie l. 17. pag. mi-
bi 45.

79 E supposto que o Padre Joaõ Gabriel Bisciola da Companhia de Jesus no Epitome dos Annaes de Baronio diga, tratando da perseguição, que contra os Catholicos continuara Trajano nos principios do seu Imperio; tempo em que affirma era florentissimo o estado da Igreja, e os templos dos Idolos se viaõ quasi extintos, que se prohibiraõ os Collegios, que explica pelas palavras Latinas: *Collegia; seu sodalitia*; não se deve entender da dição *sodalitia*, que eraõ Confrarias, da forte que se usaõ agora; mas sim as particulares juntas dos Fieis, que entaõ se praticavaõ, e se sustentavaõ em commum, o que propriamente significava a palavra *Sodalis*.

P. Bisciola Ep. Annal. Baronii anno Christi 100. pag. *mibi* 71.

80 Por esta razão o mesmo Padre Bisciola continuando a tratar daquella fatal perseguição, nomea por este termo cabeça do Christianismo ao Pontifice Saõ Clemente I. que entaõ foy de Roma desterrado: *Princeps Christiani sodalittii*; e nesta occasião padeceraõ nella, e nas Provincias do Romano imperio muitos Martyres; crescia porém com tudo em progressos a Igreja Catholica, como a palma, que quando opprimida, mais exaltada.

81 Nem pareça poder-se attribuir a impericia dos Escultores daquelle tempo, o não fabricarem braço, que acertasse a supprir a falta, do de que a Veneravel Imagem do Senhor de Bouças appareceo diminuta, porque como entaõ florescia em Hespanha toda a policia de Roma,

he certo, que em todas as faculdades houve nas nossas Provincias homens insignes, e muitos com esplendor, e affombro da mesma Roma, como pelas Historias he bem manifesto.

82 Sendo de advertir aos que não cultivão muito a lição historica, que toda a barbaridade, e tosca grosseria, que depois se introduzio, tanto na lingua Latina, e seus caracteres, como nas esculturas, e outras artes, que entendem antiquissimas, procedeo posteriormente do dominio dos Godos, continuado no dos Arabes, em que se acabou de preverter tudo; e assim foy prodigio especial da Providencia Divina não permittir se acertasse em supprir aquelle defeito, em quanto não chegava o tempo pela mesma Providencia disposto, a que o proprio braço viesse a ser o mais abonado testemunho de haver sido Nicódemus o insigne Escultor deste soberano portento.

C A P I T U L O XII.

Satisfação a algumas duvidas com averiguação do antigo uso das Imagens de Christo Crucificado.

Espinola Esc.
col. Decur. 3.
part. Decur.
6. lic. 9. n.
276.
P. Fernandes
Alma instr.
tom. 1. cap. 3.

83

A O principal, e ao mais do referido poderá mover alguma duvida o dizerem absolutamente o Padre Doutor Fr. Fadrique Espinola na sua Escola Decurial, e o Padre Manoel Fernandes da Companhia de Jesus

Jesus na sua Alma irstruida , que principiara a pintar-se , e a esculpir-se a Christo na Cruz em publico do tempo de Constantino Magno , porque de antes se pintava , ou esculpia hum Cordeiro , ou outra figura , das que significavaõ a Christo , até o 6. Concilio Constantinopolitano , em que pelos annos do Senhor de 880. se decretara , que em lugar do Cordeiro se pintasse , ou esculpisse a Cruz , e Imagem de Christo Redemptor , e Senhor nosso , fundando-se ambos na unica authoridade de Lyrano , que apontaõ.

84 E como disto poderá resultar algum apparente argumento de que mal podia no anno de 124. apparecer em Matozinhos a Veneravel Imagem de que tratamos , se só desde o anno de 880. e por determinação de hum Concilio , principiaraõ a praticar-se as Imagens de Christo em fórma humana Crucificado ! Não dariaõ porém tão doutos Escritores occasião a esta duvida se ainda com mediana reflexão advertissem , que do 6. Concilio Universal da Igreja , celebrado em Constantinopla pelos annos de 681. e não pelos de 880. foy muy differente o motivo.

85 Mas para desfazermos neste ponto toda a duvida , se nos faz preciso recorrer aos Concilios , que trataraõ delle. No 3. de Constantinopla , que foy o 6. universal da Igreja , celebrado pelos annos de 681. e no Pontificado de Santo Agahon , conforme Severino Binio , Lourenço Beyerlinch , e Guilherme Burio , senão tratou cousa alguma pertencente às Imagens sagradas , por ser congregado sómente contra os Herejes Monothelitas , que em Christo não admittiaõ

Binius in Cõcil Constant. 3. & 6. univ. Beyerl. Teat. Vit. hum. tom. 2. tit. Concil. pag. mihi 334. Not. B. Burius Not. Rom. Pontif. in Ilenchose. 3. pag. 337.

mais

Carranza mais que huma operaçãõ, e huma vontade.
sum. Concil. 86 E supposto que Bartholomeo Carran-
da impress. za, não obstante reconhecer algumas difficulda-
de Salam. des, depois de tratar daquelle 6. Concilio geral,
do anno de se resolveo ajuntar-lhe 102. Canones, que traz
1549. à p. copiados, fundando-se em parte em achar alguns
mibi 376. & delles mencionados no Decreto de Graciano,
396. & 415. dos quaes o Canon 82. e a Glosa ao dito Decre-
Decretum to, e tambem Pierio Valeriano na traducçãõ La-
de Consecrat. tina do mesmo Canon, ainda que pareça insinuã-
Dist. 3. cap. rem, que de antes senão esculpia, ou pintava
Sextam. Pie- a Imagem de Christo Crucificado; não pode por-
rius Valer. isso subsistir bom argumento contra o nosso as-
in Hyeroglif. sumpto.
lib. 10. Cap. 21. fol. mibi
75. versf. 87 A razãõ he, porque Severino Binio no
Binius in mesmo Concilio, depois de tratar largamente o
Notis ad Con- que delle foy verdadeiro, e pela Igreja rece-
cili. 6. Ecum. bido, mostra com toda a evidencia, que os di-
receptum, & tos 102. Canones, como formados muito depois
in Notis ad no mesmo Palacio de Trullo em Constantinopla,
reprobatum. são apocrifos; e não do Concilio 6. recebido;
 mas de outro diverso reprovado, e por isso cha-
 mado, para differença do legitimo: *Quinisexto*
Constantinopolitano. O que tambem, com bom
 numero de authoridades, contra o Decreto de
 Graciano, confirmaõ Lourenço Beyerlinch, e o
 Doutor Agostinho Barbosa.

Beyerlinch.
lococitat. Bar-
bosa in Coll.
ad 1. part.
Decreti Dis-
tinct. 16. à
pag. 74.

CAPITULO XIII.

Profeguese a mesma materia.

88

O

S Concilios, em que se tratou a veneração das Imagens sagradas, foraõ o 7. geral 2. Niffeno, celebrado pelos annos de 787. no Pontificado de Adriano I. e o IV. Constantinopolitano 8. geral pela Igreja recebido, celebrado pelos annos de 869. no Pontificado de Adriano II. Na oitava Acção deste se estabeleceo continuarse inviolavelmente o antigo costume da Igreja Catholica na veneração das Imagens sagradas pela mesma fórma, que já se achava decretado na septima acção do 7. Concilio geral 2. Niffeno.

89

Neste Concilio, discutidos plenamente os erros dos Hereges Iconomachos, que haviaõ perturbado aquelle culto, e averiguado ser o seu principio de tradição Apostolica, insinuado, e seguido dos antigos Santos Padres, que o praticaraõ, como S. João Chrysostomo, que usava de hum quadro, em que se via representada a destruição, que fez hum Anjo no arrayal dos Assirios em tempo delRey Ezechias: o de São Gregorio Niffeno, em que se achava delineada a Historia de Isaac, e o que mostrou S. Sylvestre a Constantino Magno com as Imagens de São Pedro, e São Paulo, por onde elle conheceo serem os mesmos, que em visãõ se lhe tinhaõ representado, além do mais que largamente se expende

pende nas Actas do mesmo Concilio ; se estebeleceo a continuação do referido culto.

*Burius in
Adriano I.
pag. 120.*

90 O mesmo se acha definido pelo Pontificio Decreto de Adriano I. que Guilherme Burio traz copiado, onde se vê determinar-se que da mesma sorte que a Cruz vivificante, assim se havia de propagar as Santas Imagens, e de qualquer materia preparadas serem expostas nos templos, nos vestidos, nos vasos, nas paredes, nas casas particulares, e nos caminhos publicos, tudo para os fins declarados no mesmo Decreto; sem que nelle houvesse clausula alguma, de que em lugar do Cordeiro se pintasse, ou esculpisse na Cruz a Imagem de Christo Crucificado; porque já desta se usava desde os principios da Igreja Catholica.

*Beyrlinch
Theat. vit.
bum. tom. 4.
lit. I. tit. Ima-
go à pag. mi-
hi 44. & à
Not. A.
Puente Con-
ven. de las
Monarch.
lib. 2. Cap.
33. vers. 3.
Baronius An-
nal. Eccles.
tom. 1. anno
Christi 57. à
n. 91. a pag.
mibi 149.*

91 E o mais que deste Decreto, e daquelles Concilios poderia colher-se, seria que as Imagens de Christo Crucificado, as da Virgem Senhora, e as dos Santos, que talvez ordinariamente se venerassem em particular, e só nos templos se esculpisssem, e se pintassem tambem com a devida congruencia nas cousas, e nos lugares publicos; sendo que tudo isto era já de piedoso, e antigo costume, como bem mostraõ Lourenço Beyerlinch, Fr. Joaõ de la Puente, Eulibio, e Baronio; e a perturbação, que nisto introduziraõ os Hereges, foy a que deu motivo aos ditos Concilios, para ser definido pela Igreja aquillo mesmo, que ella desde os seus principios já praticava.

92 He porém muito de advertir, que todas as diligencias, e determinaçoens referidas, respei-

respeitavaõ às Provincias do Oriente, aonde sómente se havia negado às sagradas Imagens o devido culto; e não consta que por aquelles, nem outros tempos houvesse temeridade semelhante em Hespanha no Occidente, nem disso se deve, ou pôde entender o disposto no 36. Canon do Concilio Eliberitano, tanto porque foy celebrado muito antes do 1. Concilio Nisseno, por este o haver sido no anno de 325. e aquelle entre os de 300. e 303. como bem mostra o Padre Frey Paulo de S. Nicoláo, tempo, em que nem ainda no Oriente passava pela imaginação aquella demencia.

93 Quanto tambem porque admiravelmente mostraõ o dito douto Escriitor, e Garcia de Loaisa, que no referido Canon se não prohibiraõ as Imagens de escultura, que os Hespanhoes veneravaõ nos templos, mas sómente as pintadas nas paredes delles, por lhes evitarem as ruinas, e irreverencias, a que entaõ estavaõ expostas, sem poderem occultar-se nas perseguicoens gentlicas; e não ha duvida que assim se manifesta dos concisos termos, e brevissimas clausulas daquelle Canon.

94 Mayormente porque do mesmo Concilio Eliberitano bem ponderado se confirma mais, serem veneradas as sagradas Imagens em Hespanha de muito antes do Imperio de Constantino Magno, e de quando nella amanheceo a luz da Fé Catholica; pois o multiplicado atrevimento de se lhe negar o devido culto só foy controvertido no Oriente, e fomentado nelle por

Emperadores Gregos, como notou Severino Bi-

P. Nicolas Antiguéd. Ecol. de Hesp. sigl.

4. à pag. 266. & 270. & 274.

Loaisa Coll. Concil. Hisp. in Eliberitano pag. mihi 39. & 30.

Binius in Notis ad Concil. Quinisextum Constantinop. reprobatum.

nio,

nio, e nunca o houve no Occidente, ainda que nelle o quizesse introduzir Miguel Balbo Emperador Grego por carta escrita a Luiz Pio Emperador Latino, e Rey de França, em que pertendeo persuadir-lho; mas sem effeito, como bem ponderou o Cardeal Belarmino; sendo que nem ainda isto chegou às Regioens Occidentaes de Hespanha.

*Belarminus
in Appendice
ad librum de
cultu Imagi-
num.*

C A P I T U L O XIV.

Prosegue-se a mesma materia, e se confirma o antigo culto das Imagens de Christo Crucificado.

95

A Razaõ porque a Igreja Catholica desde o seu primitivo principio praticou sempre o uso, e o culto das Imagens de Christo em fórma humana Crucificado, para notavel assombro, e fervoroso reconhecimento dos Catholicos, parece se colhe toda de São Paulo, que escrevendo aos de Corinto, lhes diz de si, e dos mais Apostolos, que prégavaõ a Christo Crucificado, ainda que isto para os Judeos fosse escandalo, e aos Gentios parecesse loucura: *Nos autem prædicamus Christum Crucifixum: Judæis quidem scandalum; Gentibus autem stultitiam.*

*D. Paulus
Epist. I. ad
Corint. Cap.
1. n. 23. &
Cap. 2. n. 1.
& 2.*

96 E para lhes expressar mais esta verdade, depois de lhes insinuar, que Deos escolhera as cousas reputadas no Mundo por estultas, para confundir aos sabios do mesmo Mundo, lhes af-

firma

firma não fora a elles a annunciarlhe a Christo em Sermaõ eloquente; mas sómente a Christo, e effe Crucificado: *Ecce ego cum venissem ad vos fratres, veni, non in sublimitate sermonis, aut sapientie, annuntians vobis testimonium Christi. Non enim judicavi me scire aliquid inter vos, nisi Jesum Christum, & hunc Crucifixum.*

97 Deste principio admiravel com a graça Divina procedeo sem duvida a valerosa constancia, com que em todos os seculos da Igreja alcançaraõ glorioso triumpho tantos esquadroens de Santos Martyres, quantos nella veneramos; Beyerlinch. Theat. vit. hum. tom. 2. lit. C. tit. muitos dos quaes aponta Lourenço Beyerlinch, que à imitação do Redemptor do Mundo, o confeguraõ Crucificados; celebrando com alegres jubilos em publicas palestras os seus martyrios, Cruce, Crucifixi pag. mibi 607. à Not. E. por terem a fortuna de os confegurem, do modo possivel, proporcionados àquelle exemplar soberano.

98 Digno parece de notar, em confirmação deste assumpto, que muito antes dos tempos dos referidos Concilios, em que se estabeleceo continuar-se o antigo culto, e a veneração reverente das Imagens sagradas, não só ostentou Deos grandes prodigios por meyo das de Christo Crucificado; mas foraõ estas por singulares assombros, e admiraveis portentos, com profundo acatamento reverenciadas sempre em varias occasioens, e em tempos diversos.

99 No do imperio de Trajano, e principio do segundo Seculo, computado pelo nascimento de Christo, succedeo a Conversão admiravel de Santo Eustachio, de antes Placido, Capitão Romano,

mano, que andando à caça lhe appareceo entre a armação da fêra, que perseguia, a veneravel Imagem de Christo Crucificado, que soy o celestial motivo de se fazer Catholico, e conseguir, já no Imperio de Adriano, o glorioso triumpho, que referem os Martyrologios Romano, e de Ufuardo, Pedro de Natalibus Bispo Equilino, Simão Mayolo, o Padre Pedro de Ribadeneira, e Lourenço Beyerlinch.

Martyrolog. Rom. & Ufuardi apud Molanum. die 20. Septembri.

Equilinus

Catal. Sanct. lib. 4. C. 22.

Mayolus Die-

b. Canic. col.

21. pag. mihi

895.

Ribadaneira.

Flos Sanct. 1.

part. mez de

Septembro p.

mibi 652.

Beyerlinch.

Theat. vit.

hum. tom. 3.

lit. F. tit. Fi-

des. à Not. E.

& lit. E. tit.

Episcopus p.

mibi 238. à

Not. B.

100 Outro caso refere o mesmo Beyerlinch de Santo Huberto, filho de Bertrando Duque de Aquitania, que sendo ainda Gentio, e retirado da tyrannia de Ebronio na Provincia de Austrasia, andando na Diocesi Tungrense della em Sexta feira da Paixão à caça, lhe succedeo semelhan-te prodigio, com tão admiravel portento, que sendo por celestial annuncio encaminhado ao Bispo Lamberto, e porelle catechizado, recebido o sagrado Bautifmo, se portou pela conversão tão perfeito, que depois no anno de 698. lhe succedeo no Bispado.

C A P I T U L O XV.

Profegue-se com mais individuação a materia do precedente.

101

MAs porque os dous casos referidos só mostraõ particulares prodigios da Divina Providencia por Imagens de Christo na Cruz em visões representadas, recorraamos à demonstração de outras humanamente

te

te esculpidas; e seja a primeira a da Imagem do mesmo Senhor Crucificado, venerada na Cidade de Berito na Syria, huma das attribuidas ao artificio de Nicodemus, que além de constar haver sido transportada de Jerusaleem para aquella Provincia da Asia nos tempos de Tito, e Vespasiano, se fez em todo o Mundo conhecida pelo successo admiravel, de que achando-a casualmente os Hebreos cultores da Synagoga, e representando contumazes nella todas as affrontas, que sabião haverem seus predecessores executado no Redemptor do Mundo até a ultima lançada no Calvario, brotou do effigiado peito, com assombro dos perfidos executores, sangue, e agua em grande copia, com que fazendo, para mais dezengano, aspersões em seus enfermos, e vendo-os remediados, ficou tambem a olhos vistos curada a sua cegueira, na fórma que entre muitos refere o sobredito Beyerlinch, e apontaõ os Martyrologios Romano, e de Uzuardo nas Adições de Molano.

*Beyerlinch.
Theatr.vit.
hum.lit. I. tit.
Imago. pag.
mibi 55. a
Not. C.*

102 Este notavel portento affirma Carlos Sigonio, que succedera no anno 766. da Redempção humana, que são 21. antes do 7. Concilio Geral 2. Niceno, e foy hum dos casos, que referido com lastimosa narraçãõ por Santo Athanasio aos Padres delle, deraõ motivo ao estabelecido na septima Acçaõ sobre a adoraçãõ das Imagens Sagradas; e assim manifesto que de muitos séculos antes, e ainda antes de Jerusaleem ser por Tito assolada, havia Imagens de Christo em fórma humana Crucificado.

*Martyrolog.
Roman. &
Ufuardi die
9. Novemb.
Sigonius de
Regno Italie
lib. 3. pag. mi-
hi 81.*

103 No Reinado de Athanagildo Rey Go-

Garibay. Cõ-
pend. Histor.
de Hesp. lib.
3. Cap. 19.
Venero En-
chirid. de los
tiempos fol.
mibi 131.

vers.

Tholosanus.
de Republ. lib.
12. Cap. 13.
n. 29. pag. mi-
bi 784.

P. Fernandes
Alma instr.

tom. 2. cap. 1.

Reposta à
Pergunta 94

pag. 13.

Sigonius. de
Regno Italic.

lib. 4. anno

804. pag.

101. & lib.

8. ann. 1048

pag. 204.

Ilhescas. Hist.

Pontif. lib. 4.

Cap. 28. vi-

da de Leão

III. fol. mibi

188.

Boethius.

Hist. Scotor.

lib. 9. fol. mibi

166.

Pineda. Mo-

do em Espanha pelos annos do Senhor de 555. af-
firmaõ Eitevaõ de Garibay, e Fr. Alonfo Venero,
que hum Hebreo atrevido, em odio da nossa
Santa Fè Catholica, vendo a hum devoto Cruci-
fixo, lhe arrojara hum dardo, que dando no
peito da veneravel Imagem, brotara delle verda-
deiro Sangue, portento de que admirado, e con-
vencido confessara o aggressor no supplicio, a que
fora condemnado, que morria convertido. Prodi-
gios semelhantes referidos por Guaguino menciona
Pedro Gregorio Tholozano.

104

Deste Sangue, e do da veneravel
Imagem de Christo em Berito, e de outras do
mesmo Senhor em semelhantes casos, referidos
por Baronio, sente o P. Manoel Fernandes da Com-
panhia de JESUS, ser o que por sangue de Chris-
to se venera em varias partes do Mundo. O que
se guarda na Cidade de Mantua, de que dà teste-
munho Carlos Sigonio pelos annos de 804. e a que
se renovou prodigiosamente o culto pelos de
1048. afirma Ilhescas procedera de outra Ima-
gem de Christo Crucificado, a que em Antioquia
fizeraõ os Judeos semelhante dezacato ao que ti-
nhãõ feito à de Berito na Syria, e que elle mes-
mo o vira, e adorara.

105

De Convallo Rey de Escocia pelos
annos de 568. escrevem Heytor Boccio, e Frey
João de Pineda, que nas jornadas, que fazia, leva-
va sempre diante huma Cruz de prata, com a
veneravel Imagem de Christo Crucificado nella, a
que com toda a sua comitiva, fazia reverente
adoraçãõ quando marchava; e sendo certo que
este Principe falleceo no anno de 578. o fica tam-
bem

bem sendo que muito antes dos Concilios, em *narch. Ecel.* que se estabeleceo a adoração das Imagens Sa- *lib. 28. cap.* gradas, se praticava entre os Catholicos a de Chri- *37. §. 3.* to Crucificado.

CAPITULO XVI.

*Continua a mesma materia com indivi-
duação da antiga veneração das Sa-
gradas Imagens em Espanha.*

106 **M**As sem recorrermos a outras Pro-
vincias, temos da sobredita ver-
dade bem ponderada, evidentissimas provas na
nossa Lusitania em quantas antiquissimas Imagens
de Christo Crucificado foraõ descubertas, e ve-
neradas nella, de quando principiaraõ a fer ex-
pulsos os Mouros de Espanha, que em todo o tempo
de seu tyranico dominio estiveraõ occultas, quaes
entre outras muitas, a do Senhor denominado
d'Alem, que se venera na Sé do Porto, não pes-
cado em rede, como mal informado escreveu o
Licenciado Jorge Cardozo; mas de entre bre-
nhas descuberta pelos annos de 1140. na fórma
que bem relata o Padre D. Nicoláo de Santa Ma-
ria Choronista dos Conegos Regrantes.

*Cardoso.
Agiolog. Lu-
sit. tom. 3. co-
ment. a 10.
de Junho lit.
A. pag. 625.
P. S. Maria
Chronic. dos
Coneg. Regr.
lib. 12. cap.
18. n. 2.*

107 A do Salvador venerada no Conven-
to deste nome de Religiosas Dominicadas da Cidade
de Lisboa, sendo esta aos Mouros conquistada
pelo inclito Rey D. Affonso Henriques, e descu-
berta entaõ em hum vesinho bosque, da qual

Sousa Hist. de S. Domin- gos 2. part. lib. 1. Cap. 2.

entre outros, escreve o Padre Fr. Luiz de Sou-
sa; e he de notar que na mesma occasião, e no
mesmo sitio foy achada outra veneravel Imagem
da Virgem Senhora nossa com a do Menino JESUS
nos braços, na mesma fórma, que a denomina-
da da Sylva na Sè do Porto, e destas, e outras
muitas, a que se faz difficuloso descobrirse a ori-
gem, adverte o Padre Antonio de Vasconcellos ha-
ver muitas veneradas por Portugal, e Castella
em Templos, que antecedem aos mais de todo
o Mundo, o que a respeito da da Senhora do
Pilar em Caragoça, doua, e largamente mostra
o Illustrissimo D. Manoel Caetano de Sousa dignis-
simo Censor, que foy da Real Academia.

Vasconcellos. Descript. Regn. Lusit. à pag. 532. & pag. 562 Illustr. Sou- sa Expedit. Hispan. S. Jacobi per totum.

108 E proseguindo no que respeita a So-
beranas Imagens de Christo Crucificado, se faz
digna de attenta ponderação, a que prodigiosa se
venera na Villa de Valhelhas do Bispado da Guar-
da, por ser huma das occultas no tempo da in-
vasão dos Mouros nestas Provincias, e de que fa-
zem menção gloriosa o referido Padre Antonio
de Vasconcellos, o Licenciado Jorge Cardozo,
o Padre Fr. Fernando da Soledade, e outros Es-
critores. O mesmo parece podemos com reflexão
entender de outras muitas Imagens Sagradas, que
na representação mostraõ antiguidade excessiva,
pelas quaes, em varios tempos, ostentou Deos
grandes, e admiraveis prodigios em diversas par-
tes da felicissima Lusitania.

Vasconcellos loco citato pag. 561. Cardozo Agiol. Lusit. tom. 3. a 8. de Junho pag. 583. Soledade Hist. Serasc. 4. part. lib. 5 Cap. 2. pag. 596. & n. 1028. & n. 1032.

109 Destas mencionaremos sómente algu-
mas, que por admiraveis circumstancias podem
servir a todo o Mundo de assombro, qual a que
em Santarem, de largos seculos, ainda conserva
desprega-

despregados da Cruz os braços , em prodigioso abono de hum fiel testemunho , pelo caso que referem Pedro de Mariz , Fr. Leão de Santo Thomaz , e Fr. Miguel Pacheco. No antigo Mosteiro de S. João das Donas em Coimbra , com reverentes cultos se venera outra Sagrada Imagem de Christo Crucificado, de que o Chronista Regrante affirma , que fallara a huma Religiosa. Da do mesmo Senhor , que no Convento de S. Francisco de Alanquer praticava familiarmente com o Santo Fr. Zacharias, fazem piedosa memoria o P. Fr. Manoel da Esperança , e Jorge Cardozo. De outras muitas de Christo , e da Virgem Senhora trataõ copiosamente as nossas Historias com evidentes vestigios de serem veneradas em Espanha, dos principios da Igreja Catholica.

110 E sendo certo , que a invasão dos Mouros em Espanha foy pelos annos 714. do nascimento de Christo , e já entã eraõ antigas , e por milagrosas nella veneradas todas as Sagradas Imagens , que em tão funesta occasião embrenharaõ os Catholicos , o fica tambem sendo , que naõ só antes dos Concilios Geraes 7. e 8. referidos , em que pelos annos de 787 , e 869. se mandou continuar o Religioso culto das mesmas Imagens , as havia na Cristandade , e entre ellas muitas de Christo Senhor nosso em fórma humana Crucificado ; mas serem estas frequentemente praticadas na Lusitania , á imitação talvez da do Senhor de Bouças , tanto nos principios da Igreja em Matozinhos apparecida , e por tudo mais comprovada a tradiçãõ , que o certifica.

111 Da mesma fórte se adoraraõ sempre

Maris Hist. do S. Milagre de Santarem Cap. 8 Fr. Leão Benedict. Lusit. tom. 2. trat. 2. part. 5. Cap. 9. pag. 367. Pacheco Vida de la Infanta D. Maria lib. 2. Cap. 6. fol. 104. & vers. D. Nicolao de Sancta Maria Chron. dos Conegos Regrants lib. 12 Cap. 6. an. 3. Esperança Hist. Seraf. 1. part. lib. 1. Cap. 16. n. 4. Cardozo Agiol. Lusit. tom. 3. comment. a 3. de Mayo lit. F. pag. 61.

s veneráveis Imagens da Soberana Virgem Má y de Deos, especialmente com a do Menino JESUS nos braços, de que permanecem muitas, e bem milagrosas em nossas Provincias, que forão nellas occultas pela mesma invação dos Arabes, e depois da sua expulsão manifestas, como he vulgar nas nossas Historias, e praticando-se tambem todas as mais Imagens de Salvador, de Cordeiro, de Pastor, e outras, em que Christo Senhor nosso pelos passos de sua vida, Paixão, e morte he representado, se manifesta, que tudo identicamente se praticava antes dos ditos Concilios, sem que nelles houvesse alteração, ou mudança em continuar-se a effigiar, e a esculpir as Sagradas Imagens universalmente, para que em toda a parte, e por todo o modo servissem aos Fieis de prototypo, e ao Mundo todo de exemplo.

112 Concluindo-se finalmente que se enganou muito nesta parte o Autor, a que sem reflexão seguirão o Padre Manoel Fernandes, e o Doutor Espinola, e não poder haver argumento algum, que encontre a verdade da tradição antiquissima de haver apparecido em Matozinhos a veneravel Imagem de Christo Crucificado no anno 124. do seu nascimento, nem as que ha piamente recebidas de outras Imagens do mesmo Senhor, que além desta se attribuem ao artificio de Nicodemus.

CAPITULO XVII.

Do inteiro credito , que se deve dar às tradições uniformes , e bem autorizadas , e do tempo que a Christo Senhor nosso superviveo Nicodemus.

113 **S**Endo pela dilatada ferie de mais de dezeseis seculos estabelecida a

fempre incorrupta, permanente, e invariavel tradição de que Nicodemus, aquelle Varaõ insigne, a que o Euangelista Aguiã deo o sublime epiteto de Principe dos Judeos, e sobretudo o mesmo Christo o de Mestre de Israel, fora o piedoso artifice da veneravel Imagem do Senhor de Bouças, se nos segue agora mostrar manifesta, e comprovada, não só a muita antiguidade desta Imagem Sagrada; mas tambem a certeza de que a Igreja Catholica praticou sempre o uso, e reverente culto de Imagens de Christo Crucificado, e ponderarmos que a tradição referida, pelas sobreditas circunstancias, he digna de todo o credito, confirmando-a juntamente pelo tempo, que a Christo Senhor nosso superviveo Nicodemus.

Joan. Cap. 3. I. 10.

114 De semelhantes tradições pias fizeraõ sempre tão grande apreço os mais atalizados Escritores, que pelas suas authoridades sempre veneraveis devemos assentar nas mesmas verdades, em que elles assentaõ, seguindo nisto o

Baronius Annal. Ecel. in locis ex Indice notis verb. Traditio. Traditiones.

Maris Hist. do S. Milagre de Santarem Cap. 6 Berganza Antig. de Hespanha. I. part. lib. I. Cap. 10. n. 139. pag. 59. P. Nicolaf. Antig. Eccl. Hespanha. sigl. I. cap. 5. pag. 19. indisputavel exemplo da Igreja Catholica pelas tradições dos Santos Padres: mas porque seria excessivo individuar o numero de quantos geralmente abraçaraõ este piedoso, e acertado projecto, apontaremos sómente em particular alguns, que nelle foraõ dos mais attentos, quaes o Cardeal Cezar Baronio, os PP. Pedro de Maris, Fr. Francisco de Berganza, Fr. Paulo de S. Nicolao, Joaõ Gabriel Bisciola, e com muitos o Illustriissimo P. D. Manoel Caetano de Soufa na sua admiravel obra da Expedição de Santiago em Espanha.

115 Mas nem só os Catholicos, porque tambem os Gentios de nome mais celebre, ainda que sómente com o lume da razaõ illustrados, mas doutiissimos, praticaraõ o mesmo, como de Quintiliano, Plataõ, e Plutarco aponta Pedro de Maris no lugar referido, e do que de Aristoteles escreve Luiz Marinho de Azevedo, e dos Lacedemonios, Athenienses, Romanos, Persas, Caldeos, e outras gentes affirma Lourenço Beyerlinch; que tambem trata das tradições doutamente, e de quanto no gremio da Igreja, antes della, e fóra della as observaraõ sempre, o que he communmente assentado entre os mais bem intencionados Criticos. De fórte que havendo tradição, nada mais se procura, pelo sabido proloquio: *Traditio est, nihil quaras.*

116 Supposto, pelo referido, o inteiro credito, que devemos dar à tradição, de que Nicodemus fora o piedoso artifice da veneravel Imagem do Senhor de Bouças, vejamos historicamente as razões de congruencia, em que a mesma

mesma pôde sem repugnancia alguma estabelecer-se , para o que havemos de assentar primeiramente , que Nicodemus , a que os Ecclesiasticos Escriutores nomeaõ Discipulo occulto de Christo, fundados no que delle refere o Sagrado Texto, superviveo ao mesmo Senhor tempo largamente sufficiente , não só a poder esculpir a Sagrada Imagem , que em Matozinhos se venera , mas todas as mais , que se lhe attribuem.

hum. tom. 7.
lit. T. tit. Tra-
ditio. pag.
mibi 185.

Joan. Cap.
3.

117 Bem digno he de notar-se , que o Bispo Equilino , tratando de Nicodemus , depois de referir o mesmo , que os mais Escriutores , que tocaraõ este ponto , affirma , que maltratado elle pelos Judeos gravemente , o recolhera Gamaliel a huma sua herdade , em que por muitos dias o sustentara , e que morrendo , o sepultara no mesmo sepulcro , em que havia muito tempo fora Santo Estevaõ sepultado: *Gamaliel verò ipsum collectum in possessionem suam Gapharga mala extra civitatem adduxit , & ibi ipsum diebus pluribus refovit. Qui tandem in Christo obdormivit , & sepultus est à Sancto Gamalielle in ejus sepulchro , ubi , & corpus Prothomartyris Stephani jampridem fuerat tumulatum.*

Equilinus
Catal. San-
ctor. lib. 4.
Cap. 3.

118 O mesmo Gamaliel na relação , que milagrosamente fez ao Presbytero Luciano , e refere Baronio , no que affirma fizera a Nicodemus , vestindo-o , e sustentando-o até o fim da vida , em que o sepultara no mesmo lugar , onde havia sepultado a Santo Estevaõ , insinua bem o quanto elle a Christo , e ao Santo Prothomartyr supervivera: *Tum ego Gamaliel , quasi persecutionem pro Christo passum , sustuli cum in meum agrum ,*
& al.

Baronius
Annal. Eccl.
tom. 1. anno
Christi 35.
n. 290. pag.
mibi 287.

& alvi, & vestivi usque ad finem vita ejus; & defunctum honorificè sepelivi juxta dominum Stephanum. Nisto concordão sem discrepância todos os Escretores, que pelo abonado testemunho de Luciano referem a invenção dos veneraveis corpos de Santo Estevão, Nicodemus, Gamaliel, e Abibon em 3. de Agosto do anno 415. da nossa Redempção; e o confirmaõ os muitos prodigios nella succedidos.

119 De maneira, que sendo Santo Estevão martyrizado sete mezes depois da vinda do Espirito Santo, na melhor opiniaõ expendida por Baronio, e muitos, se fosse certa a de que padecera martyrio sete annos depois de ordenado Diacono, e sendo dahy a muito tempo Nicodemus sepultado no mesmo sepulcro, em que o dito Santo o tinha sido, mediando entre hum, e outro enterro, tempo, e annos sufficientes a verificarse, que Gamaliel o vestira, e sustentara de todo o necessario, não só muitos dias, mas até o fim da vida, bém se segue, que a Christo Senhor nosso superviveo Nicodemus tempo superabundante a poder formar as Sagradas Imagens, que lhe são attribuidas.

CAPITULO XVIII.

Das Sagradas Imagens, que a pia tradição affirma que obrara Nicodemus.

120

NA supposição indubitavel da fupervivencia de Nicodemus, que Maris vida de S. João Sabagum I. part. cap. 9. a fol. 44. vers. tambem affirma Pedro de Maris na vida, que del-
le rezumio, colhida dos Escriitores, que aponta, se lhe atribue, como sem duvida, o artificio de quatro Imagens de Christo, que formara no retiro daquella herdade de Gamaliel, em que vivia occulto, sem mais emprego, que este piedoso exercicio, tanto pela grande capacidade, que delle certifica o Sagrado Texto, quanto para ficarem no Mundo por huma tal testemunha de vista repetidos retratos dos finaes extremos, que o mesmo Senhor obrou no Calvario pela redempção de genero humano, e pudeffem servir de exemplares, aos que depois houvesse de formar a devoção Catholica em piedoso estimulo do mais profundo, e reverente agradecimento.

121

São as quatro Imagens: a de Berito na Syria: a de Luca em Italia: a de Burgos em Castella, e a de Matozinhos na Lusitania. De todas Maris dit. I. part. a cap. 8. & a fol. 40. dá bastantes noticias Pedro de Maris já referido, e tanto elle, como os muitos Escriitores, que tratáão de cada huma dellas, e outros, que apontão, se fundão principalmente na tradição de largos seculos universalmente recebida, e comprovada pelos grandes prodigios dos tempos de suas inven-

invenções continuados de serem obradas por Nicodemus accumulando cada qual quantas razões lhes pareceraõ congruentes a fazerem não só provaveis; mas com evidencia certos os seus assumptos.

122 E supposto que ao mesmo artificio de Nicodemus, se attribua tambem a Imagem de Christo Crucificado, que se venera na Cathedral de Orense em Galiza, como não podemos achar atégora Escriitor, que ex professo trataffe desta materia, mais que a Rodrigo Mendes Sylva, que a toca, e ignoramos as circumstancias, em que se funda, e será talvez em tradiçãõ antiga com prodigios confirmada, pela sua authoridade a referimos; e em tal caso seriaõ cinco as Imagens de Christo por Nicodemus esculpidas, ou em mysterioso emblema das cinco Chagas, fontes principaes do nosso remedio, ou em feliz presagio, não só das quatro Partes do Mundo já descubertas, mas tambem da quinta que se espera descobrir, argumento de que largamente trata o insigne P. Antonio Vieyra.

Mendes Sylva Poblac. general de Hespa. Descrip. del Reyno de Galicia Cap. 5. fol. 226.

P. Vieira Hist. do Futuro lib. Ante primeiro.

123 Misteriosa circumstancia parece, que tanto a tradiçãõ inveterada, e de muitos seculos universalmente recebida, como a conformidade uniforme de tantos, e tão gravissimos Escriitores, quantos tocaraõ esta materia, assentem sem descrepancia que Nicodemus fora o artifice das Imagens referidas. Sendo bem digno de reparo, que havendo muitas outras na Christandade bem antigas, e prodigiosas se lhe não attribuaõ! Singularidade admiravel; mas disposiçãõ talvez da Divina Providencia em abono da tradi-

tradição , e dos eicitos , que por ella fazem esclarecidos os talentos de seus Autores , manifesta a supervivencia de Nicodemus , e o piedoso exercicio , em que se occupava , formando exemplares do mayor estimulo à devoção Catholica , continuada felizmente nos seguintes seculos.

124 Não parece menos digna de attenção , e de reparo a circunstantia , de que havendo sido Joseph de Arimathea igualmente Discipulo de Christo , e fiel companheiro de Nicodemus nas finezas do Calvario , e do Sepulcro , e sendo Gamaliel , e outros muitos tambem Discipulos , e não menos piedosos , só a Nicodemus attribuaõ a tradição , e doutissimos Escriitores fundados nella , a fabrica especial de veneraveis Imagens do Divino Mestre , e estas com taõ raro artificio , que ainda agora , como sempre , infundem vistas , quaes as referidas , hum reverencial temor , e taõ entranhavel respeito , que quantos o experimentaõ , reconhecem não haver humanos termos a poder explicallos , por mais que os exagerem os em que se achaõ escritos.

125 Procederia esta singularidade de permissaõ admiravel da Divina Providencia , em benigno premio do religioso culto , e fervoroso zelo , com que Nicodemus se empregou sollicito em guardar reverente , e recolher cuidadoso os despojos do descendimento da Cruz , e enterro de Christo , porque delle affirma Daniel Malonio , que depois da Resurreiçaõ do Senhor ajuntara com grande diligencia , os lenços , ligaduras , e mais instrumentos da Paixaõ Sagrada , e que

*Malonius ad
Caput. I. Pa-
leoti. de Stig-
matibus n. 13.*

e que pela grandeza de engenho de que era do-
tao, formara em madeira huma Imagem de Chri-
sto à semelhança da que no Sudario ficara impres-
sa: *Hic post Christi Resurrectionem linteamina, ac
reliqua Christi Passionis instrumenta, summa cum
diligentia collegit, atque ob ingenii magnitudi-
nem, qua pollebat, Christi imaginem ex ligno,
ad similitudinem ejus, quam Christus in linte-
amen impresserat, dicitur efformasse &c.*

126 Parece de notar neste ponto, que
Imagem formada pelo divino molde, em que o
Autor da vida deixou vivamente impressas as
sombrias admiraveis da sua morte, fahiria affom-
bro tal, que esta, e as mais copias deduzidas
da mesma Idéa, causassem, e cauzem os prodi-
giosos effeitos, e estupendos prodigios, que de
todas, e qualquer dellas se experimentaõ no
Univerſo continuamente; mayormente porque
pela mesma tradiçaõ prosegue a concluir o refe-
rido Malonio, que Nicodemus guardara, e tive-
ra em seu poder o Sagrado Sudario: *Sacram que
sindonem apud se servasse.* Donde se colhe não
só a supervivencia deste Varaõ insigne, mas tam-
bem nella, tempo de repetir por qualquer mo-
do o admiravel artificio do seu emprego.

*Malonius lo-
co supra. cit.*

CAPITULO XIX.

Profegue-se a mesma materia , e se toca o que pòde entenderse de Imagens attribuidas a S. Lucas.

127 **D**O Euangelista S. Lucas duvidarão alguns Escriptores, e modernamente o Padre Fr. Diogo Jacinto Serry, que pintasse Imagens de Christo, e da Virgem Senhora, não obstante a tradição desde o nono século continuada, fundado principalmente, em que o Santo fora Medico, e não Pintor, e haver controvérsia entre os antigos Padres sobre a primeira Religião do mesmo Santo, se fora Judeo, se Gentio; além de que as Imagens, que se lhe attribuíam, as não conhecera a mayor antiguidade, e por isso se não achavam mencionadas nas Actas do septimo Concilio Geral 2. Nisseno; sendo que não parecem estes argumentos, e outros, que forma, tão fortes, que não tenham solução muy facil, o que por hora não controvertemos.

128 Mas só notamos, que o não se mencionar no 2. Concilio Niceno algumas das Imagens attribuidas a S. Lucas, como argumento negativo não faz força; além de que nelle se não podia mencionar quantas já naquelle tempo tinha propagado a devoção Catholica em todo o Mundo, tanto, porque seria processo muy largo, quanto, porque, nem de todo se acharão Padres naquelle congresso formado no Oriente, e não ser para isso facil
haver

*Fr. Jacobus
Hyacinthus
Serry Exercit.
tat. Hist. Critic.
Exercit.
47. à pag.
323. à n. 8.*

haver nelle individual noticia de todas as Imagens Sagradas, que se veneravaõ em taõ diversas, como remotas partes, quaes as dilatadas Provincias do Occidente, nem isto parece fundamento sufficiente a delvanecer só por si a tradiçaõ, de que S. Lucas pintasse as Soberanas Imagens, que se lhe attribuem, e fosse ao mesmo tempo, que Medico de profissãõ, Pintor de curiosidade.

129 Menos parece poder obstar, que na supposiçaõ de que S. Lucas fosse de naçaõ Hebreo; era a elles prohibido o pintar, ao menos Imagens em formas humanas, o que no rigoroso sentido da prohibiçaõ só era no tempo da Ley escrita, e o não continuou a ser na Ley da Graça, que pela morte, e Ascençãõ de Christo teve principio. Mayormente porque o mesmo Padre Serry segue, que S. Lucas não fora Hebreo, mas Gento, natural de Antioquia na Syria, e ainda que pudesse verificar-se, que quando S. Paulo o convertera, e o chamara, elle não tinha visto; nem a Christo, nem a Virgem Senhora para poder propriamente delinearlos, comtudo, assim como elle só por informaçãõ dos Apostolos escreveu o seu Evangelho approved por S. Paulo, sem prezenciar as suas materias, e são de Fé, tambem pela mesma informaçãõ podia delinear aquellas pinturas, e serem perfectas.

130 Nem tambem parece poder com formalidade arguir-se, que as Imagens attribuidas a S. Lucas, pela diversidade de suas especies, e de suas fórmas, mostrem, ou insinuem não serem da mesma mão, e do mesmo pincel; porque além de que não haviaõ de ser obras todas em hu-

huma occasião, e ao mesmo tempo, esta variedade se experimenta, e experimentou sempre, não só no artificio, mas na mesma natureza, que em tão immensa formação de creaturas, nenhuma sahe a outra totalmente parecida; com que não parecem as referidas objecções sufficientes a fazerem duvidar que S. Lucas pintasse algumas Imagens Sagradas, nem obstar à tradição disso que desviados della o omitissem por equivocação, ou por amontoado discurso Simão Metaphrastes, e Nicephoro Calixto em seus escritos.

131 Aqui se nos offerece ponderar (e poderá também servir a confirmar o uso das Sagradas Imagens na Igreja Catholica desde os seus principios) que o referido Padre Serry entende que as Imagens da Virgem Senhora com o Menino JESUS ao peito principiaraõ a praticarse do tempo, em que no Concilio Ephesino pelos annos de 430. ou 435. foy condemnada a heresia de Nestorio, para que também o vulgo rude, e simples ficasse sensivelmente pela representação conhecendo expressa na Senhora a maternidade do Divino Verbo, por consistir o heretico dogma daquelle Hereziarcha, em affirmar que Christo assim como tinha duas substancias, havia também nelle duas personalidades, que fazião dous Christos; hum, que era Deos, e Filho de Deos, e outro, que era Homem Filho da Virgem Santissima.

132 Como porém esta execranda blasfemia tinha principio do Hereziarcha Ebion, que entrou a movella no anno 74. do nascimento de Christo, o qual affirmava, que o Filho da Virgem

*P. Serry. loco
Supra n. 8. p.
323.*

P. Bonucci.

Epit. Chrono-

log. lib. 3.

Cap. 6. n. 5. a

pag. 344. 6

n. 6. pag. 346

Acta Apostol.

Cap. 15.

gem MARIA fora puro homem, como por testemunho de Santo Ignacio Martyr refere o Padre Antonio Maria Bonucci, erro, que já trazia origem de Cerintho, ou Querintho, hum dos que por authoridade de Santo Epiphanio, diz o mesmo Escriitor levantaraõ em Antiochia o motim, que molestou bem a S. Bernabè, e S. Paulo, e menciona o Sagrado Texto. E o mesmo erro proseguiraõ os Nicolaitas no 1. seculo, no 2. Basiliedes, e outros Hereges: alguns no 3. e no 4. Arrio, Photino, e outros, condemnados todos em varios Concilios antes do Ephesino, parece se póde considerar mais antigo o preservativo a tanto absurdo.

133 E sendo por isto evidente, que já do tempo do Hereziarcha Cerintho, ou Querintho, hum dos que no anno 49. occasionaraõ em Antiochia contra S. Bernabè, e S. Paulo o motim referido, teve origem a negação da Divindade de Christo em abatimento da regalia da Virgem Senhora, que do principio da Igreja Catholica era adorada, e reconhecida por Máy ineffavel de Christo, e S. Lucas fiel companheiro de S. Paulo parece com fundamento *in re* bem verosimil, que entaõ pintasse, não só Imagens, que persuadissem o elevado daquella maternidade; mas ainda em outras especies de suas acções soberanas, e por isso em diversas fórmas, e por todas estas circumstancias manifesto o antiquissimo uso das Sagradas Imagens, tanto de Christo, como da Senhora na primitiva Igreja.

CAPITULO XX.

Pondera-se mais a mesma materia em abono, e confirmação do arteficio de Nicodemus.

134

NÃo parece poderem-se formar semelhantes argumentos contra o artificio de Nicodemus. Naõ, o de naõ serem conhecidas na mayor antiguidade Imagens de Christo por elle formadas; porque a de Berito com o titulo de ser obra de Nicodemus, foy mudada de Jerufalem para a Syria dois annos antes de ser por Tito affolada aquella grande Cidade da Palestina, sendo por isso a sua mudança no anno 72. da redempção humana, e aos 38. da Payxaõ de Christo; e tambem aos 90. da mesma, e 124. do nascimento, jã fica visto aportou a de Bouças em Matozinhos, aonde de entaõ se venera com semelhante titulo, e tradição antiquissima de ser por Nicodemus obrada.

135

Muito menos se póde formar argumento, de que Imagens de Christo por Nicodemus esculpidas, naõ fossem no 2. Concilio Niceno mencionadas; porque por relação de Santo Athanasio se ouviu nelle com affombro o prodigio admiravel da sobredita da Cidade de Berito na Syria, que por haver succedido em tempo proximoamente antecedente, foy alli manifesto, e naõ houve naquelle acto semelhante motivo, para se mencionarem nelle outras Imagens delineadas pelo mesmo Artifice, nem se mencionariaõ pela

mesma razaõ que fenaõ mencionaraõ as pintadas por S. Lucas.

136 E posto que Nicodemus fosse, como era de naçaõ Hebreo, já naõ militava nelle depois da morte de Christo, a razaõ de lhe ser prohibido esculpir Imagens do Divino Mestre, de que fora discipulo, como fica ponderado; mayormente permitindo o mesmo Senhor (como he verosimil) que as formasse para ficarem fervindo de piedosos exemplares aos Fieis Catholicos do que por todos tinha obrado atè consumir na Cruz a redempçaõ do Mundo, e pudesse igualmente tanto o sabio, como o rude simples vulgo, ter sempre patentes ao conhecimento, de tanto beneficio os admiraveis extremos, e para a devoçaõ reverente fervorosos estímulos.

137 Mysteriosa nos parece seria a causa de que os retratos attribuidos a Nicodemus, sendo todos de Christo Crucificado, e obrados pelo mesmo artifice, sahissẽ na esculptura ao parecer em algumas circumstancias, diversos, como se colhe do que de Matozinhos temos visto, e dos mais achamos escrito, para que por todos os modos ficasse no Mundo o Redemptor delle representado, tanto elevado no Calvario, como descido da Cruz depois de morto; porque o de Berito, e o de Matozinhos saõ daquelle Senhor, em fõrma humana, mas ignominiosamente, como servo crucificado; e o de Burgos, quando se achou, foy na figura de morto, e da Cruz descido; e o de Luca na representaçaõ de Rey, e Senhor, posto por nosso amor no patibulo pela razaõ talvez, que refere Baronio.

Baronius Annal. Eccl. tom. II. ad ann. Christi 1099. a. n. 40.

138 E supposto que o de Burgos de muitos annos a esta parte se venera na Cruz pendente, foy porque os Religiosos Heremitas de Santo Agustinho daquella Cidade, quando a feu poder caegou milagrosamente este Sagrado penhor, lhe mudaraõ a figura, que representava de Christo morto, e da Cruz descido, na do mesmo Senhor nella Crucificado, pois de huma, e outra fórma foraõ estas veneraveis Imagens em suas invenções descubertas, como affirmaõ Pedro de Mariz, e todos os mais Escriitores, que historiarão dellas, e nestes termos a variedade destas figuras não induz diversidade no Artifice dellas, para poder duvidar-se que o mesmo as formasse todas.

139 Reparamos em qual seria a razão de permitir a Providencia Divina, que de duas uniformes Imagens de Christo Crucificado, ficasse huma na Syria Provincia da Asia no Oriente, e viesse logo a outra para a Lusitania Provincia da Europa no Occidente! E parece conjecturar que por ter destinado a mesma soberana Providencia, que da Lusitania no Occidente haviaõ de hir os Portuguezes ao Oriente arvorar o estandarte da Redempção humana, como expressamente se declarou na visão admiravel do Campo de Ourique, dispoz que deste só depois visto, e conhecido progresso, ficasse constituhido aquelle divino final em hum, e outro extremo.

140 E ainda que a Syria não seja taõ situada no extremo Oriental, como o he no Occidental a Lusitania; com tudo sendo Provincia da mayor Asia da mesma fórte que o saõ, entre outras, a India, e a Palestina, e por isso Regiões Orien-

taes, ou por essa razão, ou tomando-se a parte pelo todo, parece poder verificar-se proporcionada a relação de hum ao outro extremo, se já não fosse, que o ficar a Imagem de Christo Crucificado mais na Syria, do que em qualquer das ultimas Provincias do Oriente, o dispuzesse assim a Divina Providencia para o fim admiravel da conversão de tão copioso Judaismo, que depois succedeo na Cidade de Berito, pelo prodigioso caso já referido.

C A P I T U L O XXI.

De alguns sinaes evidentes, que além da tradição manifestaõ ser a Imagem do Senhor de Bouças de Matozinhos obrada por Nicodemus.

Malonius. loco supra ad caput I. Palesti de stigmat. n. 13.

141 **D**Aniel Malonio no lugar affirma apontado, tendo referido que Nicodemus fizera huma Imagem de Christo à semelhança da que no Sagrado Sudario ficara impressa, affirma tambem por igual tradição, que no meyo da mesma Imagem collocara alguns memoriaes instrumentos da Payxaõ de Christo: *In cujus medio Christi sanguinem, alia que memoranda Passionis Christi instrumenta collocasse dicitur.* Donde se colhe, que aquella Imagem na parte mais grossa de seu continente havia de ter sufficiente vaõ a nelle poderem recolher-se alguns instrumentos memoriaes da Payxaõ de Christo, para por este modo poder verificar-se, que no meyo della os collocara.

142 E vista com attenção a Veneravel Imagem

gem do Senhor de Bouças em Matozinhos, he certo ser ella por dentro escavada da cintura àtè os ombros pela parte posterior, que porisso se acha cerrada a formar-lhe as costas de materia, que parece pano artificialmente conglutinado, e por algum especial aromatico ingrediente de corrupção defendido; sendo de advertir, que como os Escriitores, que particularmente trataram da Imagem de Berito, e da de Luca, não tiveram noticia da de Matozinhos, e nem os que della escreveram, fizeraõ menção desta circumstancia, talvez que pela mesma fosse a Veneravel Imagem do Senhor de Bouças a primeira, que Nicodemus formara, e com capacidade de recolher no bojo della alguns memoraveis instrumentos da Paixão de Christo, que Malonio aponta: o que por já não ser necessario em qualquer das outras Imagens depois fabricadas, não terãõ talvez este requisito, e quando o tenham, repartiria Nicodemus por ellas os taes instrumentos.

143 Nem pareça poder haver difficuldade em que Nicodemus, que ajudou a amortalhar o Corpo de Christo, guardasse com attenção alguns instrumentos da Payxão Sagrada; pois de todos os que serviraõ ao grande mysterio da nossa redempção, por authoridades de S. Gregorio Turonense, e do Veneravel Beda, affirma Baronio que com summa diligencia foraõ guardados, e que Nicodemus fosse executor desta piedosa diligencia, seguindo ao Autor do Suplemento dos Chronicoes, o refere Malonio, termos, em que como a portentosa Imagem do Senhor de Bouças fosse obra com tal artificio, que no meyo della pu-

Baronius An-

nal. Eccl. tom.

1. anno Chri-

sti 34. n. 116.

pag. mibi

215.

Malonius. ad

Caput 2 Pale-

oti. de Stig-

mat n. 2.

desse Nicodemus fazer deposito das Reliquias, que descreve Malonio , fica sendo esta circumstancia manifesto sinal; não só de que a esculpira, mas de que talvez fora a primeira das que fabricara, e confirmada assim a tradiçãõ desta piedosa fineza.

144 Notavel tem sido entre os Escriptores a controversia de quantos foraõ os Cravos, com que na Cruz foy pregado o Salvador do Mundo. Que com quatro, affirmãõ muitos; e que com tres não poucos, havendo por huma, e outra opiniaõ Santos Padres, e Doutores, que doutamente refere o Padre Academico Fr. Manoel de S. Damazo na sua Verdade Elucidada: ambas declaradas por provaveis, e pela Igreja admitidas, permitindo a Magestade Divina estas, e semelhantes controversias pelos altissimos fins, que no lugar referido expende o mesmo Academico, e como por esta razaõ fica livre o assentir piedosamente a qualquer dellas, nos inclinamos à primeira por vermos, que a Veneravel Imagem do Senhor de Bouças se acha com quatro cravos na Cruz pregada.

145 Mais nos inclinamos à opiniaõ de haverem sido quatro os cravos pelas admiraveis razões, que em abono della expendeo o Padre Graveson seguindo-a tambem, e parecem irrefragaveis, e ser demais verosimil, que o odio Judaico para duplicar a Christo com mais extensaõ os tormentos, lhe haviaõ de prégar os pés, como tinhaõ prégado as mãos com dois cravos, não obstante entenderem, e nisso se fundarem os da outra opiniaõ, que mayor fora o de serem pregados com hum unico cravo; porque disto

P.S. Damazo.
Verdade
Elucidada
Elucidac. 14.
à §. 5. à n.
469. & a p.
254. & n.
458. p. 262.

Graveson. de
Vita Christi
tom. 2. Dis-
sert. 20. Pa-
ragraph. 2.
p. mibi. 81.

fó rezultava, que sendo mais grosso faria, mas ao mesmo tempo, mayor, e mais violenta a ro-
tura, e ainda isso seria particularmente no pè so-
breposto, e não que foise, como no outro caso,
em dobradas accoës repetido, e assim reduplica-
tivamente penoio.

146 Aquelle grande Oraculo Lisbonense o *P. Sylveira*
Padre sylveira nos seus Comentarios ao Evangeli- *Coment. in*
co Texto, referindo huma, e outra sentença, *Evang.*
conclue a dos tres cravos em dizer que a favo- *tom. 5. lib. 8.*
rece a frequente pintura de Christo Crucificado, *Cap. 13.*
que vem a ser ao uso commum, mas moderno, *Quest. 7. a n.*
posto que já antiquado; e finaliza a dos quatro *58. & a pag.*
cravos em affirmar, a corroboraõ as antiquissimas *551.*
Imagens do mesmo Senhor, que se conservaõ em
S. Pedro, e S. Joaõ de Latraõ em Roma, e na por
Nicodemus esculpida, que se venera em Luca,
e outra na Igreja de S. Miguel de Lovayna, e que
por taõ graves fundamentos parecia mais prova-
vel esta sentença, mas que diria se visse a de Bou-
ças em Matozinhos, que não vio, como a não
viraõ outros dos nossos Escriitores, que tratando
della o fizeraõ, por esta razaõ, com alguns er-
ros, como adiante veremos?

147 De maneira, que sendo o nosso Padre
Sylveira de tanta, e taõ grande authoridade, que
com justo, e honorifico applauso, he respeita-
do, e reconhecido até dos Escriitores Estrangei-
ros, e tendo elle por mais provavel a sentença de
que Christo fora na Cruz com quatro cravos cru-
cificado corroborando-a pelos repetidos exempla-
res das antiquissimas Imagens, que nesta fórma
em diversas partes se veneraõ, especialmente a de

Luca

Luca por Nicodemus effigiada , fica sendo esta notavel circumstancia final evidente, de que a de Matozinhos fora por elle obrada , visto acharse tambem com quatro cravos na Cruz esculpida, e por isso ser verdadeira copia fielmente tirada do modo com que no Calvario foy realmente crucificado o Redemptor do Universo.

C A P I T U L O X X I I .

Prosegue-se a mesma materia do Capitulo precedente.

148

ADvertimos porém , a respeito da Imagem de Christo, que com

Malonius. ad Cap. 19. Pa- quatro cravos se diz venerarse na Igreja de S. João *leoti n. 9.* de Latraõ em Roma, afirmar o referido Malonio que elle, e outros fogeitos, com especial diligencia foraõ a vella, e lhe naõ divisaraõ esta circumstancia ; mas como ella se verifica nas que se veneraõ em Matozinhos , e em Luca , se manifesta claramente serem ambas , naõ só mais antigas ; mas por Nicodemus formadas, e legitima a tradiçaõ , que assim o abona, e sendo quatro, ou cinco as que ao seu artificio se attribuem, com evidencia se colhe serem ellas soberanos exemplares , das que se acharem antigas por este modo delineadas.

P.Serry Exercit. Hist. critic. Exercit. 59. n. 6. pag. 373. & 374.

149 Opiniaõ foy tambem de alguns Santos Padres, e Doutores , que Christo na Cruz tivera taboa , ou madeiro supposto, em que firmasse os pès, e que nelle lhe foraõ cravados. Esta seguiu em critica moderna o Padre Serry , fundado em

fe

se dever dar mayor credito aos Santos Padres, que a declararaõ, por haverem illustrado a Igreja antes de Constantino Magno, atè o qual usaraõ os Romanos dar aos culpados de Cruz o supplicio, que em reverencia do Redemptor do Mundo prohibio Constantino; como porèm do tempo da morte de Christo, ao do Imperio daquelle Monarcha mediaraõ quasi tres seculos, e na Romana Republica se praticava o dito supplicio pelos varios modos, que refere Justo Lipsio, e *Justus Lipsius de Cruce.* nem de todosteriaõ noticia aquelles Padres; mayormente, porque outros igualmente Santos, e antigos, seguirãõ rumo diverso, fica lugar à ponderaçãõ de inclinar-se a qualquer parte.

150 O doutissimo Padre Sylveira breve, e admiravelmente resolve a questãõ, e fundado em boas intelligencias do Sagrado Texto, e revelaçãõ especial de Santa Brigida, assenta que não teve Christo na Cruz suppedaneo madeiro, nem outra cousa, que lhe sustentasse o pezo, mais que os cravos, donde tambem se manifesta, que foraõ quatro. Por outra revelaçãõ da mesma Santa, que refere Malonio, consta o mesmo, e tambem que supposto os verdugos, para Christo subir à Cruz, e o crucificarem nella, fizeraõ degrãos de taboas até o lugar, onde haviaõ de ser pregados os pés, com tudo que finalizado aquelle acto, tanto elles, como os soldados assistentes as apartaraõ logo velozmente da Cruz, ficando esta só arvorada, e alta, e o Senhor Crucificado nella. Nesta fórma sem madeiro supposto se acha na Cruz pregada a Veneravel Imagem do Senhor de Bouças em Matozinhos, e havendo sido

P. Sylveir. in Euangel. tom. 5. lib. 8. Cap. 13. Quest. 7. a n. 55. & a pag. 551.

Malonius de Stigmatib. ad Cap. 6. Palco-ti n. 8.

Nico-

Nicodemus testemunha de vista naquella grande tragedia, e tendo do Senhor feito piedosos retratos, fica sendo esta circumstancia hum dos sinais evidentes de haver formado Imagem tao prodigiosa.

P. Serry. Exercit. 54. n. 4. p. 378.

151 Na questao do modo porque Christo foy Crucificado no Calvario, escreve o ditto Padre Serry por common sentir dos Santos Padres, que fora totalmente nu. Ora quem tivera sufficiente discurso a ponderar, se seria este horroroso tormento aquelle dezemparo, de que a paciencia admiravel de Christo chegou a queixarse ao Eter. no Pay no Calvario! Daniel Malonio, o nosso Padre Sylveira, e muitos Santos, e Doutores, por revelacao feita a Santa Brigida, affirmao occorrera hum fogeito, e lançara a Christo huma toalha, com que ficara cuberta aquella parte, que a pura decencia nao permitia manifesta. Nao consta quem fosse o Executor daquella accao piedosa; mas disso, e das circumstancias da occasiao parece colherse teria Christo no dezemparo do Calvario foccorro semelhante, ao que teve na agonia do Horto; mayormente venerando-se ainda entre as reliquias da Payxaõ sagrada aquelle lenço, de que ficou manifesto final no Sudario.

Malonius. loco supra. ad cap. 6. Paleotti n. 1. P. Sylveira. loco supra. Quest. 5. n. 36.

152 De sorte que no Calvario foy a nudeza de Christo foccorrida com aquelle lenço, que a cubrilla se lhe lançara, e vista a Veneravel Imagem do Senhor de Bouças em Matozinhos, parece acharse representado nella todo o referido caso, por estar cuberta (e assim foy feita) na mesma parte que Christo o esteve por aquelle foccorro com huma toalha, da qual huma pon-

ta lhe chega até quasi de hum palmo affima do pé esquerdo, como casualmente cahida da cintura, e sem final algum de ligadura, com que fosse preza, de que se colhe, que por não haver sido a do divino original anteriormente atada nelle, e ferlhe depois por acção impulsiva lançada, teve lugar de descer abaixo pela parte esquerda aquella ponta, e tudo manifesta evidencia, de que Nicodemus, que assim o vira, formara esta Imagem Sagrada a representar vivamente, ainda as miudas circumstancias do que na morte de Christo succedera.

153 Muito tem a piedosa attenção que admirar nesta primitiva toalha, com que a Veneravel Imagem do Senhor de Bouças por Nicodemus foy feita; mas primeiro advertimos, se enganarão muito nesta circumstancia pela não verem Pedro de Mariz, e o Padre Joseph Pereira Bayão, que o tresladou no que deste particular escreveo; pois dizem, com manifesto engano não ter este Senhor toalha cingida; mas em lugar della hum pano de tella de ouro; porém este adorno he sobreposto à primitiva toalha, no que não ha duvida, e tambem pela mesma razão se enganarão em afirmar, que os pès, que na Cruz se achão immediatamente pregados com dous cravos, o estavaõ em huma taboa pequena atravessada, porque a não tem, nem teve em tempo algum, e menos final de haver tido suppedaneo madeiro, como fica ponderado.

Maris. Hist. de S. João Sabagum I. part. Cap. II. fol. 60. vers. Bayão Portugal Glorioso lib. 3. pag. 199.

154 Tem pois de admirar a piedosa attenção, que parccendo esta toalha esculpida da mesma materia, de que o fora a Imagem sagrada, o

não

Coelho de
Freytas Trat.
do Senhor de
Matozinhos
Cap.8. p.32.

naõ he ; mas fim de lenço em tal forma , pela primaria encarnação unido , que necessita de bem miudo exame para conhecello. Isto experimentou já o Reverendo Doutor Antonio Coelho de Freytas , como elle refere , e nós agora movidos desta noticia , com reverente diligencia procuramos se fizessem na nossa presença dous exames , em hum dos quaes assistio pessoalmente o Reverendo Diogo Barbosa Machado Abbade de Santo Adriaõ de Sever , e Academico do numero da Academia Real , que com hum Prothonotario Apostolico , e outro Sacerdote , reconhecemos ser realmente de pano a referida toalha , sendo prodigio admiravel , naõ ter corrupção alguma em tanta repetição de largos seculos , e mostra ser preparado com a mesma conglutinação do pano das costas , e por isso igualmente perduravel.

C A P I T U L O X X I I I .

Continua a materia dos Capitulos precedentes.

155 **C**Om particular admiração notamos , que a preciosissima Chaga do lado se acha tão natural , e na demonstração tão fresca , como se ainda agora fosse na Veneravel Imagem delineada , e em corpo humano aberta , por representar propriamente ser mais violenta rotura de cruel lançada , que artificioso golpe de limada escultura , por ter apparencias de carne rasgada , e rota a forças da violencia , e naõ de golpe entalhado por mais subtil

subtil instrumento. He gravada no lado direito, e na mesma fórma, que o foy a de Christo no Calvario, conforme a melhor, e mais certa opiniaõ, que apontaõ, e seguem o Padre Sylveira, e admiravelmente explica Malonio, sendo tudo final evidente de haver sido esta Veneravel Imagem por Nicodemus formada.

P. Sylveira. in Euangel. tom. 5. lib. 8. Cap. 20.

Quest. 4. a n. 17. a p. 632. Malonius. de Stigmat. ad Cap. 20. Paleot. a n. 1.

156 Tem a cabeça lateralmente inclinada para a parte direita; mas em forma, que claramente se manifesta, e com temeroso respeito se divisa ter o olho direito para a terra inclinado, e o esquerdo elevadamente para o Ceo aberto; põrèm tudo com delineação tão perfeita, que sem mostrar defeito algum no artificio, causa nos animos hum tão reverente assombro, que não sómente em admirações os suspende, mas parece que infunde attenção a grandes mysterios. Para à inclinação da cabeça daõ varias, e piedosas razões os Santos Padres, que aponta Malonio; mas para a do olho direito, e elevação do esquerdo, não ponderadas atégora, era precisa huma remontada eloquencia, em falta da qual a devoção nos anima a considerar mais em Christo a extremosa fineza, de que ao confumar a redempção do Mundo, assim como para hir ao Eterno Pay, e ficar com os homens juntamente, havia instituido o maximo dos Sacramentos, assim na ultima disposição para o apartamento, quando olhava ao Ceo para onde partia, attendia tambem aos homens, com que por amor ficava.

Malonius supra ad Cap. 20. n. 26.

157 E feria tambem, porque naquelle extremo, ao mesmo tempo, que olhava ao Eterno Pay, a que pelo attributo da Justiça havia satisfeito a offen-

offensa em remir o Mundo culpado; attendia juntamente à Mãe de Misericordia, que de antes dos seculos escolhida, fora o meyo de se effectuar hum portento, que só na Jerusalem Celestial ferà plenamente conhecido; pois a tanto não chega o discurso humano. Neste caso admiravel parece sem duvida, que sendo Nicodemus hum de dous, que no Calvario subiraõ à Cruz para despregar, e descer della o Corpo de Christo, havia de observar bem a forma, em que tinha postos os Divinos olhos: o esquerdo, ao Ceo elevado, e o direito, para a terra descido, e por nem faltar essa circumstancia á sua idéa na fabrica deste Soberano retrato assim o formasse, para final manifesto de que fora o seu artifice, e por isso talvez este o primeiro emprego do seu empenho.

158 Suppostas as formas das Cruzes, que foraõ o antigo supplicio dos culpados, e doutamente explica Justo Lipsio, tem havido grande controversia entre os Doutores, e Santos Padres, reduzida a questaõ as duas, a que chamaõ cõmissa, expressada na letra T. e a que dizem Immissa, notada pelo final de † sobre qual destas era a forma da Cruz, em que Christo foy Crucificado! Que fora cõmissa o entenderaõ os que segue, e aponta o Padre Serry; mas que fora Immissa o mostra doutamente Justo Lipsio, e não menos, entre outros muitos Daniel Malonio referindo huma, e outra opiniaõ; e pelas razões da Immissa fundadas todas no Texto indisputavel de S. Paulo testemunha mayor de toda a excepção, parece ser esta a verdadeira, e o mesmo Padre

*Justus Lyp-
sius. de Cruce
lib. I.*

*P. Serry. Ex-
ercitat. 53. n.
5. pag. 37 I.
Lipsius de
Cruce lib. I.
Cap. IO. Ma-
lonius. in cap.
6. P. Alcot. n. I.*

Ser-

Serry reconhece a seguirão quasi todos.

159 A Cruz em que veyo, e se acha ainda pregada a Veneravel Imagem do Senhor de Bouças em Matozinhos, he da forma Immissa; mas com a circumstancia de que a ponta eminente ao madeiro dos braços, e em que se vé pregado o titulo, he mais pequena, e mais curta, que a das Cruzes que vemos, e se tem visto ordinarias, e disto se faz verosimil, que por ser da mesma forma a propria Cruz no Calvario, e talvez por na limitada eminente ponta della se pregar o titulo em mayor taboa, e com avultadas letras para melhor poder manifestarse nas tres linguas, em que era composto, encubriria o mesmo titulo aquella ponta, de forte que chegaria a sua extremidade ao madeiro dos braços, sendo tambem esta huma das razões, porque Christo inclinara a cabeça, dando lugar a poder lerse em qualquer dos idiomas, em que se achava escrito.

160 Disto procederia o entenderse, que a Cruz de Christo não tivera eminente ao madeiro dos braços mais que a taboa do titulo, e que por essa razão fora da fórma Commissa, suppondo com tal fundamento os Escretores desta opiniaõ poder salvar as authoridades dos Santos Padres, que affirmão, fora de quatro angulos a Cruz sagrada, formando-lhe as suas intelligencias o quarto da taboa do titulo, como porém Nicodemus ajudou a despregar da Cruz ao Salvador do Mundo, e vio na realidade a forma della, fica sendo indubitavel, que fora Immissa, e assim formou a da Veneravel Imagem do Senhor de Bouças, sendo esta circumstancia tambem huma demonstração

evidente, de que elle fora o Artifice, que a esculpira.

161 E como de mais houve entre alguns Escretores controversia, se os braços de Christo foraõ na Cruz pregados pela palmas, se pelos pulsos; advertimos, que pelas palmas se achaõ pregadas as da Veneravel Imagem do Senhor de Bouças, e fica neste particular sendo sem duvida certo o que tinha declarado Justo Lipsio. E havendo sido Nicodemus abonada testemunha da verdade, que neste Soberano Retrato delineou com todas as circumstancias, por ellas parece se faz evidente, e manifesto o piedoso emprego, em que se occupara por todo o tempo, em que a Christo supervivera.

Justus Lipsius de Cruce lib. 2. Cap. 9.

C A P I T U L O XXIV.

Da occasiãõ que haveria para vir a Veneravel Imagem do Senhor de Bouças pelo modo que veyo da Palestina à Lusitania.

162 **N**Os termos ponderados, não podendo haver duvida na bem fundada tradiçãõ, que affirma haver sido Nicodemus o piedoso Artifice da Veneravel Imagem do Senhor de Bouças, se nos offerece averiguar a occasiãõ, que haveria para que no anno de 124. viesse aquella Soberana Figura da Redempçãõ humana dirigida da Palestina aportar nas deliciosas prayas da antiga Lusitania; e sendo pela referida Epoca, eviden-

te succeder este admiravel prodigio nos tempos do Imperio de Adriano, parece se faz à ponderação preciso individuar alguns casos dos mais memoraveis, pelo discurso do seu governo succedidos, que foraõ muitos, mas taõ confuzamente na ordem referidos pelos Escritores, que temos visto, que naõ dificultaraõ pouco conjecturar o mais provavel.

163 Advertido bem o commum dos Escritores nos particulares de Adriano, lhe daõ os mais delles vinte annos e onze mezes de Imperio, em que conforme a boa computação de Beyerlinch entrou em 11. de Agosto do anno de 119. do nascimento de Christo, e falleceo a 10. de Junho do de 141. porque os que com Dion Cassio, Glareano, e outros affirmaõ de entrar nelle no de 120. he numerando-lhe os annos pelos Fastos Consulares, que principiaraõ nas Kalendas de Janeiro; porẽm, ou entrasse a reger o Imperio em qualquer dos sobreditos dous annos, ou no de 117. como escreveu o P. Joaõ de Bussieres, sempre o anno de 124. do nosso caso succedeo no Imperio de Adriano.

Beyerlinch. Theatr. vit. hum. tom. 5. lit. M. tit. Magistrat. p. mibi 77. Not. C. Bussieres' Floscul. Histor. Areola. II. ann. Christi 117. p. mibi 184.

164 E sem nos intrometermos na averiguação de louvores, ou vituperios deste Principe, he certo que no seu tempo continuou a terceira perseguição da Igreja Catholica, das attribuidas aos Emperadores Gentilicos, e principiada no de Trajano. Della affirma Beyerlinch haver sido taõ cruel, e violenta, que no anno 2. de Adriano, de huma só vez por ordem de Aureliano em Roma padeceraõ abrazados mil duzentos e cincoenta Martyres, entrando no numero delles o Santo

Beyerlinch. supra tom. 5. lit. M. tit. Martyrium pag. mibi 299. not. G. & tom. 6. lit. P. tit. Persecutio p. mibi 277.

Pontifice Alexandre I. a que se seguirão em outro conflicto dez mil e duzentos e tres martyrizados; e dez mil crucificados no 9. anno em Armenia, além dos muitos, a que em todo o dominio Romano fizeraõ martyrio os Prezidentes das suas dilatadas Provincias.

165 Dous motivos teve principaes esta continua la perseguição da Igreja: hum barbaramente commum a todos os Emperadores Gentilicos, e seus Prezidentes, e outro particular de Adriano: o commum foy o efficacissimo zelo, que tinhaõ todos da sua falsa Religiaõ Gentilica, e o persuadido receyo de que se admittisse a Catholica, se seguriaõ damnos graves ao Imperio, rezultando disto as perseguições univérſaes, que em toda a parte fecundaraõ a Igreja de innumeraveis Santos Martyres: o particular de Adriano foy o que aponta o Padre Joã Gabriel Bisciola, de que querendo elle em todas as politicas exceder a Trajano, o fizera em mandar continuar esta perseguição geral com o mayor, e mais rigoroso extremo.

*P. Bisciola.
Epit. Annal.
Baronii. an-
Christi. 120.
p. mibi 78.*

166. Continuou ella na mayor força, conforme o mesmo Padre Bisciola, até o anno de 128. de Christo, em que as grandes Apologias pelos Catholicos fizeraõ abrandar o rigor de Adriano. Porém no anno de 124. era a mesma perseguição na Asia tão excessiva, que a Antonino Pio (succesor que foy no Imperio) sendo Prezidente della, se lhe offereceo huma Cidade inteira, com afombro notavel do Tyrano, a padecer pela Fé martyrio, e bem deste caso se manifestaõ os lamentaveis estragos, que em tal anno haveria por

*Bisciola. dict.
Epit. anno
124.*

todos

todos os lugares daquella Provincia.

167 E sendo entã nella taõ exorbitante a perseguição contra os Catholicos, he certo seria nestes grande o disvello de prevenirem vigilantes não profanassem os Barbaros esta Veneravel Imagem de Christo Crucificado, retirando-a a parte, onde pudessem, quando não seguramente occultalla, por estarem naquella Provincia todos ao martyrio expostos; fialla ao menos antes dos mares, que em liquidas correntes a conduzissem ao mais seguro porto, que dispuzesse a Divina Providencia; pois já na Creação do Mundo andara o Espirito do Senhor sobre as aguas: *Et Spiritus Domini ferebatur super aquas.*

Genesis. Capl
1. v. 2.

168 Esta parece sem duvida seria a occasião preciza de vir a Veneravel Imagem do Senhor de Bouças, do modo que veyo da Palestina à Lusitania no anno de 124. por ser nos ponderados termos verosimil, que os Catholicos em tanta perseguição cruelmente pelo Proconsul Antonino executada, movidos de superior impulso a conduzissem ao porto de Jope, e lançando-a ao mar, pela não verem, ou deixarem exposta aos irreverentes insultos dos Barbaros, vir ella per si mesma divinamente guiada aportar em Matozinhos, sendo disso demonstraçaõ evidente o acharse de limos cuberta, e do braço esquerdo destroçada, como a antiga, e perenne tradiçaõ nos affirma.

CAPITULO XXV.

Conjectura-se adonde , e como estaria na Palestina esta Veneravel Imagem em quanto não chegou a occasião de vir aportar à Lusitania.

169 **J**A' houve questaõ femelhante a respeito do Sagrado Sudario, em que Christo descido da Cruz, fora por Joseph', e Nicodemus envolto, para averiguar adonde, e como estivera na Cidade de Jerusalem, em que fora achado no anno de 1099. quando o esclarecido Godfredo de Bulhões, na Conquista da Terra Santa, restaurou do poder dos Turcos aquella Metropole da Palestina, com gloria universal do Mundo Catholico, suppostas as repetidas destruições, que em diversos tempos haviaõ naquella Cidade, e sua Comarca succedido, tanto pelos rompimentos dos Emperadores Romanos, quanto pelas posteriores invazões dos Agarenos.

*Malonius. de
Stigmatib. ad
Cap. 2. Paleo-
ti & n. 1.*

170 O doutissimo Daniel Malonio, tratando a questaõ, com bons fundamentos pondera, que dous annos antes de ser a Cidade de Jerusalem por Tito, e Vespasiano assolada em justo castigo da morte do Salvador do Mundo, a Igreja congregada nella, fora por Ordem Divina, mandada fahir, e passar a outra parte àlem do Jordão; e como tambem foy para mais completo destroço de seus Anjos da guarda desemparrada, àlem de outros prodigios, que precederaõ à sua ruina, discorre o mesmo Malonio, que tambem della foraõ

forão tiradas as Sagradas Imagens, e mais monumentos da Religião Catholica, para não ficarem em poder dos impios, que haviaõ de ser castigados.

171 Porém que depois de executado aquelle memoravel merecido castigo, extinto para sempre o Salamonic Templo, e logoita a Provincia ao dominio Romano, tornando a ser por permissãõ Divina Jerusaleem reedificada, e constituido nella o Christianismo, se fora tambem continuando em piedosos progressos a Religião Catholica, e reconduzido o Santo Sudario, que algum tempo estivera na Syria em deposito, e em Jerusaleem permanecera, não obstantes as invazões repetidas, que aquella grande Cidade depois experimentara até a Conquista de Gotfredo, que o achou nella, talvez occulto, e por disposiçãõ Divina entãõ manifesto.

172 E se todos os monumentos, reliquias, e Imagens Sagradas, que naquella tremenda occasiãõ sahiraõ de Jerusaleem ameaçada para não ter refugio algum a sua ruina, e forão a outras Cidades, e Provincias mudadas, senão tornassem depois a recolher nella, por ficarem conservando-se algumas nas partes, a que o zelo por obediente impulso as conduzira, e ainda que occultas ao odio judaico, veneradas sempre da piedade Catholica, he certo que desta forte permanecerãõ, e forão depois em diversos lugares conhecidas, como a de Christo Crucificado, que pelos annos de 740. se manifestou gloriosa na Cidade de Berito da Syria, pelo admiravel já referido portento, com assombro notavel admira-

do no segundo Concilio Niceno.

173 Da mesma maneira permaneceo ignorada ao mesmo tempo, que exposta em Cezarea chamada de Felipe, a memoravel Estatua, que a Christo erigio agradecida aquella mulher venturosa, a que o Senhor curou do fluxo de sangue, que mencionaõ os Sagrados Evangelistas; existindo clara em prodigios pelos tempos de Euzebio Escriitor Ecclesiastico, que a vio, e della escreveu. Depois emprehendeo profanalla o Sacrilego Imperador Juliano Apostata formando em lugar della, para a veneraçãõ publica, outra sua Estatua, que só conseguiu ferlhe com fogo do Ceo destruhida, e a de Christo em menos exposto, e mais decente lugar collocada, onde se lhe continuaraõ, como Beyerlinch refere, adorações repetidas.

Euseb'ius.
Hist. Eccl. lib.
7. cap. 14. p.
mibi 165.
Beyerlinch.
Theatr. vit.
hum. tom. 4.
lit. I. tit. Im-
ago pag. mibi.
44. a not. C.

174 Com igual veneraçãõ existiaõ conservadas por aquelles tempos outras Imagens de Christo, e dos Apostolos Principes da Igreja, e a Cadeira de San-Tiago Menor primeiro Bispo de Jerusalem, de que da testemunho evidente o mesmo Euzebio em seus Escritos, e em Roma se achavaõ as de S. Pedro, e S. Paulo, quando na conversãõ do Imperador Constantino Magno reconheceo este grande Monarcha serem as mesmas, que em visãõ se lhe tinhaõ representado, manifestando-lhas o Summo Pontifice S. Sylvestre na occasiãõ de administrarlhe o Sacramento do Bapuzim, como refere Fr. Jeronymo Roman, e outros muitos Escriitores.

Euseb'ius
Hist. Eccl. lib.
7. cap. 14. &
15.
Roman. Repu-
blic. del. Mun-
do tom. 1. Re-
public. Chris-
tian. cap. 19.
fol. mibi. 126.

175 Por este modo se colhe, e se faz notoriamente verosimil, que na mesma occasiãõ da

pre-

prevenção dos Catholicos, que precedeo à grande destruição de Jerusaleem por Tito, foy a Veneravel Imagem do Senhor de Bouças huma das que se tiraraõ daquella lamentavel Cidade, a dezemparralla, e conduzida a outra parte, onde, ou à mesma Jerusaleem restituhida se venerasse occulta atè os tempos do Imperio de Adriano, em que pela cruelmente continuada perseguição do Christianismo, feita executar na Asia pelo Proconsul Antonino, e profeguida com mais extremo rigor no anno 124. do nascimento de Christo, como fica ponderado, haveria occasião de ser precizo lançalla ao mar, e vir ella por Divina disposição aportar na Lusitania.

CAPITULO XXVI.

Pondera-se a razão, que haveria para que a Veneravel Imagem do Senhor de Bouças aportasse na praya de Matozinhos, e não em qualquer outro lugar das costas da Lusitania.

176 **A** Principal, e indubitavel razão de apparecer, e fahir a Veneravel Imagem do Senhor de Bouças na praya de Matozinhos, e não em qualquer outra das costas da Lusitania, foy o dispolo assim a Divina Providencia, sempre admiravel, e prodigiosa sempre, mas supposto este fundamento indisputavel entre mos a ponderar outras razões de congruencia, porque se faz verosimil, e notoriamente prova-
vel,

vel, que a mesma Providencia em tudo soberana permitio destinar este lugar venturoso, para seguro escolhido deposito do sagrado penhor da Redempção do Mundo, que alli permanece ha tantos séculos venerado.

177 Já no principio tocamos, que o lugar de Matosinhos fora o primeiro das Espanhas, que universalmente recebeu a Fé Cathollica, annunciada nellas pelo Apostolo San-Tiago Mayor, a que foy destinada a primaria conversão das nossas Provincias, succedendo este raro portento naquella memoravel occasião, em que no anno 44. do nascimento de Christo, voltando o corpo do mesmo Santo de Jerusalem, aonde fora fer o Prothomartyr do Collegio Apostolico, embarcado para Galiza com os Discipulos, que daqui levara, parando na altura de Matozinhos a embarcação, a tempo que na praya deste lugar celebravaõ huns Regios contrahentes seus despozorios, foraõ, e toda a sua Corte, que prezente se achava por hum prodigio admiravel convertidos.

178 E como he proprio deste lugar, e deste assumpto o caso sempre memoravel, supposto que o referem o Padre Frey Luiz dos Anjos, o Illustrissimo D. Rodrigo da Cunha, D. Mauro Castellà Ferrer, e outros, aonde nem todos poderaõ vello, e ter circumstancias dignas de particular ponderação, o repetimos, ao menos em substancia, pelo que delle serve ao nosso projecto. Consiste pois o principal deste admiravel successo, em que voltando San-Tiago de Espanha a Jerusalem, com os sete Discipulos, que na Provincia Interamnen- se da Lusitania convertera, e havendo triunfado

em

P. Anjos Far-
dim de Portu-
gal n. 1.
Illustrissimo
Cunha. Catal.
dos Bisp. do
Porto. 1. part.
Cap. 2. a pag.
28.
Castellà Fer-
rer. Hist. de
San-Tiago
lib. 2. cap. 2.

em martyrio naquella mesma Cidade, em que Christo remira o Mundo, emprehenderão os mesmos Discipulos, tanto por anterior recommendação do Santo, como por Divino impulso, reconduzir o seu sagrado Cadaver a esta parte, para ter o jazigo, na em que fora Missionario Apostolico.

179 Embarcados com elle em Jope, porto maritimo da Palestina, e navegado em breves dias para o Occidente, o Mediterraneo, costeando pelo Oceano a Lusitania, com rumo direito a Galiza, parou como em calmaria a embarcação à vista do venturoso lugar de Matozinhos, não por faltarlhe o vento, pois vinha celestialmente esquipada, e tanto de Divinas auras favorecida, que lhe levou brevissimos dias a derrota sendo de extenção bem dilatada; mas por permitir o Ceo, que nesta escàlla tivesse San-Tiago por refresco huma salva Real, como teve na conversão do copioso Gentilismo, que naquella praya se achava então celebrando os Regios desposorios referidos, em justas, torneos, lanças, e outros applausos ao antiquado uso, que nestas partes haviaõ introduzidos os primeiros adventicios dominantes Gregos.

180 E sendo neste festejo hum dos jogos celebrados, o a que chama o FlosSanctorum antigo de Alcobça, *andar bafordando*; porque os Cavalheiros na praya em concertados meneyos entravaõ pelas candidas espumas, que ao mar costumãõ servir de crespo bordado ao ceruleo adorno, com que gallea; succedeo por alto Mysterio, que do noivo o cavallo desesperando do domante freyo os regulados preceitos, se arrojou ás ondas
intre-

intrepido, com tanto fogo, que julgavaõ magoados os circunstantes ao cavalleiro desgraçadamente perdido; porèm elle prodigiosamente venturoso chegou sem perigo a abordar a Nào, em que com seus Discipulos estava o corpo de San-Tiago, e lhe servio de segura taboa a salvarse, e a todo o lugar do naufragio Gentilico, por hir Deos assim dispondo aquelle especioso terreno para soberano deposito da Veneravel Imagem de Christo Crucificado.

181 Junto da Nào, entre os confusos af-sombros de verse na fluida inconstancia das agoas, como em terra firme, seguro, notou, e advertio o Cavalleiro, que não só chegava de maritimas conchas matizado; mas que no mesmo perigo achava quem o livrasse do susto na milagrosa exposição do Mysterio, e instruido nos da Fê, recebido o sagrado Bautismo por hum dos Santos Discipulos administrado, impresso bem tudo no seu conceito, com prazer inexplicavel convertido, e por aquelle Sacramento illustrado; advertido finalmente do mysterioso final, que as conchas haviaõ de ficar representando feito Missionario Apostolico, triunfante da culpa, e dos mares para elle já todos de graça, voltou em ayrosa carreira pela liquida torrente ao mesmo sitio, donde tinha sahido nanfragante.

182 Deste prodigioso caso se manifesta bem o alvoroço, com que seria recebido dos que o tinhaõ por perdido lamentado, principalmente da já agora feliz esposa, a que administrou logo o Bautismo, crescendo por este glorioso modo ao primeiro, o setimo dos Sacramentos, para que

que ambos entrassem igualmente illustrados no do matrimonio, e a seu exemplo se bautizaraõ todos os mais daquelle esclarecido congresso, que nesta occasião feria bem numerofo, ficando por esta maneira, não fó todo o lugar de Matosinhos a Fè Catholica convertido, mas quantos Cavalleiros, e pessoas a elle houvessem concorrido, e sem demora os circumvezinhos, quaes entre cutros, os da Cidade do Porto, tanto por ficar proxima, como por della talvez ser natural a illustre despozada, e por tudo com disposiçaõ o terreno de ser por Deos escolhido para taõ soberano deposito.

CAPITULO XXVII.

Prosegue-se a mesma materia, e se descreve hum Hymno que a confirma, com reflexões particulares ao assumpto.

183 **D**A verdade do successo referido, que no Portuguez antigo trazem por extenso os nossos apontados Escretores, e o refere tambem, e approva pelas authoridades, que seguem, e doutamente confirma o Padre Frey Paulo de S. Nicolao, parece não poder duvidar-se, tanto pela grande relevancia dos esclarecidos talentos, que a descrevem, quanto porque a fazem sem duvida indisputavel os repetidos, abonados, e uniformes testemunhos de tres Breviarios antigos de Espanha, quaes o da Sè de Oviedo; o do Franciscano Convento de S. Joaõ dos Reys na Ci-
da-

*P. Nicolas.
Antigued.
Ecll. de Hesp.
figl. 1. cap. 7. a
pag. 31. e cap.
8. pag. 39.*

dade de Toledo , e o do Real Mosteyro Benedicti-
no de S. Cocufate dos Valles no Principado de Ca-
talunha , em hum Hymno , que individualmente
propoem o caso , e costuma rezarse naquellas
Igrejas a 25. de Julho.

184. Deste Hymo vimos huma copia fiel-
mente tirada ha mais de cincoenta annos do Bre-
viario de Catalunha , o qual visto em todas suas
clausulas concorda com o que fica ponderado sem
alguma discrepancia , e desta sorte com evidencia
confirmado o mesmo , que em hum Flos Sancto-
rum de pergaminho se achou escrito no Real Mo-
steiro de Alcobaça , onde acabou de tresladar-se
de originaes antiquissimos no anno de 1443. ser-
vindo assim de authoridade admiravel aos sobreditos
Escritores para referirem delle o caso ; mas
porque nelles se naõacha o Hymno totalmente
vulgarizado , nos pareceo concernente á curio-
zidade , e ao assumpto o transcrevello.

Hymno de San-Tiago.

*Breviario de
Catalun.*

158 **O**cciso tunc Apostolo ,
Corpus tollunt divinitus ,
Noctis silentis tempore
Sancti septem Discipuli.

Tunc præuscantis luminis
Face cælesti , protinus
Instructi , Joppem properant ,
In navi pignus inferunt.

Ascen-

Afcendunt vix in littore,
Cum flavit Sanctus Angelus
Velum currentis Cymbæ
Maris calcant volumina.

Brevi, Calensem, tempore
Portum pertingit barca,
Quo Regum recens soboles
Festum pro nuptu peragit.

Vix scapham vidit Regulus
Equo quando dilabitur,
Dimissis retro cæteris,
Undas maris converberans.

Cunctis mare cernentibus
Natus Regis submergitur,
Sed à profundis ducitur
Totus plenus conchilibus.

Sic Rex ad barcaæ marginem
Peruenit super globulos,
Equo infidens aquatiles
Conchis perfusus lucidis.

Tuncprehendens Discipulos,
Causa adventus discutit,
Quo pergunt cum cadavere,
Et cujus sit; perfciscitat.

Demum quo pacto conchilis,
Sic conspersus evaserit,
Devotis petit lachrimis
Pandatur ut mysterium.

Statim proni Discipuli,
Orantes Christum supplicant;
Ut tanti eventus symbolum
Illis demonstret patule.

Auditur vox tunc illico,
Jacobo Sancto postmodum,
Futurum signum posteris
Hoc perigrinis placidum.

Tunc ergo Rex convertitur,
Salvus ad littus pervenit,
Christum cognatis prædicat,
Quos per baptismum liberat.

186 Nas clausulas deste admiravel Hymno, e Historia rezumida delle, transcripta no Flos Sanctorum de Alcobaça fez o Padre Frey Luiz dos Anjos tres notaveis reparos: hum entrar este Cavaleiro pelo mar sem se affogar, nem o Cavallo; outro não se molhar; e outro o verse cheyo de conchas ao tempo, que junto da Não se achou livre, e em prompta occasião de salvarse na mesma, que o parecia de perderse; mas nós reparamos mais, e reparou já tambem o Illustrissimo D. Rodrigo da Cunha, em chamarlhe o Hymno não só Rey; mas filho de Rey; porque o feria de algum Regulo daquelles, a que os Romanos permitiaõ esta dignidade, em quanto lhe não impedia a sujeição ao seu Imperiõ.

*Illustrissimo
Cunha. Catal.
dos Bisp. do
Porto I. part.
cap.2. p. 32.*

187 Não ha duvida, que desta forte houve muitos Regulos em Espanha, nos tempos que a dominaraõ os Romanos. Em Braga da antiga Lusitania

stania o foraõ pelos proximamente seguintes ao
 nosso caso Cattilio, ou C. Attilio Severo pay das
 nove Santas Liberata, Quiteria, e outras, e On-
 tecomero pay de Santa Engracia, e no mais interior
 de Galiza aquelle que perseguio tanto aos Disci-
 pulos de San-Tiago depois de chegarem à mesma
 parte, em que ao conduzido Mestre deraõ piedo-
 sa sepultura, onde havia tambem a gentilica Re-
 gula, que com igual crueldade os molestou, co-
 mo asseveraõ o Padre Frey Francisco de Bivar, e
 outros muitos; sendo que ambos foraõ por admi-
 raveis prodigios convertidos, em forma que ao
 Santo se erigio honorifico sepulchro, e não me-
 nos havia em varias partes da mesma Espanha ou-
 tros Regulos, que largamente mencionaõ as
 nossas Historias.

*Bivar in
 Dextrum.Co-
 ment.ad.ann.
 Christi 42. n.
 1. pag. 88.*

188 O Padre Frey Luiz dos Anjos, que
 entendeo serem os noivos deste caso Cayo Carpo
 natural da Maya, e Claudia Loba do Porto, para
 insinuar os seus nomes, e clara nobreza, os de-
 duz do seguinte sepulchral Epitaphio.

*p. Anjos loco
 citato.*

C. CARPUS. AUG. LIB.
 PALANTIANUS.
 ADJUTOR CLAUDII
 ATHENODORI. PRÆF.
 ANNONÆ. FECIT
 SIBI, ET CLAUDIÆ
 LUPÆ CALENSI.
 CONJUGI PISSIMÆ
 TITO. CLAUDIO QUIR.
 ANTONIO, ET LIB.
 CLAUDIO ROMANO

VERNÆ, ET LIBERTIS
LIBERTABUS Q. POS
TERIS Q. EORUM.

189 Na traducção, que delle faz, insinua o mesmo douto Escriitor querer dizer: *Cayo Carpo da Maya Liberto de Augusto Cezar, ajudador de Claudio Athenodoro Prefeito da renda dos mantimentos, fez este muimento para si, e para Claudia Loba Calense sua mulher muy pia, e para Tito Claudio Quirino, para Antonio filho, e Liberio Claudio Romano servo, que lhe nasceo em casa, para os que havião sido seus servos, e estavam livres, assi homens, como mulheres, e para seus descendentes.*

CAPITULO XXVIII.

*Continua a mesma materia do precedente
Capitulo.*

190

ANtes de repararmos na verfaõ, que o Padre Frey Luiz dos Anjos fez ao sobredito Epitaphio, advertimos que o Padre Frey Paulo de S. Nicolao notou, depois de hum doutissimo discurso, a respeito das Inscriptões de huma Cruz antiga, que traz copiada, que vistas semelhantes a vulto mais caufaõ confuzaõ, que clareza, por serem os antigos avarentos de letras, e em lugar de se poderem suas inscripções ler, nos deixaraõ letras, que adivinhar, e por estarem as da parte superior da dita Cruz mais confuzas, e sem distincão golpeadas, duvidou da intelligen-

P. Nicolas
Antigued.
Eccl. de Esp.
figl. I. Cap. 8.
p. 41. e p. 43.

telligencia, que o Bispo Servando lhe havia dado, applicandolhe outra mais adequada: o mesmo se bem reparamos, se experimenta em outras muitas das descobertas, posto que mais claras, e menos confusas.

191 E visto com particular attenção o Epitaphio de Cayo Carpo se finaliza a regra primeira d'elle pela dicção *LIB.* que o P. Fr. Luiz dos Anjos entendeu (e assim costumão entender os Escritores versados em lição semelhante) *Liberto*. A mesma dicção *LIB.* se ve concluindo a decima regra, que se le toda *ANTONIO, ET LIB.* e não alcançamos que razão teve o doutissimo Padre para suppor, que *Antonio* era filho; mayormente porque a dicção *LIB.* da decima regra, a construhio juntamente com as seguintes para insinuar dizerem: *Liberio Claudio Romano* servo, que lhe nasceo em casa; fazendo por este modo entender hum só individuo, do que talvez eraõ dous. E ainda que não obstante estar já collocada a dicção *LIB.* em oração diversa, a quizesse construir *Filho*; nunca parece podia attribuirse ao *Antonio* antecedente, vista a forma em que se acha transcripto aquelle Epitaphio.

192 Mas suppostas as intelligencias, que nas Inscriptoens Romanas costumão darse à dicção *LIB.* sempre se entendeu significar ella *Liberto*, ou *liberdade*; e ser tambem entre outras significações, o *Liberto* muitas vezes expressado pela unica letra *L.* De maneira que em nenhum tempo esta letra, nem a dicção *LIB.* significavaõ *filho*, mas *liberto*; porque *filho* em semelhantes Inscriptoens costumava notar-se pelas especies abre-

Amalthea
Laurentiana.
infine liter F.
& L.

viaturas *F.* ou *Fl.* o que da Amalthea Onomastica, e outros muitos Dictionarios se manifesta; e como o *Antonio* do presente Epitaphio não tenha alguma destas ultimas notas, o não podemos considerar *filho*, nem ainda *liberto*; mas pessoa particular, salva sempre a grande authoridade de tão abalizado Escriitor.

193 Nos termos referidos, como a dicção *LIB.* e a letra *L.* não costumavaõ significar *filho*, mas *liberto*, em todas, e qualquer das Inscriptões Romanas, supposto não duvidemos, que a abreviatura *LB.* signifique, ou possa significar tambem *liberi*, pelos filhos; não estamos com tudo nesse caso, porque visto o presente Epitaphio, tanto na primeira, como na decima regra, sendo identica a clauzula *LIB.* que sempre significou *liberto*, e não havendo nelle a de *LB.*; que alguma vez podia significar *filho*, parece certo, que a dicção *LIB.* de que tratamos, tanto em huma, como em outra parte do mesmo Epitaphio, significava *liberto*, denotando a sua repetição, diversidade de pessoas, e talvez de tempos, por não rezultar da multiplicidade de termos o defeito da redundancia, contra a Romana policia, e circumspecção latina.

194 O que bem advertido entendemos, que Tito, e Claudio, Quirites, ou da Familia Quirina, e Antonio, que supponos diversos, por estarem entre si com pontos os seus nomes gravados, eraõ pessoas distintas, e da obrigação de Cayo Carpo, e de sua mulher, e que o segundo Claudio era actualmente seu liberto, e por esta razão o denota o Epitaphio com a dicção

ção *LIB.* a differença do outro Claudio antecedente já singularizado pela dicção *QUIR*, e Romano era servo nascido em casa, que tudo isso significa o nome *Verna*, e para todos fez Cayo Carpo monumento, e para os Libertos, e Libertas, que viesse a ter, e successores de huns, e outros, e assim o construímos: *Cayo Carpo Liberto de Augusto, natural, ou vezinho da Maya, Ajudante de Claudio Athenodoro Prefeito dos mantimentos fez este sepulchro para si, e para Claudia Loba Portuense sua mulher piissima, e para Tito, e Claudio, Quirites, ou da familia Quirina, e para Antonio, e seu Liberto Claudio, e para Romano servo nascido em casa, e para os Libertos, e Libertas, que viesse a ter, e descendentes de huns, e outros.*

195 Mayor difficuldade parece haver em conciliar o Hymno com o Epitaphio, para entendermos se Cayo, e Claudia Loba, mencionados neste, haviaõ sido os despozados, a que succedera o prodigio referido naquelle, visto como o Hymno sem expressarlhes os nomes, os declara graçaõ Regia, e ao despozado Regulo, e filho de Regulo, e o Epitaphio o nomea Liberto de Augusto, e Ajudante de Claudio Athenodoro Prefeito da Annona; termos em que para a razão de duvidar se poderà achar fundamento na disparidade dos Epitetos. Porém não he ainda esta a difficuldade mayor; porque supposto Cayo Carpo fosse Liberto, como o era de Augusto, e este Monarcha fizesse raras vezes, e com grande attenção estas graças só a fogeitos, que não deslustrassem a Magestade do Imperio, como delle escre-

Alexand. ab.
Alex. apud
Tiraquel. lib.
4. genial. cap.
10. Suetonius in Augusto Cap. 40.

vem Alexandre ab Alexandro, e Suetonio, e talvez Cayo Carpo, como prisioneiro de guerra, feito servo em conquista, qual seria a ultima dos Cantabros, que pessoalmente emprehendeo Augusto conseguiria delle, com respeito à sua qualidade, o favor de Liberto.

196 E Liberto tal, que foy digno de contrahir matrimonio com mulher da Familia Claudia, que era Patricia, e huma das principaes do Romano Imperio; mayormente sendo nelle prohibidos entre Libertos, e Ingenuos, especialmente Patricios, os cazamentos, o que denota ser Cayo Carpo, posto que Liberto, fóra da Ordem commua deste genero; e se os Manumissos ordinarios conseguiaõ muitas vezes em Roma o serem admitidos às honras publicas, que por seus institutos só pertenciaõ aos Ingenuos, muito melhor as conseguiria hum especial Liberto em Provincia do seu dominio principiando pela de Ajudante do Prefeito da Annona, e subindo à de Regulo, como filho talvez, e successor de outro Regulo, e por essa razãõ haver nascido livre, fundamento tambem especioso para ser restituído á Ingenuidade, e ordem Equestre com insignia de anel de ouro condecorada.

CAPITULO XXIX.

Continua a mesma materia.

197 **A**S sobreditas, e outras razões ponderaveis nos poderiaõ segurar serem os conjuges mencionados no Epitaphio, os pro-

proprios, a que succedeo o prodigio referido no Hymno, se em conciliar hum, e outro monumento não encontrassemos difficuldade mais relevante, que hum laborioso estudo não pode vencer; pois diz o Hymno, que os noivos do caso eraõ nova, e fresca descendencia de Reys: *Regum recens soboles*, o que denota serem de pouca idade, e pelos Romanos estabelecida para os matrimonios, donde emanou a que ainda se observa de Direito, era nas mulheres de 12. até 14. annos, e nos homens de 14 até 18. e que de quaesquer destas fossem aquelles contrahentes, o manifesta o adjectivo *recens*. De sorte que não podiaõ, nem hoje podem contrahir matrimonio mulher menor de 12. nem homem menor de 14. annos.

198 O Epitaphio affirma que Cayo Carpo era Liberto de Augusto: *C. CARPUS. AUG. LIB.* no que se insinua ser elle de idade ao menos duplicadamente crescida, que não podia reputarse recente, e fresca; porque se bem advertimos, na vida de Augusto havia de succeder a servidaõ, e a liberdade de Cayo Carpo, para elle poder intitularse seu Liberto, e havia de ter idade capaz de sentir o damno, e receber o beneficio; e como Augusto Cesar na computação mais extensa de alguns Escritores, falleceo no anno 18. do nascimento de Christo, se não fosse no de 14. como sentem huns, ou no de 16. como escrevem outros, e de qualquer delles até o de 44. em que Santo Tiago padeceo martyrio, e succedeo o referido caso, se tambem por outras computações o não extendermos aos annos de 45. e 46. mediarão ao menos 26., e ao mais 32. annos, acrescendo a

estes os que precisamente havia de ter Cayo Carpo ao tempo da morte de Augusto para poder haver sido fervo, e liberto delle, lhe sobia tanto de ponto a idade, que já não podia reputar-se recente, e fresca para aquelles celebrados desposorios.

199 Nem podemos recorrer a persuadirnos, que Cayo Carpo seria Liberto de alguns dos Emperadores seguintes, em forma que como tal ainda em idade recente pudessem corresponder os seus desposorios ao tempo daquelle prodigio; porque supposto os taes Emperadores, entre outros titulos adventicios, arrogassem o de Augustos, era como sobrenome deduzido de Octaviano, a que o de Augusto foy proprio, de quando com elle pelo Senado foy constituhido Emperador absoluto; de sorte que em todas as Inscriptões Romanas, em que se acha unicamente o nome de Augusto, como na do presente Epitaphio, se entende sempre, e por Anthonomastia fer o dito Emperador Octaviano, e não outro algum de seus successores, e por isso devemos precisamente entender que Cayo Carpo era Liberto do Emperador Cayo Cezar Octaviano Augusto, o que tambem manifesta o pronome de Cayo.

Pitiscus. Lexic. Antiquit. Roma. tom. 3. Verbo Libertini. Calvinus. Lexic. Juris. Verbis Libertini.

200 Menos podemos recorrer a suppormos que Cayo Carpo seria Libertino filho de Liberto. Este era o ponto, a que ultimamente dezejava arrimar-se o nosso discurso para salvarmos a authoridade do Padre Frey Luiz dos Anjos; porém notadas miudamente as circumstancias, e as differenças de Libertos, e Libertinos, que rezumi-
raõ todas Samuel Pitisco, e João Calvino, como

por

por antigo Direito o mesmo fosse Liberto, que Libertino, havia com tudo a diversidade, que o Manumisso se denominava Liberto a respeito do Senhor que o libertou, que ainda ficava conferendo o jus de seu Patrono, e Libertino a respeito dos mais, que nelle não haviaõ tido dominio, e supposto depois se introduzifsem algumas outras differenças, foraõ posteriores aos tempos de Augusto; e por esta razão nas Inscriptões antigas, qual a do prezente Epitaphio, os Manumissos se intitulavaõ Libertos dos Patronos, que os manumitiraõ, e nunca seus filhos, ainda depois de nomeados Libertinos, se denominavaõ taes, pela latinidade do genitivo de *quotiescumque*, não obstante rezultarlhes tambem da liberdade dos pays o nascerem livres; mas de reputação diversa dos puramente Ingenuos.

201 Não rezulta porém disto defeito algum ao nosso caso; mas fim mais relevante, e abalizado abono, e credito mayor à nobreza, e antiguidade, tanto da Cidade do Porto, como do lugar de Matozinhos; porque de hum, e outro monumento se manifesta o quanto nos tempos de Augusto conservava a Cidade os antigos nomes do Porto, e Calle, e ter entre outras a nobre Familia Claudia, por Claudia Loba, que poderia ser filha de Claudio Athenodoro Prefeito da Annona mencionado no Epitaphio, e quanto se enganou o doutissimo Gaspar Estação, quando entendeu que Calle nos tempos de Antonino era lugar de pouco nome; manifestando-se juntamente, que no Concelho da Maya, que he, e foy sempre contiguo à mesma Cidade, e onde està situado o lugar

*Estação. Anti-
güidad. de
Portug. a cap.
86.*

gar de Matozinhos , havia cavalhero capaz de cazar com mulher daquella nobre familia, e haver de mais pelo tempo que o Corpo de San-Tiago voltou da Palestina para Galiza , em huma , e outra parte potentados Regulos , cujos filhos contrahissem os desposorios, em que succedeo o prodigio referido no Hymno, e ferem fogeitos diversos dos de que trata o Epitaphio.

202 A quelle prodigio por todas as circumstancias admiravel , de que rezultou a total conversão do lugar de Matozinhos , e de toda a Nobreza do Porto, e da Maya, que nelle se achava pela occaziaõ de tão plauziveis, como Regios desposorios , parece fez digno aquelle aprazivel terreno de ser soberano deposito do final mais sagrado da redempção do Mundo , e se se reparar porque não veyo logo senão passados 80. annos, se deve advertir, que sempre as disposições Divinas, em grandes casos, tiverão muy largas antecedencias, como a vinda de Christo ao Mundo prometida desde a criação delle, e executada depois de tantos seculos, em que foy suspirada pelos Patriarcas, e Profetas da Ley Escrita, e na da Graça, a instituição de Portugal em Reyno por Deos escolhido a dilatar seu Santo Nome no Oriente, o que só teve effeito quando depois o mesmo Senhor foy servido.

CAPITULO XXX.

Do que se pôde conjecturar a respeito dos nomes dos felices despozados, a que succedeo taõ milagroso portento.

203 **S**upposto que o Hymno de San-Tiago referido, e Flos Sanctorum do Mosteiro de Alcobaça copiado nesta parte pelo Illustrissimo D. Rodrigo da Cunha, pelo Padre Frey Luiz dos Anjos, e por D. Mauro Castellà Ferrer, não declarem os nomes dos Regios noivos, a que na praya de Matozinhos succedeo o prodigioso milagre ponderado; com tudo dezejando curiosamente indagar este ponto, reparamos, que D. Pedro Seguino por authoridade de D. Servando, ambos Bispos de Orense, escreveu que o Cavalleiro deste prodigio se chamava Rivano, e fora cazado com Valeria filha de Caya Loba, de que descendiaõ os Lobeiras familia illustre em Galiza, e que por essa razã tomara Rivano por Armas as Vieyras, e conchas, com que do mar sahira nesta occasiã matizado, deixandoas em Brazaõ a seus descendentes, que successivamente as praticaraõ.

Illustrif. Cunha Catal. dos Bisp. do Porto I. part. cap. 2. a pag. 28. P. Anjos Jardim de Portugal. n. I. Castellà Ferrer. Hist. de San-Tiago lib. 2. cap. 2.

204 Reconhecemos porém não ser solido este fundamento, para nelle podermos estabelecer a certeza de que Rivano se chamasse o noivo daquellas bodas, e fosse por isso o Cavalleiro, a que succedera taõ milagroso portento; mayormente accrescentando aquelles Elcritores, que
Rivano

Rivano era filho do Emperador Augusto Cezar, havido de sua segunda mulher Cornelia, e o acompanhara na jornada da Conquista da Provincia de Galiza, aonde ficara, e contrahindo matrimonio com Valeria, filha de Caya Loba, experimentara o grande milagre na celebração de seus desposorios; porque Cezar Augusto não teve mulher Cornelia, e supposto contrahisse esponsaes com Claudia, a repudiou justamente intacta, e cazando com Escribonia, della teve unica filha a Julia, e nenhum da ultima mulher Livia Druzilla, como consta de Suetonio.

Suetonius. in
vita Oct. Cae-
sar. Augusti.
cap. 62. &
63.

205 De mais que se Rivano, ainda que fosse filho natural de Augusto, era homem capaz de acompanhallo na empreza da Conquista de Galiza, como esta succedesse 24. annos antes do nascimento de Christo, e o caso de que tratamos no de 44. do mesmo Senhor, havia então de ter Rivano mais de setenta de idade, e porisso não podia ser o noivo daquelles celebrados desposorios, de que affirma o Hymno de San-Tiago, que era recente geração Regia: *Regum recens soboles*; sendo esta tambem a principal razão, porque já ponderamos, o não podia ter sido Cayo Carpo mencionado no Epitaphio igualmente produzido; pelo que parece não podemos positivamente affentar em qual fosse o nome do matizado Cavalleiro, a que os Discipulos de San-Tiago administrarão nesta occasião o Sacramento do Bautifmo.

206 E ainda que intentemos considerar, que Augusto Cezar, vindo à Conquista da Provincia de Galiza, teria casualmente este filho de alguma nobre Cornelia Lusitana, ou Galega, sempre

pre encontramos a mesma difficuldade , de que precedendo o seu nascimento bastantes annos ao de Christo, e seguindo-se a elles quarenta , e quatro, até o tempo da vinda do Corpo de Santo Tiago para Galiza, nunca o tal filho de Augusto podia ser o recente noivo daquelle portentoso caso, termos em que não podemos por algum seguro principio assentar, que o referido Cavalleiro se chamasse Rivano, e talvez nesta consideração o repugnou já o Padre Frey Felipe de la Gandara em seus escritos.

*P. Gandara
Armas, y Tri-
unf. de Gali-
zia cap. 21.
pag. 222,*

207 Como porem se diz que aquelle Cavalleiro fora cazado com Valeria filha de Caya Loba, que com alguma equivocação do pronome poderia ser a Claudia Loba Calense mulher de Cayo Carpo mencionados no ponderado Epitaphio, que talvez feriaõ os pays de Valeria, mais congruencia haveria, e na Chronologia menos difficultosa, se os referidos Bispos de Orense escrevessem, que Rivano filho de Augusto, ou já vindo de Roma, ou nascido depois em Galiza, e fosse nella constituhido Regulo, e cazado tivesse tambem filho do mesmo, ou diverso nome, a tempo que contrahindo matrimonio com Valeria filha de Cayo Carpo, e Claudia Loba, e já depois de erecto o dito Epitaphio, em que esta filha se lhe não menciona, pudessem ser os recentes desposados do caso presente; mas com tudo sempre ignorado o positivo nome do matizado Cavalleiro, que em Matozinhos foy á Fè Catholica convertido.

208 Nem póde haver duvida em haver succedido o referido caso em Matozinhos da Provincia de Entre Douro, e Minho, e ao tempo da
vinda

vinda do Corpo de San-Tiago para Galiza, e terem delle origem as conchas, que o convertido Cavalleiro, e seus descendentes tomaraõ por Brazaõ, e por Armas, e naõ do que se refere de outro Cavalleiro descendente da Loba convertida em Galiza, e talvez succedido depois no tempo dos Mouros, quando retirando-se delles, ou hindo de romaria, como alguns sentem, e tendo ao passar o Rio de Riba de Neira naquella Provincia, notorio risco, invocando nelle ao dito Santo, sahio salvo, e com conchas demonstrativas do beneficio recebido, porque o Hymno, que fica copiado, manifesta claramente, que o nosso primeiro caso succedera junto ao Porto de Calle.

Brevi, Calensẽm, tempore
Portum pertingit barcula,
Quo Regum recens soboles
Festum pro nuptu peragit.

209 Declarando mais, que o prodigio fora no mar, e naõ em rio:

Cunctis mare cernentibus,
Natus Regis submergitur,
Sed a profundis ducitur
Totus plenus conchilibus

Castella Ferrer. Histor. de San-Tiago lib. 2. cap. 2.
P. Nicolas. Antiquid. Ecclesiast. de Hesp. sig. I. cap. 7. p. 3 I.

O que bem reconheceo, e doutamente expende D. Mauro Castellà Ferrer na Historia de San-Tiago, e o Padre Frey Paulo de S. Nicolao nas Antiquidades Ecclesiasticas de Espanha, e se alguns Escritores, como Bernabé Moreno de Vargas, e outros

tros deduzirão as Armas dos Pimenteis, de menos antigo principio, ou foy por analogia confusão de successos, ou por não terem noticia do nosso caso, e tradição permanente derivada delle.

Vargas. No-
bleza de
Hesp. Dis-
curso 17.n.4.

C A P I T U L O X X X I .

Discorre-se o mez, e o dia, em que succedeo o referido prodigio na Lusitania, e se averigua que foy no primeiro de Abril do anno de 44.

210 **P**Revisto já que no memoravel anno do martyrio de San-Tiago, teve o lugar de Matozinhos a felicidade prodigiosa de ser à Fé Catholica reduzido, sendo este milagrofo portento por todas as circumstancias tão grande, parece justo indagarlhe a do mez, e do dia, em que o Ceo permitio admirasse hum prodigio, que servisse a todas as luzes de assombro; e supposta a variedade dos Ecclesiasticos Escriitores, em determinarem o anno do martyrio do Santo Apóstolo, assignando-o huns no anno de 46. outros no de 44. do nascimento de Christo, e averiguado exactamente por Critico Chronologico Calculo que fora no de 44. uniformemente se colhe de Breviarios, Martyrologios, e mais memorias desta materia, que o dito martyrio em Jerusalem se executara a 25. de Março daquelle anno.

211 E que não consentindo os Judeos se desse alli sepultura ao Sagrado Cadaver de San-Tiago, como o haviaõ permitido a Christo, e a Santo Este-

Estevão o mandaraõ lançar em lugar immundo, donde cuidadosamente o recolheraõ os Discipulos, que conduzindo-o ao porto de Jope, com elle, por disposiçaõ Divina, se embarcaraõ, e o trouxeraõ a Galiza, onde se lhe formou o honorifico sepulcro, em que permanece venerado, com todas as circumstancias, que largamente referem os Escriitores deste ponto, que por D. Mauro Castellà Ferrer tem sido a propria Historia reduzido, e pelo P. Frey Paulo de S. Nicolao com admiravel critica recopilado.

Castella Ferrer. Hist. de San-Tiago.

Præcipue ex fol. 88.

P. Nicolas.

Antiguid. Ecl. de Hesp.

figl. I. cap. 7. ex pag. 28.

Calixtus 2. Tract. de Tribni. solemnizat. S. Jacobi.

Equilinus Catal. San. Toru lib. 6. cap. 133

Castella Ferrer. Hist. de San-Tiago. lib. 2. cap. 3.

212 Mas como não podia celebrar-se em 25. de Março de San-Tiago o martyrio, por ser tempo dos Azymos junto da Pascoa, em que sómente fazia, como faz a Igreja, memoria da Payxaõ de Christo; mayormente declarando o Santo Pontifice Calixto II. que não só conseguira San-Tiago o triunfo no mesmo dia, em que o Divino Verbo encarnara; mas que fora sentenciado, e morto as mesmas horas, em que Christo consumou a redempçaõ humana, determinou a Igreja que a 25. de Julho se celebrasse do nosso Santo o Natalicio.

Por isto entenderaõ o Bispo Equilino, e outros Escriitores, que neste dia fora a tresladaçaõ, e chegada do Sagrado Cadaver de San-Tiago de Jerusalem a Galiza; mas sem a reflexaõ de advertirem, ser grande a distancia de tempo de 25. de Março a 25. de Julho, para suppor-se que todo se occupara em navegaçaõ, que sem duvida foy prompta, breve, e milagrosa.

213 D. Mauro Castellà Ferrer, advertindo já neste ponto, o illustrou doutamente na sua Historia de San-Tiago, e segundo as authoridades do

Ponti-

Pontifice Calixto II. e do Breviario Compostellano, averigua que ao setimo dia depois do seu martyrio, chegara o Santo Cadaver a Galiza, correndo já o mez de Abril do anno do mesmo martyrio, e que o celebrar-se a sua festa em 25. de Julho, procedia de que neste dia o tresladarão seus Discipulos de Iria Flavia a Compostella, e assim o affirma Baronio, que juntamente declara, que a trasladação de Jerusalem a Galiza, em 30. de Dezembro a celebra a Igreja; e tambem porque no mesmo dia, entende D. Mauro, fora depois descuberto o seu sepulcro pelo Bispo Theodomiro, reinando em Espanha D. Afonso o Casto, que por esta occasião, sendo-lhe notorio, veyo de Oviedo a Compostella reconhecer o prodigio, pela qual tambem erigio a San-Tiago honorifico Templo, e lhe fez a notavel doação copiada na mesma Historia.

*Baronius. in
Notis ad
Martyrol.
Roman. die
25. Julii.*

*Castella Ferrer. lib. 3. cap.
1. fol. 213.*

214 Isto parece sem duvida certo, por ser verosimil, que o tempo, que mediou desde o principio de Abril até 25. de Julho, todo foy necessario aos Discipulos para converterem em Galiza os Regulos, que haviaõ de dar a licença, e o lugar da sepultura, tudo à força dos estupendos milagres, que referem as Historias, e os Hymnos deita materia, lavrar-se-lhe a Capella, e o sepulchro de fino, e polido marmore, e concorrerem a consagrallo os mais Discipulos, que refere Sam-

*Sampirus Asturicensis
apud Sando-
valem. pag.
60.*

Espiritos Angelicos , se dilatasse quatro mezes de Jope a Iria Flavia.

215 Nestes termos he certo , que a navegação se seguiu logo ao martyrio , e que em brevissimi no tempo foy concluida. O Breviario antigo de Salamanca por Frey Paulo de S. Nicolao apontado , diz que despois de seis dias aportaraõ aquelles venturosos navegantes em Galiza ; e o Compostellano por D. Mauro Castellà Ferrer produzido , afirma que depois de sete dias nas seguintes clauzulas.

P. Nicolas Antignid. Eccl. de Hesp. figl. 1 cap. 7. p. 33. Castella Ferrer. Hist. de San-Tiago lib. 2. cap. 3. fol. 128.

Navis parata mittitur
 Illis à Deo marium,
 Corpus in ea ducitur
 Per maris longum spatium.
 Post dies septem Iriæ
 Portum intrantes gaudio ,
 Omnes Cælesti Curia
 Laudes cantant tripudio.

Facilmente se conciliaõ estes pontos , considerando-se que os seis dias foraõ os de navegação seguida , e corrente , como de vento em popa , e sete entrando nelles o dia , em que a embarcação esteve mysteriosamente em calma na altura de Matozinhos parada , e succedeo o prodigio referido.

CAPITULO XXXII.

Profeguese a mesma materia.

216 **P**Ara mais clara intelligencia da verdade proposta, he de notar, que toda ella com evidencia se manifesta, e sem duvida se confirma pelo proprio Hymno, que fica copiado, porq̃ tambem consta, que logo que San-Tiago em Jerusalem padeceo martyrio, os sete Discipulos, que o tinhaõ acompanhado de Espanha á Palestina, divinamente avizados, no mais alto silencio da noute o recolheraõ com reverente obzequioso disvello.

Occiso tunc Apostolo
Corpus tollunt divinitus,
Noctis silentis tempore,
Sancti septem Discipuli.

217 E logo entaõ tambem por Numen celestial instruidos, a pressa damente conduziraõ o Santo Cadaver ao porto de Jope, onde com elle se embarcaraõ em Náo que destituida de humanas equipagens acharaõ prompta para conforme a superior instrucção o conduzirem por mar a Galiza.

Tunc præruscantis luminis
Face Cælesti protinus
Instructi, Jopem properant,
In na vi pignus inferunt.

218 O *Tunc* de hum, e outro versiculo: o

Protinus, e o *Properant* do segundo, manifestaõ bem que logo que o Santo foy martyrizado, o recolheraõ os Discipulos, e sem demora o conduzipaõ a Jope, ondẽ embarcaraõ. E he muito de ponderar, que sendo em 25. de Março o martyrio, e logo o cadaver pelõs verdugos lançado em lugar exposto, sem se lhe permitir sepultura, se seguio, que no alto silencio, que bem se colhe seria já depois da meya noite daquelle dia, o aprehenderaõ, e partiraõ sem dilaçaõ para Jope, que distando de Jerusaleem quarenta milhas, conforme Felipe Ferrario, ou pouco menos de trinta e cinco, como sente seu addicionador Miguel Antonio Baudrand, que saõ as treze legoas, que se inferem, do que escreve Borchardo, se poderia gastar nesta diligencia, e na do embarque todo o seguinte dia 26. de Março.

Ferrarius.

Lexic. Geographic. lit. I.

Borchardus.

Descript.

Terræ Sanctæ

1. part. Cap. 7.

§. 55.

219 Mayormente havendo as memorias, e a tradiçaõ, que D. Mauro Castellà Ferrer escreve, de que na mesma embarcaçaõ trouxeraõ tambem os Discipulos de San-Tiago a Ara de marmore branco, sobre que diziaõ Missa, e huma columna do mesmo marmore, que como taes se veneraõ no Mosteyro de S. Payo de Antealtares em Compostella, sendo por estas razões verosimil, que em tudo concluiriaõ o dito dia 26. de Março, e seguir-se que ligeiramente, e com trabalho embarcados profeguirãõ felizmente a derrota.

Ascendunt vix in littore,
Cum flavit Sanctus Angelus
Velum currentis Cymbæ
Maris calcant volumina.

220 Conforme ao referido, e racional
contextura deste singularissimo Hymno, partiria
de Jope em 27. de Março, e chegando em breve
tempo ao mar de Portugal ao sexto dia da viagem,
e acalmado a embracação por Divino Mysterio
na altura de Matozinhos, a tempo, que na sua pra-
ya se solemnizavaõ os sobreditos desposorios, suc-
cedeo nelles o admiravel prodigio ponderado.

Brevi, Calensem, tempore,
Portum pertingit barcula,
Quo Regum recens soboles
Festum pro nuptu peragit.

221 E bem se infere succeder isto ao sex-
to dia, visto que no setimo chegaraõ a desembar-
car em Iria Flavia, e não menos ser todo aquelle
necessario a poder ser plenamente instruido na Fé,
e baptizado o desposado Cavalleiro com todas as
circunstancias, que refere o Hymno, e ser a via-
gem de sete dias, entrando este no numero delles,
pelo que tudo recenceada com bem advertida at-
tenção esta conta, della claramente se manifesta,
que no primeiro de Abril do anno, em que San-Tia-
go padeceo martyrio, succedeo em Matozinhos
aquelle caso admiravel, de que resultou ser todo
o lugar à Fé Catholica convertido, e que a dous do
mesmo mez desembarcaraõ em Galiza os Discipu-
los do Santo Apostolo, e talvez permittisse Deos,
que logo ao entrar na altura desta Provincia, que
então principiava do Rio Douro, qual trovaõ da
Divina Graça, desse hum taõ estrondoso final de
vir a ella sepultarse.

222 Feliz ditofo dia foy para os moradores de Matozinhos o primeiro de Abril do anno de 44. digno por certo de eterna, plausivel, e sempre memoravel chronologia; assim como dahy a oitenta annos o foy o dia tres de Mayo do de 124. em que no mesmo lugar aportou a Veneravel Imagem de Christo Crucificado, e o de vinte e cinco tambem de Mayo do anno de 174. em que na mesma parte appareceo o braço, de que havia chegado diminuto, como fica ponderado. Feliz mil vezes tal dia, em que taõ copioso rebanho, pelo Sacramento do Bautifmo, se recolheo ao salutifero gremio da Igreja Catholica, com affombro fatal do Tartareo Abyfmo, e felices tambem igualmente os outros dous dias referidos, em que por ambos, e qualquer delles adquirio, e conserva este venturofo lugar o Soberano penhor da mayor gloria, no expresso retrato do Redemptor do Mundo.

CAPITULO XXXIII.

Profegue-se a ponderar a razão de sabir o Senhor de Bouças em Matozinhos.

223 Sendo, como fica visto, o lugar de Matozinhos o primeiro das Espanhas, que universalmente recebeo a Fè Catholica, bastante razão de congruencia parece havia para nelle mais que em qualquer outro permittir Deos aquelle deposito; e a razão desta razão seria, que como nesta Provincia de Entre Douro, e Minho havia San-Tiago Mayor principiado a Missão Apostolica, apor-
tan-

tando para isso em algum dos portos maritimos della, conforme a melhor opiniaõ de gravissimos Escretores nossos, quaes o Illustrissimo D. Rodrigo da Cunha, o Licenciado Jorge Cardozo, o Doutor Antonio de Souza de Macedo, Frey Bernardo de Brito, Gaspar Estaço, o Padre D. Nicolao de Santa Maria, e dos Espanhões outros muitos, circumstancia tinha relevante este venturoso lugar, que o constituhia já com disposiçaõ digna de tanto portento.

224 Quantos Escretores affirmaraõ a vinda de San-Tiago a Espanha, reconhecerã todos, que annunciara a luz da graça em Braga, e em ella instituhira o primeiro Bispo, que houve nestas Provincias, e assintindo muitos em que o seu desembarque fora em porto da de Galiza, nenhum se encaminhou a conjecturar individualmente, em qual dos della feria. Estevaõ de Garibay se intrometeo a dizer, que San-Tiago principiara a Missaõ Apostolica pelas Asturias, insinuando assim, que em porto dellas desembarcara primeiro, a que sem duvida o moveo a inclinaçaõ de ser dalli natural; porem de nenhuma sorte se faz verosimil, que vindo o Santo de Levante pelo Mediterraneo, e lado meridional de Espanha fosse com rodeyo taõ largo desembarcar primeiro no extremo do lado septentrional da mesma Espanha a que vinha destinado, e nisto se fundaõ melhor os que entendem desembarcara primeiro em algum dos portos do Mediterraneo.

225 Mas examinando sem particular inclinaçaõ este ponto, se as causas se conhecem pelos effeitos, se fazem à ponderaçã taõ grandes

Illustrissim. Cunha Trat. de Primatu Bracar. cap. 11. n. 1. Hist. Eccl. 1. part. cap. 14. n. 1. Card. Agiol. Lusit. nas Advert. ao tom. 1. §. 4. a pag. 11. Macedo. Flores de Hesp. cap. 9. Excel. 2. fol. 73. & in Lusit. Liberat. Proem. 1. a n. 16. p. 33. Brito Monarch. Lusit. 2. p. lib 5. cap. 3. Estaço Antiquidad. de Portug. cap. 68 n. 10. Santa Maria Chronic. dos Coneg. Regrant. lib. 5. cap. 1. n. 2. Garibay Compend. Hist. de Hesp. lib. 7. cap. 12.

o da total conversão do lugar de Matozinhos ao tempo que para Galiza passava o Sagrado Cadaver de San-Tiago, e o permitir Deos, que o mesmo lugar, mais que outro, fosse, e se conservasse sempre soberano deposito da Veneravel Imagem de Christo Crucificado, que parece fazem verosimil a conjectura de que de tudo foy causa primaria o haver tambem o Santo a primeira vez desembarcado neste lugar, e delle passar logo a Braga, hum dos grandes Emporios de Espanha, a que então principalmente se encaminhava o seu dezignio, para que desta sorte em continuada serie de prodigios succedesse, que na mesma parte, onde o Santo desembarcara para a conversão de Espanha quando vivo, na mesma parasse, quando já morto a ella vinha reconduzido, para a total conversão do lugar, em que aportara primeiro, e por isso do mesmo Senhor especialmente attendido para tão soberano deposito.

226 Na conformidade deste discurso, visto não haver a encontrallo positiva certeza de porto individual, em que San-Tiago desembarcara, sendo verdade infalivel, que veyo embarcado, e aportou em Espanha, se não faz impossivel que desembarcasse no lugar de Matozinhos, por aver nelle a barra do Rio Leça, posto que nos presentes seculos menos conhecida, por só ser frequentada a do Douro, que lhe fica proxima; e naquelles tempos o eraõ todas as da Costa Occidental da Lusitania até os fins de Galiza, mayormente sendo então as embarcações ordinariamente mais pequenas, e as fozes dos rios mais largas, e por tudo verosimil ser esta a causa primaria daquelles glo-

gloriosos effeitos; porque em tudo o pela Divina Providencia disposto, ha, e houve sempre particulares, e grandes mysterios.

227 Digno parece de reparo, que ao Rio Leça dessem alguns dos nossos antigos na lingua latina os nomes de *Celandus*, *Lethe*, e ultimamente o de *Lecia*, ou *Læcia*, que todos aponta o Padre Frey Pedro de Poyares em feu Diccionario, e como nos dous primeiros houve talvez engano, por elles o serem proprios dos Rios Cavado, e Lima nesta mesma Provincia, ficou sendo só proprio do Leça o terceiro *Læcia*, que os nossos Padres Pedro de Mariz, e Joseph Pereyra Bayaõ entenderaõ ser derivado de *Letitia*, pela jucunda alegria, que causavaõ á vista os amenos arvoredos de suas margens; porém sendo, como he commua esta circumstancia, e o foy sempre a todos os Rios de Entre Douro, e Minho, que della naõ derivaõ seus antigos nomes, se manifesta proceder de mais alta etymologia o de Leça, e deduzirse mais propriamente da universal alegria, que rezultou a toda a Espanha, de que por este maritimo Occidental Orizonte, lhe amanhecesse a luz da Graça annunciada pelo feu Sol Apostolico.

228 Derivar-se hia tambem particularmente o nome de Leça da alegria especial, que a todo o lugar resultasse, tanto pela feliz entrada do Apostolico Sol por elle em Espanha, quanto pelo raro prodigio da plenaria conversão, em que o mesmo, havendo alli ostentado as primeiras luzes do berço, as completou mais brilhantes no Occaso, laureando-se depois os triunfos da Graça, com vir depositarse nelle a Veneravel Imagem do Au-

Poyares
Diccion. Lusitan. Latin.
lit. L. Verbo.
Leça p. 247.

Mariz Hist.
de S. Joaõ
Sabagum
I. part. cap.
II. fol. 58.
vers.
Bayaõ Portug.
Gal Glorioso.
lib. 3. n. 22. p.

193.

*Ma.
Hesp. cap. 1.
Excel. 6.*

r della. E se antes disso houvesse tido o rio *Leyra* o mesmo nome, ou o de *Lethe*, alludindo ao prazer, e descanso, com que os Antigos suppunhaõ, que esquecidas as Almas dos males da vida, passavaõ do *Lethe*, que era o rio *Lima*, aos Campos Elysiõs, situados nesta Provincia, como entre outros bem mostra o Doutor Antonio de Sousa de Macedo, sempre se manifesta, que em hum, e outro tempo, tanto no Gentilico, como no Catholico, teve o nome do rio *Leyra* glorioso alegre motivo.

CAPITULO XXXIV.

Continua a mesma materia com algumas particulares excellencias da Provincia de Entre Douro, e Minho.

229 **V**isto como Deos piedosamente foy servido favorecer tanto o lugar de Matozinhos, e enriquecello com o precioso thezouro, que nelle ha tantos seculos se conserva, continuando em ponderarmos, que pelos effeitos se conhecem as causas, parece que as muitas, e grandes, excellencias desta Provincia de Entre Douro, e Minho, em que o dito lugar se comprehende, manifestaõ bem o quanto ella, naõ só desde a Redempçõ do Mundo, mas da Criaçãõ d'elle foy sempre da Divina Providencia especialmente adornada, e attendida. Desde a Criaçãõ o persuadem a bondade admiravel do seu clima, a fertilidade prodigiosa do seu termo, o ameno

Mendes Sylva Poblac. gener. de Hesp. Descr. de Portug. cap. I. fol. 144. vers.

recie;

recreyo de seus prados, o suave manancial de suas fontes, a prateada corrente de seus rios, o rico mineral de seus montes, e tudo o mais que della em compendio referem Rodrigo Mendes Sylva, Gaspar Estação, João Salgado de Araujo, João Vazeo, e outros.

*Estação Antig.
de Portug.*

*cap. 56. e 72.
Araujo Suces.
Milit. lib. 1.
cap. 1.*

*Vasæus Chron.
nic. Hisp. cap.
8. n. 10.*

230 Desde a Redempção do Mundo o insinuação também além das excellencias, que fição ponderadas, as muitas que se seguirão aos primeiros orizontes, com que a luz da Graça amaneheceo neste emisferio, como a de haver nelle instituido San-Tiago Mayor o primeiro Bispo destas Provincias, qual foy S. Pedro de Rates em Braga, fundamento verdadeiramente indisputavel da Primazia das Espanhas. Nesta Provincia escolheo logo o Santo Apostolo os nove principaes Discipulos, sete dos quaes voltando com elle a Palestina, reconduziraão seu corpo à Região Occidental, em que descança, como entre muitos bem pondera Frey Luiz de Souza, o Illustrissimo D. Rodrigo da Cunha, Frey Bernardo de Brito, Antonio de Souza de Macedo, e Jorge Cardozo.

*Souza Hist.
de S. Domin-
gos 1. part. lib.
6. cap. 1.*

*Illu. s^tissimo
Cunha Tract.
de Primat.*

*Brac. cap. 11.
n. 3. a p. 48.
Brito Monar-
ch. Lusit. 2.
part. lib. 5.*

*cap. 3. p. mihi
19.*

*Macedo Flor.
de Hesp. cap.*

*9. Excel. 2. e
3. a fol. 73. &
75.*

*Card. Advert
ao 1. tom. dos
Agiol Lusit.*

*§. 4. pag. 12.
Cardozo ditto
Agiol. Lusit.*

*tom. 2 dia 26.
de Abril pag.
718. e tom. 1*

*dial. de Sant.
de*

231 Nesta Provincia foy S. Pedro de Rates Arcebispo de Braga, e Primaz das Espanhas o Prothomartyr não só dellas, mas de toda a Europa, como por não multiplicarmos authoridades, affirmo o referido Jorge Cardozo. Nella foy também o primeiro Eremita da mesma Europa S. Felix, que deo piedosa sepultura ao precioso Cadaver daquele Santo, como a'ém de outros, certifica o sobredito Escritor. Della foraão naturaes as Santas nove Irmãs Liberata, Quiteria, e outras nascidas todas de hum parto, que floreceraão no principio

e seu com- ment. p. 1. c. 5. P. Nicolas Antiquid. Eccl. de Hesp. sigl. 2. cap. 8. a pag. 119. Estaço Antig. de Portug. cap. 18. n. 1. de Segundo seculo da Epoca Catholica, de que fazem menção o Padre Frey Paulo de S. Nicolao, e outros muitos; sendo de advertir que todas padecerão martyrio dentro dos limites da Provincia de Galiza, e não nas varias, e externas, que errada, e confuzamente lhe assinarão muitos dos Escritores, que trataraõ desta materia, de que já a outro intento, fizemos Dissertação copiosa.

Macedo Flor. de Hesp. cap. 9. Excel. 10. ex fol. 93. Mariana de de Rebus Hisp. lib. 4. cap. 19. Ferrarius Letania. Geograph. lit. E. Verbo. Egita. Illustrissimo Cunha. Catal. dos Bispos do Port. 1. part. cap. 13. pag. 160. & 163. Cardozo Agiol Lusit. tom. 2. com. ao 1. de Março lit. C. a pag. 13. **232** Da mesma Provincia, e da Villa de Guimaraes della foy natural S. Damaso primeiro Pontifice, que as Espanhas deraõ a Roma, assumpto no anno 367. da Redempção humana, como bem mostra Gaspar Estaço, Antonio de Souza de Macedo, e he de notar se enganaraõ muito os que o fizeraõ natural da Idanha, por não advertirem, que o proprio nome latino antigo della foy *Igadia*, e Guimaraes o teve de *Egita*, de que se derivava a seus naturaes o de *Egitanenses*, e foy Cidade nesta Provincia, como escreve o Padre Joaõ de Mariana, e affirma Felipe Ferrario, e o que mais he, que foy Cidade Episcopal; mas essa demonstrativa averiguação não he do presente argumento.

233 Natural desta Provincia foy S. Rozen- do, o primeiro das Espanhas pela Igreja canonizado com as solemnidades, que a mesma pratica, como entre outros referem o Illustrissimo D. Rodrigo da Cunha, e Jorge Cardozo. Nella teve o nascimento aquelle esclarecido Principe, o Serenissimo D. Affonso Henriques, por Christo instituido primeiro Rey de Portugal, para as gloriosas emprezas, que no Campo de Ourique foraõ celestialmente estabelecidas, e tem já sido no Mun- do

do, com affombro admiradas; mas tudo maravilhosos effeitos das referidas prodigiosas caulas. De fórte que estando este Reyno situado na melhor parte de Espanha, e sendo o primeiro, em que fóra de Judea, e Samaria, se annunciou a Fé Catholica, e geralmente se constituhio nella, foy sempre em todos os tempos esta Provincia, a por onde tiveraõ principio tantas glorias.

234 Disto procedeo sem duvida a grande fantidade, e piedosa Religiaõ, que admiraraõ sempre os nossos Escritores nesta Provincia, que tendo dezoito legoas de comprimento, e doze de largo, nas partes em que o he mais, comprehendendo duas Cidades, trinta e quatro Villas, e immensidade de aldeas, com mil e quatro centas e sessenta, ou mil e quinhentas Paroquias; mais de cento e trinta Mosteyros de varias Religioes, cinco Collegiadas, Ermidas, e Oratorios sem numero; dezoito casas de Mizericordia, vinte, e oito Hospitaes, sendo alguns delles Albergarias. Nella se achão depositados quatorze Corpos de Santos, e são seus naturaes, onze Canonizados; e o mais que rezumem Joaõ Vazeo, Gaspar Estaço, Duarte Nunes de Leão, Joaõ Salgado de Araujo, Manoel de Faria, e Souza, e outros muitos, e por não dilatarmos este ponto, concluimos em noticiar que na Cidade do Porto ha huma Capella de Santo Antonio vinculada em Morgado, e de sua instituição consta ser a primeira, que em Portugal se erigio em honra deste Santo.

Vasæus Chron. Hisp. cap. 8. n. 10. fol.

14. Estaço Antig. de Portug.

cap. 56. a n. 1. Nunes de

Leão. Discr. pção de Portug. cap. 34. a fol. 65.

Salgado de Araujo success. Milit. cap. 1.

Faria Epit. das Hist. Portug. part. 4. cap. 2. a pag. mihi 342.

CAPITULO XXXV.

Do culto, que teria esta Veneravel Imagem desde o tempo de sua apparição em Matozinhos, até o da entrada dos Suevos, e outras Nações Sepemtrionaes em Espanha.

235 **D**Esta questaõ já protestamos tocar sómente o que for preciso ao nosso assumpto, por ser a melhor, e mais exacta averiguação da Disciplina Ecclesiastica em Portugal, por aquelles tempos da primitiva Igreja, dignissimo emprego ao esclarecido talento do Real Academico o Illustrissimo D. Francisco de Almeida, que com admiravel indagação o tem illustrado, e como os fundamentos deste agigantado Atlante em seu instituto se firmão em assentar, como regra geral, que as Igrejas de Espanha até o tempo do primeiro Concilio Niceno se conformavaõ na Disciplina com a de Roma, e de todo o Occidente, he certo que em Matozinhos se havia de dar à Veneravel Imagem de Christo Crucificado o mesmo reverente culto, que a Igreja Romana praticava desde o seu nascimento.

D. Francisco de Almeyda. Disciplin. Eccl. de Hesp.

236 Mayormente, que havendo San-Tiago Mayor annuciado com a Fè Catholica, o culto, e a veneração das Sagradas Imagens nesta parte da Lusitania, como fica visto, e levando della consigo à Palestina dos Discipulos, que cá escolhera, os sete, que reconduziraõ seu marty-

riza-

rizado corpo a Galiza, e voltaraõ depois a Roma, donde vieraõ pelos Santos Apostolos Pedro, e Paulo ordenados Bispos, no que assenta o commum dos Nacionaes Escriitores, he sem duvida que estes, naõ só instruidos por San-Tiago, mas pelos Principes da Igreja, haviaõ de continuar a estabelecer nesta Provincia, e em todas as de Espanha, a mesma Religiaõ, e o mesmo culto, que o seu Santo Mestre havia nellas introduzido.

237 E para que a mesma Fé, e o mesmo culto permanecessem firmemente em nossas Provincias, permittio a Divina Providencia, que tambem depois viessem S. Pedro, e S. Paulo a Espanha. De hum, e outro o certifica Frey Franciico de Bivar fundado nos irrefragaveis testemunhos, que aponta, além dos quaes o affirmãõ gravissimos Escriitores, que por muitos naõ repetimos: como porém todos, ou os mais delles, mostraõ que estes Santos Apostolos naõ só trouxeraõ Imagens sagradas; mas que em varias partes das em que prégaraõ, erigiraõ Igrejas, em que deixaraõ Bispos, como San-Tiago havia deixado em Braga, e outras Cidades de Espanha, se manifesta havellas nella desde os tempos da primitiva Missaõ Apostolica, e em todas a mesma Ecclesiastica Disciplina; e naõ havia de deixar de havella em Matozinhos, pelas primarias razões já ponderadas.

238 E tanto as houve com Disciplina Ecclesiastica, naõ só em Matozinhos, e mais partes, e Provincias de Espanha, mas em todo o Orbe Catholico, desde os principios da Conversaõ das mesmas Provincias, que porisso as infestavaõ, e perseguaõ os Emperadores, e Magistrados Gentilicos;

*Bivar. in
Dextrum. Co-
ment. ad ann.
Christi 50. n.
1. p. 100. Et
coment. ad
ann. 64. n. 3.
& 4. a p. 123.*

tilicos; porèm pela Providencia Divina, com taõ pouco effeito, que huns se resolveraõ a dissimullas, e outros tiveraõ animo, e vontade de admittillas, se algumas erradas politicas do Mundo lho não encontraraõ; mas com tudo continuou sempre, em augmentado, e glorioso expediente a Religiaõ Catholica, na forma que já largamente temos mostrada na profeguida ponderação do presente assumpto.

239 Manifesta-se claramente o referido, se considerarmos a prodigiosa immensidade de Santos Martyres, que houve em todas estas Provincias, de que estaõ bẽ cheas as nossas Historias, em tanta fórma, que principiando em tempo de Nero este memoravel destroço, foy já nelle taõ excessivo, que por isso se lhe erigio em Espanha, como padraõ do mais esclarecido triumpho, aquella arrogante memória, que entre outros traz copiada o Cardeal Cezar Baronio; mas como a Religiaõ Catholica, ao mesmo passo, que a cega Gentilidade a suppunha extincta, profeguiu mais vigorosa, respirando como Feniz nos incendios da graça, agitada dos effimulos nas sagradas Imagens reprezẽtados, fez crescer nas cõtinuadas perseguições da Igreja a multiplicados esquadroes os seus alumnos, com assombro fatal do Tartareo Abyfmo.

240 E sendo a Provincia de Entre Douro, e Minho, taõ especial em tudo, que deo logo à Igreja em S. Pedro de Rates o primeiro Martyr da Europa: em S. Felix o primeiro Eremita: nas Santas nove Irmãs Liberata, Quiteria, e outras já referidas as primeiras Anachoretas: Em S. Damaso o primeiro

*Baronius. An-
nal. Eccl. tom.
I. da impres-
são de 1591.
Anno Christi
69. pag. mihi
772.*

primeiro Pontifice Espanhol a Roma. Em S. Rozendo o primeiro Santo folemnemente canonizado, e no Principe D. Affonso Henriques o primeiro Rey a Portugal por Deos escolhido; se faz certo que o foy tambem na Religião, e no culto, e por tudo evidente, que aportando a Veneravel Imagem do Senhor de Bouças no anno de 124. em Matozinhos, a levarão em procissão á Igreja os Catholicos, instituindo-lhe os festejos, e continuando-lhe os reverentes obzequios permitidos, e praticados naquelles tempos.

CAPITULO XXXVI.

Do que succedeo na entrada dos Suevos, e outras Nações Barbaras em Espanha.

241 **A** Respeito da entrada dos Suevos; Vandalos, Silingos, e Alanos em Espanha, como houve diversidade nos Escritores em assentar o anno prefixo della, se faz digno de ponderação, que Idacio Bispo Lamecense, e Escriitor, que vivia naquelles tempos a assina no principio, ou primeiro anno da Olympiada 297. que corresponde ao de 409. do nascimento de Christo, como bem adverte o Padre Sirmondo da Companhia de JESUS na exposição das Notas daquelle Chronicon anterior á sua impressão do anno de 1619. e o mesmo se colhe da de Frey Prudencio de Sandoval no anno de 1634.

242 Joáo Vaseo rezolvendo-se a seguir nes-

*Idatius. in
Chronic. apud
Sirmon lum,
& Sandoval-
lium. Olymp.
297.*

*Vaseus. Chro-
nic. Hisp. An-
no Christi*

ta parte a Paulo Orosio Escriitor tambem Españhol, e contemporaneo, affina esta entrada no anno 410. da nossa Redempçaõ ; e supposto que em taõ pequena differença a respeito da de outros Escriitores, pareça desnecessario demorar nesta questãõ ; com tudo a larga reflexãõ, que a favor da curiosidade fizemos nella, nos move a advertir que nos pareceo melhor, e mais exacta a computaçãõ de Idacio, tanto pela apontada advertencia do Padre Sirmondo, como por mais bem ajustada à Chronologia dos tempos.

243 A diversidade dos Escriitores em affinar o anno da entrada destas Nações Septentrionaes em Espanha, entendemos procedeo da que tiverãõ em darem principio certo às Olympiadas ; huns regulando-o pelos annos do Mundo, em que houve confusaõ grande ; outros principiando-as como de Censorino aponta Agustinho Calmet, no anno 772. e outros no de 775. antes do nascimento de Christo, como os Padres Joã de Buffieres, e Antonio Maria Bonucci da Companhia. Porém isto não pode subsistir ; porque a qualquer daquelles annos, juntandose-lhe os de 409. ou 410. da Epoca Catholica, coincidem com as Olympiadas 295. e 296. e aquella entrada foy na Olympiada 297.

Calmet. Diction. Biblic. tom. 2. Verbo. Olympias Buffieres Flo-scul. Histor. Areol. 5. Anno Mundi 3278. pag. mibi 44. Bonucci. Epit. Chronol. lib. I cap. 8. a p. 42

Vener. Enchiridion de los tiempos. fol. mibi 4. vers.

244 O Padre Frey Alonso Venero averigua, que as Olympiadas tiverãõ principio no anno 780. antes do nascimento de Christo, a que juntos os 409. do mesmo Senhor fomaõ 1189. e repartidos estes pelo numero 4. resulta a de 297. que he a propria Olympiada daquella entrada, e o 1. que cresce da repartiçaõ denota o haver sido

fido

fido no anno primeiro della, em que justamente a refere Idacio; e nem porisso na substancia encontrao ao sentir de Orofio; porque como a entrada daquelles Barbaros em Espanha foy pelos Pyrineos, e no principio de Outubro do anno de 409. vieraõ devastando até à Conquista de Toledo, e o Cerco de Lisboa, haviaõ de chegar a estas ultimas partes os seus progressos já no anno de 410. segundo da mesma Olympiada 297. ficando assim conciliados estes dois Nacionaes Escriutores.

245 Divulgada por toda a Espanha a funesta noticia da crueldade, com que estes Barbaros entraraõ a devastalla; flagelo, que a fome, e a peste faziaõ mais crecido, como refere Idacio, *Idatius. dista* e sabida sobre tudo em Braga a furiosa irreverencia, com que vinhãõ profanando as Igrejas, e Imagens sagradas, sem escapar ao seu rigor, nem o religioso jazigo das sepulturas, tratou logo o Arcebispo Primaz Pancraciano de congregar nella hum Concilio, em que se desse a providencia possivel a tanto damno: o motivo do exordio do mesmo Concilio, e que foy celebrado a tempo, que os Barbaros, com rapida corrente, haviaõ devastado a Celtiberia, e Carpentania, e tudo o mais até os Pyrineos; e estavaõ imminentes a esta Provincia, por entrados já na Lusitania.

246 Huma das disposições deste Concilio, depois de estabelicida nelle a Fé do Niceno, foy apartar com decencia da irreverencia dos Barbaros as Reliquias dos Santos, e as Imagens Sagradas. Nesta occasião foy occulta por Arisberto Bispo do Porto, no lugar, e Igreja de Bouças a Ve-

*Freitas. Trat.
do Senhor de
Matozinhos.
cap. 7.*

neravel Imagem do Senhor de Matozinhos, que de muitos annos alli florescia, como refere o Reverendo Doutor Antonio Coelho de Freytas, fundado em noticias de papeis antigos, e tradições constantes, abonadas pelas memorias dos Padres Frey Bernardo de Braga, Frey João do Apocalypse, e Frey Gil de S. Bento, Antiquarios insignes desta Provincia, e ha tradição permanente se formara huma parede de cantaria, que totalmente cubrisse, a em que estava a Imagem do Senhor, em hum vão artificial della collocada.

C A P I T U L O XXXVII.

Continua a mesma materia com algumas reflexoens sobre o dito Concilio.

247 **A** Razaõ de duvidar-se, posto que sem fundamento solido, da verdade daquelle Concilio celebrado por esta occasião em Braga, deo occasião a varios discursos em seu abono, todos concludentes, e admiraveis todos, especialmente o do douto Academico Real, o Beneficiado Francisco Leytaõ Ferreira, que com engenho igual ao seu talento o exornou muito. O motivo que para isso teve, e aponta no fim da Prefaçã a este assumpto, nos moveo tambem; a que em obediente sacrificio a particular estudo Academico, fizessimos na materia com attenta ponderaçã hum largo exame, em que positivamente assentamos por reflexoens particulares, que a verdadeira forma deste Concilio congregado em
Braga

*Leytaõ Fer-
Dissert. Apo-
loget. no 3.
tom. das Col-
lec. Acade-
mic. a p. 105.*

Braga ao tempo da entrada daquellas Nações Barbaras em Espanha, foy a mesma que o dito douto Academico no apontado lugar traz copiada, e não outra das que vulgarmente andaõ impressas, por varias razões, que entaõ expendemos.

*Idem Leytaõ
Ferreira no
Appendix à
Dissert. supra.
Docum. 1. à
pag. 195.*

248 Dois foraõ os pontos, que principalmente discutimos a este respeito: hum o dar-se, como na realidade se deo, e devia dar a Pancraciano naquelle Concilio o titulo de *Arcebispo*, repetido tambem em huma carta de Arisberto, ou Aldeberto Bispo do Porto a Pamerio Arcediago de Braga por aquelle tempo; outra dar-se-lhe, como se lhe deo tambem, e devia dar no mesmo Concilio, o titulo de *Senhor* pela palaura *Dominus*. Quanto ao primeiro, mostramos com evidencia, que o titulo de *Arcebispo*, supposto que entaõ não fosse geralmente praticado nos Metropolitanos de Espanha, não era ignorado nella; porque desde o principio da Igreja o tinhaõ sómente pessoas particulares da Jerarquia Ecclesiastica, como Patriarchas, e Primazes, e por esta razão o tinhaõ sómente em Espanha o Arcebispo de Braga.

249 Sem que por isto lhe ficasse sendo redundante o titulo, que tambem se lhe deo de Prelado *primæ Sedis* como de *Arcebispo*, por serem diversos, e com significações distinctas, ambas competentes a Pancraciano, huma universal pelo titulo de *Arcebispo*, como Primaz das Espanhas, e outra particular pelo de *primæ Sedis*, como Metropolitano especial da Provincia de Galiça, titulo que no estado da contracção se decretara aos Metropolitanos particulares das Provin-

cias no terceiro Concilio Cartaginense celebrado doze, ou treze annos antes deste Concilio de Braga.

250 Quanto ao segundo, com igual evidencia mostrámos, que o titulo de *Senhor* pelo nome *Dominus*, se deo, e devia no mesmo Concilio a Pancraciano, pelos mesmos motivos, que o de *Arcebispo*, por da mesma sorte se praticar com dignidades Ecclesiasticas de semelhante gradação na Igreja Catholica desde os seus principios, o que senão ignorava em Espanha; pois mostrámos, que com a restricção referida se praticara nella, e o tinha, e competia então sómente ao Arcebispo de Braga, como Primaz de toda, além de já nos tempos do dito Concilio, e alguns antes se dar na mesma Espanha o titulo de *Senhor* a pessoas de distincção egregia.

251 Muitas mais circumstancias, e bem relevantes, havemos já ponderado em abono do mesmo Concilio, além das aureas repostas, que a suas objecções tem dado o referido douto Academico, pelo que tudo se faz indubitavel a sua realidade, e como no fim do anno de 409. principiou a invasão dos Barbaros em Espanha, e se foy extendendo pelas Provincias della o destroço, fica sendo conforme a Chronologia dos tempos, e continuação dos successos, que no anno 410. da Epoca Catholica se celebrasse em Braga o dito Concilio, e que pelo disposto nelle, se occultasse no lugar, e Igreja de Bouças a Veneravel Imagem do Senhor de Matozinhos.

252 Não he facil de averiguar o tempo, que assim permanecesse occulta esta Imagem sagrada; mas pelas mesmas razões se faz verosimil
o esta-

o estaria por todo, o que foy necessario a estabelecer os Suevos o dominio, que tiveraõ nesta Provincia: não seria porèm muito; porque supposto grande parte destas Nações fosse inficionada da Seita Arriana, com tudo Hermenerico primeiro Rey dos Suevos nesta parte permitia livremente o exercicio da Religiaõ Catholica, e porisso o era sua filha Cindafunda, que elle deo em matrimonio a Ataçes Rey já dos Alanos na Lusitania, e parece que o mesmo fizeraõ os Reys Suevos seguintes, Rechila, Reciaro, Maldra, Franta, Frumario, e Remismundo, até o tempo que este casou com huma filha de Theodorico Rey Godo, e Arriano em França, como entre outros se manifesta do que escrevem Fr. Bernardo de Brito, e Manoel de Faria, e Souza.

Brito. Monarch. Lusit. 2. part. lib. 6. a cap. 8.
Faria. Epit. das Histor. Portug. part. 2. cap. 3. e 4.

CAPITULO XXXVIII.

Continua-se a mesma materia do culto da Veneravel Imagem do Senhor de Bouças em Matozinhos.

253. **S**endo pois nesta parte de Entre Douro, e Minho florecente, e pacifico o estado da Igreja Catholica nos tempos daquelles Reys Suevos, depois de introduzidos, como explica o referido Fr. Bernardo de Brito, parece sem duvida que nelles havia de estar esta sagrada Imagem descuberta, continuandose-lhe a adoração, e o culto, com que de antes fora venerada, em quanto Remismundo não foy totalmente inficiona-

Brito Monarch. Lusit. 2. part. lib. 6. cap. 8. p. mibi.

234.

ficionado dos Arrianos dogmas por Ajax introduzidos em Elpanha desde a occasião de seus desposorios, de que não he facil averiguar o anno, e só se colhe fer alguns depois do de 464. do nascimento de Christo; porque de então suspenderaõ os Escritores as suas memorias, e as de seus successores, tambem inficionados por espaço de noventa, ou cem annos até Theodomiro.

254 Entendemos porèm, que no discurso dos annos, que mediarão entre Remismundo, e Theodomiro, posto que os Reys Suevos, que nella successivamente governaraõ, e alguns de seus vassallos, ou por engano, ou por lisonja seguissem ignorantes o Arrianismo, nem por isso deixava de cultivarse nesta Provincia a Religião Catholica, erigiremse Templos, e veneraremse as Imagem Sagradas pelos muitos Fieis, que tambem havia, sem serem daquella demente Heregia infectos, e disso procedeo gravarem-se a estes nas sepulturas, quando morriaõ, os Caracteres, *Alpha*, e *Omega*, por onde os Catholicos se differençaõ dos Arrianos, o que teve primaria origem por aquelles tempos.

255 Então se erigiaõ Templos sagrados, como se erigio o das Religiosas de Vayraõ desta Provincia, no qual se conserva, gravada em pedra, huma antiga memoria, de que já a outro intento, em beneficio Academico, demos especificada noticia, porque consta com evidencia, que fora fundado, e concluido por Marispalla, mulher nobre, e Religiosa, na era de Cezar de 523. que he anno de Christo 485. tempo em que reinava em Galiza Veremundo, que foy hum dos Reys

Sue-

Suevos naquelle intervallo, e fuceffor de Theodulo, que o foy de Remismundo, como se manifesta do que escreve o nosso Manoel de Faria, e Souza em feu Epitome. He pois a Inscripção, que em Vayraõ se conserva: *In nomine Domini per-*

Faria. Epit. das Hist. Portug. part. 2. cap. 4. pag. mibi 116.

fectum est templum hoc per Marispallã Dõ votã sub die 13. Kalendas Aprilis: era 523. Regnante Serenissimo Veremundo. Re. X. e huã espada. Da primeira, e ultima clausulas deste monumento se manifesta fora edificado o Templo em nome do Senhor, e por pessoa Catholica, e não menos ser erecto reinando Veremundo, hum dos que os Escriitores deixaraõ em silencio; mas he de notar darlhe o titulo de *Serenissimo*, insinuando, que ainda que fosse de profissão Arriano, era com tudo manso, placido, e no politico de bons costumes, por serem estas, e outras semelhantes circumstancias o motivo, porque aos Principes se dava o titulo de *Serenissimos*, como, entre outros, bem expende o Doutor Francisco de Amaya.

Amaya. Comment. in lib. X. Codicis. de Can. largit. tit. Tit. 23. L. 3. n. 1. p. 190

256 De fórte, que não obstante, que o reinante Remismundo fosse Arriano, era pelas razões sobreditas permittido erigirem-se de novo Templos, e cultivar-se nelles, como nos que havia, a Religião Catholica. E supposto affirme o mesmo Manoel de Faria, que continuando na Heregia os Reys Suevos, não davaõ lugar a se convocarem em Portugal Concilios, como nas outras partes de Espanha; com tudo refere, que nunca alcançaraõ extinguir a multidaõ dos Fieis, que nas perseguições se augmentavaõ, e assim o manifesta a creação daquelle Templo; e os mais prodigios, que aponta a favor dos Catholicos por aquelles

Faria. ibidem

les annos, como o de brotar em Sesta feira Santa huma prodigiosa fonte para o ministerio do Bap-
tismo, e outros evidentes milagres. Pelo que
rudo parece continuava em Matozinhos o culto
da Veneravel Imagem do Senhor de Bouças: além
de que o não haver por aquelle tempo Conci-
lios em Galiza, onde só dominavaõ os Suevos,
seria por não haver para isso occasiaõ, nem seriaõ
necessarios, visto como os Fieis, em opposta com-
petencia dos Arrianos, observavaõ religiosamen-
te o Christianismo.

257 Depois que pela Misericordia de Deos
a diligencias de S. Martinho de Dume, se reduzio
totalmente com Theodomiro à Fé Catholica o
Reyno Suevo, he sem duvida floreceo defassom-
brada nesta Provincia a Sagrada Religiaõ do Chri-
stianismo, em quanto este dominio fenaõ incorpo-
rou por Leovigildo no dos Godos, e no destes
desde Recaredo, até os infelices Witiza, e D. Ro-
drigo, celebrando-se por aquelles tempos em Es-
panha o mayor numero de Concilios, de que ha
memoria nella, permitindo a Providencia Divi-
na, que pela mayor parte se conservasse sem-
pre a Fé pura neste insigne Emporio da Lusitania,
por haver permitido principiarem della os seus
progressos, como fica visto: sendo que a fer-
vorosa diligencia, que precedeo a occultar-se a
Sagrada Imagem dos insultos, que podião fazerlhe
os Barbaros aggressores na sua entrada, foy ve-
neraçãõ, que lhe preveniraõ os Catholicos, por
disposiçaõ adequada, e violenta occurrencia da-
quelles tempos, tudo nascido do mesmo religio-
so principio, que nos animos fieis Portuguezes per-
maneceo inconstitavel.

258 De se haver formado na antiga Igreja de Bouças no tempo da primaria invasão dos Suevos a referida parede, que encubrisse a em que a Veneravel Imagem exiltia collocada, he antiquado indicio o permanecer ainda nos vestigios, que ficaraõ de suas ruinas, huma parte, que mostra haver sido primeiro costado da Capella Mayor daquelle Templo, em que se divisa formado hum nicho com capacidade de recolhella, e ficar decentemente occulta sem violencia com a nova parede anteposta, manifestando-se assim igualmente, que a mesma Igreja já por aquelles tempos era grande, e magestosa, e de antes erecta, ou amplamente reformada com taõ fortificada estrutura, que permaneceo pelos seguintes seculos a mesma, até que pelos annos de 1550. foy ao sitio existente mudada, e porisso não foy fabricada à *fundamentis* pela Raynha Dona The-reza, como entenderaõ alguns dos nossos Escri-tores, o que tambem mostraremos.

CAPITULO XXXIX.

Do tempo da entrada dos Mouros em Espanha, até a sua restauração.

259 **H**Avendo sido em tres seculos dominada Espanha principalmente por Suevos, e Godos, chegou finalmente o fatal anno de 714. em que perdendo-a D. Rodrigo, a senhorearaõ os Mouros, fazendo nella os lamentaveis estragos, de que lastimosamente estaõ cheas

cheas as nossas Historias. No confuso terror desta cruel invasão çoçobrados de affombro os Catholicos, retiraraõ a varias partes, especialmente a Galiza, e Asturias muitas Reliquias de Santos, e alguns monumentos, occultando com apreſfada diligencia varias Imagens ſagradas, ſem mais accordo, que o de evitarlhes pelo modo poſſivel em tanto aperto irreverentes eſtragos, o que pelas meſmas Historias he bem notorio.

*Faria Epit.
das Hiſt. Por-
tug. part. 2.
cap. 7. p. mibi
137.*

*Bleda Chro-
nic. de los Mo-
ros de Heſp.
lib. 2. cap. 17.*

260 Como porẽm, depois de jã dominantes os Sarracenos, aos Chriſtãos que lhes ficaraõ fogeitos (como entre outros afirma Manoel de Faria, e Souza, e Fr. Jayme B'eda) ſe lhes não impedia a piedoſa frequencia de ſua Religiaõ Catholica, e juntarem ſe em ſuas Igrejas aos Officios Divinos, e a receber os Santos Sacramentos, e a ſerem inſtruidos por ſeus Biſpos, e Sacerdotes, para o que lhes ficaraõ reſervados Templos em varias partes de Eſpanha, he ſem duvida ſe foy nella continuando do modo poſſivel o Chriſtianifmo. Não he porem facil de averiguar, ſe das Reliquias, e Imagens ſagradas, que no tempo da invasão foraõ tumultuariamente occultas, ſe deſcubrireaõ logo algumas, ou ficaraõ permanecendo em ſeus eſcondrigios, em quanto Deos não permitia hir livrando a opprimida Eſpanha daquelle barbaro tyranico dominio, e manifeſtarem ſe com raras prodigios os diversos lugares de ſeus depósitos.

261 O referido ſe faz certo, por ſer bem notorio, que tanto, que a noſſa Eſpanha ſe foy restaurando, ſe foraõ algumas das Sagradas Imagens, aſſim occultas deſcubriendo, e a o culto publico

blico manifestando, e muitas, ou as mais dellas já bem depois disso, e de largos annos, como pelas particulares Hiitorias de suas individuaes invenções se patentea, e sendo quasi todas estas aparições acaço, se colhe, que quando forão escondidas, se fez isso com tão accelerada diligencia, que nem della havia memorias escritas, nem certeza dos lugares positivos, em que ficaraõ guardadas; mas tudo à disposiçaõ da Divina Providencia, que pelos seus altissimos, e inexcrutaveis juizos assim o permitira; e por esta razãõ só se sabe, que todas as sagradas Imagens, que em varias occasiões, e tempos diversos forão descobertas, haviaõ sido no da invasaõ dos Mouros pelos Fieis embrenhadas, sem mais concerto, que o que occasionou a pressa a remediar ao menos o mayor damno por não haver modo de outro refugio em tanta ruina.

262 E supposto não ha tão positiva clareza; de que a Veneravel Imagem do Senhor de Bouças fosse occulta no tempo da invasaõ dos Mouros, como a houve de que o fora na dos Suevos, com tudo he verosimil, que o feria, pela generalidade, com que o forão tantas, quantas os Fieis occultaraõ, movidos da confusaõ temerosã, com que todos os de Espanha se viraõ nesta fatalidade, opprimidos dos Agarenos; mayormente não entendendo entãõ, que aos que escapassem dos destroços, e ficassem sojeitos ao dominio Arabico, se lhes permitiria depois o exercicio da Religiaõ Catholica, e tendo para a prevençaõ em memoria o que em caso semelhante se havia praticado na entrada dos Suevos, por disposiçaõ do referido
Con-

Concilio celebrado em Braga a este respeito.

263 Pelo que entendemos, que nesta fun-
nesta, e sempre lamentavel occasiã tornaria a
sagrada Imagem do Senhor de Bouças a ser ocul-
ta; mas não o eitaria tão largo tempo, como o
estiverã outras Imagens, porque sendo esta tão
famosa em prodigios, e em breves annos teve
principio por estas Provincias a restauraçã de Es-
panha, não só em D. Pelayo, mas nos gloriosos
Reys Affonfos, Catholico, Casto, e Magno, pro-
picios sempre às felicidades de Portugal, por
aquelles tempos, parece sem duvida seria pri-
meiro manifesta, e com reverentes cultos publi-
camente venerada, sendo, que não ha certeza da
ocassiã, em que se descubrisse, e o seria na mais
prompta, e opportuna, que houvesse.

264 Se já não fosse, que o mesmo Senhor não
permitisse, que houvesse occasiã de ser pelos Bar-
baros ultrajado aquelle sagrado penhor, que o era
certo de não dezemparrar de todo os Catholicos,
visto como ficaraõ em muitas partes de Espanha
conservando Igrejas, e Mosteiros, e se lhes con-
cederaõ de entre elles, Condes, e Juizes parti-
culares, que os regessem, posto que tudo entãõ
tributario, e fogeito aõs Sarracenos, como bem
se manifesta daquella celebre Escritura de hum Re-
gulo Mouro de Coimbra, que Frey Prudencio de
Sandoval, Frey Bernardo de Brito, e D. Mauro
Castellã Ferrer trazem copiada, declarando tam-
bem Sandoval, que os muitos que houve nas Ci-
dades mayores de Portugal, deraõ porisso occa-
siã a serem brevemente vencidos, e a que os
Princepes restauradores fossem alcançando delles,
e dos

Sandoval.
nas Notas
juntas à Hist.
dos Bispos
Idacio &c. à
pag. 87. Cas-
tella Ferrer.
Hist. de San-
Tiago. lib. 4
cap. 18. à pag.
453.
Brito Monar-
ch. Lusit. part.
2. lib. 7. cap. 7
a pag. mibi
403.

e dos que de outras partes acudiaõ a seus reparos, os mais gloriosos triunfos.

CAPITULO XL.

Continua a mesma materia, e juntamente se mostra, que muitas das Igrejas, e Mosteiros desta Provincia de Entre Douro, e Minho, que permanecem restaurados, eraõ muito mais antigos, que a invasão dos Mouros em Espanha.

265 **S**E bem repararmos em nossas Histórias, especialmente na que pelos annos de 870. escreveu Sebastião Bispo de Salamanca, acharemos, que logo que o restaurador primeiro o esclarecido D. Pelayo, que ás montanhas de Asturias se havia retirado, alcançou a memoravel milagrosa vitoria de Covadonga, em que morreão cento e vinte e quatro mil Mouros, e sessenta e tres mil, que escaparaõ della, foraõ com admiravel prodigio, pelas ruinas de hum precipitado monte sepultados; adverte o referido Escriitor, que conseguida ao mesmo tempo outra completa vitoria de Munnuzza, hum dos quatro Capitães Mouros, que opprimiraõ Espanha, se restauraraõ as Igrejas, e todas em commum renderaõ a Deos as graças.

266 De fórte, que ainda que nos estragos da invasão primeira, e nas hostilidades repetidas em recuperar lugares conquistados, houvessem nas

Igre.

s; e nos edificios as ruinas, que encarecem
 as Hiltorias; sempre com tudo nas mes-
 ou já reitauradas, ou reparadas daquellas
 as, se continuava do modo possivel o divino
 alto em render a Deos as graças pelos triunfos,
 que se hiaõ alcançando, como se vio nos que
 despois de D. Pelayo, foraõ tambem conseguinte
 os Reys Affõs, Catholico, Casto, e Magno já
 referidos, e com taõ reverente agradecimento,
 que os mesmos, e outros Monarchas erigiaõ Tem-
 p'os, e fundavaõ de novo Mosteiros nos lugares
 recuperados, como das mesmas Hiltorias he bem
 manifesto, e muitos refere Sandoval allegado, álem
 dos de pessoas particulares, que aponta o Padre
 Fr. Leão de Santo Thomaz nos Prologomenos das
 Constituições Benedictinas.

Sandoval.

supra

*Fr. Leão de
 Santo Tho-
 maz in Prolo-
 gomenis.*

267 Nos termos da ponderação referida,
 he bem de notar, que todas as Igrejas, e Mostei-
 ros, que permanecem, e outros de que só ha
 vestigios nesta Provincia Interamnense, a que por
 falta de memorias se não pôde affinar principio
 certo de serem fundados pelos tempos da restau-
 ração de Espanha, não sómente são mais antigos,
 que a invasaõ dos Mouros nella; mas ainda aquel-
 les, a que se ignoraõ positivas origens, nos domi-
 nios dos Suevos, e dos Godos, se faz verosimil,
 emanarem todos dos da primitiva Igreja, e se fo-
 raõ de huns a outros tempos reformando, como
 entendemos succedeo, entre outros Templos, à
 Igreja de S. Pedro de Miragaya na Cidade de Por-
 to, à de S. Pedro de Maximinos em Braga, e à
 que primeiro teve no lugar de Bouças o Senhor de
 Matozinhos.

268 A menos advertencia, e pouca reflexão nesta materia fez sem duvida enganar a muitos dos nossos Escritores, que suppozeraõ, e tiveraõ por fundadores primarios de alguns Templos desta Provincia, a fogeitos que sõmente foraõ reedificadores delles, como o Conde D. Pedro, que teve por fundador do Convento das Religiofas Benedictinas de Vayraõ nesta mesma Provincia a D. Touriz Sarna, o que em sua Chronica seguiu o Padre Frey Leaõ de Santo Thomaz, sem embargo de este advertir na Inscripção já referida, que traz copiada, e alli se conserva, porque consta ser a sua fundação primeira no anno do Senhor de 485. supposto que entaõ não era do presente instituto; termos em que foy só reedificação delle a que fez D. Touriz Sarna já pelos annos de 1110. não obstantes as razões de differença, que lhe applica o Benedictino Chronista, que padeceo engano nesta parte, em que não foy muito o tivesse o Conde D. Pedro, por não chegar a alcançar noticia daquella Inscripção, que só foy descuberta no anno de 1608. em ultima reedificação de todo, ou parte do mesmo Convento.

Conde D. Pedro. no Nobiliario da Impressão de Lavãna tit. 40. plana mihi 228. Fr. Leaõ Benedict. Lusit. tom. 2. trat. 2. cap. 6. a pag. 351.

269 Da mesma fórte se enganaraõ o Licenciado Jorge Cardozo, este em dizer que a Rainha Dona Thereza fundara a antiga Igreja de Bouças, e Duarte Nunes de Leaõ, e os que o seguirãõ, em affirmar, que a Rainha Dona Mafalda murther do Serenissimo Rey D. Affonso Henriques fundara os Mosteiros de Leça, Agoas Santas, e outros nesta Provincia, se he que o não entenderãõ de suas reedificações, e reformas, como em se-

Cardozo Agiolog. Lusit. tom 3. Comẽt. a 10. de Junho pag 625 Nunes de Leaõ. Chron. del Rey D. Affonso Henriques fol. mihi 48. Bayãõ Portugal glorioso. lib. 3. n. 11. pag. 182.

*Illustriſſimo
Cunha Catal.
dos Bispos do
Porto 2. parte
cap. 1. a pag. 3*

melhante caſo já advertirão os Eſcritores ; que aponta o Padre Jozè Pereyra Bayaõ ; porque os taes Moſteiros , e outros muitos , como antiquiſſimas pertenças dos Bispos do Porto , forão individualmente mencionados nos Breves , que nos annos de 1115. e 1120. da noſſa Redempçaõ paſſaraõ a favor do Biſpo D. Hugo II. (que tal era o a que forão concedidos) os Summos Pontifices Paſcoal , e Calixto tambem ſegundos , e traz copiados o Illuſtriſſimo D. Rodrigo da Cunha em ſeu Catalogo.

270 E como naquelles Pontificios Breves ſe menciona o Moſteiro de Bouças juntamente com os de Sedoſeita , de Agoas Santas , de Leça , e de Vayraõ , todos em pouca diſtancia neſte Biſpado do Porto , e neſta Provincia , e aos de Vayraõ , e Sedoſeita ſe ſabem poſitivas origens dos tempos dos Reys Suevos , e ſe ignoraõ as dos de Bouças , Leça , e Agoas Santas , ſe colhe ferem as deſtes mais antigas , e com as reformas pelo diſcurſo dos ſeculos occaſionadas , deduzidas deſde o da primitiva Igreja , eſpecialmente o da Igreja de Bouças , por conſtar , como fica viſto , que a tinhaõ naquelle lugar em Matozinhos os Catholicos , quando no anno de 124. collocaraõ nella a Veneravel Imagem de Chriſto Crucificado , que prodigioſamente aportou na praya daquelle ſitio.

CAPITULO XLI.

Continua a materia da antiguidade da Igreja de Bouças.

271 **A**S razões ponderadas, e o largo exame, que pessoalmente fizemos nos antigos vestigios da Igreja de Bouças, em que dilatados Seculos permaneceu collocada a Veneravel Imagem deite Senhor em Matozinhos, nos fez totalmente persuadir a que desde o primitivo Christianismo fora erecta, porque as argamassas, que ainda se divisaõ em suas ruinas, manifestaõ claramente haver sido aquella fabrica do tempo, e uio Romano, em que a cal se formava, ou compunha de cascas de marisco moido, de que se percebem varios fragmentos em tudo semelhantes aos que se notaõ nas do Castello de Gaya, que foy demolido nos tempos do nosso glorioso Rey D. João I. havendo sido fundado por Gayo Lelio Pretor Romano, cento e cincoenta e quatro annos antes do nascimento de Christo a rebater os continuados triunfos do insigne Portuguez Viriatio II.

272 Notavel, sem duvida, foy a Igreja de Bouças, e seu destricto em todos os tempos, porque logo desde a restauração de Espanha ficou sendo, ou continuando a ser de Padroado Real; e como tal o era da Rainha Dona Thereza mulher do Conde D. Henrique, troncos esclarecidos da Portugueza Monarchia, e o foy depois de sua neta a Santa Rainha Dona Mafalda, que alli

*Illustrissimo
Cunha. Catal.
referido. 2.
part. cap. 11.
a pag. 86. e
cap. 14. a p.
119.*

pertendeo erigir hum Convento de Religiofas de Cister, e para isso alcançou de Innocencio IV. a Pontificia Bulla, que appresentou ao Bispo do Porto D. Juliaõ II. do nome, e aponta o Illustrissimo D. Rodrigo da Cunha em feu Catalogo, sendo que não consta tivesse effeito; porque depois no anno de 1305 deo ElRey D. Diniz aquelle Padroado ao Bispo do Porto D. Giraldo Domingues, que na Capella mayor da Igreja existente se acha sepultado, e tornando á Coroa o unio ElRey Joaõ III. no anno de 1542. à Universidade de Coimbra, que o possuiue.

*Tavares de
Carvalho Re-
lação da Pro-
cisão do S. de
Matozinhos
ao Porto. Im-
pressa em Co-
imbra no an-
no de 1645.*

273 Assim permaneceu a antiquissima Igreja de Bouças, sem que no tempo dos Mouros fosse destruida, ou violentamente arruinada, como adiante veremos, até que pelos ditos annos de 1542. ou pelos de 1550. como refere Manoel Tavares de Carvalho, a mudou a Universidade de Coimbra ao ameno, e aprazivel sitio, em que se acha, com as mesmas circumstancias, que o referido Escriitor aponta. Porém se a antiga Igreja, ou Mosteiro de Bouças no tempo da restauração de

*Cardozo. Agi-
ol. Lusit. tom.
3. comment.
a 10. de Ju-
nho. pag. 625
Santa Maria
Chronic. dos
Conig. Regra-
tes lib. 6. cap.
12. e 13.*

Espanha, ou em algum outro, foy morada de Conigos Regulares, como entendeo o Licenciado Jorge Cardozo, não consta, porque se o fosse, havia de mostrar disso clareza o Padre D. Nicolào de Santa Maria Chronista dos Conigos Regrantos de Santo Agostinho, como as mostra de outros, que foraõ seus nesta Provincia, sem fazer menção alguma do de Bouças; salvo se os não mencionou todos, ou o Licenciado Jorge Cardozo achasse algum particular monumento, em que fundasse aquella noticia.

274 E se da denominação, que teve de Mosteiro, como tal se mencionava nos já referidos Breves dos Pontífices Pascoal, e Calixto segundos, se quizer inferir, que o havia sido de algum dos Religiosos Institutos, que pelos tempos dos Suevos, ou dos Godos, ouve em Espanha, e antes delles, bem poderia ser; porque houve muitos, mas não ha disso positiva noticia, como fica ponderado; mas de todo o referido inferimos, que a antiga Igreja de Bouças foy huma das primitivas nesta Provincia, e esteve collocada nella, antes de mudar-se ao sitio existente, por mais de mil e quatro centos annos a Veneravel Imagem do Senhor de Matozinhos até ser ao novo Templo tresladada.

275 Bem he verdade, que junto aos antigos vestigios da primitiva Igreja de Bouças se achão contiguos outros com bastantes indicios de Edificios grandes; mas como as argamassas de suas ruinas mostraõ a mesma circumstancia já referida das obras Romanas, nos parece haverem sido solar, ou casa de campo daquelle Regulo, que na praya de Matozinhos celebrava seus despoforios, quando embarcado para Galiza passava o Sagrado Cadaver de San-Tiago, e succedeo o notavel prodigio da Conversão do Gentilismo, de que se compunha o festivo congresso, e como elle mesmo seria o que por esta occasião erigisse junto do seu Palacio aquelle Templo, por isso de hum, e outro Edificio se manifesta ainda serem as fabricas correspondentes.

276 Nem parece poder haver duvida, que sempre ouvesse Igreja no lugar de Mato-

zinhos, ainda que de seculos em seculos; Contra a voracidade dos tempos se reformasse, se já não fosse, que hum dos continuados prodigios, que Deos obrava pela Veneravel Imagem do Senhor de Bouças, se ostentasse, em conservar illezo hum Templo, que estava destinado a taõ soberano deposito, sendo certo, que desde que por esta Provincia amanheceo em Espanha a Luz da Graça, permaneceo sempre nella a Fé Catholica, a pezar dos mayores combates dos Magistrados Gentilicos, havendo Igrejas, e Templos nos primitivos seculos, e ainda Conventos Religiosos, como se manifesta das dispozições dos Concilios Eliberitano, e Toletano chamado primeiro, nos particulares dos seus progressos.

Concil. Eliberit. & Tolet.
I. apud. Lo-
ysam.

CAPITULO XLII.

Da Antiguidade, e nobreza do lugar de Matozinhos.

277 **D**o lugar de Matozinhos entenderaõ; mas sem reflexaõ, alguns dos Escritores, que trataraõ do prodigioso apparecimento da Sagrada Imagem de Christo Crucificado, na praya de seu destricto, ser por aquelle tempo só composto de pobres pescadores; erro em que pela mesma razã cahiraõ os que attribuireã semelhan-te principio à Cidade do Porto, além de lho darem mais moderno do que muitos seculos antes havia tido na mesma parte, em que hoje se acha situada, posto que com extensaõ mais ampla, e
fe

fe os moveo talvez a consideração de serem lugares maritimos; da mesma forte o são Lisboa, e outras grandes Cidades, que sem duvida tiverão fundadores esclarecidos.

278 Além de que não era a occupação dos pescadores antigamente tão ignobil, e desprezível, como foa no conceito dos que a tiverão por abatida, regulando-a pelo que nestes presentes seculos commumente se pratica; porque por aquelles tempos, e seculos anteriores a exercitavam pessoas de clara nobreza, como a exercitava o Zebedeo pay dos Sagrados Apostolos S. Joaõ, e San-Tiago, e estes mesmos, que sendo Pescadores eraõ nobilissimos, segundo por authoridades relevantes bem mostra D. Mauro Castellà Ferrer na Historia do Santo Patraõ de nossas Espanhas; e ainda entre os antigos Romanos tinhaõ os pescadores as preeminencias, e nobreza, que Samuel Pitisco refere por ser tal o seu emprego, que o exercitou tambem o Emperador Nero com pomposo fausto.

Castella Ferrer. Hist. de SanTiago lib. 1. cap. 1. fol. 1. Pitiscus. Lexicon Antiquit. Roman. tom. 3. lit. P. verbo Piscatores.

279 Supposto o referido ponderemos já como o antigo lugar de Matozinhos era adornado por aquelles tempos de esclarecida nobreza. A certificar esta verdade bastava o que largamente fica ponderado daquelles noivos de geração Regia, que neste lugar celebraraõ seus despozorios, na feliz occasiaõ, em que para Galiza passava embarcado o Sagrado Cadaver de San-Tiago, e foraõ com toda a sua Corte, e urbana comitiva à nossa Santa Fè convertidos, de que resultou ser este o primeiro lugar das Espanhas, a que universalmente illustrou a luz da Graça, e das cir-

cunhancias deste caso sempre admiravel, os gloriosos tymbres, que dilatados se conservaõ ainda nas esclarecidas nobres familias dos Vieyras, Pimenteis, e outros, que daqui se difundiraõ por todas nossas Provincias.

Fr. Luiz dos Anjos no referido Jardim de Portugal.
II. I. p. 7.

280 E sendo o sobredito Real despozado, diverso do nobre Cayo Carpo natural da Comarca da Maya, e talvez deste lugar, comprehendido nella, e cazado com Claudia Loba natural da Cidade do Porto, que tiveraõ o filho, ou filhos já ponderados, e a mais familia mencionada no Epitaphio, que o Padre Frey Luiz dos Anjos traz copiado, e assistindo no acto dos despozorios daquelle Regulo muytos Cavalleiros, huns parentes, e outros vassallos dos contrahentes, bem se manifesta, que de grande, e esclarecida nobreza se compunha o lugar de Matozinhos por aquelles tempos; mayormente permanecendo ainda junto das ruinas da antiga Igreja evidentes vestigios de edificios grandes de obra Romana, que entaõ se praticava, como fica visito.

281 De taõ claros vestigios, e outros muitos, que permanentes se conservaõ nos lugares circumvezinhos, se manifestaõ bem o esplendor, e a nobreza, de que huns, e outros, todos proximos, se compunhaõ; pois bem perto de Matozinhos està situada a Freguezia de San-Tiago de Costoyas com Igreja, que se entende foy erecta (e assim o insinua a proporcionada ethymologia de seu antigo nome) em memoria de quando parou naquella costa a embarcaçaõ de San-Tiago, e succedeo nella o referido prodigio. Nesta se conhece huma quinta com a denomin-

nominação de *Espozade*, solar de que escreve o Padre Antonio Carvalho da Costa, o possuhira hum Cavalhero Ruy Paes Bugalho, por haver sido de seus ascendentes, e ultimamente de seus pais Payo Paes de Eroza, e Dona Mòr Mendes de Espozade, de que faz honorifica menção o Conde D. Pedro, e talvez por não ter desta quinta noticia o Marquez de Montebello, entendemos se enganou em afinarlhe o solar junto a Guimaraes.

Costa Corograph. Portug. tom. I. trat. 6. cap. 3. pag. 364. Conde D. Pedro no Nobiliario tit. 71. plana mibi. 375. e 376. n. 4. e 5.

282 Pelo sobrenome de *Mendes* se mostra haver sido a mesma Dona Mòr tambem descendente desta esclarecida Familia, que teve Paços, e solar na freguezia de S. Martinho de Guilhabreu logo proxima, possuhido ainda agora de pessoas bem illustres, e como de seu filho Ruy Paes Bugalho era filha Dona Tareja Rodrigues, que foy cazada com hum Ruy Vasques Pimentel, que tambem menciona o Conde D. Pedro, e dos deste apellido, e do de Vieyra, affirma D. Mauro Castellà Ferrer procederem todos do sobredito Cavalleiro convertido à Fè em Matozinhos, onde ha vestigios de solar grande, e nas suas vezinhanças os dos Mendes, e outras Familias de origens antiquissimas, se faz claro, que enlaçadas, e conjunctas se ficou por ellas continuando nos seguintes seculos a antiga nobreza de tão esclarecidos principios originada; ainda que alli houvessem tambem pescadores, circumstancia commua a todos os lugares maritimos.

Montebello Nota à dita plana 376.

Dicto Nobiliario. tit. 35. plana 185. n. 6. Castilla Ferrer. Hist. de San-Tiago lib. 2. cap. 2. fol. 125. vers.

283 Sendo tal, e tão grande a antiga nobreza do lugar de Matozinhos naquelles primitivos tempos, parece não desmereceo esta gloria
nos

nos seguintes seculos, pois além do que fica ponderado a este respeito, chegou a ser digno do titulo de Condado, havendo tambem já sido originario, e nobre berço da esclarecida familia dos famosos Sas, hoje Marquezes de Abrantes, que sem duvida he muito mais antiga; do que por falta de primarias noticias, a representaõ os modernos Escriitores; mas não he por hora este o proprio lugar de materia tão vasta, e ser sufficiente a concluir este capitulo a reflexãõ attenta, de que assim como nunca faltou em Matozinhos a veneraçãõ, e o culto da Sagrada Imagem de Christo Crucificado, não faltaraõ tambem animos nobres, que conforme as occurrencias dos tempos exercitassẽ generosos, tanto as funções reverentes de piedade, como as intrepidas proezas do valor, o que seria effeito especial da Divina Providencia, visto haver permitido, que por este occaso participassẽ as nossas Espanhas da Luz da Graça os matutinos horizontes.

CAPITULO XLIII.

Do estado da Igreja de Bouças depois de principiada a restaurar dos Mouros a nossa Espanha.

284 **J**A' deixamos apontado, que sogeita a nossa Espanha ao dominio Sarraceno, principiara a continuar por estas Provincias El-Rey D. Affonso o Catholico a restauralla, e dividuando agora mais, quanto for possivel este ponto,

ponto, he certo pelas memorias, que Sandoval aponta, que por Abdelazin Capitaõ Mouro foy tomada a Cidade do Porto, e todas as outras principaes desta Provincia no anno 716. de Redempção humana. Da brevidade, com que tantas, e tão famosas Cidades foraõ ao mesmo tempo, e por hum só General conquistadas, se manifesta, que unicamente ficaraõ fogueitas, porém não aruinadas; pois consta o foraõ fomite as que fizeram alguma rezistencia, como Idanha na Luzitania, e Orense na Galiza extrema.

Sandoval nas Notas jñtas à Hist. dos Reis, e Ciudad del Rey D. Pelayo p.85.

285 Sogeito pois assim tudo, excepto as Asturias ao dominio Agareno, e rebatida naquella parte por D. Pelayo a continuada conquista, tendo logo nella glorioso principio a restauração de Espanha, e havendo já D. Affonso o Catholico extendido a sua Monarquia a toda a Galiza Espanhola; diz o doutissimo Academico o Doutor Fr. Manoel da Rocha, pela mais bem ajustada chronologia daquelles tempos, que com poderoso Exercito passara D. Affonso o rio Minho, e penetrando as terras, que medeaõ entre elle, e o Douro, ficara no anno 745. da Redempção do Mundo, felizmente restaurada esta nobre Provincia, e que passando segunda vez armado a ella, passara o Douro, e entrando pela da Beira, encaminhara a marcha a Agueda, Vizeo, e Lamego, e voltando pela de Tras os Montes a Chaves de seus campos se recolhera.

Doutor Rocha Portugal Renascido. part. 1. a n. 10. cap. I. pag. 7.

286 Como porém ficara ainda na Provinçia da Beira a famosa Coimbra, capital dos Mouros nella, e por essa razão considerando o piedoso Monarcha, que não poderiaõ conservar-se

as mais terras invadidas da mesma, tendo naquella Cidade os inimigos o seu mayor poder; em quanto não havia opportuna occasião de plenamente os contrair, demolida a Cidade de Vizeo, e das outras os muros, e Castellos, para não poderem rezitir aos Catholicos, quando voltassem a continuar da restauração a empreza, seguindo os moradores Christãos o seu exercito, se passaraõ ás outras Provincias, que com melhor fortuna se gloriavaõ de plenamente libertadas.

287 Duas cousas ponderaveis ambas, desta douta naração se manifestaõ. Primeira, que sendo a Cidade do Porto, e toda a mais Provincia de Entre Douro, e Minho, no anno de Christo 716. pelos Mouros opprimida, e no de 745. plenamente libertada, só vinte, e nove annos totalmente esteve ao barbaro dominio fogueita. Segunda, que continuando a proseguirse em libertar tambem a Provincia da Beira, e pela referida razão não podendo logo entaõ restabelecer, e conservar-se, passaraõ della, e só della os Catholicos a terem refugio nas outras Provincias, que se gloriavaõ já libertadas, até que elevado ao trono Real das Asturias, e Galiza o segundo Affonso chamado o Casto, proseguio a devastar da mesma forte aquella Provincia até Lisboa, sendo a positiva fronteira dos Catholicos até Agueda.

288 Assim continuou do mesmo modo por D. Ramiro I. a restauração principiada; advertindo porem, que como com D. Affonso o Catholico haviaõ passado os Christãos da parte da Beira às outras Provincias já livres, a ficaraõ habitando fomite os Mouros, como vassallos, que tive-

tiverão Regulos especiaes, em Gaya, Vizeu, Lamego, e Agueda, e foraõ estes os que como taes allinaraõ na doçaõ, que aos Monges de Lorvaõ entaõ fez o mefmo Rey D. Ramiro I. que tranfcreve Frey Bernardo de Brito, e apontaõ o dito douto Academico, e Frey Prudencio de Sandoval. E he logo de notar, que naõ consta que na Provincia de Entre Douro, e Minho nos vinte e nove annos, que aos Barbaros esteve fogeita, nem depois, houvesse Regulos femelhantes aos que houve na Provincia da Beira, e em Coimbra, o de que tambem Sandoval, e D. Mauro Castellà Ferrer daõ noticia.

289 Haveria porêm fomite os Governadores do Prezidio, que sem duvida houve nas Cidades, e Praças desta Provincia, e recebedores (dos que da lingua Arabiga nos ficou o nome dos noffos Almojarifes) que cobrassem os annuaes tributos dos Catholicos; porque todos os que em Espanha se renderaõ aos Mouros, foy com a condiçaõ de pagar cada vezinho hum Maravedil, quatro medidas de trigo, quatro de fevada, quatro cantaros de vinagre, hum de mel, e outro de azeite, ao que contribuiu muito o bom tratamento, que o General Mouro Abdelazin dava aos Chriftãos, que rendidos se fogeitaraõ a ficar com suas familias em seus proprios lugares tributarios, como o referido Sandoval largamente nos expende.

Brito Monarch. Lusit. part. 2. lib. 7. cap.

13. a pag. mihi 438.

Doutor Rocha Portug.

Renasc. 1.

part. cap. 2. n.

39. pag. 18.

Sandoval na

Hist. dos Bispos

Vida de

D. Ramiro I.

pag. 179.

Idem Sandoval

supra p.

87. Castilla

Ferrer Hist.

de SanTiago

lib. 4. cap. 18.

a fol. 453. v.

Sandoval referido

p. 83. e.

84.

CAPITULO XLIV.

Profegue a mesma materia do Capitulo precedente.

290 **E** Raõ os sobreditos Regulos Mouros de Gaya, Vizeo, Lamego, e Agueda na Provincia da Beyra, Vassallos dos Reys de Asturias desde que El Rey D. Affonso o Catholico entrou a devastar a mesma Provincia, e taes o eraõ no reynado de D. Ramiro I. como fica visto. Pouco depois existiriaõ; porque entrando no anno de 866. a reynar D. Affonso o Magno, pacificados alguns intestinos disturbios, constituhio pelos annos de 873. Governador do Porto ao Conde Herminigildo, Avo de S. Rozendo, ao qual no anno de 878. mandou restaurar Coimbra, e porque depois pertenderaõ recobralla os Mouros, veyo elle com formidavel exercito no de 879. restabelecel-la, deixando ao Conde D. Diogo Fernandes com bom prezidio a sustentalla.

291 **E** como nesta mesma occasiaõ passasse D. Affonso Magno a Vizeo, onde entaõ foy descuberta a sepultura do infeliz D. Rodrigo, e mandasse levantarlhe os muros, e Castello, que o Catholico lhe havia demolido, ordenando se praticasse o mesmo em Lamego, e por estar ja Coimbra ao seu dominio fogeita, mandasse edificar na extremidade do Monte Herminio a primitiva Cidade da Guarda, que o ficasse sendo, pela parte oriental, da Provincia da Beyra, como tudo bem pondera o dito douto Academico, se manifesta

*Doutor Rocha
referido dicta
1. part. cap. 3.
a n. 47. & a
pag. 26.*

fica-

ficarem já naquelle tempo os Regulos Mouros extintos nella, e tudo plenamente reduzido ao dominio Catholico.

292 Para diante foraõ continuando os Catholicos Monarcas as emprezas, extendendo cada vez mais por Portugal os seus dominios, a pezar do orgulho Sarraceno, que estimulado, e receoso de tantos, e taõ continuados triunfos, em varias occasioens tentou, naõ fõ rebatellos, mas vingallos, para o que meteraõ varias vezes os Reys Mouros de Cordova, Sevilha, e outras partes, grandes, e poderosos Exercitos nestas Provincias, onde lhe foraõ gloriosamente rechaçados pelos esclarecidos Affonsos, Bermudos, Ramiros, e Ordonhos, até quasi o fim do decimo seculo, em que por esta parte tornou a padecer Espanha hum lamentavel vingativo destroço.

293 E supposto que naquelles antecedentes repetidos assaltos, padecessem as Cidades, e muitos lugares destas Provincias, talvez mayores ruinas, que as que padeceraõ na invasaõ primeira, com tudo, como naõ tornassem a ficar nellas dominantes os Mouros, se tornavaõ a reparar logo; maiormête desde que as mesmas Provincias foraõ tomando melhores semblantes, com as riquezas adquiridas nos despojos daquelles rechaçados recontros, e com o livre descanso, que gosavaõ, passados os sobreditos disturbios, no dominio Catholico, fertilizandose os seus vassallos tanto que ao piedoso exemplo dos seus Monarcas, erigiaõ Templos, dotavaõ Mosteiros, e lhes faziaõ as amplas doações, que largamente constaõ de nossas Historias.

294 Sendo que entendemos que o mayor estrago, que padeceraõ as Cidades, e Praças destas nossas Provincias foy quasi no fim do decimo seculo, quando reynando já em Leaõ, e mais dominios Catholicos D. Bermudo II. o Gotozo, havendo principiado com disturbios fataes o feu Imperio, se animou Mahomad Almançor famoso General de Ysem Rey Mouro de Cordova, a invadir-lhe os seus Estados, e como a D. Bermudo lhe faltava a melhor, e mayor parte dos Generaes Portuguezes perecidos na horrenda, e lamentavel batalha da Portella de Areas, e se não achasse com forças capazes de rebater a furiosa continua torrente dos contrarios triunfos, teve Almançor melhor modo, de mais facilmente abraçar tudo, o que tambem se reconheçe ser entaõ do Ceo permitido castigo.

295 Por quatro vezes que Almançor invadio as terras de Leaõ, Castella, e Navarra, fogueitas a feu poder, entre outras Praças, Simancas, Zamora, e a propria Cidade de Leaõ, passada a Corte de D. Bermudo ás Asturias, intentou tambem o barbaro General penetrallas, e não podendo, ou não permitindo Deos conseguillo, para dalli renascer às nossas Provincias novo remedio, passou a conquistar as de Portugal, e Galiza, em que apprehendidas as Cidades de Coimbra, Vizeo, Lamego, Porto, Braga, e Tuy, chegou a profanar a de Compostella, donde assombrado de celestiaes prodigios se retirou a Cordova, fazendo conduzir a ella em hombros de Christãos por signal de triunfos, as portas, e os sinos do grande Templo de San-Tiago, que depois lhe foraõ com
a pe-

*Doutor Rocha
Portugal ren.
2. part. a cap.
17. & a n.
338. à pag.
382.
Fr. Leaõ de
Santo Thomas
Benedict. Lu-
sit. tom. 2. trat.
1. part. 3. Pre-
lud. 2. a pag.
117. e outros*

a pena de Taliaõ restituídos, reynando já D. Fernando o Magno.

CAPITULO XLV.

Profegue a mesma materia dos dous Capitulos precedentes com particulares noticias da Cidade do Porto.

296 **R**eduzidas as nossas Provincias ao lamentavel estado referido, na forma que admiravelmente discorre o nosso Douto Academico, a que neste compendio especialmente seguimos, he de notar agora para o presente caso, em que de tanta authoridade nos valem, que tomada Coimbra, não foy por Almançor destruida, antes deixando boa guarnição nella para acabar de foytejar os povos confinantes, e chegando á Cidade do Porto, parece sem duvida praticou nella o mesmo, por se declarar lhe fizera menos rezistencia, sendo que alguma houve, e talvez grande; porque não podendo livralla seus defensores, que nella tinhaõ dominio, vieraõ depois recobralla, quaes foraõ D. Moninho Viegas, com seu Irmaõ, e dois filhos naquella memoravel Armada, chamada dos Gasções, em nossos Escritores bem conhecida, e pela nobreza, e valor de seus Cavalleiros, gloriosamente decantada.

297 De caminho advertimos, em abono da Cidade do Porto, que o dito D. Moninho Viegas, e seu Irmaõ D. Sefnando, não só eraõ Por-

*Doutor Rocha
ubi sup. part.
2. cap. 18. an.
359. & an.
370. a p. 392*

tuguezes; mas filhos do Conde D. Gonçalo Moniz, bem celebrado em nossas Historias, o qual foy filho do Conde Portuguez Guilherme Gonçalves, e este o era de outro Gonçalo Moniz, que o foy do Conde Minio Nunes, e de sua mulher Argilo, e este tambem foraõ Avos, ou bisavos maternos do famoso Conde de Caitella Fernando Gonçalves, o que tudo mostrariamos com clara evidencia, se assim fosse preciso ao prezente assumpto, em que basta tocar este ponto, e a pre-zumpção bem fundada de que nesta rezistencia, que o Porto fez a Almançor, morreria o dito Conde D. Gonçalo Moniz, por não haver certeza de que falecesse na antecedente Batalha da Portella de Areas, e faltarem destes tempos por diante as suas memorias.

298 Supposto pois que a Cidade do Porto rezistio valerosamente aos triunfantes progressos de Almançor, que a rendeo, como o principal dezignio deste General, além da vingança dos destroços, que nos Mouros haviaõ feito os Reys Catholicos, era tornar a reduzir toda a Espanha ao dominio Agareno, he sem duvida não havia de arrazar totalmente as Cidades principaes, em que hia deixando prezidios (como em Coimbra tinha feito) que fogeitassẽ os lugares, e povos confinantes, em quanto hia continuando para o interior de Galiza a sua empreza, de que fomentez resultariaõ as superficiaes ruinas, que foraõ precisas a vencer as rezistencias, e depois se reparavaõ, ou já pelos Mourõs a conservar-se, ou já pelos Catholicos (quando outra vez cobradas) a restabelecer-se; morrendo porẽm nestes conflitos muita gente,

¶ 299 E supposto tambem conste que os Mouros em varias partes arrazaraõ edificios feitos em lugares fortes, isto bem ponderado parece deve entenderse dos situados em dezertas montanhas, que podiaõ servir de refugio aos perseguidos Catholicos, e talvez os mesmos por elles edificadõs em asperos sitios, ou para semelhante remedio, ou a perpetuar o comprehendido dominio; mas não das Cidades grandes, e principaes, que como Praças de Armas, e cabeças de Provincias, estavaõ constituidas nas estradas publicas, e vias militares, por onde ordinariamente se encaminhavaõ os Exercitos, huõs a rendellas, e outros a recobras, em razãõ de pertendellas cada partido a seu dominio fogeitas, e passando de humas a outras em rectas marchas; parece sem duvida se não demoravaõ em conquistar Aldeas, e lugares abertos, mayormente os de situações desviadas, que persi seguiaõ na fogação a fortuna das Capitaes invadidas.

300 Pela força desta consideração entendemos (e a isto se tem encaminhado a larga exposição deste ponto) que do Porto rendido passou Almançor direito a Braga, e della às outras Cidades da mesma gradação, até chegar a Compostella, sem mais demora, que a mayor, ou menor resistencia de cada huma dellas, e como da estrada militar do Porto a Braga, ficava o lugar de Matozinhos desviado para a parte do mar occidental huma legoa; por tudo entendemos tambem, que nem nesta, nem em outra alguma das invasões precedentes foy destruido, ainda que padecesse a geral consequencia de ficar,

L 2

como

como os mais aos Mouros fogeitos, e o mesmo se pode applicar ao succedido na invasão dos Suevos, e assim não consta que em tempo algum daquelles calamitosos seculos, fosse o Templo do Senhor de Bouças demolido, sendo talvez esta notavel circumstancia, e o serem os moradores daquelle lugar menos vexados, hum dos grandes continuados prodigios deste Senhor soberano, que dos afflictos foy sempre o melhor refugio.

301 Neste estado já feliz, já temeroso pelas conquistas Catholicas, e pelas irrupções Agarenas, permaneceu illeza sempre no lugar de Matozinhos a memoravel Igreja do Senhor de Bouças, até que os Mouros não tiverão mais entrada nesta Provincia. Nella teve sem duvida, em todos os tempos a Sagrada Imagem de Christo Crucificado, que alli se venera, reverentes cultos, e adorações obsequiosas, que serviaõ de perennes supplicas a aplacar os tremendos rigores da Divina Justiça per nunca faltarem neste lugar, e nestas Provincias zelosos Catholicos, por isso permicio a Mizericordia de Deos, que por ellas principiasse a restauração de Espanha, assim como pelas mesmas havia permitido entrasse a Fé Catholica.

CAPITULO XLVI.

Profegue a mesma materia, e o estado da Igreja de Bouças desde que Pçrtugal foy dado em dote à Rainha Dona Tereza. Tocam-se algumas antiguidades da Cidade do Porto.

302 **N**Aõ faltaraõ, tornamos a dizer, no lugar de Matozinhos zelosos Catholicos por aquelles tempos, alentados sempre por este sagrado final da Redempção humana, que alli tinhaõ em permanente deposito, e animados tambem dos Santos Prelados, que he verosimil houve pelos mesmos tempos no Porto, porque se pudessemos com Hauberto Hispalense, e outros estabelecer este ponto, achariamos, que desde o anno de Christo de setecentos e quinze até o de sete centos e vinte e quatro fora Bispo do Porto Dominio, e ignorados alguns outros, o fora tambem Herbicio desde o anno sete centos e setenta, até o de oito centos: dahy por diante temos certeza que o foraõ Gumeado I. Hermogio I. Justo, Gumeado II. Froalengo, e Hermogio II.

303 Restaurada por D. Moninho Viegas a Cidade do Porto, poucos tempos depois que por Almançor lhe fora tomada, foy logo seu Bispo D. Nonego, aquelle celebre Prelado, que os nossos Escritores entendem havello sido de Vandoma em França, a que succedeo D. Sefnando I. Irmaõ

*Illustrissimo
Cunha Catal.
dos Bisp. do
Porto 2. part.
Cap. I. a p. 1.*

de D. Moninho, e a elle D. Hugo I. a que se seguiu D. Sefnando II. e a este D. Hugo II. que o Illustrissimo D. Rodrigo da Cunha suppoz unico do nome, por não haver achado as clarezas, que depois manifestaraõ a Serie dos referidos, advertindo que entre os Bispos D. Sefnando, e D. Hugo segundos houve no Porto huma larga Sé vacante, em que successivamente governaraõ esta Diocesi tres Arcediagos D. Payo I. D. Rodrigo, e D. Payo II. Do primeiro ha memorias certas pelos annos de mil e oitenta e oito: do segundo pelos de mil e noventa e dous, e do terceiro pelos de mil e cento e sete.

304 E como todos os sobreditos Prelados eraõ taõ zelosos, e insignes, quanto convinha á perturbação daquelles tempos, para restabelecer na disciplina Ecclesiastica os Catholicos já livres das irrupções dos Barbaros, he sem duvida que por todos os modos continuou em Matozinhos o culto, com que alli foy sempre a Sagrada Imagem do Senhor de Bouças venerada, e o seu Mosteyro, ou Igreja a ser hum dos principaes Padroados da Rainha Dona Thereza, depois que Portugal lhe foy dado em dote, e talvez a sua piedosa devoção felicissimo presagio de que em seu filho o esclarecido D. Affonso Henriques, havia Christo de instituir para si hum especial, e glorioso Imperio.

305 Na Cidade do Porto fez a Rainha Dona Thereza muita assistencia, em tanta forma, que ainda nella se conservaõ inteiras as proprias casas em que vivia, e a pouco espaço huma antiga escada chamada atêgora da Rainha, por donde so-
bia

bia a frequentar na Sè Cathedral, que com seu marido reedificara, e ampliara, aos Divinos Officios a sua assistencia, e ha tambem huma calçada, que alludindo a seu nome se denomina da Thereza, e como esta Rainha era tão piedosamente devota, hiria muitas vezes a Matozinhos em romaria, por lhe ficar em distancia de huma só legoa, a venerar aquella Imagem Sagrada, de que eraõ bem notorias as maravilhas, e o mesmo he verosimel faria o Principe D. Affonso seu filho, que deste Divino Sol, qual Aguia Real, beberia não só os alentos, com que havia em seus descendentes de estenderse às mais remotas regiões do Mundo a Fé Catholica; mas a instruirse já entãõ com presagio feliz, no reverente respeito, com que depois no Campo de Ourique adorou a Celestial instituição do seu Reynado.

306 Da piedade, e catholico zelo da Rainha Donna Thereza, pelos referidos respeitos, he bem verosimil repararia de algumas cousas de que necessitasse o Mosteyro, e Igreja de Bouças, especialmente de paramentos, e adornos sagrados; pois a não erigio de novo, como já fica visto na ponderação dos Breves de Pascoal, e Calixto segundos, que aponta o Illustrissimo D. Rodrigo da Cunha em seu Catalogo, mayormente estando na posse do seu Padroado desde o anno de mil e noventa e tres, em que conforme admiravelmente escreve o sempre douto Academico o Reverendissimo D. Jozé Barboza, cazou com o Conde Henrique. Da mesma Rainha affirma o sobredito D. Rodrigo da Cunha, que entre outras mercês, que fizera ao Bispo do Porto D. Hugo o

*Illustrissimo
Cunha Catal.
dos Bispos do
Porto 2. part.
Cap. I. a p. 3.
Barboza Cat.
tal. das Ra-
inhas de Por-
tugal na Rai-
inha D. The-
reza. lit. B. a
n. 28. & a p.
29.
Illustrissimo
Cunha. locc
sup. a p. 15.*

II. lhe concedera o Mosteyro de Bouças no anno de mil e cento e vinte e oito, e já entã trinta e cinco, que era de seu Real Padroado.

307 E porque juntamente lhe concedeo ametade do Porto de Agoa do Douro, que era todo o ditricto, que corria da Pedra chamada falgada atè o mar Occeano, por merce que no meimo anno confirmou seu filho o Serenissimo Principe D. Affonso Henriques, se manifesta bem que a concessã fora dos fructos, e rendimentos que deste Mosteyro, e deste ditricto lhe pertenciaõ; mas parece se ficou conservando na Casa Real o Padroado, ou direito delle, pelas doações, que depois houve já referidas. Quanto desde entã creceria a veneraçã, e o culto da Sagrada Imagem do Senhor de Bouças, bem se deixa entender da zelosa Religiaõ dos Portuguezes agradecidos, não só a se reconhecerem já dos Mouros desfassombados, mas com Rey proprio pelo mesmo Christo instituido.

CAPITULO XLVII.

Das vezes, e occasiões, que a Veneravel Imagem do Senhor de Bouças foy levada de Matozinhos em procissã à Cidade do Porto, e porque motivos, e se trata logo da primeira.

308 **C**Inco são as vezes de que ha memoria, que a Veneravel Imagem do Senhor

nhor de Bouças fosse levada de Matozinhos em solemne procissão á Cidade do Porto, em outras tantas necessidades publicas, quatro dellas universaes em todo o Reyno, e huma especial da mesma Cidade do Porto. Em todas se experimentarão da Divina Clemencia os admiraveis milagrosos effeitos, que não haviaõ podido alcançar-se por outras fervorosas supplicas anteriormente repetidas, donde se originou de humas a outras a piedosa, e segura confiança, de que só por este soberano meyo havia Deos de ostentar benigno os excellentes claros prodigios de sua Mizericordias, nas proprias occasiões, em que parecia vibrar sómente os formidaveis, tremendos rigores da sua Justiça.

309 Foy a primeira correndo o anno de Christo de mil e quinhentos e vinte e seis, em que foraõ neste Reyno taõ continuas as arrebatadas enchentes, e multiplicadas as tempestades, que com notoria evidencia se temia nesta quasi alagada Provincia, a total perda de seus fructos, e cultivadas searas, faltando por essa razaõ a preciza subsistencia a seus moradores, fazendo-se-lhes mais horrivel este funesto ircidente, por não accordarem memoria de taõ extremosa fatalidade, e havendo afflicto recorrido, para o remedio della, a varias Catholicas supplicas, sem conseguirem o suspirado effeito, determinaraõ ultimamente os Cidadões do Porto implorallo, por meyo da veneravel Imagem do Senhor de Bouças, fazendo todas as precizas diligencias para que em solemne procissão de preces fosse á sua Cidade conduzida; pela fervorosa, e alentada esperan-

rança, que talvez por superior impulso conceberaõ de ser este, em tanta inclemencia do tempo, o unico refugio.

310 Reynava em Portugal o Serenissimo Monarca D. Joaõ III. governava a Igreja de Deos o Santo Pontifice Clemente VII. e era Bispo do Porto D. Pedro da Costa, quando no Mez de Junho do sobre ditto anno (ignorase o dia) havendo o Senado da Camera, e Regencia do Porto regulado com a de Matozinhos celebrar-se a procissãõ pretendida, e a formalidade della, se fez em effeito com tanta solemnidade, e occurrencia de povo, que memorias ha que affirmãõ passarem de quarenta mil Almas, as que acompanharaõ este piedosissimo acto. Inexplicavel se faz à ponderaçãõ a jubilosa alegria, com que na Cidade do Porto foy recebida esta Imagem Sagrada; mayormente vendo-se, e com summo prazer admirando-se, que tanto que entrou pela porta de Olival della, se serenaraõ logo os ares convertendo-se as pardas, e densas nuvens em orizontes taõ claros, e taõ rizonhos benignos progressos, que foy por isso aquelle anno nas colheitas o mais fertil, que se acordou em largos tempos.

*Mariz. Hist.
de S. Joaõ
Sabagum.
I. part. cap. I I*

311 Com menos verdadeira informaçãõ escreveraõ os Padres Pedro de Mariz, e Jozé Pereira Bayaõ, que nas raras occasioes, em que o Senhor de Bouças era levado em procissãõ à Cidade do Porto, o naõ deixavaõ os moradores de Matozinhos sahir fora, sem primeiro lhes ficar em penhor huma certa quantidade de dinheiro, ou peças de ouro, e prata, e ainda, para mayor fe-gurança, elegiaõ de entre si alguns homens mais

valen-

valentes, que armados de chuças, e partazanas, hiaõ fazendo guarda à Sagrada Imagem, atè que lha tornavaõ a seu lugar. O Padre Bayaõ tresladou de Mariz, e este sem reflexaõ escreveo nesta parte huma acçaõ taõ impolitica, que nem podia esperar-se da notoria urbanidade dos moradores de Matozinhos, nem suppor-se naceffaria á vitta dos fidelissimos procedimentos, com que se portaraõ sempre os nobres Cidadões do Porto.

312 O Padre Antonio de Vasconcellos, que foy o que primeiro deo noticia desta prociffaõ primeira do Senhor de Matozinhos á Cidade do Porto, naõ a dà da referida incivil circumstancia, a que os sobreditos Escriitores, menos bem informados, se estenderaõ, nem della ha verdadeiramente memoria alguma, ou principio, de que se faça verosimil, supposta a occasiaõ, e previfto o motivo, com que aquella piedosa prociffaõ foy intentada em beneficio commum de toda a Provincia, e sendo de taõ numeroso povo acompanhada, e em necessidade, que naõ podia dar lugar a intentar-se, e a prevenir-se huma acçaõ, de que sem duvida podiaõ rezultar consequencias muy irreverentes, que mais provocariaõ a se continuarem os rigores da Divina Justiça, e se naõ conseguiffem taõ promptamente, como conseguiraõ, os piedosos benignos effeitos da Mizericordia.

313 Pelo que devemos ter entendido, que tanto nesta primeira occasiaõ, como nas mais, em que a contrita afflicçaõ dos Catholicos recorreo, por este soberano meyo, e singular Prototypo do Redemptor do Mundo, a implorar os Divinos favoraveis auxilios, foy com todo aquelle urbano modo

modo, e reverente respeito, que não só às coufas sagradas he sempre devido; mas ainda ao Direito das gentes, com que politicamente se governa todo o Univerſo, mayormente attenta a ſincerã, e amigavel correspondencia, que em todo o tempo houve entre os moradores de Matozinhos, e os Cidadões, e povo da Cidade do Porto, que continuamente vay obſequiar ao Senhor de Bouças em piedoſas romarias, e toda eſta boa harmonia ſe cultivou em todo o tempo, e ſe vio fielmente praticada nas occaſiões ſeguintes, em que foy neceſſario implorar do meſmo Senhor ſemelhantes beneficios.

CAPITULO XLVIII.

Da ſegunda, terceira, e quarta vez, que a Veneravel Imagem do Senhor de Bouças foy levada em prociffão à Cidade do Porto.

314 **A** Segunda vez, de que ha memoria, que o Senhor de Bouças foſſe levado em ſolemne prociffão à Cidade do Porto, foy em ſete de Junho do anno de mil e quinhentos e oitenta e cinco, reynando já D. Felippe II. de Caſtella primeiro em Portugal, tendo o Summo Pontificado Xiſto V. e ſendo Biſpo do Porto D. Frey Marcos de Lisboa, que neſte anno havia feyto novas Conſtituições para o Biſpado, e Synodo em q̄ as publicou a trez de Fevereiro. A occaſião que houve para ſe intentar, e conſeguir com effeito eſta

esta segunda procissão foy em todas as circumf-
tancias semelhante á primeira referida ; porque
sendo neste mesmo anno tão impetuosas , e con-
tinuas as inundações das chuvas , que naufragavaõ
nas fearas soçobrados os frutos , e alagadas as se-
menteiras , e não havendo nesta geral afflicção
outro remedio , recorreraõ os Cidadões Portuen-
ses , cuidadosos sempre do bem commum , ao fe-
guro penhor , que o he infallivel de benignas in-
fluencias. Assim o exprimentaraõ , pois viraõ , que
conduzida pelo mesmo reverente modo , a vene-
ravel Imagem à Cidade , alcançou logo esta , e
sua Comarca a dezejada bonança.

315 Terceira vez infestou a humida incle-
mencia do perturbado , e inconstante tempo no
anno de mil e quinhentos e noventa e seis as nos-
sas Provincias , com tão lamentavel excesso , que
por ultimo , e unico remedio dos afflictos Colo-
nos , tornaraõ os Cidadões do Porto , attentos ao
imminente damno , a recorrer ao soberano am-
paro , e singular refugio do Senhor de Bouças , di-
ligenciando , e conseguindo felizmente o ser em
solemne , e piedosa procissão conduzido à mes-
ma venturosa Cidade ; mas se da primeira , e se-
gunda vez foraõ tão grandes os populares devo-
tos concursos , memorias ha que nesta terceira foy
sem duvida innumeravel ; pois a tanto empenho
movia fervorosamente os animos Catholicos a
notoria certificada experiencia dos antecedentes
claros prodigios , que nesta favoravel occasiaõ
se viraõ multiplicados , mudando-se logo em pro-
pera soçogada bonança toda a tempestuosa incle-
mencia , conseguindo-se , em abundante copia de
frutos,

frutos, huma plena, e admiravel colheita.

Doutor Freitas trat. do S. de Matozinhos. cap. 9. pag. 56. Tavares de Carvalho Relação do Senhor de Bouças impressa no anno de 1645.

316 O Reverendo Doutor Antonio Coelho de Freitas escreve, que esta terceira procissão se celebrara em 31. de Mayo do mesmo anno de 1596. mas outra memoria antiga, com que concorda o que como testemunha de vista refere Manoel Tavares de Carvalho, afirma, que fora em huma Sexta feira depois da Octava da Ascensão do Senhor, em que se contavaõ 23. de Mayo daquelle pela dita razão felicissimo anno. Nelle reynava ainda o Monarca Castelhana D. Felipe II. e primeiro em Portugal. Era Summo Pontifice Clemente VIII. e Bispo do Porto D. Jeronymo de Meneses. Memorias ha, e o escreve tambem o referido Manoel Tavares de Carvalho, que nesta terceira occaziaõ foy o Senhor de Bouças como em triunfo recebido na Cidade do Porto, com hum grande applauso, e militar cortejo do Presidio Castelhana, que nesta Cidade se achava governado pelo Sargento Mòr Pedro Bernardes, que em marcial pompa deo entaõ ao Senhor huma regia salva.

317 Da quarta vez, que a Veneravel Imagem do Senhor de Bouças foy conduzida em solenne procissão à Cidade do Porto em 20. de Junho do anno de 1644. daõ individuaes expressas noticias, tanto as memorias referidas, como o sobredito Manoel Tavares de Carvalho, que especialmente escreveo desta materia a Relação apontada. Foy o motivo deste piedosissimo acto em tudo semelhante ao das occasiões precedentes, e tambem o foy o reverente precario recurso dos nobres Cidadões do Porto a esta soberana

na Imagem , que já costumava ser o unico , e singular remedio a foçobrados deliquios. Da carta , que o mesmo Escritor traz copiada com data de 17. de Junho de 1644. consta gratificou o Senado da Camara do Porto aos Irmãos da Mesa do Senhor de Bouças em Matozinhos, o bom animo, com que se tinhaõ disposto, a que o Santo Christo fosse levado em procissão à mesma Cidade, mas nesta carta não dignas de notar as claufulas seguintes.

318 Vista a formalidade da sobredita carta, depois de expressada nella a intelligencia do bom animo dos Irmãos da Mesa , se prosegue em declarar que o expediente desta Religiõa Acção , era para todos juntos pedirem ao Senhor fosse servido usar da sua piedade , nas necessidades em que se viaõ com as inclemencias do tempo , e que as miraculosas experiencias , que todos tinhaõ das merces , que o mesmo Senhor em muitas outras , que se lhe pedio usasse com todos de suas Misericordias, estavaõ segurando, a que então fosse servido pór os olhos na sua fê, dando-lhes o tempo, de que os frutos, e novidades tanto necessitavaõ , e que obrigados ao dito animo, nas occasiões que no Senado se offercessen tratar do bem comum de todo o lugar de Matozinhos, lhe feria sempre presente aquella acção, que por pia, e Christãa estava pedindo todo o possível agradecimento.

319 Do referido contexto da sobredita carta se manifesta com clara evidencia , não só o reiterado recurso ao Senhor de Bouças em semelhantes cazos ; mas que não havia para isso nos bem

bem advertidos moradores de Matozinhos repug-
 nancia alguma, e menos a cautelosa circumstan-
 cia de penhores, e valentes armados; manifes-
 tando-se igualmente a mutua, e politica corres-
 pondencia, que entre huns, e outros moradores
 se cultivava, sem genero algum de desconfiança,
 e quanto o Senado do Porto attendia a huma
 armonia taõ caprichosa. Da mesma fórte se pa-
 tentea ser a huns, e outros povos commua a cau-
 sa, razão porque em taõ ajustados procedimen-
 tos se experimentarão sempre os milagrosos admi-
 raveis effeitos da Divina Clemencia, como em pre-
 mio de huma conformidade taõ generosamente
 primorosa, e assim se vio nesta memoravel occa-
 ziaõ o favor do Ceo praticado, melhorando logo
 sem demora o tempo, que com rizonho semblan-
 te correndo a ostentar benignos influxos fez fer-
 tilissimo aquelle anno.

CAPITULO XLIX.

*Profegue a mesma materia, e se dà noti-
 cia da quinta vez, que a Veneravel
 Imagem do Senhor de Bouças foy con-
 duzida em procissão à Cidade do Porto.*

320 **R**Egía a Monarquia Portugueza naquiel-
 le tempo o Serenissimo Rey D. João
 o IV. e a Romana Igreja a Santidade de Urbano
 VIII. Nelle estava o Bispado do Porto em Sê Va-
 cante, e tó era nomeado para Bispo delle D. Se-
 bastião

bastião Cezar de Menezes, o que não teve effeito. Celebrouse a dita Procissão no referido dia de 20. de Junho de 1644. havendo hido para o preparo, e disposição della, da Cidade do Porto o nobre Cidadão Luiz de Valladares Carneiro, Juiz da Confraria do Senhor de Bouças, de que o forão pela mayor parte pessoas nobilissimas da mesma Cidade. Nesta occasião acompanharaõ a procissão de Matozinhos ao Porto os Religiosos Recoletos da Obsevancia de S. Francisco do Mosteyro da Conceyção situado na parte Septentrional do Rio Leça.

321 Verosimil he que nas tres occasiões antecedentes fizeraõ aquelles Seraficos Religiosos o mesmo reverente obsequioso acompanhamento; porque de muito antes da occasião primeira, tinhaõ já naquella margem do Rio Leça o seu Mosteyro, mudado do de S. Clemente das Penhas pelos annos de 1478. como refere o Padre Frey Manoel da Esperança seu Chronista. De maneira que a mesma solemnidade, o mesmo applauso, e o mesmo reverente numerozo concurso, com pouca, ou nenhuma differença, houve nesta occasião, que em todas as mais, de que ha memoria, que a Sagrada Imagem do Senhor de Bouças fosse levada de Matozinhos ao Porto em Procissão precaria, e Religiosa; porque em todas era, e foy sempre igual o continuado ardente zelo, e a peregrina devoção, com que em fervoroso asseado culto, os moradores do Porto, e desta Provincia, veneraraõ, e reconhecerãõ em todo o tempo os soberanos effeitos dos seus prodigios; que nesta occasião foraõ como nas mais, grandes, e continuados.

*Esperança:
H. st. Serifica:
2. part. lib. 10
Cap. 42. pag.
474.*

322 Em huma das quatro vezes referidas (ignora-se em qual dellas) succedeo que antes de entrar o Senhor de Bouças na Cidade do Porto, por hum violento incidente, parece que tempestuoso, foy preciso recolher o Andor em huma Capella da invocação de S. Miguel extra muros da mesma Cidade, na qual depois se fundou o Recolhimento chamado do Anjo para Donzellas graves, e dezamparadas Matronas, e ou em memoria do caso, ou para piedosa consolação dos moradores do Porto, se effigiu em vulto do Senhor de Bouças o Retrato, que no sobredito Recolhimento se venera, e se festeja sempre no primeiro de Mayo, com grande, e pompoza magnificencia além de outros cortejos particulares nos dias da Invenção, e Exaltação da Cruz Sagrada, para o que se lhe instituhio huma especial, numerosa Confraria.

323 Quinta vez foy levada a sagrada Imagem do Senhor de Bouças em solemne procissão de preces à Cidade do Porto em 2. de Abril do anno de 1696. reynando em Portugal o Serenissimo Monarca D. Pedro II. governando a Igreja Catholica Innocencio XII. e sendo Bispo do Porto D. João de Souza. Diverso, mas não menos lastimoso foy o motivo desta piedosa acção dos das precedentes; porque havendo sido ellas todas em necessidades publicas, e grandes, procedidas da fluida irregular innundação das agoas, o foy destas o horroroso espetaculo, q̃ occasionavaõ nas multiplicadas doenças, que na Cidade pareciaõ epidemicas, por serem de tão contagiosos malignos symptomas, que quasi excediaõ, e contra-tavaõ todos os mais doutos, e fortes Aphorismos

da

da Medicina, cançada já de ver, e experimentar frustradas, e sem vigo as suas receitas.

324 Por ultimo remedio recorreo, quasi agonizante, a Cidade ao que por successiva maravilha reconhecia seguro, diligenciando os prudentes Cidadões do seu Governo, como bons enfermeiros, que em solemne visita sahisse a acudirlhe aquelle Divino Medico, que aos afflictos pulsos, em agitados impulsos de contrição fervorosa, costuma dar sempre a melhor cura, pelos preciosos suavizados cordeaes de suas Mizericordias, de pois que no Calvario a puras sangrias, se ostentou da vida Cathedratico, para livrar ao Mundo da Morte eterna; e se da Cruz pendente havia sido nas outras vezes celestial Iris, que annunciando serenidades, permitio tivessem para a vida o necessario sustento os remidos, e remediados Catholicos, nesta occasiaõ permittio tambem ser benignamente o Autor da continuada vida aos mesmos, para gozarem reverentes, e agradecidos em perfeita disposição aquelles viveres permitidos.

325 Celebrouse em effeito este piedosissimo acto, com a mesma solemnidade, e a mesma pompa, que as semelhantes funções precedentes, de que fez hum douto, e especial Tratado o Reverendo Doutor Antonio Coelho de Freitas Reytor da Igreja de Matozinhos, e de que tambem fomos testemunha de vista na adolescente idade de 17. annos, em que pessoalmente prezenciamos a magestosa magnificencia, com que foy feito, e vimos com admiração, e affombro ser excessivo, e quazi infinito o devoto concurso do po-

Doutor Antonio Coelho de Freitas Tratado do S. de Matozinhos.

vo immenso, que com fervoroso reverente disvello concorreo a fazer na assistencia mayor, e mais memoravel hu n taõ viçtozo espectáculo, que por não caber, a acompanhar o Senhor pelos caminhos, cobria os montes, e inundava os campos, e parecendo que estes ficavaõ por essa razão destruidos, se admirou foraõ nos frutos os mais copiosos, em premio talvez da zelosa fé, que os seus Colonos, a qual mais em competencia, os puzeraõ patentes, e abertos a lograr tanta fortuna.

C A P I T U L O L.

Profegue a mesma materia, e com algumas outras noticias se conclue o primeiro assumpto.

326 **D**Ois annos antes, no de 1694. declara o mesmo Doutor Antonio Coelho de Freytas, se havia intentado, e na mesma fórma disposto o ser levada a Veneravel Imagem do Senhor de Bouças em solemne Procissão á Cidade do Porto pela necessidade ardente, com que na falta entaõ de chuvas, se esterilizavaõ os campos, e pereciaõ abrazadas as Searas nesta Provincia, abrindo bocas sequiosa a terra, que só lhe serviaõ de lamentar em extremo o adusto ardor de seus prados. Como porém muitas vezes anticipa Deos benigno as suas graças ao empenho mayor das nossas supplicas, permittio entaõ que soltos os diques das grossas nuvens, que logo se
con.

Constipação densas fizessem huma profuzaõ muy copiosa, e com ella remediada a falta, se suspen-
deo, e mudou em Acção de Graças a prevenida
ciligencia.

327 Mas como aos dous annos seguintes
se proseguirão nas malignas doenças os ardores,
poderia aquella anterior efficilidade dos Ele-
mētos haver sido antecipado annuncio a tanto fla-
gello, ou talvez esta miseria, das nossas culpas
continuado castigo. E se na sobredita occasiãõ
logo que o Senhor de Bouças, já descido do seu
trono, se achava exposto a sahir a campo, para
ostentar as maravilhas de seus triunfos, permitio
entãõ, que alguma contriçaõ lhe deteve os passos,
remediar sem dilacão os estragos do voraz incen-
dio; nesta quinta vez, que a requintar os seus
prodigios se dignou ser á Cidade do Porto con-
duzido, por costumar benigno elle mesmo hir
ás casas dos enfermos, logo que chegou a fa-
zerlhes geral visita, passaraõ todos de mori-
bundos a viventes, e de mortaes a convaleci-
dos, respirando por este modo, a beneficios de
favonio divino alento, a Cidade, que quasi espi-
rava no mais profundo letargo amortecida.

328 Estes admiraveis, soberanos prodigios
parecem ser outro sinal evidente, àlem dos já re-
feridos, de haver sido a Veneravel Imagem do Se-
nhor de Bouças por Nicodemus delineada; por-
que sendo della divino molde o proprio Christo
remindo o Mundo, vivamente representado na
memoria do piedoso Artifice, e este pela comu-
nicada virtude do contacto fisico, de quando o
desceo da Cruz no Calvario, participando-a da

mesma fórte ao prodigioso Artefacto, o constituhio taõ peregrino, que ficou sendo proporcionado meyo a taõ milagrosos affombros, e porisso esta sagrada Imagem he, e tem sido sempre bem singular nos portentos, como pelas sobreditas occazioens se tem visto, e com felicidade perpetua se estã continuamente experimentando.

329 Nem tem havido occasiã finalmente, em que sendo por este meyo admiravel invocada a Divina Clemencia, naõ experimentassem sempre os opprimidos Catholicos singularissimo remedio, huns que navegando arriscados pelas fluidas correntes do mar inconstante, vendo-se nas furiosas tormentas sozeitos a perecer entre encapelados abyssos, acharaõ sempre neste piedoso foccorro a melhor taboa a salvar do naufragio: outros que nas ancias da morte fluctuando agonizantes, quazi reduzidos a cadaveres frios, só deste Sol receberaõ vigorosos alentos, reconhecendo assim todos os necessitados, que em hum taõ especioso Retrato do Redemptor do Mundo, tinhaõ para tudo o mais soberano refugio.

330 Demonstrações são evidentes desta segura confiança os pendentos despojos, e repetidos quadros, que nas paredes do Templo do Senhor de Bouças, estaõ continuamente indicando, como em trofeos esclarecidos, os multiplicados triunfos, que nas guerreiras opposições dos Elementos, alcançaraõ sempre os seus devotos, produzindo lhes a Terra fazonados frutos: dandolhes o Mar laborozos pescados, e cõvenientes chuviros: ministrando-lhes o Ar purificados alentos: e formando o Fogo temperados estios. Alli se admiraõ

mirão em varias patentes copias, a morte vencida; a faude restaurada: as aleijões desfeitas: as muletas arrojadas: os milagres escritos: os prodigios declarados, e maravilhas tudo.

331 Digno he de saberse, que alguns homens de negocio da Cidade do Porto, não feguraõ de outra sorte as suas embarcações de commercio, mais que pela estipullação tributaria de consignarem devotos ao Senhor de Bouças, a importancia de huma soldada, de Capitaõ, Piloto, Mestre, ou Marinheiro, a que pontualmente satisfazem, conseguida a viagem a salvamento. E muitas vezes dos navegantes os Capitaães, e Marinheiros, vendose no Mar em grandes apertos, fazem ao Senhor enternecidos votos, de que vindo ao Porto sem perigo, o vizitarem logo descalços, e em algumas lhe offerecem huma vela do proprio navio, que chegando a terra levaõ os meismos em hombros, e avaliada em Matozinhos, satisfazem à Meza do Senhor o seu importe, sendo piedosamente vistas as feis execuções destas promessas.

332 Estas são, quanto pudemos descubrir, todas as Antiguidades, que respeitão ao primeiro Assumpto, das quaes em corolario rezumidas temos visto, que a Veneravel Imagem do Senhor de Bouças encaminhada mysteriosa, e divinamente da Palestina á Luzitania, aportou milagrosa no lugar de Matozinhos em huma terça feira 3. de Mayo da era de 162. anno 134. do nascimento de Christo, que 50. annos se venerou neste Emporio diminuta do braço esquerdo, que prodigiosamente appareceo em outra terça feira 25.

de Mayo terceira Oitava do Espirito Santo do anno de 174. que foy legitima, e talvez primogenita fabrica do insigne Varaõ Nicodemus, que no 1. de Abril do anno 44. da Redempção humana succedeo em Matozinhos o admiravel prodigio de fer to. lo o lugar á Fé Catholica convertido, pelo notavel caso daquelle regio Cavalleiro, que nas suas prayas celebrava desposorios, a tempo que para Galiza passava embarcado o sagrado Cadaver de San-Tiago, de que se dirivou a nobreza, que fez sempre este lugar esclarecido. E finalmente, que na primitiva Igreja deste venturoso lugar de Matozinhos, naõ obstante as varias alterações dos seculos, e tyrannias invazões de Nações Barbaras se venerou sempre a Sagrada Imagem do mesmo Senhor desde o seu apparecimento até o anno de 1550. em que foy tresladada a dita Igreja ao sitio exilente, em que se venera agora. No anteparo de seu portico se acha gravado o seguinte Distico.

*Quem colis hic, quondam ad nostras Deus appulit oras
In Cruce, quam subit, pro rate mensus aquas.
Hac illi ad portus placuerunt littora, pende
Que statio hæc, portum que dedit una Deo.*





ASSUMPTO II.

CAPITULO LI.

[Do insigne Lugar de Matozinhos.

333



AM ha duvida, e se reconhece pelas aparadas pennas de alguns Escritores, que o lugar de Matozinhos está situado hum legoa ao Poente da Cidade do Porto. Hum delles entendeo (suppondo talvez que este lugar fora nos tempos, que assim tratamos, muy limitado) que tivera o primeiro assento mais junto ao mar Occearo, de que he vezinho; mas se bem se adverte, visto elle, se manifesta não ser possível, que em tempo algum houvesse sido ao mar mais proximo, do que he agora; mayormente porque os que desta circumstancia parecem vestigios, o não foraõ mais que de alguns oppostos reparos a impedir que as areas não penetrassem a povoação com excessso, e nelles meinos accumuladas ter-

vem

Manoel Tavares de Carvalho na Relação referida.

vem hoje, em grande parte, como de muro a defendellas.

334 De mais que, havendo sido, pelos tempos da vinda de San Tiago a Espanha, este lugar tão nobre, memoravel, e decantado, que se celebravaõ nelle com publicos festejos, e grandiosos applausos os Reais desposorios de hum Regulo, em que succedeo, com assombro dos assistentes, o admiravel prodigio já ponderado, e de que ao mesmo lugar rezultou de Matozinhos o glorioso nome, sendo por natureza hum paiz tão delicioso, e alegre, que equivocaraõ os Antigos o epiteto do seu Rio com o do famoso Lethe nesta Provincia constituhido, bem se manifesta quanto, e qual seria por aquelles seculos a sua extençaõ, e grandeza; e talvez que por esta se dilataste em parte mais para o mar Oceano, e seriaõ diõo destroçada confuza memoria alguns dos referidos vestigios.

335 Mas sobretudo hum lugar, que por ser o primeiro das Espanhas, que universalmente recebeo a Fè Catholica (Prodigio, que não seria tão decantado, se o lugar fosse sómente de poucos, e pobres moradores guarnecidos) parece devemos considerallo de tal fórte memoravel, e numerofo, que por tudo foy congruamente digno de que a Divina Providencia o escolheffe, para soberano deposito, e Santuario perpetuo do Retrato mais proprio do Redemptor do Mundo, e tão proprio, que o Reverendo Padre Jozé Ribeyro Sanchristaõ actual da Igreja do Senhor de Bouças nos referio haver observado por medidas vindas das originaes, que em Jerusaleem se conser-

vão da perfeita estatura de Christo Senhor Nosso, haver sido esta Veneravel Imagem por ellas formalmente delineada, até pela medida do Sagrado pé, que no Monte Olivete, ficou no dia da Ascensão estampado.

336 E sendo muitos outros lugares desvanecidos de memoraveis, e grandes pelos sonhados braçoens de seus fundadores: que glorias, que prerogativas, e que excellencias, se não poderaõ attribuir, e com melhor razão considerar ao sempre insigne, e notavel lugar de Matozinhos? Correndo a fazello illustre aquelle Senhor Soberano, que como fundador supremo de grandes Imperios, permitio estabelecer nelle a sua Veneravel Imagem, como previa, e mysteriosa disposição de haver de instituir a Portugal Imperio seu escolhido, e singularmente exaltado pelo Divino Braço de suas Chagas para terror, e affombro do Mundo? Ponto he este nunca plenamente ponderado; mas que muito, se infinitamente transcende a limitação do discurso humano?

337 Compoemse o lugar de Matozinhos de vinte e quatro espaçosas, alegres, e lageadas ruas de divertido, e jocundo passeio, formadas todas de nobres, e luzidas casas. Nelle se trataõ os seus moradores com aceado luzimento, fazendo-o assim urbanamente ennobrecido; e além de ser aprazivel, he notoriamente saudavel, com varias circumstancias de delicioso recreyo; porque em todo o tempo se produzem nelle as odoríferas flores em tanta copia, que não ha festiva função no Porto, em que dellas, com abundancia,

cia, não seja deste lugar foccorrido, em fórma, que parece as amenas ostentações de Flora formão sempre em Matozinhos huma continuada primavera.

338 Tem, como em suburbios, treze lugares, dos quaes, e de Matozinhos se forma o largo ditrito da sua Freguezia, sendo bem de notar, que a qualquer delles, a que he preciso hir o Santissimo Sacramento da Igreja Matriz por Viatico, he levado com a mesma solemne pompa, que no principal se pratica; porque neste reverente cortejo o não excedem as Villas, e as Cidades mais conspicuas, e opulentas. Ha nelle, e seu termo onze Capellas, como Templos de piedosa devoção dedicados á Virgem Senhora N. e a diversos Santos, e em todos a veneração, e a frequencia manifestaõ bem o religioso culto de seus moradores, e o catholico zelo com que as tem adornadas. Adiante diremos o mais pertencente ao seu politico governo, por continuarmos com a descripção do Templo principal.

C A P I T U L O L I I .

Do Templo existente do Senhor de Bouças em Matozinhos.

339 **C**Oncedido pelo Monarca Portuguez D. João III. à Universidade de Coimbra o Padroado de Matozinhos no anno de 1542. como fica visto, attendendo-se, ou a estar já pela muita antiguidade ameaçando ruina o Mostey-

ro de Bouças, ou ao melhor comodo dos moradores, rezolveo a mesma Universidade o mudallo ao sitio existente, formando nelle, pelos annos de 1550. o magestoso Templo, em que agora se venera a Sagrada Imagem do Senhor de Bouças, que por mais de quatorze seculos se havia no primitivo venerado. Em frondosa amena planicie copada de sublimes alamos, logo na entrada deste venturoso lugar foy erccta a sumptuosa fabrica do novo Templo, com elevados capiteis em suas torres, e no interior composto de tres naves, a que pelo meyo sustentão altas columnas todo primorosamente azulejado, e da mesma fórte o frontispicio, em que ficaraõ exteriormente delineadas as figuras de Jozé, e Nicodemus.

340 Sobre o arco da Cappe'la mayor ficou entãõ tambem gravada, em tres Arithmeticos numeros a conta de 162. que já ponderamos significar a era, em que a sagrada Imagem do Senhor de Bouças milagrosamente aportara na memoravel praya de Matozinhos, dizendo esta Epoca relação, e respeito, á que da mesma fórte, existia no Padraõ decifrada. Era magestosa a mesma Capella, antes de se lhe fazer o acrescentamento, com que o he mais agora, e no retabolo do Altar della, custosamente entalhado, conforme a praxe melhor daquelles tempos, se via em particular espaçoso Nicho o Veneravel Crucifixo collocado, com as bem delineadas Imagens da Soberana Virgem Senhora N. e de S. Joã Euangelista ao pé da Cruz, em representação da magoada assistencia, que fizeraõ à Payxaõ do Filho, e Mestre no Calvario.

341 Em nichos particulares, e collateraes do mesmo Altar, estavaõ de vulto bem ideadas as Imagens de Jozeph de Arimathea, e de Nicodemus, com insignias indicantes do Descendimento da Cruz celebrado no Calvario, e tudo se acha com a mesma fórma, e situação agora no retabolo reformado, e caso que as destes Santos Varões não sejaõ as mesmas, que da antiga Igreja se mudassem, sempre são sinal manifesto de que nella os havia da mesma fórte retratados, com alluzaõ especial àquella Divina Tragedia; infundindo tudo, ainda exteriormente o mais profundo, e reverente respeito, a quantos visitaõ este sagrado monumento.

342 Eraõ as paredes da mesma Capella, como toda a Igreja, de precioso azulejo revesti- das, e no meyo da parte do Euangelho havia formado de pedra de cantaria a Sepultura do Bispo D. Giraldo Domingues, com o seu Retrato Pontificalmente delineado sobre o elevado tumulo, a que sem duvida se haviaõ reconduzido seus Ossos da Villa de Estremoz, onde falecera na era de 1359. anno de Christo 1321. Agora se acha o mesmo Mausoleo cuberto com o dourado emma- deiramento, de que a Capella se adornou de novo, e nella sómente entalhada a Pontificia figura do Bispo morto, a conservar-se-lhe a permanente memoria, em razão de cinco Capellarias, que sendo Padroeiro, deixou instituidas com certas obrigações, que hoje com dobrado numero de Capellães, se reconhecem alteradas pela nova forma, que neste particular introduzio a Universidade de Coimbra, depois de ser Padroeira.

343 Tem no corpo da Igreja bons Altares, e proporcionadamente em correspondencia dispostas duas primorosas Capellas de excellente fabrica, huma da parte do Norte, especial do Santissimo Sacramento, que dalli se leva por Viatico aos enfermos, com a solemne pompa já referida; e outra da parte do Sul, em que devotamente se cultivão os scberanos mysterios do Santissimo Rozario, sendo na sua egregia construcção este famoso Templo geometricamente formado, com a porta principal ao Poente, e a sumptuosa entrada por hum largo, e espaçoso terreiro, que occupado de frondosos alamos o faz mais aprazivel, e vistoso. Duas são, e correspondentes, as portas collateraes, ficando da parte do Sul a Sancristia, que para a Capella mayor tem interior serventia, e a pouca distancia, no principio do mesmo terreiro, hum grande edificio, em que os Irmãos da Mesa do Senhor de Bouças fazem as funções externas da Confraria, e recolhem os paramentos da sua fabrica.

344 Ao mesmo tempo da Ereccão deste magnifico Templo, se reformou tambem na praya de Matozinhos o Padraão, que servia, e serve de sagrada baliza do sitio, em que sahira do Mar Occeano a Veneravel Imagem do Senhor de Bouças, sendo desta reformação final evidente o acharse nelle a mesma Imagem delineada em azulajo, que mostra ser da propria mão, e artificio do do Templo, por em tudo semelhante. Na baze se achava, e se conserva gravada na mesma forma, que no arco da Capella Mayor da Igreja a era de 162. e de outra parte a conta de 50. que já
larga-

largamente ponderamos, significar huma o quando a prodigiosa Imagem alli sahira, e outra os annos, que permanecera do esquerdo Braço diminuta, e a occasiã moderna, que houvera de apagar-se inadvertidamente a segunda conta, que já se acha fielmente renovada.

C A P I T U L O L I I I .

Continua a mesma materia do Templo existente.

345 **N** Este magestoso Templo, que he a Igreja Matriz, e a propria do Senhor de Bouças em Matozinhos, são continuas as assistencias dos seus moradores aos Divinos Officios, que nelle se celebraõ, e prodigiosa a quantidade de Missas, que se dizem todos os dias, tanto pelos muitos Sacerdotes do lugar, como pelos que devotamente concorrem a vizitar este admiravel Santuario, aonde tambem são perennes, e continuas as romarias, humas em reverente gratificaçã de recebidos beneficios, e outras em comprimento de antigos votos, a que são obrigadas cento, e tantas Freguezias das circunvezinhas, e além destas tambem muitas nos prefixos dias da primeira Dominga depois da Pascoa: na segunda feira seguinte ao da Appariçã de S. Miguel em Mayo, e no de Santa Maria Magdalena.

346 A Confraria principal no mesmo Templo, he a do Senhor de Bouças, com Estatutos da

da proteſtação Real, e os que de prezente ſervem aſſinados pela Mageſtade do Sereniſſimo Monarca D. Pedro II. Delles conſta, que fora inſtituida, quando com as circumſtancias que pratica formalmente erecta; por das antigas não haver individual noticia, pelos homens maritimos deſte lugar, dos quaes por eſtatuto ſão ſempre o Eſcrivaõ, e Thezoureiro, que no ſeu anno aſſiſtem continuamente na Igreja em Meza para a cobrança das eſmolas: Juizes della ſão, e foraõ ſempre peſſoas da mayor graduacão, e tradiçãõ ha, que o eraõ antigamente os Sereniſſimos Monarcas deſte Reyno; mas houve niſto, como em muitos outros particulares o lamentavel deſcuido de ſe não fazerem delles eſpecificas memorias, e ſe as houve eſcritas, totalmente deſappareceraõ.

347 No anno de 1644. conſta pela Relacão de Manoel Tavares de Carvalho, impreſſa em Coimbra no de 1645. que era Juiz deſta Confraria Luiz de Valladares Carneiro, Fidalgo nobiliſſimo do Porto. Hcuve depois mais advertencia em ſe fazerem algumas lembrancas, poſto que em nomes diminutas, e ſó pelas notorias qualidades, com mais certeza manifeſtas, porque conſta, que ſuceſſivamente foraõ Juizes o Duque do Cadaval, os Marquezes de Arronches, e de Fontes, a que ſe ſeguirãõ Biſpos, Almirantes, Generaes, Governadores, e outros Cavalheros de ſemelhantes predicamentos, e de anno a eſta parte o he ao prezente Diogo de Moura Coutinho e Caſtro, porque alguns, ou os mais delles o foraõ vitalicios, como o foy ſeu Tio D. Gregorio de Caſtel-

lo Branco da Caza dos Condes de Villa Nova.

348 Magnificas são as funções, e as circumstancias desta grande Confraria, que tem Irmãos, em avultado numero, não só em Matozinhos, mas por toda a parte do Orbe Catholico, com Jubileo plenissimo no dia da entrada, por Bulla Pontificia, e pelos mesmos Irmãos vivos, e defuntos, Mordomos, e Bemfeitores Missa quotidiana, que nas Sestas feiras he solememente a canto de orgão celebrada. Na seguinte ao dia da Commemoração geral dos mortos, se lhes ostentaõ sempre funebres exequias, com Sermaõ Panegyrico, e extraordinaria pomposa magnificencia de elevado tumulo de copiosas luzes adornado, e da mesma forte todo o Templo, aonde para este effeito concorrem os Religiosos do Convento da Conceição, e quantidade notavel de Ecclesiasticos, que ordinariamente excedem o numero de trezentos, a que a Confraria por Officio, e Missa satisfaz honorificas esmolas.

349 Em cada huma das seis Sestas feiras da Quaresma. dias especiaes, em que a Matozinhos sempre concorre huma grande multidaõ de gente, e tambem por voto muitas das Freguezias referidas, de mais da Missa solemne, com admiravel Musica celebrada, ha Sermaõ correspondente às circumstancias do tempo, em que a Igreja Catholica, com piedosa memoria, nos representa os profundos Mystérios da Redempção humana, porque os Irmãos da Meza do Senhor de Bouças, a todo o custo procuraõ sempre os mais famosos Oradores, que neste emprego exercitaõ bem o importante ministerio de verdadeiros Missionarios Apostolicos.

350 Ha na Meza hum Livro, que serve para nelle se escreverem as entradas dos Irmãos da Confraria, e chegando avizo de algum ser fallecido, concorrendo-se com certa porção de terminada, se lhe fazem logo por suffragio, e applicação vinte duas Missas, dezenove rezadas, e tres cantadas. Ha mais outro livro destinado para a cobrança dos Annaes, e outro dos assentos das esmolas, que são copiosas, e continuas, tanto na Igreja, como no sitio do Padraão, onde em casa particular, aos Mezes assistem Irmãos, que assentão em outro Livro particular as que alli recebem, de que dão conta ao Thezoureiro, e este com a Meza no fim do anno de seus empregos, a dão geral aos Officiaes da Meza nova, que lhes succede.

C A P I T U L O L I V .

Profegue a mesma materia do Capitulo precedente, e do mais que se pratica na Igreja de Matozinhos.

351 **A**S contas da Meza que acaba, são feitas, e assinadas com assistencia dos Irmãos della, na prezença do Reverendo Parocho, em huma Capella de Santo Antonio, e se apresentão para aprovallas ao Doutor Provedor da Comarca da Cidade do Porto, a que pertence esta diligencia, por ser a Confraria do Senhor de Bouças da protecção, e jurisdicção Real, em que senão intromete o Visitador ordinario.

Entraõ na receita destas contas, quatro mil reis, que impostos na Alfandega do Porto satisfazem os Marquezes de Fontes (hoje de Abrantes) por legado que hum delles, nomeado só pelo titulo, deixou para provimento de hum lampadario de prata, que deo ao Senhor de esmola, e mais outros quatro mil reis, tambem de legado, que ao mesmo Senhor deixou Manoel Rodrigues da Costa, Fidalgo da Casa Real, imposto na Misericordia de Lisboa, onde os Irmaõs da Mesa por procuração mandaõ cobrallo.

352 A propria Festa do Senhor de Bouças he sempre, como fica ponderado, na segunda Octava do Espirito Santo, e pelos dias desta grande solemnidade, se faz inexplicavel a profuzão de gente, que a Matozinhos concorre de toda a parte. Tudo entaõ respira alegrias, tudo regozijos, e applausos tudo, em continuada permanente memoria do antiquissimo tempo, em que milagrosamente apparecido da Veneravel Imagem o esquerdo Braço, se ficou integralmente adorando completo este Soberano Retrato, em que Nicodemus ideou fielmente o proprio Redemtor do Mundo. Do notavel concurso, que a taõ plausivel festejo concorre sempre, daõ particulares, e bons testemunhos o Licenciado Jorge Cardozo, e o Padre Antonio Carvalho da Costa em seus Escritos.

353 Além da grande Irmandade, e Confraria do Senhor de Bouças, ha tambem na mesma Igreja mais doze, de estatutos, e obrigações particulares: como a do Santissimo Sacramento: A do Salvador com festa em dia de Reys: a das Almas

*Cardozo Agi-
ol. Lusit. tom.
3. comment. a
10. de Junho
lit. A. p. 626.
Costa. Coro-
graf. Portug.
tom. 3. trat. 6.
cap. 5. p. 361.*

Almas, e JESUS com festa no primeiro de Janeiro: a de Nossa Senhora da Graça com festa na segunda Dominga de Outubro: A dos Passos: a de S. Pedro, que he dos Clerigos, e tem festas a 29. de Junho, e no 1. de Agosto: a de S. Miguel com festa no seu dia: a de Nossa Senhora do Rozario com festa na Dominga primeira de Outubro: a de Santo André com festa no ultimo de Novembro: a da Senhora da Graça, dos Pretos com festa a 24. de Julho, dia de San-Tiago: a da Senhora do Ptanto, Confraria que sepulta os mortos, tendo para isso tumba, e bandeira como a da Misericordia do Porto: e finalmente a de S. Francisco Xavier dos Estudantes com festa a 3. de Dezembro.

354 A Irmandade do Senhor dos Passos faz sempre a Procissão delles na Dominga terceira da Quaresma, com pompa proporcionadamente igual á das Cidades conspicias, porque tem ao proprio perfeitissima Imagem collocada em Capella particular da mesma Igreja, e consta de seus Estatutos, que dezejando os Irmaõs antigamente achar Artifice perito, que lha formasse com delineação adequada, casualmente se lhe offerecera para isso hum Romeiro peregrino, que em effeito lha fizera, com especialidade a mais piedosa, qual da mesma se manifesta, e que nunca mais fora visto, para a remuneração, e agradecimento; indicio claro de ser celestial o prodigio; mas na mesma parte, em que a Providencia Divina os ostentou, e ostenta sempre.

355 Nas mais Domingas da Quaresma ha Sermões por conta da Universidade Padroira, e

por seus dez Capellães naquelle Templo se celebra com grande magnificencia os officios da Semana Santa, e se ostenta na Quinta feira de Endoenças a sempre admiravel cerimonia do Lavapés com Sermaõ do Mandato, e na noite, dilatada Procissão pelas ruas em representação dos grandes Mysterios, de que a Igreja solemniza memorias naquelle dia. No da Sexta feira da Payxão se faz com toda a decencia o Descendimento da Cruz com Procissão do Enterro, e Sermaõ de Soledade, concorrendo Sua Magestade para este piedosissimo acto com certa esmolla, por Provisão Real, imposta no Direito, a que chamão da Liberdade.

356 A Igreja de Matozinhos he Reytoria, que com a de S. Miguel de Palmeyra sua annexa, que fica da outra parte septentrional do Rio Leça apprezenta a Universidade de Coimbra em fogeitos formados, que conseguem estes rendosos Beneficios por opposições Theologicas, e de Direito Canonico, conforme a alternativa dos provimentos, do que procede serem sempre os Reyttores dos mais insignes Letrados. Da Capital de Matozinhos he tambem annexa a Freguezia de S. Martinho de Guifoes, em que apprezenta Cura annual o Reytor de Bouças, e de todas percebe os dizimos a dita Universidade Padroeira, que são consideraveis; e tudo correspondente à fertilidade, e grandeza deste ennobrecido terreno.

CAPITULO LV.

Do governo politico do Lugar de Matozinhos, e seu termo, e outras circumstancias.

357 **P**Ara o governo civil, e politico tem o lugar de Matozinhos hum Juiz annual, que nelle o he tambem das fizas, e no lugar de Leça da Palmeira, e em todo o Julgado de Bouças, feito por eleição do Povo, e confirmado pelo Senado da Camera da Cidade do Porto. Ha dous Almotaceis feitos pelo Juiz do lugar, que servem de dous em dous mezes. Dous Tabaliães do publico Judicial, e Notas, e hum Escrivão das fizas, officios providos por S. Magestade, e hum Meirinho. Tem sua Casa de Audiencia, e Cadea na rua do Ribeirinho, e Pelourinho na Praça. Não ha Vereadores, mas sómente nove Eleitos nos tres lugares, ou Villas, em que domina o mesmo Juiz, como das fizas, e são factura sua. Hum Capitaõ da Ordenança, que comprehende em sua jurisdicção militar as Freguezias de Matozinhos, Romalde, e Lordello do Douro.

358 Communicamse os dous Lugares de Matozinhos, e de Leça, a que divide o Rio deste nome, por huma grande ponte de pedra de cantaria, formada sobre dezenove arcos, por que passa o mesmo rio a depositar no mar Oceano suas crystalinas vagarosas correntes, que

mais que empolados , crespos' arrojos , parecem brandos prateados deliquios , com que delicioso se ostenta, formando claros remanços aos verdes bosques, que rodea. A margem septemptrional lhe adorna , respirando na virtude suavissimos alentos , e na fantidade agigantados espiritos , o insigne Sanctuario da Conceição, Convento Re-coleto dos Serafins Religiosos de S. Francisco, que pelos annos de 1478. se mudou do antigo de S. Clemente das Penhas para este solitario , ame-no, e mais accommodado sitio , de que o Padre Frey Manoel da Esperança seu dignissimo Por-tuense Chronista expende noticias individuaes , e mais amplas.

Esperança
Hist. Seraph.
2. part. lib. 10.
cap. 42. a p.
474.

359 Da mesma parte do Norte do Rio Le-ça, de mais do Lugar , que não he menos deli-cioso , e aprasivel , composto de magnifico Tem-plo , e nobres casas , com largas , e espaçofas ruas , e provido de urbanos aceados moradores, lhe ficão contiguas , junto da barra do mesmo Rio , como atalaya , huma quadrada Fortaleza, de fôrma moderna , e guarnecida de Artelharia, com Armazões , e quarteis , posto que não aca-bada , e a pouca distancia outra grande , antiga, e completa Fortaleza , com boa guarnição de peffas , e Soldados , e hum Tenente Governador della, apprezentado pelo Marquez de Fontes , ho-je tambem de Abrantes , e pago pela Camera da Cidade do Porto , de que o mesmo Marquez he Capitaõ , e Alcayde mòr , com rendas conside-raveis em seu districto , e grandes no lugar de Matozinhos , que por todas as circumstancias he, como sempre, memoravel.

360 Da parte do Sul tem o mesmo lugar de Matozinhos na sua praya outra Fortaleza, denominada S. Francisco Xavier do Queijo, com guarnição, e Tenente Governador, apprezentado pelo dito Marquez de Abrantes, que da mesma forte appresenta Tenente Governador na Fortaleza de S. João de Foz do Rio Douro, que fica proxima, e he guarnecido do competente prezidio de Soldados, e Artelharia, tambem pagos pela sobredita Camera do Porto, sendo esta a principal, e mais consideravel das do mesmo districto, e a que regulla, permite, ou impede as sahidas, e as entradas dos Navios, e embarcações, que de mar em fóra vem ao Porto deſtinadas.

361 De maneira, que com Fortalezas, e alguns Santuarios particulares, que tambem adornão a praya deſte districto, além dos deliciosos amenos bosques, porque passa o decantado Rio Leça, se mostra tão aprasivel o sitio de Matozinhos, que se não pôde eſtranhar, que alguns dos nossos Antigos Eſcritores ſuppuzessem haverem ſido nesta Provincia os celebrados campos Elyſios, e que deſte lugar o entendessem os que ao Leça deraõ o nome de *Lethes*. E mais, se com reflexão se advertir, que o eſpaço de mar, em que a Veneravel Imagem do Senhor de Bouças ſahio à praya no sitio do Eſpinheiro, e em que havia parado, para grandes prodigios, a embarcação de San-Tiago, se denomina o *Paraizo*, ſem haver de ſeu principio poſitiva memoria, em que algum certo ſe eſtabeleça.

362 Sendo bem de notar neste ponto,
em

Tavares de
Carvalho. na
Relação refe-
rida.

em que já tocou o Douto Escriitor Portuense, Manoel Tavares de Carvalho, que sendo perguntados os que poderiaõ dar alguma rezaõ deste nome, não sabião outra mais, que a de ser antiquissimo, e que se lhe daria por estarem nesta parte as agoas do mar mais fõsegadas; de fõrte, que por este modo se reconhece, ser elle tão anterior ás memorias, que ainda excede as tradições da conversão do numerofo povo do lugar de Matozinhos, e do apparecimento da Sagrada Imagem de Christo nelle, de que se conservaõ invariavelmente permanentes as que ficão ponderadas, e bem poderia ser derivado de mayor antiguidade, talvez em mysterioso final antecedente, de que depois por hum, e outro prodigio, da conversão, e apparecimento, se lhe ficasse mais propriamente conservando o especioso nome de *Paraizo*.

C A P I T U L O L V I .

Da Ethymologia do nome de Matozinhos.

363 **D**O nome de Matozinhos apontamos já provir-lhe das Conchas, e das Veyras, com que do mar Oceano, na sua praya, sahio matizado, e cuberto aquelle Regio Cavalheiro, que na mesma praya, no 1. de Abril do anno 44. da Redempção do Mundo, celebrara seus desposórios, a tempo, que passando para Galiza embarcado o Sagrado cadaver de San-Tiago, succedeo o admiravel, já ponderado prodigio, de que rezultou a todo o lugar a gloria universal do Christianismo, e deste memoravel principio
o de

o deduzem alguns Escritores pelas relevantes authoridades dos nossos insignes Antiquarios, os Padres Frey Bernardo de Braga, e Frey João do Apocalypse Monges Benedictinos; mas o Cavalheiro diverio do famoso Cayo Carpo, como largamente fica visto.

364 A congruencia, que com pouca corrupção, ou abbreviatura tem o nome de *Matozinhos*, com o que se entende originario de *Matizadinhos*, e alluzaõ, e memoria daquelle notavel successo faz notoriamente provavel a proporcionada deducção da sua ethymologia derivandose *Matozinhos* de *Matizadinhos*; mayormente, porque haver sido este lugar, caso que o fosse, provido de pequenos matos, de que alguns Escritores, sem reflexão, o deduziraõ, não era isso circumstancia memoravel, nem de entidade capaz, e sufficiente, que a tanto lugar originasse de Matozinhos o nome, mudandolhe talvez o mais antigo, que teria por outro menos relevante principio; e muito mais quando os Lugares, Villas, e Cidades, com grande attenção affectaraõ sempre remontadas origens a seus appellidos.

365 De mais que no lugar de Matozinhos, por ser ao mar taõ proximo, não houve, nem podia haver em tempo algum, disposição de nelle se produzirem pequenos matos, mas sim vastos, e copiosos juncos, que nas suas extremidades se divizaõ, por continuada natureza do terreno, sempre de areas combatido, e só no interior delle sylvestres, embrenhados bosques, que nas suas vezinhanças fazem o sitio
mais

mais aprazivel , e ameno. De fórte que pequenos matos se criaõ sómente nos montes de outras producções infructiferos , e do mar mais apartados , como he bem notorio , e não fer isto da provida natureza estylo moderno.

366 E assim como ao Rio Leça deduzimos já seu nome do de *Latitia* , pela grande fervorosa alegria , prazer , e contentamento , com que os Antigos moradores de Matozinhos viraõ fahir do mar matizado , com vieyras , e conchas o Regio Cavalleiro , que foy a prompta , e indubitavel occasião do seu Christianismo , e de se verem por taõ prodigioso modo , reduzidos todos á Luz da Graça , e livres das obscuras trevas do Gentilismo , da mesma fórte , e pelo mesmo adequado principio , parece que naturalmente , e sem violencia , com allusão ao mesmo caso , devemos deduzir a este lugar o seu nome , concorrendo para isso tambem a circumstancia , de que até na pequena corrupção , ou abbreviatura , são os de Leça , e Matozinhos analogamente correspondentes , deduzidos *Leça* de *Latitia* , e *Matozinhos* de *Matizadinhos*.

367 E sem duvida , que o caso foy taõ grande , e por suas raras circumstancias taõ memoravel , que dignamente a perpetuar-se , e a repetir-se , como em hyeroglyficos , pelos seguintes seculos a sua lembrança , ficaraõ os ditos nomes permanentes , tanto no lugar , como no Rio , para que este em linguas de prata o insinuasse sempre rizonho , e aquelle em obeliscos , padroens , e monumentos o persuadissem sempre festivo. Nem haveria difficuldade , a que entaõ se
lhe

lhe introduzifsem estes novos decantados nomes, desprezados os mais antigos, sendo nifso os moradores introducentes os mais empenhados a eternizar por todos os modos, a corrente continuada memoria de tanto prodigio.

368 Nesta gloriosa circumftancia poderia tambem convir de algum modo, mas allegorico, ao Rio Leça o nome de *Lethes*, que lhe attribuirão, como já difsemos, alguns Efcritores; porque pelo referido caso efquecidos os moradores de Matozinhos do antigo nome, porque já então fofse o feu lugar celebrado, lhe dariaõ o que perpetuamente ficaffe sendo expreffivo da alegria, que lhe resultara de hum tão memoravel portento, e para fegurarem melhor fer efte, e não outro, o motivo, imporiaõ ao feu lugar, e a fi mefmos o nome de *Matizadinhos*, abbreviado depois em *Matozinhos*, tanto pelo prazer de verem fahir do mar illezo o matizado Cavalleiro, que os convertera, como pelo graciofo character, que nas ondas plaufiveis do Bautifmo lhes imprimira, como no referido Hymno fe declara.

*Tunc ergo Rex convertitur,
 Salvus ad littus pervenit,
 Christum cognatis prædicat,
 Quos per baptismum liberat.*

CAPITULO LVII.

Continua-se a materia do Capitulo precedente, e se confirmaõ as Ethymologias dos nomes de Leça, e Matozinhos.

369 **V**isto que do mesmo principio havemos deduzido as origens dos nomes do lugar de Matozinhos, e do Rio Leça, e no Capitulo 33. tocamos naõ serem proprios deste os de *Celando*, e *Lethes*, que sem reflexaõ lhe attribuirãõ alguns Escritores, reparamos que o Doutor Joã Salgado de Araujo Abbade de Pera, tratando deste Rio adverte, que recebera engano Andrè de Rezende, quando prezumio ser elle o Rio Celando dos antigos Geographos, e na verdade tem razãõ; sendo cousa notavel, que hum taõ insigne Antiquario, como Rezende, respeitado de todos os Nacionaes, e Estrangeiros, que admiraõ seus Escritos, cahisse em taõ manifesto engano! *Mas etiam aliquando bonus dormitat Homerus.*

Salgado Araujo. Successos Milit. lib. I. cap. I. fol. I. v

Rezendus.

Anciquit. Lusit. lib. 2. tit. de Fluminibus Brac. in Hispania illustrat. tom. 2. p. mihi 925.

370 He pois o caso, que Rezende, nas suas admiraveis Antiguidades da Lusitãnia, querendo por authoridade de Pomponio Mella dar noticia dos Rios, que havia entre o Douro, e o Minho, suppondo que Pomponio os nomeara todos, e prevertera a ordem delles; persuadido talvez de ver, que o Geographo antepuzera o Minho ao Lima, sendo aquelle na situaçaõ o ultimo

timo, e assim persuadido tambem de entender que da mesma fórte mencionara primeiro o *Ave*, que o *Celando*, suppondo ser este o *Leça*, pretendendo emmendar a ordem de Pomponio e creveo: *Celandus*, *Avo*, *Nebis*, *Limia*, *Minus*, e proseguio explicando, que *Celandus* era o Rio, que se diffundia no mar, entre os lugares de *Leça*, e *Matozinhos*; e como por esta supposiçaõ faltava na ordem dos Rios o *Cavado*, famoso nesta Provincia, entendo que diffundido elle no *Neiva* entravaõ no mar juntos, como hum só Rio no lugar de *Faõ*.

371 Porém foy descuido de Homero; porque o Rio *Neyva* não só he diverso do *Cavado*, mas nem entra nelle, como he certo, e bem mostra o referido Doutor João Salgado de Araujo, com a equivocação, que nesta parte tambem teve Frey Bernardo de Brito. De fórte que Pomponio Mella, a este respeito não fez menção alguma do Rio *Leça*, como a não fez de outros muitos particulares, e só mencionou do Douro para o Minho os Rios *Ave*, que desagoa entre Azurar, e Villa do Conde: o *Celando*, que he o *Cavado*, e fenece entre *Faõ*, e *Espozende*: o *Neyva*, que por entre areas se sepulta junto ao Mosteyro de S. Romaõ: o *Minho*, que sahe junto da Villa de Caminha, e o *Lima*, que antes d'elle em Viana finaliza, descrevendo-os deste modo: *Sed a Durio ad flexum Gronii: fluunt que per eos Avo, Celandus, Nebis, Minus, & cui oblivionis cognomen est Limia.* E não he erro no texto de Pomponio; porque o temos de tres diversas impressões unifórme, e duas dellas bem antigas.

Valianus.

Coment. in

lib. 3. Pompo-

nii Melle. ad

caput. 1. p. mi-

bi 162.

372

Aqui se adverte aos curiosos; que Joaquim Vadiano, no commento ao lugar referido de Pomponio Mella, apontando que ao *Avo* deste (que he o Rio *Ave*) chamava Ptolomeo *Ayum*, e que do *Celando* (que he o *Cavado*) se não lembraraõ outros tanto, suspeitou, com manifesto engano, eitar corrupta nesta parte a lição de Pomponio: *Avo Celandus*, pelo que havia de ser, *Avo dos Celerinos*, que eraõ povos assima dos Bracaros, e Gronios: *Et suspitio est, corruptam esse lectiõnem Avo Celandus, pro eo quod est Avo Celerinorum. Sunt autem Celerini supra Bracaros, & Gronios in Citeriori Hispania. Plinius quorum agrum is annis abluit, ut indicat Ptolomeus.* E bem se manifesta o erro deste commento; por haver sem duvida nesta parte os dois Rios *Ave*, e *Cavado* expressados pelos nomes *Avo*, *Celandus*, mas tem naufragado na intelligencia delles bons talentos.

Vasconcellius

Descript. Re-

gni Lusit. De

Fluviis pag.

410. n. 12.

Ferrarius, &

Baudrand.

Lexic. Geo-

graph. lit. C.

Verbo. *Celan-**cus*

Bluteau. No

seu Diccio-

nario tom. 5.

p. 86. lit. L.

Verbo *Lessa*

373

Porém nem só o Doutissimo Rezen- de se enganou na referida lição de Pomponio Mella; porque tambem ao Douto Padre Antõnio de Vasconcellos, e a Felipe Ferrario succedeo o mesmo, sendo que depois Miguel Antõnio Braudand addicionando a Ferrario, já distinguio ser *Celando* o *Cavado*. Não menos se enganou o Padre Vasconcellos em expressar o nome de *Lessa* com dous *SS*, dando por isso occasião ao doutissimo Academico D. Raphael Bluteau a dizer no seu grande Diccionario, que para evitar equivocacões deste Rio com o *Cavado*, era melhor pronunciallo, com o dito Padre Vasconcellos: *Lessa.a.* sendo isto manifesto contradictorio

rio á mayor Antiquidade, que sempre o pronunciou *Leça*, o que advertio Ferrario, dando ao lugar de feu nome o latino *Lacia*; e assim se dava em Portugal nos antigos Instrumentos publicos, como se deo no que traz copiado o Illustrissimo D. Rodrigo da Cunha celebrado entre o Bispo do Porto D. Hugo, e D. Martinho Prior de Leça do Balio, sobre a composiçaõ de hum jantar na era de 1160. anno 1122. da Epoca Catholica.

Ferrarius. loco supra citato.

Illustrissimo. Cunha. Catal. dos Bispos do Porto. 2. part. cap. 1. p. 17

374 Igualmente se enganou no lugar referido o doutissimo Padre Antonio de Vasconcellos, e os que com elle suppuzeraõ, que o Rio Neyva se infundia no Cavado, e nelle perdia o nome, quando em confuza madre entrava com elle no mar Oceano entre Faõ, e Espozende, e não fomos nós o primeiro, que nisto fizemos reparo; porque no de nosso uso (àlem de que com o Doutor João Salgado de Araujo fica visto, serem Rios separados, e com exitos diversos) se acha marginalmente huma cota do Doutor Christovão Alaõ de Moraes, talento bem conhecido neste Reyno, que assim o deixou declarado, dizendo: *Aberrat Autor omnino in hac re, ut & in eadem pariter aberravit Fr. Bernardus de Brito; neque enim Nebis nomen deponit, neque Cavado immiscetur, neque intra Faõ, & Spozende mare ingreditur.* E sendo isto sem duvida certo, o fica tambem sendo, que nunca o nome *Celandus* competio ao Rio Leça.

Vasconcellius loco supra citato.

CAPITULO LVIII.

*Profegue-se a mesma materia com outras
particulares noticias.*

375 **E** Se o Rio Cavado teve antigamente o nome de *Celano*, derivado, ou da ethymologia de Rio do Ceo, *Cæli amnis*, ou da barca, que o frequentava, *Barca Celani*, dando origem ao da Villa de Barcellos, ou de alguma das mais que Antonio de Villasboas SamPayo descreve, he certo teve aquelle nome motivo particular; mas proprio, como os de outros Rios, e lugares, que assim conservaõ as memorias mais, ou menos relevantes de seus principios; e sendo tambem certo, que não houve outro caso, nem tão glorioso, nem mais adequado, que o portentoso successo do referido matizado Cavalleiro, para dar memoravel nome ao lugar de Matozinhos, nem mayor, e mais justificado prazer; que o de seus Vassallos, parentes, e amigos em tal occasião, para ficar expressado no do Rio Leça, parece sem duvida, que ambos tiveraõ este singular, e unico motivo, já talvez predestinado; e disposto pela primeira entrada de San-Tiago em Espanha.

376 Se agora se mover casualmente o reparo, de que na possivel, e provavel supposição, que San-Tiago entrasse primeiro em Espanha pela barra do Rio Leça, que razão haveria para não entrar pela do Douro, sendo mayor, e mais ampla, e por essa razão aos navegantes mais notoria?

notoria? Seria, porque he certo, e reconhecem todos, os que elcreverão desta Missão Apostolica, que o fervoroso dezignio do Santo se encaminhava primariamente ás Cidades Capitães das Provincias, como naquelles tempos o era Braga da de Galiza, e por essa razão deixaria então de desembarcar na Cidade do Porto, para mais prompta, e facilmente passar á Bracarense Metropoli, que o era do Gentilico trato, e o havia de ficar sendo do Christianismo, e se manifesta não teve demora nesta primeira jornada; porque o Cavalleiro, depois convertido, ainda não tinha noticia de JESU Christo, além de ser Regulo, a que as verdades Catholicas chegavaõ mais tarde, e eraõ para isso necessarios grandes prodigios.

377 Bem poderia ser, que a primeira terra, que ao desembarcar pizasse o Santo, fosse a mesma, em que na margem septentrional do Rio Leça se erigio depois pelos annos de 1478. o Recoleta Franciscano Convento dedicado à Purissima Conceição da Virgem MARIA Senhora Nossa, porque se pelos effeitos se conhecem as causas, e muitos particulares destinados pela Divina Providencia só tiveraõ executivo complemento depois de largos seculos, como fica ponderado, teria talvez disposto a mesma Altissima Providencia, que ao tempo de collocarse naquelle sitio a Religião do abrazado Serafim humano, occorresse, por occulto inspirado impulso, dedicar-se o Templo Sagrado a taõ soberano Mysterio, por ser em parte, onde houvesse desembarcado primeiro o Apostolo San-Tiago, que delle foy especialissimo devoto, introduzindo

do a sua veneração em Espanha.

378 Não he do presente assumpto averiguar, se a veneração, que San-Tiago introduzio, ou insinuou em Espanha, foy o da Conceição passiva, quando no ventre de Santa Anna foy a Virgem Senhora para Máy de Deos singularmente concebida, ou se a da Conceição activa, em que a mesma soberana Senhora, ab æterno prezeruada, recebeu em suas entranhas purissimas, por obra do Espirito Santo, o Divino Verbo; mas tudo poderia ser; porque supposto o douto Frey Francisco de Bivar, commentando a Dextro, pretendia mostrar que elle neste ponto tratara da Festa da Conceição activa, com tudo além de que Dextro he reputado por Apocripho, ainda que o não foíse, se não tirava do seu texto concludente argumento, por não especificar a qualidade da Conceição, de que tratava; de mais que em tal caso, como não podia haver duvida, na grande relevancia da Conceição activa, se podia entender fallava da passiva, em que só houve controversia, por permitir Deus pelos altos fins, que ignoramos, apurar-se a verdade della com revelações Santas, averiguações Escolastica, e resoluções Pontificias, porque o veneramos, e juramos agora.

*Bri-var. in
Dextram. ad
annum Chri-
sti. 308. Com-
ment. 1. n. 9.
4 pag. 361.*

379 Não militava porêm a controversia em San-Tiago, hum dos Apostolos promulgadores do Christianismo, e porisso dos primeiros, e principaes Patriarcas da Ley Euangelica, que em se lhe revelar este, e outros particulares Mysterios, não tiverão menos prerogativas, que os Patriarcas da Ley da Natureza, e Ley Escrita, a que

que tambem se revelaraõ muitos pelas admiraveis, e proporcionadas disposições da Divina Providencia. E dado caso (o que se não averigua) formalmente não instituisse festa especial ao Myfterio da Conceição passiva, manifestallo hia a introduzir tambem a sua veneração em Espanha, pela reverente, e particular devoção, que tinha á Soberana Senhora, que porisso lhe fez o singularissimo favor de o vizitar duas vezes nas nossas Províncias, como a insigne Escritora da Mystica Cidade de Deos nos affirma; sendo que o Doutor Antonio de Souza de Macedo admiravelmente escreve, que não só por San-Tiago, mas pelos mais Apostolos foy logo desde os principios da Igreja celebrada a Immaculada Conceição passiva da Virgem Senhora.

Mystica Ciudad. de Dios. 3. part. lib. 7 cap. 16. n. 322. Macedo. Eva e Ave parte 2. cap. 15.

380 Pelas circunstancias referidas, não parece desproporcionada a inferencia, de que ao tempo de erigirse o referido Templo na margem septentrional do Rio Leça, feria impulso superior o dedicarse ao Soberano Myfterio da Conceição passiva da Virgem Senhora, e ser ella com especialidade milagrosa, e dos Religiosos neste Santuario tão perfeita a Regular Observancia, como a experiencia manifesta, e doutamente descreve o Padre Frey Manoel da Esperança; sendo isto, e a notoria Santidade, que deste litario monumento sempre respira, talvez hum padraõ egnimatico, de haver San-Tiago dezembarcado naquelle sitio, e por tanta felicidade, contão repetida, por vir ao Rio Leça o alegre, e jucundo nome, que conserva, derivado de *Latitia*, pela que disto, e da de salvarse o matiza-

Esperança. Hist. Seraf. 2. part. lib. 10. a cap. 41. a pag. 471.

do Cavalleiro resultou tambem ao lugar de Matozinhos, a que deo nome.

C A P I T U L O L I X .

Profegue-se em confirmar as ethymologias dos nomes de Matozinhos, e do Rio Leça.

381 **E** Se por curiosa metaphora, em especulativa allegoria quizeffemos deduzir ao Rio Leça o mesmo nome mais antigo; mas sempre derivado de *Latitia*, diriamos que como muitos dos Antigos suppozeraõ a gentilica, sonhada Bemaventurança dos Campos Elyfios nesta Provincia, a que pelo Rio Lethes passavaõ as Almas de seus defuntos, a lograr, esquecidas das miserias, e trabalhos da vida mortal, o descanso aprazivel daquelles deliciosos Campos taõ celebrados nas ficções poeticas, visto que nella se acha o Rio Lima, que por haver tido o nome de Lethes, se lhe attribuiu do esquecimento a circumstancia, e esta por alguns seculos se representou aos viventes temerosã, atè o tempo em que a desvaneeço o intrepido arrojõ do Consul Romano Decio Junio Bruto, vinha a parar, e consistir esta fingida fruição jucunda nas alegres margens do Rio Leça, a que por esta razã se daria o nome de *Latitia*.

382 Diria-mos mais, que para chegarem a ella, passando o Celano, que era o Cavado, já Rio do Ceo, *Cali amnis*, e profeguindo ao Rio Ave,

Ave, *Avus*; por talvez supporem nelle a entrada deste representado Paraizo, e se deffem mutuamente os parabens, e a congratulatoria faudação *Ave*, de que lhe resultaria o nome, ou *Hare*, dicção Hebrayca, que segundo Santo Agultinho, apontado pelo doutissimo Academico D. Raphael Bluteau, queria dizer *vive*, por entrados já na suspirada regiaõ do eterno descanso, qual o que consideravaõ no manso, e fofsegado Rio da alegria *Letitia*, teria por este modo já de antes o Rio *Leça*, combinadas as allegoricas metaphoras dos proximos Rios *Ave*, *Celano*, e *Letbes*, aquella denominação alegrissima.

Bluteau. Diccion. tom. I. let. A. verbo. Ave. p.661,

383 Mas nada disto diremos, tanto porque tudo aquillo foy do mais antiquado Gentilissimo fingimento poetico, quanto por não fermos justamente arguidos, de formar em narração historico-sagrada, huma digressão profanamente ociosa, e sõ de falsas, e apparentes metaphoras revestida. Advertimos porêm, que a tocamos sõmente, para que da sua mesma incongruencia se conheça, que assim ao esclarecido lugar de Matozinhos, como ao celebrado Rio *Leça*, lhes não provieraõ, nem podiaõ provir os memoraveis nomes, que conservaõ, de cutro motivo, mais que o que fica largamente ponderado.

384 E se como já tocamos, varios Reynos, Provincias, Cidades, Villas, Lugares, Rios, Mares, e famofos Emporios ostentaõ ennobrecidas antiguidades, deduzidas sõmente de humanos principios, quaes as acções valerosas, e as fundações egregias de diversos Heroes, já naturaes,

já peregrinos, todos em fama, e proezas esclarecidos, que por raros acontecimentos, e memoraveis progressos occasionaraõ as origens de seus nomes, que ficaraõ sendo perpetuados monumentos, e continuos hieroglyficos da honra, e do valor, com que adquiriraõ, e lhes impuzeraõ particulares permanentes epitetos; he sem duvida, que mayor gloria resulta ao lugar de Matozinhos, e ao Rio Leça provindolhes as suas denominações insignes do mais prodigioso milagre, que se vio nas suas prayas, e concorrendo o poder Divino com taõ admiraveis circunstancias a ennobrecellos.

385 Mas para que de huma vez assentemos sem duvida, que só de taõ memoravel glorioso principio resultaraõ a Matozinhos, e ao Leça os nomes, que conservaõ, parece advertir, que supposto nos Geographos mais antigos, senaõ achem mencionados, e ainda dos modernos, que temos vistos, só tocasse o ponto, mas com engano, Felipe Ferrario, e com o mesmo alguns poucos dos Nacionaes Escriitores, que ficaõ apontados, a que acrescemos

Faria. Descripc. de Portugal no fim do Epit. das Hist. Portug. Cap. 7 p. mibi. 359. Nunes de Leão. Descrição de Portugal. cap. 18. fol. 37. Manoel de Faria, e Souza, e Duarte Nunes de Leão, que dos Rios Leça, e Neyva escreveraõ com igual equivocação; e tanto Duarte Nunes a respeito do Leça, que entende tomaraõ o nome do lugar, que lhe adorna a margem septentrional da sua barra, o que succedeo em contrario; razaõ porque o Doutor Christovão Alão de Moraes já referido marginou no que temos de seu uso o seguinte. *Antes porque o Rio se chama Leça, tomarão este nome lugares por onde pas-*

sa, como são Leça do Balio, e Leça de Matozinhos, e tanto he isto assim, que junto a Alfena por onde este Rio p. ssa, ha hum lugar, que por estar além do Rio se chama Trasleça. Com tudo, e por tudo assim se comprova melhor o presente argumento.

386 Porque, além de que todos confessão, que muitos dos nossos Lugares, e Rios particulares, não chegaraõ á noticia dos Antigos Geographos, já fica tambem advertido, que o de Matozinhos situado junto ao Mar Oceano, estava desviado huma legoa ao Poente da via militar do Porto a Braga, e por esta razão desconhecido, e muito mais antes de nelle haver succedido o prodigioso milagre de San-Tiago; e ainda depois, como semelhantes sagrados progressos, não entraraõ nos profanos assumptos dos Escritores Romanos, o não tocaraõ, nem os Nacionaes reflectiraõ, que por essa mesma razão, não procediaõ aquelles nomes de fundações, ou proezas heroicas de Varões famosos, e muito menos de outros principios indignos de repetir-se, como pequenos matos, e Sylvestres arvoredos; mayormente havendo-os taõ revelantes, e por suas admiraveis circumstancias taõ proporcionadamente adequados, como fica visto.

CAPITULO IX.

Das razões, que houve para alguns Escritores se enganarem em particulares de Mitozinhos, e Leça, e conclusão das Ethymologias de seus nomes.

387 **D**Esculpa tiveraõ os Nacionaes Escritores em se enganarem, e de alguma fórte em não reflectirem, no que fica ponderado, por não verem pessoalmente, como não viraõ, os que mal informados entenderaõ, que o Rio Neyva desta Provincia, se difundia, e perdia o nome no Rio Cavado, e com elle juntamente dezaguava no Mar Occano entre Faõ, e Espozende, e por tambem não verem, nem examinarem as situações delles, e dos mais de Entre Douro, e Minho, equivocarem já o Leça com o Cavado, que foy o Celano, ou Celando, e já com o Lima, que foy o Lethes, persuadidos talvez pela apparencia dos nomes, que lhes pareceo terem o de *Lethes*, com *Letitia*, ou *Lecia*, havendo nelles, e nos mais as diversidades expendidas.

388 Pela mesma razaõ de não verem, e pela de mal informados, se enganaraõ, como temos advertido, os que escreveraõ, que a Veneravel Imagem do Senhor de Bouças não tinha primitiva toalha na cintura, e só a exterior de tella, com que se adorna. De maneira que huns fiados sinceramente em informações menos certas,

tas, e outros seguindo a Escretores já da mesma forte anteriormente enganados, occasionão muitas vezes continuar-se apocrifamente authorizado qualquer erro, que como de faísca hum incendio, dà depois de atteado grande trabalho a extinguir-se. Esta consideração nos moveo a dilatar tanto nesta materia, a ver se conseguimos o ficar ella agora plenamente discutida.

389 E se ainda os Escretores Portuguezes se enganaraõ em alguns particulares dignos de toda a circunspecção, não será muito, que os seus Escritos occasionem confuzaõ aos exteriores, quando aos naturaes na lição versados succede o mesmo, por suppoem com toda a exactão averiguadas as noticias de que não tem, nem facilmente podem ter experimental conhecimento; porque como este se suppoem pela mayor parte nos que escrevem de suas patrias, e Provincias, pela razão que tem, ou devem ter de saberem melhor os particulares dellas, se lhes costuma commummente dar nisso mais inteiro, e abonado credito, posto que como humanos possão em algumas circunstancias enganarse.

390 Concorreo tambem para a obscura confuzaõ, e retardadas noticias de grandes emprezas da nossa Lusitania, o haverem estado muitas dellas largos seculos em tenebroso cahos sepultadas, sem especiaes Escretores, que as descubrissem, e os que depois principiaraõ a fazello, por ser já em tempos, em que continuadas se lamentavaõ, como destrocados effeitos da ultima perdição de Espanha, a ignorancia, e a falta de varias importantes memorias, foraõ inda-
gando,

gando, quasi tremulamente, as que não acharão estabelecidas em tradições constantes, colhendo a pedaços das Histórias Romanas, e outros monumentos, que se foraõ descubriendo, quanto agora corre pelo beneficio da impressãõ vulgarizado; porque de antes o não eraõ os manuscritos, e os fragmentos, que casualmente escaparaõ retirados à violencia.

391 Por tudo pois devemos á tradiçaõ antiquissima, que depois foy confirmada pelo manuscrito *Flos Sanctorum* descuberto felizmente no Regio Mosteiro de Alcobaça pelos annos de 1443. abonado em tudo pelo admiravel Hymno, que deixamos transcripto, a verdadeira noticia do grande milagre de San-Tiago, porque foy prodigiosamente convertido o matizado Cavalleiro, e todo o lugar de Matozinhos, ficando este assim disposto ao continuado portento de vir a ser tambem soberano deposito da Veneravel Imagem de Christo Crucificado, obrada por Nicodemus na Palestina, e conduzida divinamente, per si mesma, a esta memoravel parte da Lusitania. E não havendo, como não ha, tradiçaõ, ou memoria alguma de outro diverso notavel successo, a que possa attribuirse a deducçaõ gloriosa do nome de Matozinhos, nem da denominaçaõ alegre do Rio Leça, sendo estes em todas as suas circumstancias adequadamente proporcionados a serem perpetuamente expressivos de hum caso, por admiravel, digno de eterna lembrança, fica sem duvida certo, que delle, e só delle, se derivaõ.

392 Sem que finalmente possa em contra-
rio

riò arguirse , com dizer o Flos Sanctorum de Alcobaca , que Dom Mauro Castellà Ferrer descreve , que o milagre succedera chegando a barca de San-Tiago: *Ao direito de Portugal , a hum lugar , que ha nome Bouças*: para entenderse , que assim se chamava já então , e não Matozinhos; porque além de ser só de nome essa questão , poderia ter alguma apparente efficacia o argumento , se o Flos Sanctorum se achasse escrito na lingua latina , que era a que ao tempo do caso se praticava em Espanha , especialmente pelos Escritores , como he bem notorio ; mas não , sendo-o depois na Portugueza , quando o Escriitor para explicar o sitio , o fez pelo termo que expressava o presentaneo tempo , em que escrevia , mencionando só em particular o lugar de Bouças , como especialmente notorio aos Catholicos ; por nelle se achar a primitiva Igreja de Matozinhos , e nella collocada a Veneravel Imagem do Senhor , que ainda conserva de Bouças o nome ; sendo que agora o tem mutuo , tanto do lugar , em que no mesmo Emporio esteve primeiro , como do de Matozinhos , em que de presente se acha , e são contiguos , como partes integrantes de hum unico terreno.

*Castellà Hist.
de San-Tiago
lib.2. cap.2.*

CAPITULO LXI.

*Das novas magnificas obras feitas no
Templo existente, que derão occa-
zião ao ponderado nos pre-
zentes Assumptos.*

393 **N**Este esclarecido memoravel Empo-
rio de Matozinhos permanece mila-
groza, e venerada dos Catholicos, a Sagrada
Imagem de Christo Crucificado desde o anno 124.
da Redempção humana, em que prodigiosamen-
te aportou na praya delle. Aquy se seguia refe-
rir os admiraveis prodigios, que por antiga, e
continuada experiencia, conseguem sempre quan-
tos devotos, ou afflictos necessitados recorrem a
taõ alto patrocínio; porèm são tantos, que não
só requeriaõ multiplicados volumes; mas exce-
dem, por innumeraveis, e grandes todo o ma-
yor encarecimento; sendo certo, que pela viva
representação das divinas Chagas, neste admi-
rável Prototypo do Redemptor do Mundo, está
continuamente ostentando a Omnipotencia Divi-
na hum perenne manancial de Misericordias, com
que em beneficios fertiliza, não só os elevados
montes de Principes, e de Magnates, que qual
eminente Olympo, com extenção reverente as-
piraõ a gosar, em região taõ sublime, as auras
celestes; mas ainda os profundos, e humildes
valles dos humanos individuos em todo o Orbe
Catholico.

394 A continuada profuzaõ de beneficios occazona ser tambem grande, e continua a de obsequioſas offerſtas em rendido agradecimento, e deſtas adminiſtradas, como fica viſto, pelo fervoroſo zelo dos Irmãos da Meſa, procede o mag-nifico culto, com que em Matozinhos he venera-da a Sagrada Imagem do Senhor de Bouças, por ſer paramentada ſempre a ſua Capella de ricos adornos, precioſas baxellas, e abundancia de prata, tanto nos mageſtoſos, e repetidos lam-padarios continuamente acezos, como no frontal, banquetta, caſtiças, e outras peças do Altar, tudo primoroſamente lavrado, e de luzido ad-miravel aceyo compoſto; precioſas, e varias cor-tinas de cores correfpondentes às Solemnidades annuaes da Igreja; de fórte, que em todo, e qualquer tempo coſtuma ſer eſte piedoſo Sanctua-rio, não ſó devoto recreyo aos ſentidos, mas ſoberano eſtimulo aos affectos.

395 Nem ſó de todo eſte Reyno, e ſuas dilatadas Conquiſtas; mas de toda a parte, em que ſe achão, ou já negociantes, ou pelo co-mercio, e comodos da vida exiſtentes, favoreci-dos devotos deſta Imagem ſoberana, concorrem enviadas a ſeu Templo multiplicadas importan-tes offerſtas. E ſendo Deos Omnipotente, o que aos homens dá tudo, o que por eſte meyo ad-miravel lhe communica portentofos beneficios; ſe digna ineffavel, pelo ſublime attributo de ſua benigna clemencia, que ſe denominem eſmollas todos eſtes effeitos do devido agradecimento. De tudo resulta hum perenne producto de rendoſos emolumentos, com que o referido culto, e
pre-

precioso adorno se conserva, e se augmenta a perpetuar em egregios monumentos, quanto reverente tributa a piedosa devoção dos Catholicos.

396. Proseguindo neste zeloso projecto os Irmãos da Meza do Senhor de Bouças, fervorosamente movidos do raro prodigio, com que milagrosamente brotou na praya, junto ao Padraão, que serve da Sagrada Baliza ao sitio, em que aportou o Divino Hercules, quando chegou ao *Non Plus ultra* deste emisferio, aquella fonte, de que já demos noticia, e vendo-a com admiração, estabelecida em perenne manancial de maravilhas pela geral aclamação dos povos, que em copiosos esquadroens concorriaõ continuamente a participallas, dispuzeraõ erigir na mesma parte hum quadrado Pantheon sublime, que cuberto de abobeda de cantaria, sobre proporcionados, e abertos arcos, elevada forma tudo ao Padraão huma magestosa tribuna, por todos os lados patente, e manifesta, ficando nos interiores capiteis angulares, lavradas peanhas para se collocarem nellas as Imagens dos Santos quatro Euangelistas, e guarnecida por fora no alto de correspondentes pyramides.

397. Com igual empenho mandaraõ tambem cobrir a nova liquida fonte, de quadrado edificio, primorosamente lavrado, e nelle huma só porta ao lado Oriental, e por todos no frizo, quatro bem lançadas tarjas, a que em campo azul adornaõ douradas inscripçoens sagradamente alluzivas ao salutifero remedio deste manancial crystalino, que em fórma de Cruz exalla suas prodigio-

digiofas correntes por cinco nativas partes, e estas de fôrte dispostas, que proporcionadamente representaõ as cinco Divinas Chagas, preço principal da Redempção humana, e com todas as mais circumstancias, em outro lugar já ponderadas; sendo que o não pôdem ser plenamente os multiplicados prodigios, que neste suavissimo licor se experimentaõ; porque tambem serve ao gosto do mais deliciofo regalo.

398 Junto destas magnificas obras, em lugar conveniente se erigio huma casa, com capacidade espaçofa de nella assistirem por turno, aos mezes, continuamente os Irmãos que a Mesa destina á cobrança, e guarda da grande profuzaõ de offertas, que alli concorrem, e a terem promptas medidas do Senhor de Bouças, como na Igreja principal, para toda a pessoa, que em piedosa memoria de haver visitado hum, e outro Sanctuario, as compra para as ter, e communicar como estimadas reliquias, por serem tocadas na Veneravel Imagem do mesmo Senhor. Nesta casa se ajuntaõ, e repetidas vezes suas paredes se adornaõ de todas aquellas insignias, que por varios modos representaõ milagres conseguidos, e delineados em prata, cera, quadros, mortalhas, vestidos, e outras alfayas, que movem sempre a nova admiração de prodigios; porque sempre estas piedosas demonstrações se estaõ renovando, tanto que as paredes completamente se vão enchendo.

CAPITULO LXII.

Prosegue-se na mesma materia das novas obras.

399 **V**endo com zelo igual os Irmãos da Mesa do Senhor de Bouças, que a Capella mayor do Templo existente, posto que revestida em seu continente de precioso adorno, era este já antiquado, e confôrme ao estylo praticado no tempo, em que fóra erecta, dispuzeraõ amplialla, e reduzilla ao esplendor, e magnificencia moderna, e para isto consultaraõ os mais peritos, e famosos Architectos, que a todo o custo, e primoroso empenho da arte formaraõ, com elegantes idéas, varios riscos, e destes escolhido a votos o que pareceo mais acertado, se ajustou com Mestres insignes de pedraria, e escultura, o melhor, e mais prompto expediente desta obra.

400 Preparados sem dilação os materiaes necessarios, e mudada da Capella mayor para a do Rozario a Veneravel Imagem do Senhor de Bouças, ficou nella em continuado culto collocada, até ser solememente restituida ao novo, e magnifico trono, que se lhe dispunha, dando-se logo principio à sumptuosa fabrica, a que fervorosamente concorria a zelosa applicação, e assistencia dos Irmãos da Mesa, com tão activa efficacia, que ao mesmo tempo, tanto na praya, como na Igreja, se via, e se admirava a operação incessantemente laboriosa, sem repararse no dis-

dispendio, e no disvelo, por ser igualmente grande o ansioso dezejo, de que sem dilacão se concluisse hum, e outro Pantheon magestoso.

401 Finalmente de pedra de cantaria a Capella, entrou logo a adorralla o embrincado artificio da escultura, revertendo-lhe o arco, tecto, e as paredes com o precioso emmadeiramento da mais primorosa, e miuda talha, ficando nos lados esculpidos de elevado relevo, e representacão bem propria varios passos da Payxã Sagrada, e tudo o mais de alto abayxo em curiosas folhagens de enlacado adorno cuberto, e deliniados, da parte do Euangelho, a figura, e o tumulo do Bispo D. Giraldo Domingues, que alli fora sepultado. Com esta magnifica obra ficou occulta na superficie exterior eminente do arco a era de 162. que nelle se achava transcrita, e já ponderamos significar a em que o Senhor de Bouças em Matozinhos apparecera.

402 As janellas, que por cristalinas vidracas, daõ copiosa, e clara luz a toda a Capella, ficaraõ igualmente de pomposa talha revestidas, servindo tudo de acompanhar em lustrosa admiravel correspondencia o famoso retabolo, que formado de novo ostenta por centro em magestosa tribuna o magnifico trono, em que o Senhor de Bouças se venera elevado, ficando nelle ao pé da Cruz assistentes, a Virgem Senhora, e o Euangelista Amado, e de huma, e outra parte, em diversas estancias, os Santos Varões Joseph, e Nicodemus, em viva representacão do Calvario.

403 Seguiu-se ao adorno esculpido, o precioso do dourado, com que toda a talha se ostenta,

ta huma mina brilhante do mais rico metal guardada, e por este esplendido modo viitosa montanha de ouro lavrada a Capella, fervindolhe de encarnados esmaltes as franjadas cortinas, que sobrevestem as janellas, e correspondentes portas, e tudo com taõ magestoso apparatus, pomposo aceyo, e sublime magnificencia, que parece hum Ceo aberto, em que sãõ flamantes luzidos astros, naõ só as ardentes illuminadas tochas, mas os pendentes egregios lampadarios, com que a todas as luzes se mostra claramente desempenhado, para gloria mayor da Confraria, o devoto zelo dos Irmaõs da Meza nesta sumptuosissima fabrica.

404 Ao mesino tempo que se hia concluindo, foraõ os Irmaõs da Mesa ideando o mais esplendido modo, porque o Senhor de Bouças houvesse de ser em seu novo trono collocado; de sorte que a todo o Mundo se fizesse notoria a magestosa pompa, e elevada grandeza, com que a veneraçãõ empenhada, ostentando-se a multiplicados beneficios agradecida, se portara generosa, e reverente na magnificencia desta obra, de que tambem rezultava, reconhecerem os favorecidos devotos, naõ só bem empregadas as importancias de suas copiosas offertas, mas ficarem com efficazes estímulos de continuallas, e assim dispuzeraõ manifestar a collocaçãõ por huma Prociçãõ solemne do mais esclarecido, e glorioso triunfo, a que concorressem festivamente alegres, quantas circumstancias o formassem mais plauzivel.

CAPITULO LXIII.

Das disposições, que precederão ao magnifico Triunfo da Collocação do Senhor em seu novo trono.

405 **R**ezolvido que em Procissão de Triunfo havia de ser o Senhor de Bouças em seu novo trono collocado, se assentou já pelos fins do anno de 1732. que no dia tres de Mayo do proximo seguinte de 1733. dia sempre memoravel por haver sido o em que 1609. annos antes na praya de Matozinhos apparecera este Sagrado penhor da Redempção humana, se celebrasse o solemnissimo acto, e com elle hum Triunfo festivo, pelo qual em seu Templo, e reformado trono fosse plausivelmente congratulado aquelle Senhor, que era o primeiro movel de tudo, e a que se haviaõ, e deviaõ tributar em reverentes holocaustos tão primorosos obsequios, principiando-se logo a dispor, e preparar quanto julgou precizo a mais elevada idea, para que com a mayor pompa, e luzida magnificencia, em publica palestra sahissẽ gloriosos a campo os valentes agigantados effeitos de huns animos tão bem nascidos.

406 Com este fervoroso, e devoto espirito animados os Irmãos da Meza, escreverão logo em 19. de Dezembro daquelle anno de 1732. huma carta ao Illustrissimo Cabido da Sê Cathedral do Porto, dando-lhe com politica expressão

noticia de haverem rezolvido collocar a Sagrada Imagem do Senhor em sua Capella no referido dia tres de Mayo proximo, e nelle fazer Prociffaõ com a mefma Veneravel Imagem ao sitio, onde fahira na praya, e para que este acõ foffe com mayor veneraçã, e applaufõ, intentavaõ celebrar hum Triduo, que principiaffe no dia primeiro do dito Mez de Mayo, pedindo que em reverencia do mefmo Senhor quizeffe honrar esta plauzivel funçã com hum dia da fua affistencia, fendo o que fua Illuflriffima determinaffe.

407 A esta carta refpondeo o Illuflriffimo Cabido com outra de 10. de Janeiro de 1733. louvando aos Irmãos da Meza o zelo, com que em applaufõ da Sacrosanta Imagem do Senhor de Bouças tinhaõ difpofto a fua Collocaçã ao novo trono, e lhe agradecia o intereffallo nos feus obzequios, que nunca poderiaõ fer iguaes ao feuz dezejo, nem correfponder igualmente a fua devoçã, e que confiderando aquella acçã com a circumfpecçã, que pedia a feriedade della, lhe parecia, que o Triduo fe devia fequir à Prociffaõ, no fim da qual, collocada a Santa Imagem no feuz trono, fe faria com mais decencia a folemnnidade do mefmo Triduo, pelo que poderia fer a Prociffaõ, que acompanharia, em tres de Mayo, e o primeiro dia do Triduo em quatro, em que affiftiria no Templo com Miffa, e Sermaõ, e nos fequintes com a Musica da Capella da Sè, o que lho participava para difporem o mais, e como tudo era em louvor do Senhor, elle dirigiria os acertos.

408 Conformaram-fe os Irmãos da Meza
com

com esta acertada advertencia , dispondo que na fórma della precedesse a Procissão ao Triduo , de que ficou pertencendo o dia primeiro ao generoso esplendor do Illustrissimo Cabido. Para a solemnidade do segundo se offereceo reverente a Commuidade esclarecida dos Seraficos Religiosos do Patriarcha S. Francisco do Convento de Nossa Senhora da Conceição de Matozinhos, destinando-se a plauzibilidade do terceiro dia aos Reverendos Sacerdotes Irmãos insignes da grande Confraria de S. Pedro do mesmo lugar , humas das mayores , e mais notaveis desta Provincia , fecunda sempre na producção admiravel de generosos espiritos , para a sublime exaltação do Divino Culto ; e bem se vio depois por huns , e outros gloriosamente dezempenhado o fervoroso zelo , e caprichoso estimulo , que os moveo a tanto empenho.

409 Com igual providencia escreverão os Irmãos da Meza huma politica carta ao illustre Senado da Camera da Cidade do Porto, para que da sua parte se dignasse concorrer , e assistir , e illustrar taõ grande , e pomposo acto , visto como em todas as occaziões que foy preciso , a supplicas do mesmo Senado ser levada a Sacrosanta Imagem do Senhor de Bouças à sua Portuense Cidade , a ostentar publicos prodigios , tiverão elles o dezejado effeito , com assombros do Reyno , e do Mundo , esperando que sua Senhoria sempre attento , não só ao bem commum temporal , mas ás funções elevadamente plausiveis do espiritual , não deixaria de assistir a esta , para que se celebrasse com os mais sublimes requizitos de

magnifica, ao que logo se offereceo promptamente o nobilissimo Senado.

410 Por segunda carta de 20. de Abril de 1733. repetirão os Irmaãos da Meza o representar ao mesmo Senado, que sem duvida no dia tres de Mayo seguinte havia de ser a Procissão; e não obstante que elle neste dia devia assistir a outra de seu particular instituto se resolveo nesta occasião a antecipalla, e responder á Meza, continuando-lhe o seguralla, serem tão lembrados na Cidade, e Senado os antigos, e grandes beneficios, que Deos tinha obrado por meyo da sempre veneranda, admiravel, e prodigiosa Imagem do Senhor de Bouças, que com viva fé, e segura esperanza, de que por sua infinita Misericordia os havia de continuar perpetuamente, estimava, e agradecia a occasião de em corpo de Camera em nome da Cidade hir render reverente os devidos obsequios àquelle Senhor soberano, e acompanhallo na Procissão, com que havia de ser collocado em seu novo trono.

C A P I T U L O L X I V .

*Profegue a mesma materia das disposições
antecedentes à Procissão, e ao
Triduo.*

411 **P**ara que a tanto triunfo concorresse tambem o vistoso marcial apparatus, escreveuão no mesmo dia 20. de Abril de 733. os Irmaãos da Meza ao Coronel do Regimento

mento pago da guarnição da Cidade, Governador das Armas della, e seu Partido, participandolhe a mesma noticia do dia para a Prociſſão deſtinado, e rogandolhe, quizeſſe com o ſeu Regimento formalmente acompanhalla, e laureaffe o reverente alegre com ordenar aos Caſtellos da marinha deſte deſtricto, que pellos eſtrondos ecos de ſeus canhões deſpedidos em feſtivas ardentes falvas applaudiſſem o eſclarecido triumpho do Senhor dos Exercitos, por ſiarem da ſua devoção, e notorio zelo fizeſſe huma publica demonſtração do muito, que venerava a Imagem Sagrada.

412 Agradeceo o Governador das Armas á Meza a attenção da ſupplica, eſtimando particularmente a occaſião della, por ter a de que, em formados eſquadrões reconheceſſe o Mundo que tambem, entre os militares eſtrondos de Marte, podiaõ com rizoſ Bellona, e com caricias Minerva, oſtentar alegres huma plauzivel campanha. Para iſto mandou logo, que todo o Regimento ſe diſpuzeſſe em eſtar prompto a fazer marcha, e ſe preveniſſem os neceſſarios baſtimentos a huma função tão feſtiva; ordenando juntamente aos guarnecidos Caſtellos, que da mesma fórte eſti-veſſem diſpoſtos a fazerem alarde publico das vigorozas Fortalezas, com que triplicados guarnecem o prateado gyro deſta marinha, em que o ſupremo General do Emypyreo havia de fahir a campo.

413 Naõ menos attenta, e primoroſamente politica, convidou a Meza ao Magiſtrado, e Governador das Juſtiças, aos Magnates, e Cavalhe-

lheros de notoria distincção da Cidade, para que com a sua luzida, e respeituoſa aſſitencia quizeſſem fazer eſta funcão mais viſtoza, e ennobrecida, preparandose para tudo em Matozinhos ſumptuoſos Alojamentos, por ſer a grandeza do lugar bem provida de nobres, e aceados edificios, com commodos, e officinas capazes, de que, ſem oppreſſão dos moradores, a ſeu goſto ſe recolhẽſſem quantas peſſoas de toda a gradação, e de hum, e outro ſexo, ſe eſperava haviaõ de concorrer a huma ſolemnidade taõ plauzivel, e de tanto nome, que já pelos ſonoros clarins da ligeira Fama, fazia armonioſo ecco em todo o Reyno.

414 Havendo ſe determinado, que a Prociſſão ſe compuzeffe principalmente de hum proporcionado Paſſo, dos que myſterioſos deſcreve o Sagrado Texto, com reprezentações alluzivas às antigas memorias de quando a Veneravel Imagem do Senhor de Bouças em Matozinhos apparecera, recorreraõ os Irmaõs da Meza a hum douto Padre da Companhia de JESUS do Collegio de S. Lourenço da Cidade do Porto, para que o ellegeſſe, e a forma de proſeguirſe deineaffe por figuras allegoricas, que em analogia pompa, e particulares inſignias, fizeſſem entretecidas com outras diverſas, huma clara evidencia, naõ ſó do que ſymbolizaſſem, mas ainda das circumſtancias que ſerviſſem a ſer a demonſtração mais propria.

415 Aſſim ſe prevenia, e diſpunha tudo, e hia chegando o tempo deſtinado a tanta, e taõ grande ſolemnidade, que por decantada a tinhaõ
feito

feito as esperanças antecedentes mais anciosamente appetecida, não só pela espirital alegria, que della rezultava, mas pelo fervoroso dezejo, com que o mais, e o melhor desta Provincia se achava de concorrer, e assistir a tão reverente, e pomposa ostentação do Divino Culto. Ao excessivo alvoroço erão iguaes os preparos, com que a tanto empenho se constituhião todos, especialmente no Porto, e Matozinhos, que sempre foraõ germanados em reverenciar, e applaudir a Veneravel Imagem do Senhor de Bouças, pela vizinhança continuamente communicada, em conforme, e especiosa harmonia, entre huns, e outros moradores de largos seculos estabelecida, e em todas as precisas occasioens praticada.

416 E como era sem duvida, que a Matozinhos havia de concorrer o melhor, e a mayor parte da Cidade do Porto, e de todos os lugares circunvizinhos, para que o progresso de tanto triunfo campeasse mais vistoso, e mais extenso, se determinou, que a Procissão fizesse hum largo gyro, passando do lugar de Matozinhos, ao famoso emporio de Leça, pela espaçosa ponte do seu Rio, e voltasse por outra, que em proporcionada distancia se formou de grossas madeiras, sobre grandes barcas; mas de construção tão segura, e de fabrica tão perfeita, que duma, e outra ficaraõ sendo, em adequada metaphora, agigantados fortes hombros, em que o Rio Leça duas vezes Atlante esclarecido, sustentasse toda a grandeza do mais alto, e soberano Olympo.

CAPITULO LXV.

Continua a mesma materia das disposições precedentes à Procissão do Triunfo.

417 Chegou finalmente o suspirado Mez de Mayo, sempre feliz, e fausto sempre ao lugar de Matozinhos, por nelle o haver Deos constituido perpetuo fiel depositario deste Sagrado Penhor da Redempção do Mundo. A benigna estação do tempo, que no rizo dos prados, no suave das flores, no sonoro das Aves, no frondoso das plantas, no matizado dos bosques, e no recreyo dos ares, infundindo alentos, estava movendo a dezejar-se alegre a amenidade do campo, e sobre tudo o fervoroso empenho, e ansioso cuidado de ver, e admirar do Senhor de Bouças o esclarecido Triunfo, occasionou hir-se ajuntando no primeiro, e segundo de Mayo em Matozinhos innumeravel quantidade de gente de toda a condição, e estado, por ser universal o contentamento, devoção, e alvoroço, com que os Povos se achavaõ dispostos a concorrer, e assistir a hum acto tão plauzivel.

418 Para a subsistencia commua de tantos individuos da natureza humana, concorreo a Matozinhos huma profuzaõ admiravel de viveres de todo o genero, que em praças publicas se feria-vaõ francamente, além das prevenidas abundancias, tanto dos moradores, como dos Magistrados, e Cavalheros assistentes, que em mezas
lautas

lantas de variedades exquisitas sustentaraõ por todos os dias, que durou esta grande solemnidade a muitas pessoas de distincção, e suas familias, de forte que se não experimentou falta alguma de tudo o que podia servir de sustento, e de regalo, além dos destinados recreyos, que havia preparados para suavissimo, delectavel, e ajustado emprego dos sentidos.

419 Prevenidas havia para a vista illuminações as mais brilhantes, luzidas, e claras, e grande variedade de tapeçarias, divertidos mascarados, ferãos primorosos, e tudo o mais, que além da Procissão de Triunfo, podia servir aos olhos de agradavel objecto. Havia para ouvir musicas sonoras, ajustados discantes, vilhancicos alegres, discretos outeiros, e salvas ardentes. Para o olfacto suavissimas flores, ambares ricos, cordovas excellentes, e preciosos aromas. Para o gosto toda a producção comestivel, que a beneficio dos viventes se cria, e se conserva nas vastas regiões dos quatro Elementos, em Aves, caças, pescados, frutas, e saborosos licores: e para o tacto finalmente quanto podia pertencer ao precizo descanso, e multiplicado aceyo, com que tudo havia de ser magnificamente servido, e de policia composto.

420 No segundo de Mayo se achavaõ já do Porto em Matozinhos o Illustrissimo Cabido, o Nobilissimo Senado, os Governadores das Justiças, e Armas, Cavalheros, e pessoas de toda a graduacão Ecclesiastica, e secular, familias particulares, e quantos haviaõ determinado assistir a todos os dias desta funcão, e festejo, que tudo

do formava o mais luzido, e numerofo congresso, oitentando huns, e outros na galas, faulito, pompa, e bizarrria urbano especioso trato, e palaciano ajuntamento, de forte que no esplendor parecia o lugar huma Corte, seguida de tudo o que em grandeza podia adornalla, e ennobrecella, havendo alli para que o fosse pelo modo possivel na terra a Magestade Soberana daquelle Senhor, a que tanta luzida assistencia, e taõ obsequioso culto se tributava.

421 No mesmo dia se expoz a Sagrada Imagem do Senhor de Bouças, no rico andor, que havia de servirhe de triumphal carroça, e o ficou entaõ sendo portatil cadeira, ou Regio trono, em que daquelle até o outro dia, poito na Capella Mayor com magnifica magestosa decencia admitio em acto continuo, e publico a lhe beijarem os pés quantos Aulicos Catholicos concorriaõ reverentes a lhe fazer falla, e nesta foy grande a profusaõ da gente que acudio a render vassallagem ao mayor Dominante, havendo no dia, e na noite em todo o Palacio do Templo illuminações insignes, e repetidas ferenatas, sem faltarem as delicadas bebidas, e copiosos refrescos de lagrimas vertidas em filial contriçaõ alegre, e prazer jucundo, a que se experimentavaõ todos interiormente convidados.

422 Pela meya noite do mesmo dia partio do Porto em fervorosa marcha o Regimento pago da guarniçaõ da Cidade, acompanhado dos Cabos, e Officiaes, que nella haviaõ ficado com ordem a conduzillo; de forte que ao romper d'Alva, em que despertava a bella Aurora, annunciando

nunciando em luminoso rizo, havia de fer todo alegre o dia neste emporio, se achava com bom regimen o Regimento formado no grande atrio, e espaçoso terreiro do famoso Templo. Delle se destacou logo huma meya companhia de Soldados para entrarem de guarda ao Senhor, e impedirem alguma defordem, que poderia causar a grande affluencia de gentes, que com ancioso ardente diavelo haviaõ de concorrer a lograr a fortuna de beijar os pés deste Soberano Monarcha, que com os braços abertos os tinha patentes a toda a creatura, que chegava.

C A P I T U L O L X V I .

Conclue-se a materia das disposições precedentes ao referido Triunfo.

423 **S**Endo já claro o dezejado esclarecido dia de Domingo tres de Mayo de 1733. Dia verdadeiramente do Senhor, e gloriofamente destinado à magestosa ostentação do solemnissimo Triunfo, e prevenido este do mais pomposo, e magnifico apparatus, foy tanta, e tão grande a copia de povo, que a Matozinhos concorreo, de mais do muito que já nelle se achava, tanto da Cidade do Porto, como das Freguezias circumvezinhas, e outras partes, que se faz inexplicavel pela rara admiração, e notorio affombro, que causou o fer possivel comprehender tanto, o que para tanta immensidade parecia limitado terreno, o que sem duvida foy milagre eviden-

evidentissimo do mesmo Senhor triunfante; que os obra sempre excessivos; não o sendo menos a quietação, e focego, com que sem confusão, nem desordem! lograraõ todos, ainda repetidas vezes, o verem tudo.

424 Adornadas se viraõ logo as ruas de odoríferas boninas, verdes espadanãs, ervas amenas, lirios varios, alecrins floridos, e frescos rosmãinhos. As janellas, e as Praças armadas de vistozas tapeçarias. Os clarins, os tambores, os attabales, as gaitas de folle, as charamellas, e os pífaros em concertado armonioso estrondo infundiaõ festivos nos animos viventes o mais alegre alvoroço. Os passarinhos volantes em suas melódias, e melifluas consonancias formavaõ por toda a parte, com finissimos requebros entre as jucundas auras de Flora, a mais deliciosa primavera. Os homens, com variedade aprazivel ostentando briosas competencias no custoso aceyo das galas formavaõ o mais nobre, e o mais luzido cortejo.

425 O Sol, que neste dia mais roçagante, parece vestio nova gala, ostentava luminoso, em carro brilhante, o elevado fogoso empenho, com que subia, a ver do Zenith mais alto a laurea-da pompa de tanto triunfo. O Ceo, que sublimemente se conformava à natural condicção da sua esphera, vestido de damasco azul ferrete, semeado de Estrellas, cingido de Zonas, armado de Signos, fortalecido de Polos, e adornado de Planetas, com a candida banda da Via lactea, que tambem lhe servia de colar pendente, e clarificada diuiza, tendo dos homens observado sempre,

pre, se achava observando agora as disposições, e os movimentos, com que nesta occasião em Matozinhos formavaõ os luzidos terrenos Astros seus plausiveis progressos.

426 O Fogo, como em tudo sempre de ardentes espiritos, vestindo encarnada purpura formava de suas chammas agudas linguas, que luzidas publicassem pelas dilatadas regiões do Universo, o fervoroso zelo, e as gloriosas circumstancias de tanto applauso. O Ar em roupas bordadas de casta, a mais transparente, abandonado de plumas, e adornado de flamulas, respirava Favonio, em brando Zefiro, alentos suaves, a contemplar pela serena estacção do claro tempo as plauziveis festas, e decantados assombros, que na fresca palestra deste ennobrecido emporio ostentava a devoção, e o jubilo, por ser grande o com que nesta Região do Occidente brilhava em crepusculos de affectos a piedade risonha dos empenhados viventes, lançarem nos applausos a barra ás mayores balizas, a que o mais vigoroso impulso podia estenderse.

427 O Mar, que perto se achava, por não ver de longe tanta maravilha, uzando ío dos Tritões, como nuncios, para levar ás partes mais remotas dos dominios de Thetis, e Amphitrite a noticia do que em Matozinhos se obra-va no plauzivel triumpho deste Senhor, vestido de ondeado chamalote, guarnecido com franjoes de prata, estofados de escumilha, em marê de rozas, posto á capa, se dispunha a ornar a praya de crystalinas alcatifas, ao tempo de chegar a ella a Procissão do mayor fausto; porque ain-

da que prezo nas liquidas correntes de seus limites, tinha, por nobre, a larga omenagem de poder bem equipado estenderse até donde reverente observasse o estuoso fervor de tanto jubilo.

428 A Terra, que nesta occasião era o centro, em que se formava o valente numerozo Exercito de tanta pompa, servindo-lhe de espaçosa campanha, regular, e vistosa praça o memoravel lugar de Matozinhos, baluarte famoso, e bem provido de devotos esquadrões, com plauzíveis bastimentos, e festivas virtualhas, a sustentar o grande empenho com que queria na magnificencia vencer o partido, e exaltar o Triunfo, vestida de varias cores, que por visos diversos lhe teciaõ as plantas, bordavaõ as flores, e guarneciaõ os valles, com que intrincheirada disputava a Bellona do bastaõ a regalia, se hia dispondo a sahir das linhas, e dar em campo aberto a batalha, esperando, que na victoria conhecesse o Mundo, com quanta justiça ficava nesta parte senhora do campo, e em applaudir ao Senhor de Bouças vencedora.

C A P I T U L O L X V I I .

Da Procissão do Triunfo, e da forma, e ordem della.

429 **P**ouco despois do meya dia, ordenou o Coronel Governador das Armas ao seu Regimento, que no grande atrio do Templo havia

havia entrado em batalha, a quatro de fundo, e por Polotões dividido, se dispuzesse na forma dè huma Cruz perfeita, que fazia principio na porta principal da Igreja, servindolhe no fim de Calvario os Granadeiros, e o Coronel com o espontaõ à mão direita, o Tenente Coronel á esquerda, os mais Officiaes no centro, e as bandeiras nos braços da mesma Cruz, e pelo meyo della, espaçoiã rua por onde sahisse a Procissão do Triunfo, tudo formado pela ordem, e situação seguinte.

430 Achava-se já prompto na Capella Mayor o Illustrissimo Cabido admiravelmente adornado, e com elle da mesma forte huma boa parte dos Beneficiados, havendo ficado na Sè outra parte dos mesmos para fatifazerem à reza quotidiana, e às precisas obrigações do Coro. De magestosas Cadeiras lhe serviaõ os magnificos assentos de veludo carmizim de palhetões de ouro guarnecidos, que para este effeito haviaõ sido a Matozinhos conduzidos. Na Sancristia se achava paramentado com estolla, e Capa de Afperges de tiffu riquissimo o Reverendo Deaõ para levar debaixo do Pallio na Procissão a Cruz da Sagrada Reliquia do Santo Lenho. Dous Beneficiados com naõ menos custoso adorno, e dous Thuriferarios de flamantes Dalmaticas de damasco de ouro revestidos, e preparado tudo o mais, que em tanta função era preciso, se deo principio à solemnidade do acto.

431 Da Sancristia sahio logo com o mais vistoso apparatus quanto nella se achava magnificamente disposto, vindo diante o Porteiro da

Maísa, adornado das proprias, e particulares insignias do seu ministerio; seguiam-se dois Meninos do Coro, com castiças magnificas, que são os preciosos Ciriaes na Cathedral praticados, e logo outro Menino, com hum mageloso prato de prata a conduzir, e guardar com primoroso aceyo, da Dignidade referida o barrete: proseguião na ordem os Beneficiados dos Ceptros, os Thuriferarios, o Mestre das Ceremonias, e ultimamente o Reverendo Deão Dignidade principal neste especioso festivo projecto, tudo com a mayor pompa, e a mais luzida magnificencia.

432 Entrados na Capella mayor fudaraõ de huma, e outra parte ao Illustrissimo Cabido, que correspondeo urbano pela formalidade praticada, e disposta no Ceremonial, em semelhantes cazos, e chegado o Reverendo Deão ao primeiro degráo do Altar fazendo com os assistentes profunda, e reverente inclinação à Cruz, subio a cima, beijou o Altar, e incensou a Reliquia a tempo, que se cantou a Antifona *Crucem Sanctam*, e pegando della com hum precioso veo, se virou para o povo, cantando-se a Fábordaõ o Hymno: *Te Deum Laudamus* suavissimamente, com que se concluiu a previa disposiçaõ da sahida, procedendo-se no expediente da Procissão gloriosa.

433 Dez Sacerdotes adornados de sobrepelizes, e estollas, pegaraõ logo no rico, e primorosamente paramentado Andor, em que arvorado se achava o Senhor de Bouças de Misericordias armado para sahir a campo, por serem estas as munições excellentes, de que sempre
abun-

abundou neste prezidio, a conquistar, e render os corações humanos; e posto no meyo do Illustriſſimo Cabido, levando por hum, e outro lado com aromaticos perfumes de prevenidos incensos os Thuriferarios, foy ſahindo pelo centro da militar Cruz, a paſſar moſtra aos ſeus eſcolhidos, que eraõ todos os que a tanta rezenha ſe achavaõ juntos, e na Vedoria da mayor devoção aliſtados, ao grande ſoldo dos ſoberanos beneficios, que pelos pagadores geraes das cinco Chagas hia benigno deipendendo.

434 Neſta primeira ſahida oſtentou flaman-
te o Regimento huma pompoſa ſalva em tres
bem ordenadas deſcargas de brunhida luzente
moſquetaria, ſervindo ao meſmo tempo eſta de-
monſtração obſequioſa, de feſtivo final às cor-
reſpondentes Fortalezas, e toda aquella dilatada
campanha, de que o Senhor de Bouças ſahia, e
a Prociffão do ſeu eſclarecido Triunfo principia-
va. He inexplicavel a piedoſa commoção, o pe-
netrante aballo, e o reverente alvorço, que
em todo o povo cauçou a viſta deſte Senhor,
que da terra exaltado attrahia a ſi os corações
contrictos, e os rendidos affectos, com que as
Almas da Cruz pendentés pela viva contempla-
ção dos ſeus Cravos, exhalando lagrimas copio-
ſas experimentavaõ alegres os mais enternecidos
deliquios.

CAPITULO LXVIII.

Profegue-se a forma da Procissão gloriosa.

435 **P**rofegua já por Matozinhos a Procissão principiada, e compoſtamente precedida do eltrondoso feſtivo cortejo de clarins, tambores, charamellas, e outros instrumentos ſonoros, a que ſe ſegua em notavel, mas bem ordenada multidaõ, hum numero quazi innumeravel de varios Guiões, Bandeiras, e alternadas Cruzes, tanto das Irmandades, e Confrarias do lugar, como de todas as Freguezias circunvezinhas, que concorreraõ a oſtentar plauziveis em flamantes egregios eſtandartes, a ſolemne pompa, e tremolante apparatus de tanto, e taõ memoravel triumpho, que em devota, e continuada profuſaõ, ſe fazia o mais glorioſo, e o mais extenſo.

436 Seguia ſe logo, como viſtoſo preambulo ao allegorico Paſſo, a ideada Figura de Matozinhos, a que representava hum venerando Anciaõ de admiravel reſpectiva prezença, môtado em hum briſo eſpumãte Cavallo, com os caſcos de pés, e mãos prateados, peſcoço, e peitoral de varias conchas guarnecidos, entre maravilhas de cores diverſas, alludindo com eſte maritimo adorno ao Regio Cavalleiro, que no Oceano mar deſta praya, fora milagroſamente convertido, pelo prodigioſo ſucceſſo largamente ponderado, de que ao lugar rezultou, tanto a proporcionada

da ethymologia do seu nome , como a gloria feliz de ser o primeiro das Espanhas , que universalmente recebeo a Fé Catholica.

437 Coroada gloriosamente se ostentava esta notavel Figura de Matozinhos , coroado de hum bem formado , e guarnecido Castello , de peças , e guaritas adornado : vestido , e armado com o forte peito de Armas brancas , e fraldelins de tela verde galonados de prata , e rodeado de huma cinta de melania branca , claro symbolo do Rio Leça , que o corta ; esta lhe cahia toda junta a huma parte até o pé , como rio , que assim corre ao mar por junto da sua area : contava o precioso calçado de meas , e çapatos brancos prateados sobre verde : dos hombros lhe cahia para as costas sobre o brioso Cavallo hum longo manto de tela verde , semeado de varias flores , e frescos ramos , de que Matozinhos abunda , e abundou sempre ameno.

438 Arvorado levava na mão direita hum tremolante vermelho estandarte franjado de prata , e de ouro as borlas , e nelle admiravelmente esculpidas as prodigiosas Armas , e Sagradas Quinas do esclarecido Reyno de Portugal. Na mão esquerda ayroso ostentava abraçado hum relevante , e bem adereçado escudo , em que se admirava pintado o famoso magnifico Templo do Senhor JESUS de Bouças , alludindo a ser este o fortissimo celestial baluarte , que em toda a occasião o defende ; e por diviza levava pelo manto abaixo estendida huma incripção portentosa , em que gravado se lia : *Jonas descendit in Joppen.* Jonæ Cap. i. V. 3. E logo de mais miuda le-

tra, em outra regra, na mesma Epigrapha decifrada a allegorica exposiçaõ, que dizia: Idest: *In oppidum habens portum*. Laureto. Verbo: Joppe.

439 Formavam-lhe vistosa ennobrecida Praça quatro ayrosos flamantes lacayos, vestidos á Castelhana com vermelhas, e bem talhadas libres, guarnecidas de galões de prata, ostentando sobre candidas finas, e ondeadas perucas, seus brunidos capaçetes adornados de varias tremolantes, e elevadas plumagens, e dos braços pendentos hordados telizes, que em matizado especioso debuxo, representavaõ patentes as decorosas Insignias, e relevantes emprezas, com que o nobilissimo Matozinhos se havia ostentado Illustre nos antigos seculos, formando, para assombro da posteridade, os Brazões esclarecidos, que dignamente o fazem respeitar no Mundo por Anciaõ o mais venerando.

440 Admiravel se seguia, como Figura primeira do delineado, e disposto Passo, a Sagrada Escriitura, a que representava huma fermosa, e elegante mulher, ricamente toucada, e preciosamente vestida de tella branca, franjada de ouro, servindo-lhe de inferior adorno o calçado branco, e prateado: ostentava na maõ esquerda hum flamante livro, encardernado em vermelho veludo marchetado de prata, e na maõ direita huma vistosa, e bem concertada penna, como que descrevia na mais bem formada letra ayrosamente lançado do hombro para as costas o decifrado lemma, em que indicava: *Factum est verbum Domini ad Jonam Vade in civita-*

tem grandem. Jonæ. Cap. 1. vers. 1. & 2.

CAPITULO LXIX.

Continua a fôrma da Procissão do Triunfo.

441 **S**Eguia-se, como segunda Figura do disposto Passo, o famoso Profeta Jonas, vestido á tragica de adornos os mais competentes, a representar, com expressão proporcionada, e bem propria o seu delineado retrato, com hum vistoso turbante na cabeça, e na mão hum livro, que symbolizava o das suas Profecias, como Sagrado Texto, de que tanto Emblema se allegorizava, e no mesmo livro sobreposta huma ideada Balea, em significação allegorica da que no mar o tragara por mysteriosa disposição do Altissimo. Levava, como as mais Figuras, do hombro, lançada a significativa letra em que transcripto se via: *Ascendit Jonas navem fugiens, & Christus in Crucem per mare transiens.* Laureto Verbo: *Jonas.*

442 Em terceiro lugar se seguia a elegante especiosa Figura da Allegoria representada na de huma proporcionada brilhâte mulher bem tocada, com hum veo de escomilha pelo rostro, e hum arco Iris adornado de suas proprias apparentes cores, que elevado lhe subia dos hombros sobre a cabeça, vestida esplendidamente de pomposa tella, de furtacores, attrenada de curro. Exornavalhe os pés hum branco primoroso cal-

calçado, de preciozidades guarnecido: levava na mão hum embrincado Celindro, e nelle por Diviza a letra, em que transcripto se achava: *Jonas descendit ad interiora navis. Jonæ i. vers. 5. Idest. Ad mysteria in Sacra Scriptura latentia.* Laureto. Verbo: *Intus.*

443 Profegua em quarto lugar flamante a fabuloza Deuza Thetis, senhora do mar antigamente prezumida, a que pompoza representava huma mulher, soberana primorozamente toucada, e hum candido veo de escumilha cahido, com brioço lança, da cabeça pera as costas, e coroadada de finas perolas, e preciosos aljofares, que lhe formavaõ sublimado diadema, vestida de huma rica, roçagante, e espiendida gala de cor verdemar franjada de prata, e branco calçado, com varios pendulos, e tremulos, de aljofar, e perolas, semeados pelo admiravel vestido, e na mão hum elevado Cetro, que na parte superior rematava hum maritimo buzio, e por diviza a letra, que textualmente dizia: *Tulerunt Jonam, & miserunt in mare. Jonæ i. vers.*

15.

444 Em quinto lugar se seguia o entumecido Eolo, fabuloso Deos dos ventos, representado na Figura de hum homem bem disposto, coroadado elegantemente de vistosos martinetes, com varia tremolante plumagem, rematando-lhe na cabeça a Coroa huma sublimada grimpa, e vestido de branca transparente escumilha, adornado de ligeiras azas, calçado de branco, e empoado escuro, e hum artificiozo folle de vento pendente por hum listaõ a tiracollo: Levava na mão direita

reita huma bem ideada trombeta, com que mostrava hir soprando com o mais vigoroso alento, e na mão esquerda huma Não empavezada, e com velas de vento cheyas a todo o pano: e por diviza, que mostrava: *Misit ventum magnū in mare, & facta est tempestas.* Jonæ 1. v. *Idest. Persecutio Judæorum in Christum.* Laureto. Verbo. *Tempestas,*

445 Seguiase em sexto lugar o famoso Neptuno imaginado Deos dos mares, a que representava hum alentado, e corpulento homem proporcionadamente vestido de cor de carne com apparencias de despido, e sómente o peito adornado de prateadas escamas, attrenado pelos braços, e pelos pés de galões de prata, e toda a figura franjada de branco, com varias perolas, e aljofares pendentes, e pelo corpo intrometidos alguns verdes musgos, e miudos peixes, coroados de frescas espadanas: levava na mão direita hum bem formado Tridente, com que por modo impetuoso vibrava fulminantes golpes a huma balea, conduzida na mão esquerda, e por diviza o duplicado lemma, que insinuava *Accessit ad eum Gubernator.* Jonæ v. 6. *Stetit mare a fervore suo.* Ibidem. v. 15.

446 A Neptuno se seguia, em setimo lugar, o variavel Protheo, fabulado Deos dos Rebanhos marinhos, ideado na vistosa proporcionada figura de hum gentilhomem, trajado em precioso vestido de cor verdemar, franjado de prata, matizado de varios peixes, e diversas maritimas conchas. Levava por insigne diadema na cabeça huma Regia coroa, entre plumagem azul

azul, e branca, e calçado ao mesmo modo, com hum pastoril cajado na mão, em que se via enroscado hum grande peixe. A Inscripção da sua divisa, em breve epigrafe declarava: *Præparavit piscem grand m. Jonæ. 2. V. 1.*

C A P I T U L O L X X .

Profegue-se a mesma forma da Procissão de Triunfo.

447 **S**Eguia-se em oitavo lugar ao referido Protheo, o não menos fingido Palemon fabulosamente na Antiguidade reputado Deos dos Portos maritimos, representado na figura de hum homem, que se ostentava vestido da preciosa galla de tella verde, da cinta para cima com guarnição de ouro, matizado de varias roçagantes flores, servindo-lhe de coroa na cabeça huma populosa, e bem ideada Cidade; as meas, e os çapatos eraõ brancos, e por hum verde listão tecido com seda amarella levava pendente de hum lado huma Ancora, e na mão hum forte, e bem petrechado Castello, denotando o allegorico Lemma da Incripção, que levava: *Evo-muit Jonam in aridam. Jonæ. 2. vers. 11.*

448 A Palemon se seguia em nono lugar a elpecial Figura de huma fermosa maritima Ninfa, daquellas, a que a ficção poetica publica Nereydas, vestida á tragica de cor verdemar com franjas de prata, e graciosamête toucada do ameno precioso adorno de varias flores, perolas, e alambres

alambres, e a pomposa flamante gala matizada de diversos canotilhos vistosamente pendentes de fios verdes. Levava na mão por insignia, hum sonoro instrumento musico, com que acorde decifrava em duplicado allegorico len ma. *Pelagus operuit caput meum. Jonæ. 2. v. 6. In voce laudis immolabo tibi.* Ibidem v. 10.

449 Ayrosamente alegre, em decimo lugar se seguia a nobre Figura do decantado, e sempre famoso Rio Douro, a que representava hum homem galhardo, com precioso vestido de cor de ouro, franjado de prata, alludindo ao soberano metal de suas areas, que lhe occasionarão o proprio nome; coroado se ostentava com flamante diadema, tecida curiosamente de varias flores, e matizada de verdes musgos, entre frescas folhas de ceruleas espadanas; guarnecida a pomposa gala de tremolantes canotilhos; calçava meias, e çapatos brancos do mais primoroso artificio, e levava de hum fermoso listaõ pendente hum rico gomil de prata, enramado de suavissimas vistosas flores, e de folhagens diversas, que lhe formavaõ a mais aprazivel perspectiva. Na demonstrativa Inscriptão se decifrava: *Veniat ad te Oratio mea ad templum sanctum.* Jonæ. 2. vers. 8.

450 Seguia-se em undecimo lugar ao Rio Douro, como seguio sempre, o decantadamente brando, e suavemente pacifico, e ameno Rio Leça, gravemente representado na proporcionada Figura de hum homem bizarro, vestido de chamalote branco bem justo no corpo, coroado de vistosas folhas de brancos, verdes, e azuis, e ama-

e amarellos lirios , que em variado , e bem composto matiz lhe formavaõ admiravel diadema, calçava meas , e çapatos de cor verdemar , femeados de candidas , e refulgentes lentijoulas , e do mar miudas conchas , todo pelo corpo enlaçado de frescos ramos , e odoríferas flores , e pelos braços varios fios , em propria representação de verdes maritimos limos. De hum listão azul claro levava pendente hum precioso gomil de prata , lançando brandamente agoa , em liquida alluzaõ ao prateado focego , com que placido corre. Na sua Inscripção se lia: *Quæcumque vovi, reddam pro salute Domino.* Jonæ 2. vers. 10.

451 Profeguia em duodecimo lugar a Venerada Figura da Igreja Catholica , que como conduzindo o Sagrado Hospede para a sua caza , se ostentava ricamente vestida de brocado branco , e pomposamente coroada com thiara Pontificia , calçada de prata , adornada toda de magestosa magnificencia : levava huma Cruz Pontifical na mão , hindo acompanhada de seus santos familiares , e toda a decencia correspondente , e devida ao seu especioso character ; servialhe de empreza o gravado lemma , em que allegoricamente se decifrava : *Rursus videbo templum sanctum tuum.* Jonæ 2. vers. 5.

452 Todo este magnifico apparatus , e solemne pompa do Passo expellido se rematava com a fausta , e jucunda Figura da Alegria , que alguns devotos lhe addicionaraõ para significar ao innumeravel povo , que havia concorrido ao especioso espectáculo de tanto , e taõ esclarecido Triunfo , o quanto deviaõ todos jubilosamente alegrar-

alegrarse de verem, com o mayor fausto, restituida a Sagrada Imagem do Senhor de Pouças ao seu Altar, e novo trono magnificamente reformado, no famoso Templo de Matozinhos. Era representada por sogeito de agradavel, e ayrosa prezença, montado em hum poderoso Cavallo, e preciosamente vestido de roçagante, e pomposa gala, com todas as insignias conducentes ao seu representado ministerio: tremolavalle na mão hum arvorado estandarte, acompanhando-o de pé com flamantes telizes, quatro bem adornados lacayos, e concluindo-se assim magestoso o figurado mystico Passo.

C A P I T U L O LXXI.

Continua-se em referir o mais da pomposa estentação deste esclarecido Triunfo.

453 **S**Eguia-se na pomposa magnificencia do continuado plauzivel Triunfo a numerosa Commuidade dos Meninos Orfãos da Cidade do Porto, candidados Innocentes, de vermelha peitoral Cruz guarnecidos, e no proprio lugar do coração rubricados, como particulares insignias de que sendo da Soberana Mãe, e Senhora da Graça piedosos filhos, formassem, a louvar o Senhor, hum Angelico Coro: *Laudate Psal. 112. pueri Dominum*, e assim o louvaõ alegres, e reverentes, reconhecendo-se, em seu terno, e suave canto, que da boca dos Meninos recebe o mesmo

o mesmo Senhor perfeitos louvores: *Ex ore infantium perfecisti laudem*; e por tudo quam admiravel he sempre o Nome do Altissimo em toda a terra - *Quam admirabile est nomen tuum in unversa terra.*

454 Profeguiu o solemnitissimo acto a Comunidade Religiofa do Recoleta Convento de N. Senhora da Conceyção do proximo, e annexo lugar de Leça da Palmeira da Sagrada Ordem do Patriarca Serafico, que nestes esclarecidos filhos tresladou o espirito ardente, com que Serafim abrazado affombrou, e affombra a todo o Mundo, porque em todo faõ notorios os elevados obeliscos da fantidade, e virtude, que sendo fundados na summa pobreza da sua Regra, se haõ visto taõ sublimes, e eminentes, que igualaõ as alturas do Emyreo. Na terra o formavaõ agora, ostentando, como em celestial Jerarquia, divinos louvores ao Senhor, que havendo deposto de glorioso assento aos poderosos, quaes o soberbo Lucifer, e seus sequazes, se dignou exaltar os humildes: *Deposuit potentes de sede, & exaltavit humiles.*

455 Na Ordem deste esclarecido Triunfo, se seguia o copioso Clero, que dos lugares de Matozinhos, e Leça, da Cidade do Porto, e de toda a parte havia concorrido, e ostentava tudo hum coroadado esplendor taõ numerofo, e magnifico, que naõ só parecia excessivo, mas era por quasi infinito reputado. De brancas sobrepe-
lizes esplendidamente adornado se formava plauzível este candidado exercito, fazendo para mayor gloria, e elevada exaltação de tanto applau-
zo,

zo, o continuado exercicio de hir em canticos louvando o Soberano, e sempre excellento Redemptor do Mundo, com reverentes acclamações expressivas de o venerarem Pay de immensa Magestade: *Te . . . candidatus laudat exercitus . . . Patrem immense majestatis*, por haver já, em beneficio dos homens, conquistado, e aberto o Reyno do Ceo aos remidos Catholicos, destrocada a morte, e vencido da Cruz o tormento: *Tu devicto mortis aculeo aperuisti credentibus regna Celorum.*

456 Seguia-se ao Clero hum esplendido coro de belissimos Anjos adornados de flamante ayrosa gala, de preciosas resplandecentes joyas guarnecida, e faldelins de ouro franjados, azas volantes, e tremolantes plumagens, alparcas insignes de matizes brilhantes. Empregavaõ-se no reverente ministerio de com ricas baxellas hirem diante do Senhor a cada passo lançado suavissimas flores sobre as varias, e muitas, com que já se viaõ alcatifadas as Praças, e as ruas, por onde passava a melhor Flor do campo, e o Lyrio *Cantic. 25. 16* melhor dos convalles; mayormente pelos enterrecidos deliquios, com que por todas, se achavaõ infinitas Almas devotas, suspirando amantes participarem da Flor, e do fruto, que da Arvore da Vida viaõ pendentos, os mais vivos alentos, como dizendo: *Fulcite me floribus, stipitate me malis, quia amore langueo.*

457 Admiravel se seguia finalmente, e já por entre as vistosas alas do Illustrissimo Cabido, a Triunfante Carroça, e Andor soberano, em que a peito descuberto, e magestosa conducida, hia o

Senhor de Bouças fortemente conquistando quantas Almas, sahindolhe ao encontro, se lhe prostravaõ logo rendidas, e reverentes, para gloria mayor de seus triunfos, e victoria completa de suas Mizericordias, que saõ, e foraõ sempre os canhões, e as bandeiras, com que piedoso milita. Servialhe de tremolante estandarte a preciosa cortina, que nas espaldas, flamante, formava especioso final do trofeo, que vencida a morte, alcançara do Tartareo Abyssino nas batarias do Calvario. As mesmas Almas, que hia rendendo, eraõ neste grande Triunfo os ricos despojos, que o infinito valor do seu fangue havia remido, ostentando-se assim magnifico o triumphal apparato.

458 Immediatamente proseguio o resto do illustre Capitular congresso, e no fim delle com magnifica solemnidade, e luzidissima pompa o Reverendo Deaõ, levando debaixo de hum rico Palio a Sagrada Cruz do Santo Lenho, a que acompanhavaõ, em conforme, e primorosa uniaõ o Senado da Camera, o Governador das Justiças, Ministros Togados, e Justiças de Matozinhos, e Leça com vistosissimo apparato, rematando, e fazendo corpo de guarda a tanto Triunfo o Governador das Armas com todo o seu Regimento em proporcionadas, e extensas fileiras formado, hindo em seus competentes postos, o Tenente Coronel, o Sargento-Mor, Capitães, Tenentes, Alferes, e mais Cabos; de sorte que neste marcial expediente se vio praticada, com admiravel bizarria, toda a militar disciplina.

CAPITULO LXXII.

Profegue-se a mesma materia.

459 **D**Este modo foy discorrendo pelas ruas, e Praças de Matozinhos este solemnissimo Triunfo, em que continuamente se hiaõ revezando, com prevençaõ cuidadosa, os Sacerdotes conductores da Sagrada Imagem do Senhor de Bouças; não porque estranhassẽ, ou sentissẽ o pezo della; porque de si disse o Senhor, que era leve o seu pezo: *Onus meum* Matth. c. II. vers. 30. *leve*; mas por participarem os mais, que fosse possivel, tanta fortuna, que anciosamente dezejavaõ todos; pois era universal o devoto empenho, e generoso fervor, com que reverentes queraõ, quantos presentes se achavaõ, piedosamente estimulados, pòr hombros ao mayor obzequio.

460 Assim passou ao lugar de Leça da Palmeira, pela famosa ponte, que com Matozinhos mutuamente o communica, e discorrendo da mesma fórte pelas ruas, e Praças delle, que igualmente se achavam adornadas: as janellas de varias vistosas tapeçarias, e de copiosas amenas flores as ruas. Deo logo a Fortaleza deste nobre lugar ao Senhor huma Regia Salva de estrondozas plauziveis peças de artilharia, repetidas por todo que logrou a gloriosa vista, e soberana presença do mesmo Senhor, que triunfante illustrava este vizinho, e annexo terreno, sendo talvez esta a primeira feliz occasiaõ, que o vizitava;

pois das tradições, e antigas memorias não consta, que depois de apparecido na fronteira praya fizesse do Templo, em que fora collocado, outra sabida diversa das em que a grandes prodigios, foy à sempre insigne Cidade do Porto conduzido.

461 Fertilizado já da Divina benção este vizinho lugar, voltou o Soberano Senhor, em circulado gyro, e continuado Triunfo, a reconhecer o em que antigamente havia aportado, passando a elle pela portatil magnifica ponte, que para isso se havia formado na parte, em que o Rio Leça dezagua no mar Oceano. Neste passo foraõ notaveis, e grandes as ardentes estrondosas falvas de humas, e outras Fortalezas, da de Leça, que plauzivel agradecia a Soberana vizita de que ficava com bem saudosa memoria, e das de S. Francisco Xavier, e S. João da Foz, que festivas congratulavaõ a volta ao venturoso domicilio, que o gozava de largos seculos. Em huma, e outra passagem teve o Rio Leça a fortuna de a dar duas vezes franca ao melhor Moyzes, e todo o seu povo, que mais fiel, e reverente, que o Israelitico, o seguia pelo metaforico dezereto, symbolizado nestas prayas, até o ver collocado em seu proprio Templo.

462 Chegado o Senhor à praya meridional do Rio Leça, que de innumeravel povo se achava guarnecida, foy continuando em progresso plauzivel toda a solemne pompa deste grande triunfo, sendo, a mãres à vista do mar, as lagrimas occasionadas do jubilo, prazer, e contentamento, com que piedosamente os Catholicos, neste

nesto grande, e espaçoso Amphiteatro estava vendo, e com attentas admirações observando o mais portentoso espectáculo. Nesta dilatada campina dezejavão as Almas novamente enternecidas, igualar em numero de rendidos affectos, e ardentres jaculatorias a immensa vastidão das miudas areas. Alli respirava em brando Zefiro o Senhor Soberano, pelo occidental orizonte de suas Chagas, inspirações salutíferas, com que abertos do coração os oihos, como as flores no campo, exalavaõ suaves nos animos para a virtude firmes propozitos.

463 Ao referido Padraõ chamado da Arêa, por ser a notoria baliza do memoravel sitio em que nesta alegre praya havia aportado a Sacrosanta Imagem do Senhor de Bouças, denominado tambem agora da Fonte do Milagre, pela que em manancial copia de prodigios, aqui brotou no mez de Mayo de mil, e sete centos e vinte feis, que já referimos, chegou finalmente a procissão honorifica, com que a mesma Imagem Sagrada era conduzida à mesma parte, em que havia mil, e seis centos, e nove annos apparecera, e de que em todos neste felicissimo dia, se faz, em votiva Procissão, anniversaria memoria. Aqui parou; porque aqui vinha principalmente dirigida a pomposa ostentação deste magnifico Triunfo; não pararaõ porem os assombros; porque nunca pararaõ tambem os prodigiosos milagres, e continuas maravilhas, com que o Senhor de Bouças abona ha tantos seculos, a certeza da sua mysteriosa vinda da Palestina á Lusitania.

464 Defronte deste memoravel Padraõ,

que faz direita face ao mar Oceano, esteve o Senhor, como vendo delineado nelle o seu Retrato, e se a Cruz foy a sua gloria, aqui parece a teve repetida, tanto na em que exaltado se achava, como na em que retratado se via. Aqui mostrava aos fieis servos, em suas Chagas, hum rio de agoa de vida, como resplandecente crystal: *Ostendit ... fluvium aqua vitæ, splendidum tanquam Crystallum.* Este rio procedia do assento de Deos, que era a Cruz, e do Cordeiro sacrificado nella: *Procedentem de sede Dei, & Agni.* Aqui no meyo da praya, que lhe servia de espaçosa rua, de huma, e outra parte do mystico rio allegoricamente symbolizado pela nova fonte, se via o Lenho da vida, tanto na Cruz, em que o Autor della se achava exposto, como na do Padraõ, que o tinha delineado, segurando em doze frutos, que por todos, e cada hum dos Mezes os produzia sempre, e ainda medicinaes folhas, para saude, e piedoso remedio das gentes: *In medio plateæ ejus, & ex utraque parte fluminis, lignum vitæ afferens fructus duodecim per menses singulos reddens fructum suum, & folia ligni ad sanitatem gentium.*

C A P I T U L O LXXIII.

Continua a mesma materia.

465 **N**A baze do mesmo Padraõ, sobre o pedestal delle se acha formado de pedra lavrada hum Altar guarnecido de azulejo, e nesta occasião se ostentava paramentado ricamente

mente; e adornado de luzes : nelle collocou o Reverendo Deaõ a Cruz da Sagrada Reliquia do Santo Lenho , a que depois de reverente , e profunda inclinação , inceniou , cantando-se a Antifona : *Crucem Sanctam* , e o Cantico *Benedictus* , com a solemnidade mais plauzivel , a que se seguiu a cerimonia de hir incensarse , a tres ductos ao Santo Christo , que defronte estava no feu andor elevado logo abaixo da milagrosa fonte alli nascida , e de huma , e outra parte o Illustriſſimo Cabido , que tambem foi incensado a dous ductos , e com hum os Beneficiados.

466 Da mesma forte, e com a praticada Ceremonia foi incensado a dous ductos o Senado da Camera, Magistrados, Justiças, e Magnates assistentes, e com hum só ducto todo o povo, e entoadas solemnemente a Ecclesiastica deprecação: *Domine Vobiscum*, e Oração: *Deus qui pro nobis*, rematarão este obzequio incidente quatro Meninos do Coro, em suavissimas vozes cantando a sagrada congratulação. *Benedicamus Domino*. Dispozse logo a benção do Mar, com a Solemnidade precisa a hum acto de tanta piedade, e tanta gloria, vista a plausivel occasião de chegar a esta felicissima praya o mesmo Senhor, que antigamente a santificara, sabindo nella, e a santificava de novo agora, pelo magestoso apparatus, e singular beneficio da sua divina presença.

467 Em ordem solemnemente composta, foy o Senhor chegando para junto do Mar, pelos mesmos passos, que a tradição affirma que delle sahira, cantando de huma, e outra parte em alternado Coro o Illustriſſimo Cabido o Psalmo 19.

*Pfal. 91.
vers. 4.*

Exaudiat te Dominus. Profeguido o Reverendo Deão, e o mesmo Coro os Versos, Responsorios, Orações, e Preces, que o Ritual determina em semelhantes casos. E se são admiraveis as crespas elevações do mar: *Mirabiles elationes maris;* agora aprazivel, com movimento rizonho, em prateado focego, parece convidava pelas claras vozes de muitas agoas: *à vocibus aquarum multarum,* os Ceos, e a Terra, para com elle, e sua plena vastidaõ cerulea, se alegrarem todos, e de tudo terem particular jubilo os dilatados campos de suas prayas, e quantos viventes se achavaõ nelles: *Latentur Cæli, & exultet terra, commoveatur mare, & plenitudo ejus: Gaudebunt campi, & omnia, quæ in eis sunt.*

*Pfal. 95.
vers. 3.*

468 E sem duuida que foy universal a alegria, com que os Ceos, a terra, e os homens, os campos, e os rios, que tambem formavaõ vozes sonoras: *Elevaverunt flumina vocem suam;* se houveraõ todos neste dia, e o mar nesta hora com urbanidade especial, como mostrava no reverente cortejo, com que brandamente dezenrolando, na sua praya, candidos lenços de escumilha, bordava alegre o pavimento, que para esta benção servia ao Senhor de theatro. Mas que gloria feria a do mesmo Senhor, que havendo sahido neste sitio cuberto de verdes limos, que ná embarcaõ, ou no leito de sua Cruz, lhe serviraõ na viagem da Palestina a Lusitania de rude pavilhaõ, e tosco cortinado, acharse nelle agora taõ solemnemente applaudido, e em magnifico Triunfo sublimado?

*Pfal. 92.
vers. 3.*

469 Que gloria feria o acharse aqui comple-

pleto, de todas as suas integrantes partes este Divino composto, que tantos seculos antes tinha sahido do braço esquerdo destroçado? Se já não fosse destinado mysterio, que ao entrar neste Reyno, imperio seu escolhido para grandes triunfos, dispuzesse fazer nelle só com a mão direita a sua entrada, como feliz annuncio, e notorio presagio, de que por Misericordia infavel sua, entre tantos do Mundo, para si particularmente o escolhera? E que gloria feria a dos Catholicos, renovando aqui, pela invariavel tradiçãõ, a antiga memoria, de que havendo os antepassados em tanta felicidade padecido cincoenta annos a magoada afflicçãõ de faltarlhes o outro braço, sem acharem humano remedio, com que suprillo, chegassem depois a descobrir, entre raros prodigios, o proprio?

470 Que gloria teriaõ quantas pessoas de todo o Reyno se achavaõ presentes, de verem neste prodigioso Senhor a mystica fonte, donde havia emanado de misericordias, e beneficios hum mar immenso? Verem que até no raro, e peregrino da sua soberana escultura estava com assombros admirando? Vendo que havendo tantos seculos, que Nicodemus em Jerusalem delinearã de seu Divino Mestre, em remir o Mundo, esta bem ideada copia, se achava ella nas rubricas taõ frescas, que parecia menos antiga; não sendo, nem podendo ser em tempo algum posterior retocada, por mais que a isso se empenhasse repetidas vezes a deligencia humana? E ser a'ém do sublime da forma, taõ permanente a materia, que de perpetuada se anima?

CAPITULO LXXIV.

Prosegue-se a mesma materia com algumas observações particulares sobre a grandeza da tarde, em que se solemnizou o Triunfo.

471 **C**elebradas de tão piedoso acto as previas Ecclesiasticas Ceremonias logo o Reverendo Deaõ, como Prezidente do Illustriſſimo Cabido, e por levar na Procissão a Reliquia do Santo Lenho, e ser juntamente, nesta plauzivel occasião, constituido, como lugar Tenente do Senhor de Bouças, lançou ao Mar, com deprecações proprias, tres benções solemniſſimas. A primeira rogando ao Senhor, que assim como ao seu Imperio socegados os ventos, e o mar, houvera grande tranquillidade, que a supplicas dos seus fieis por aquelle final da Cruz permittisse se apartassem de todos as tempestades do mar, e da terra. A segunda pedindo que neste mar houvesse sempre bondade serena, paz socegada, e segurança perfeita: e a terccira intercedendo, que a mesma benção permanecesse perduravel, e portentosa sobre o mar, e seus habitantes por entaõ, e para sempre.

472 Não faltaraõ naquelle dilatado congresso de animados viventes alguns attentos devotos, a que pareceo terem visto, e com advertencia observado, que no mar, ao tempo de o estar a benigna presença do Senhor santificando

do, faltavaõ, como de prazer varios peixes, e supposto em tanta occurrencia formalmente se não averiguasse deste caso a certeza; bem era possível que succedesse; pois assim como Deos permittio, que às Euangelicas vozes do esclarecido Portuguez, Santo Antonio, por occasião muy diversa, em outro mar acudissem attentos os peixes, não era incongruente à Omnipotencia Divina, pela potencia obediencial, com que reverente a reconhece todo o criado, permittisse tambem neste, que tanto, e tão grande Triunfo até os maritimos peixes o celetassem.

473 Não faltou tambem pessoa Religiosa, e de conhecida virtude no Serafico Convento de Santa Clara de Villa] de Conde, que depois se affirmou, observara parar o Sol na tarde deste dia, occasionando-a tão grande, que houve nella largo tempo de solemnizar-se, com bem ordenado locego, e magestoso fausto, a dilatada pompa deste esclarecido triunfo; e fazendo-se por esta divulgada advertencia posterior reflexão com que tudo em tal dia se obrara, pareceo a bons fogeitos verosimil a referida observação; e em abono della recordando varias pessoas o muito, que tinhaõ prezenciado, e visto naquella memoravel tarde, a tiveraõ por justificada, dando louvores a Deos na piedosa intelligencia, de que assim o permittira; mas a certeza desta admiravel circumtancia faberia com evidencia a observante Religiosa na gloria, a que em breves dias foy transplantada.

474 Medico houve na Cidade do Porto, que depois de vizitar pelas duas horas da mes-

ma tarde ; os copiosos enfermos do Hospital della , chegou a sua casa a mudar de vestido , foy a Matozinhos , vio a Procissão muito a seu gosto , tornou a voltar , e trocando o segundo pelo primeiro adorno , sahio a vizitar pela Cidade varios doentes de seu partido , e se reco- lheu finalmente ao domicilio proprio , a horas de auzentar-se o Sol em tanto dia , e bem se ma- nifesta desta obervação , entre outras muitas , que entrando pelas duas horas no Hospital à vizita , que costuma ser larga , mudança de ves- tido , jornada de huma grande legoa a Matozi- nhos , ver a Procissão com socego , andar outra legoa de volta , preparar de novo a sahir pela Cidade a vizitar doentes , com as pauzas a isto precisas , e em grandes distancias , tudo com Sol , necessita sem duvida , em racionavel conjectura , de mais , e mayor tempo , que o ordinario das tardes no principio de Mayo.

475 O que neste particular podemos fe- gurar com certeza , he sómente que o Reveren- do Doutor Antonio Coelho de Freitas Reytor de Matozinhos , e hum dos graves Escritores , que tem sido do Senhor de Bouças , nos disse praticando neste ponto , que tambem pela refe- rida advertencia com attenção reflectiva , que acompanhando elle , como Parocho , a Procissão , que acabara de sahir pelas duas horas da tar- de , e assistindo pessoalmente a todos os actos de solemnidade tão grande , celebrados com to- das as circumstancias de reverente plauzível cul- to , e notavel aceyo , e recolhido o Senhor a seu Templo , em que houyera a larga demora de

se pôr em terminante socego tudo , se recolhera a seu domicilio , que fica distante, e posto em mitigado descanso, rezara com Sol todo o Officio Divino; o que tambem parece efficaz argumento do referido prodigio.

476 Mas que muito succedesse, para gloriosa ostentação de tanto Triunfo aquelle raro prodigio, se pela Divina permissão já em outra occasião tambem grande, a vozes de Josué parou o Sol. *Sol contra Gabaon ne movearis*, e ao seu Imperio suspendeo o mesmo Sol no meyo da sua esfera, por espaço de hum dia o correr ligeiramente ao Occazo: *Stetit itaque Solia medio Cali, & non festinavit occumbere spatio unius diei*, obedecendo Deus (raro affombro!) à voz do homem: *Obediente Domino voci hominis*. Em diversa occasião, ao mesmo tempo, que o Senhor permitio favorecer a Ezechias, se atrazou o relógio de Achaz dez linhas, retrocedendo o Sol outras tantas, pelos grãos, que havia descido: *Ecce ego reverti faciam umbram linearum, per quas descenderat in horologio Achas in Sole, retrorsum decem lineis. Et reversus est Sol decem lineis per gradus, quos descenderat*. Não foi menos gloriosa, e memoravel a em que, a supplicas do nosso insigne Portuguez D. Payo Peres Correa, parou o Sol, para este valeroso Capitão acabar de dar, e vencer huma grande Batalha aos Mouros em Espanha, de que entre muitos Frey Antonio Brandaõ expende clara noticia. A vista pois de taes exemplos, bem era possível, em tam grande occasião, hum prodigio semelhante.

Josue. c. 10.

vers. 12. 13.

14.

Isaias. c. 38.

vers. 8.

Brandaõ.

Monarch.

Lust. 3. part.

lib. 15. cap.

44. fol. mibi

249. 17.

CAPITULO LXXV.

Profegue o mesmo glorioso Triunfo.

477 **F**Inalizada a Ceremonia de benção tão solemniſſima, voltou o Senhor do mar para a terra, e dispondo ſe que tambem lançaſe à Cidade do Porto outra benção ſemelhan- te, ſe virou para aquella parte, não só a aben- diçoalla, mas a pôr nella ſeus Divinos Olhos, que mizericordioſos lhe tem ſido ſempre, e co- mo da meſma ſe achava prezente innumeravel povo, que em rendidos affectos lhe tributava adorações reverentes, e deprecações fervorofas, parece lhe promettia benigno, como a Ezechias, que o livraria, e á meſma Cidade de contrarios insultos: *Liberabo te, & civitatem banc*, ma- yormente reconhecendo em todo o tempo os ſeus moradores, que ſe o Senhor a não guar- daſſe, ſem effeito o faria toda a vigilancia hu- mana: *Niſi Dominus cuſtodierit civitatem, fruſtra vigilat, qui cuſtodit eam.*

Regum. 4. c.
20. verſ. 6.

Pſal. 126.
verſ. 1.

478 Aqui em notoria, e plena Junta de Tres Eſtados formavaõ os nobres Portueneſes Al- varás de lembrança, trazendo à memoria as re- petidas vezes, que a Veneravel Imagem do Se- nhor de Bouças havia hido á ſua Cidade, a guar- dalla, e defendella dos apertados ſitios, que em varias occaziões, e diverſos tempos lhe haviaõ poſto não menos que os quatro Elementos. O Fogo, que aſſeſtandolhe, em ardentes bombas,

mali-

malignos incendios , lhe maquinava horrorosos estragos. O Ar, que fulminando-lhe os contratempos de tempestades furiosas , lhe annunciava evidentes ruinas. A Agoa, q̄ soitando-lhe os lúgubres diques das Nuvens mais grossas, lhe dispunha submersão infalivel. A Terra, que ou já pe' os adustos callores esteril , ou já por repetidas inundações alagada, negandolhe dos frutos aprovidencia, terriveis fomes lhe occasionava; e tendo-a o Senhor livrado de tudo, vendo-o agora exposto a darlhe em nova benção a segurança de haver sempre de soccorrella , reverentes o glorificavaõ.

479 Mas ò tu, venturosa Cidade , a que simbolicamente pode dizerse o mesmo , que à de Jerusalem insinuou já o Real Profeta: Louva ao Senhor , e como a seu Deos o louve tambem o ajuntamento de teus moradores: *Lauda Jerusalem Dominum , lauda Deum tuum Sion: Sion, idest, Acervus*; porque confortou, e fortaleceo os aldrabões de tuas portas, e em ti mesma abençoou repetidas vezes a teus filhos nas occasiões em que foi a soccorrete: *Quoniam confortavit seras portarum tuarum: benedixit filiis tuis inte.* Por ser este aquelle Senhor soberano, que poz em paz os teus limites, e com fertil abundancia de riquezas te sustenta: *Qui posuit fines tuos pacem, & adipe frumenti satiat te.* Aquelle benigno Senhor, que manifesta a sua voz elegante a toda a terra, e por toda corre velozmente sua Divina Palavra: *Qui emittit eloquiũ suum terræ: velociter currit sermo ejus*; como correo, corre, e correrà sempre deste Reyno, a que de Portugal dèstes nome, pelas quatro partes de todo o Universo.

*Psal. 147.
Index Bibliæ.*

480 E vòs, Alto Senhor, que permitistes dar a Portugal este Divino Retrato, em que a golpes, e raigos de aguda cortada pena, se achão em tantas rubricas copiosamente delineados os portentosos effeitos, e finos extremos de vossas grandes Mizericordias, e fostes servido depozi-tallo em Matozinhos, como seguro penhor de haveres escolhido por vosso singularmente este Reyno, em que depois imprimistes, por soberana diviza, o especioso finete das Cinco Chagas, que no Sagrado Penhor se achavaõ, tanto de antemaõ, esculpidas, permitti, que desta Divina Fonte mane sempre, como atègora, taõ perenne copia de graças, e beneícios, que os participem alegres os viventes do Porto, Matozinhos, e de toda a parte, que vos adoraõ, e reconhecem, e se possa segurar a todos, que a todo o tempo tiraraõ agoas, com gofio, das fontes do Salvador: *Hauretis aquas in gaudio de fontibus Salvatoris.*

Isais.c. 12.
vers. 3.

481 Estando a Sagrada Imagem do Senhor de Bouças, com piedosa demonstraçaõ, virada para a venturoza Cidade do Porto, delle sempre bem vista, e pelos referidos modos nas necessi-dades publicas, e particulares em todos os tempos favorecida, lhe lançou da mesma forte o Reverendo Deaõ, em nome do mesmo Senhor tres bençãos expressivas dos gloriosos fins para que lhas lançava, observando em todas, e qual-quer dellas as formalidades, e Ceremonias pelo Ritual reguladas, tudo com magestosa pompa, e a mais solemne magnificencia; sendo inexplicavel o commum prazer, e a universal alegria, que

que a todos os circumstantes occasionou huma acção de tanta gloria, porque ao mesmo Senhor se rendião com reverente jubilo, e profunda adoração as devidas graças, tributando-lhe fervorosas, e ardentissimas jaculatorias, daquelles que aspirão a penetrar o Eupyreo.

482 Deo logo o militar Regimento, que para isso estava prevenido, e regularmente formado tres flamantes descargas de mosquetaria, a que se seguirão correspondentes das Fortalezas repetidas salvas em festivo obsequio do Senhor de Bouças, que se achava no campo, e como a direcção principal do seu esclarecido triumpho era encaminhada a este sitio, em que havia sahido, houveraõ nelle para seu agradavel, e mais bem aceito divertimenro as mayores batarias do applauso, e os disputados combates do mayor jubilo; porque as petições formavaõ justas, e os discursos torneyos, em que os jogos de prazer forão canas; os affectos argolinhas, humiliações as contoadas, deprecações as fortilhas, supplicas as lanças, favores os premios, e graças as alcanzias, exercitado tudo no esprayado, e grande circo deste populoso terreno.

CAPITULO LXXVI.

Profegue, e finaliza o especioso acto deste esclarecido Triunfo.

483 **D**Aqui se dispoz finalmente o encaminhar-se a Prociſſão ao Tempio, e continuando a pompoſa oſtentaçãõ do Triunfo, foy pelo valto areal diſcorrendo, atè tornar a entrar por outra parte no famoſo lugar de Matozinhos, na meſma ſumptuoſa ordem, com que delle havia ſahido, e chegando aos ſeus povoados limites o foy por varias, e diverſas ruas circulando com tanta alegria de ſeus moradores, quantas expreſſavaõ as demonſtrações plauziveis, com que feſtivos, e alegres viaõ voltar o Senhor triunfante a ſeu Soberano domicilio, oſtendendo por toda a parte as mizericordias, e beneficios, que em ſeu portentoso alcaçar oſtenta Divino ſempre, ſendo univerſal o prazer, e o jubilo em todos os que prezenciaraõ, e aſſitiraõ á ſolemne viſtoſa celebridade deſte eſclarecido eſpectaculo.

484 Deſde que o ſoberano Senhor ſahio atè recolherſe, foy geralmente lançando huma plena bençaõ a todo o criado. Aos Aſtros, para que em benignos influxos occaſionafſem às racionaes creaturas ſalutiferos alentos. Aos Elementos, para que em concertada armonia, não moleſtaſſem inclemente, os homens, e fertilizaſſem ſerenos os campos. As Aves, para que em ſua- ves diſcantes, e ſaboroſas iguarias ſem pena, e
com

com ella servissem de licito abundante regalo. Aos Montes, e aos Bosques, para que na vasta producção de caças sublimes fizessem justamente lautas as mezas dos fervos, que amantes cultivão os divinos louvores. As plantas, e às flores, para que em vegetativa fragante affluencia, aos ardores servissem de copado refugio, e aos sentidos de oloroso recreyo. Ao Mar, e à Terra, para que em abundantes pescados, e frutos ministrassem à vida todo o precizo necessario sustento.

485 Não menos hia lançando Divina benção a todas as racionaes creaturas, que velozes, como o Cervo, às fontes das aguas, haviaõ concorrido ao seu pomposo Triunfo, em que se via manarem das cinco Chagas, correntes, e liquidas as misericordias: *Quemadmodum desiderat Cervus ad fontes aquarum, ita desiderat anima mea ad te Deus*, pois havendo o Senhor convidado a todas estas Almas sequiosas para que viessem às suas agoas: *Omnes sitientes venite ad aquas*, com prevenção admiravel as sahio lançando de si mesmo, que era a mystica pedra, de que as deduzira: *Aquam de petra eduxisti eis sitientibus. Petra autem erat Christus*; e assim foy abençoando toda a multidaõ vivente, que o adorava *Benedixit universe multitudini*. Pelo que em rendido obzequio, e acção de graças se lhe repetio o plauzivel cantico de Zacharias: *Benedictus Dominus Deus Israel*.

Psal. 42.

Isaias. c. 55.

vers. 1.

2. Esdra. c. 9.

vers. 15.

Epist. I. Pauli.

ad Corint. c.

10. vers. 4.

Paralip. 2. c.

6. vers. 3.

Luca. I.

486 Chegado já o benigno Senhor ao portico do seu magnifico Templo, tornou regularmente a formar-se no Atrio d'elle o militar Regimento,

mento, como na manhã ao entrar, e na praya o havia feito, e por ultima demonstração festiva, lhe fez huma vistosa falva de tres ardentes descargas de luzida mosquetaria, respirando em linguas de fogo os corações abrazados a faudosa memoria, com que ficavaõ em anciosos dezejos de o terem sempre à vista. Recolheo-se ao esplendido gabinete da sua Capella, permitindo se auzentassem a tomar corporeo descanso os fervorosos assistentes, que lhe haviaõ formado plauzível cortejo na grande solemnidade do seu esclarecido Triunfo, posto que a todos se fazia violenta esta digressão preciza, que o era tambem para depois com menos concurso, e mais focego, a portas fechadas, ser o Senhor collocado no seu Regio trono, em que havia de ficar, e estar exposto pata a celebridade honorifica do seguinte Triduo.

487 Marchou logo á disfilada, o commum do militar Regimento para a Cidade a continuar na assistencia da guarnição della, com alguns Officiaes subalternos, e precizos ao expediente das guardas, e he bem de notar, que chegaraõ à mesma Cidade ainda com Sol, o que tambem serve de argumento provavel à grande extensão daquella tarde, em tudo memoravel, e felicissima. Ficaraõ em Matozinhos o Coronel Governador das Armas, e os Capitães, e Cabos de mayor graduacão para com o Illustrissimo Cabido, Senado da Camera, Governador das Justiças, Magistrados, Magnates, e Cavalheros, pessoas de distincão, e muitos particulares assistirem a formar de mais lustrosa pompa, e luzida magnificencia

cia a celebridade do Triduo, que estava disposto solemnizariê com a grandeza mais plauzível.

488 Recolhido o Senhor a seu Templo foy o Sol sentindo a sua auzencia tanto, que não obstante ser o Monarca das luzes, chegou a cahir nos braços de Thetis em desmayos: ella que estava para o caso prevenida lhe preparou logo precioso reclinatorio, ministrandolhe alli Neptuno, em pucaros de crystal, refrigerante remedio a seus parocismos, a fim de que cobrasse alento, e sahisse no outro dia bem disposto, a vir tambem fazer ao Triduo assistencia brilhante; e como este accidente fez no Mundo o abal-lo de com a capa da noite se pôr todo em rebuço, houve lugar de particularmente, com a devida decencia, e sem popular confusão ser o Senhor collocado no seu novo trono, e dispor-se em conveniente aceada arrumação o seu Templo, com lugares destinados ás pessoas de gradação sublime, e tudo com a ordem precisa à mayor ostentação do festivo applauzo.

C A P I T U L O LXXVII.

Das disposições immediatas à celebração de do Triduo.

489 **P** Reparado, e disposto, de huma para outra magnifica funcão, do Senhor de Bouças o grande Templo, logo a noite em Matozinhos, ou por mudar de parecer no

rebuço , ou para tomar melhor semblante no modo , largou a escura capa , com que no seu principio sentida , fizera demonstrações de magoada , por não haver alcançado em tanto triumpho a vista do melhor Sol , que no Templo se havia posto , e vestindo de illuminações brilhante gala , se ostentou com bastidores alegres de tão luzida apparencia , que a Lua se vio obrigada a romper por entre esquadrões de Estrellas a vir observar a sumptuosa maquina da mais vistosa scena , guarnecida toda de luzes , bastecida de outros , ordenada de serenatas , e de repiques jubilosa , resultando de tudo aos sentidos , admiraveis jucundos divertimentos.

490 Em carro de luzes tirado por dous fogosos Cavallos , sahio a Lua brilhante , quazi cheia de resplendores , e como vinha igualmente exposta a fazer seu papel nesta scena , se vestio , à tragica , da gala mais roçagante , que havia de ouro tecida em seus quartos , trazendõ diante por tochas innumeraveis Estrellas , para que se visse , que no Ceo , em tanto applauso , se punhão tambem luminarias. A noite à vista de tão extraordinario luzimento , se meteo no arrojado empenho de apostar ventagens ao dia no esclarecido , e daria a contenda mais cuidado , se o luminar naturalmente não fosse menos ,

Genes. c. I. Luminare minus ; posto que na pompa se mostrou tão excessivo agora , como empenhado a tirar a luz o seu partido , fiada a Lua no poder da prezidencia : porque ainda que a tivesse só na noite : *Ut præset nocti* , tinha com tudo a regalia de grande : *Duo luminaria magna.*

Genes. c. I. Luminare minus ;
vers. 16.

491 Por esses outeiros corriaõ os applausos, nas elegancias poeticas, com tal facundia, que parece havia transportado o volante Pegaso da Grecia a Matozinhos o famoso Parnaso, com as celebradas fontes Castalia, Hypocrene, e Aganipe; de que as Musas, e Apollo infundem sempre em seus versados os elevados licores de peregrinos conceitos. Nestes fertilizados montes de Helicon, as multiplicadas glosas o não eraõ, em reprovaçaõ das materias, mas em rara exposiçaõ das inergias. Nelle se vio exaltada a florente Poezia, ostentando sublime, em ajustadas cadencias, medidas armonicas, e metricas consonancias, os primorosos requizitos, e regulados preceitos da Arte, livre, e licenciosamente fecunda em pintar; descrever, e representar por decimas, sonetos, romances, e outros poemas todos os assumptos, de que formavaõ engenhoso emprego as suas discursivas idéas.

492 Suavissimas se ostentavaõ por outra parte as serenatas, ferindo os ares sonoras com agradável melodia, formadas, e completas de afinados instrumentos, e concertadas vozes, aonde, com variedade uniforme, a sublime agudeza dos tiples, o sobido arrojo dos contraltos, a sustenida mediaçaõ dos tenores, e a canora gravidade dos contrabaxos, faziaõ taõ plena, e ajustada harmonia, que podiaõ suspender, não só de Amfion, e de Orfeo as decantadas lyras; mas de Arion as celebradas cadencias, e mover os Delfins do mar proximo às mais reverentes cortezarias: os violins, as rabecas, as arpas, os

rabecoos, e as citaras, com temperada atrogancia tocados em ligeira meneada destreza foavaõ acordes, repetindo pela differença mais bem composta elevadas consonancias, com que a noite se mostrava muy aprazivel, e divertida.

493 E para que todo o lugar participasse o logro de semelhantes recreaçoes mellifluas, foraõ varios os dicantes, que por todas as ruas circulavaõ o seu illuminado terreno sem que houvessem nelles outras peças, mais que as que destramente se tocavaõ nos pulsados instrumentos, em tanto jubilo. A cada passo se ouviaõ admiraveis passos de garganta, guarnecidos igualmente de suavissimos requiebros, e prodigiosos sustentidos, formando tudo hum taõ doce, aprazivel, e appetecido encanto, que as canoras Sereas do mar vizinho, já suspensas em seus cachopos, por se não terem valido do remedio, que nas costas de Sicilia havia praticado o astuto Ulysses, convertidas em meynos peixes, e mais do que elles emmudecidas, mostravaõ no silencio profundo o raro assombro, com que se viaõ, por melhor, e mais sonoro canto, não só naufragantes, e confundidas; mas em marinhos monstros transformadas.

494 Reconhecia-se em tudo a mayor, e mais conformada harmonia, sem que algum incidente, ou acaso destemperasse a suavidade alegre, e a diversidade uniforme, com que se formavaõ, e se attendiaõ estes nocturnos serenados applausos. Nelles eraõ as harmonias sem discrepancias, as pazes sem controversias, sem escandalos as vistas, sem enfados os passatempos,
sem

sem notas os ocios , sem desinquietações os descansos, sem perturbações os sentidos , sem confusões os recreyos , sem penas as glorias, e sem falencias os divertimentos , mas tudo entre as inconstancias da vida , e natureza humana foy sem duvida nesta celebre occasião hum notorio, e grande milagre da Divina Omnipotencia , continuado nas seguintes noites do famoso Triduo; porque em todas houve os mesmos fitejos , e se experimentaraõ visivelmente os mesmos prodigios.

CAPITULO LXXVIII.

Da celebridade do Triduo em seu primeiro dia.

495 **H**AVIA já amanhecido em quatro de Mayo o dia primeiro do festivo disposto Triduo, taõ aprasivel , alegre , e rizo-
nho , que parece quera ostentar usano singularidades extremosas em seus progresses , e se o dia precedente foy feliz , e fausto sempre a Matozinhos , pelo que fica ponderado , além de ter o terceiro de hum mez , que com o nome de Sivan, o era tambem do anno Santo , entre os Iraelitas , como bem descreve Augustinho Calmet , e sempre claro em prodigios pelos muitos , e grandes , que delle refere Frey Pedro Polo, razão era se lhe seguisse hum dia igualmente relevante em circumstancias , visto destinallo a Providencia a ser o primeiro de huma

Calmet. Diccion. Bibli. tom. 2. lit. M verbo Mensis. Polo Mans. Hebreor. tom. 1. die 3. Mat. & pag. 385. & a n. 2093.

fo.

solemnidade tão plauzível, para que na possível, e mais proporcionada correspondencia, se conformasse na celebridade o empenho à grandeza do assumpto.

Polo. Mansf. Hebr. tom. I. Traç. I. cap. 16. Mansf. 12 n. 365. pag. 54. Et Diario Sacro. Die 4. Maii numer. 2095. pag. 386.

496 Mysterioso, e notavel havia sido na Antiguidade o dia quatro de Mayo, por ser (conforme o referido Polo) o em que Deos no dezerto adoptou em povo seu escolhido ao Israelitico, e o em que por Moyfês lhe foy tão grande beneficio annunciado, e o mesmo povo obediente, e agradecido, se offereceo reverente a executar os Divinos preceitos, principiando neste dia a santificar-se, e a preparar-se por hum Triduo a recebellos, communicados pelo mesmo Moyfês seu Legislador constituido com as admiraveis circumstancias expressadas no sagrado Texto, sendo os dias destinados a este soberano Triduo o quarto, quinto, e sexto do mez de Mayo, e porisso mysteriosamente proporcionadas ao festivo presente Triduo de Matozinhos

Exod. c. 19.

497 Mas nem só nos ritos sagrados foy o dia quatro de Mayo antigamente memoravel, pelo haver tambem sido no mais sumptuoso fausto profano, em razão de nelle se ostentarem sempre em Roma, sendo gentilica, com magnifica pompa os jogos Maximos, assim chamados por se celebrarem no grande Circo, que para elles formou Tarquinio Prisco, restaurou Trajano, e illustraraõ Claudio, Caligula, e Heliogabalo, como entre muitos escreve o referido Polo, sendo este o dia primeiro dos seis, em que aquelles grandes jogos se representavaõ

Polo. Diario Sacro profano tom. 2. die 4. Maii. 4 n. 619. p. 172.

tavaõ a cento e cincoenta mil assistentes, no sentir de hum , ou a duzentos e sessenta mil no de outros , que affirmão ter para tudo capacidade hum taõ especioso Amphitheatro : e dia tambem celebre por nelle haver triunfado dos Phaliscos na mesma Roma A. Manlio Torquato.

498 Pertencia ao Illustrissimo Cabido a solemnidade plauzivel deste dia primeiro, para que nelle com o mais luzido expediente , qual outro Moysés em sagrado rito annunciasse felizmente ao Povo Catholico o quanto eraõ agradaveis a Deos os reverentes sacrificios, e piedosos obsequios , com que pela Veneravel Imagem do Senhor de Bouças tributava todo adoraçoens à Divina Magestade , mostrando-se grato , e obediente na fiel guarda dos divinos preceitos , de que era indicio evidente a devota ostentaçaõ de tanto applauso , e por tudo o santificava Deos na continua, e continuada serie de tantos , e taõ prodigiosos beneficios , quantos por meyo desta Imagem admiravel lhe concede benigno sempre, para mayor , e mais alta demonstraçaõ de suas glorias.

499 Nesta occasiaõ se achava o Sagrado Templo taõ preciosamente adornado, e de copiosas flammantes luzes guarnecido, que sendo em sua construcçaõ magnifico, e magestoso, parecia estar feito agora especialmente hum novo, e exquisito Tabernaculo , e se no Monte Sinay para o Culto Divino se fabricou hum a modo de Templo pelo mesmo Deos delineado com as mysticas circumstancias , que refere o Sagrado Texto; aqui se via formado o Templo à maneira de Tabernaculo

naculo vestido de purpuras, adornado de tapeçarias, suavizado de perfumes, illuminado de tochas, e candelabros, provido de riquissimas baxellas, preciosos aromas, instrumentos acordes, cantos mellifluos, vilhancicos armonicos, soberanos requiebros, vozes sublimes, elevados primores, e completos aceyos.

500 Era igualmente numeroso, e luzido o grande cortejo de Magistrados, Magnates, Fidalgos, Cavalheros, e pessoas de todos os Estados, e de hum, e outro sexo, que em magnifico, vistoso, e aceado concurso faziaõ assistencia a huma solemnidade notoriamente plauzivel, e por todas suas circumstancias memoravel, tudo disposto por ordem taõ acertada, que sem confusão havia competentes lugares para todas aquellas personagens, a que eraõ devidos com distincão, e no mais huma conformidade taõ modesta, que parecia milagrosa; de sorte que sem perturbação, ou controversia, logravaõ todos, e cada hum dos assistentes o jucundo prazer de serem plenamente participantes do pomposo fausto, e alegrissimo jubilo, com que esta funcão verdadeiramente grande se celebrava.

CAPITULO IXXIX.

Continúa a celebridade do primeiro dia do Triduo.

501 **E**M magnifico Coro, e Capitular Comunidade se achava de canonicas insignias paramentado o Illustrissimo Cabido, quando se deo principio à tolemnidade do dia com todas as formalidades, que o Ceremonial determina, e que em funções semelhantes na Cathedral se praticaõ. Celebrou a Missa o Reverendo Deaõ, sendo dois meynos Prebendados os Ministros, que de riquissimos paramentos revestidos sahiraõ da sancristia precedidos do Porteiro da Massa, Meninos do Coro, Mestre de Ceremonias, Thuriferarios, e a mais comitiva, e aprestos precisos ao comico aceyo deste luzidissimo acto, em soberana ostentação do Divino incruento Sacrificio, que hia celebrar-se no Altar do Cordeiro Crucificado, que se achava exposto em seu magestoso trono, e na Cruz da terra exaltado attrahindo a si tudo.

502 Fez o Sermaõ Panegyrico, o Reverendo Doutor Manoel dos Reys Bernardes, natural da Cidade do Porto, Conigo Prebendado, e Magistral de Escritura na Sé Cathedral della, Commissario do Santo Officio, e Juiz Conservador de algumas Religiões deste Reyno, dignissimo, e benemerito Collega do mesmo Illustrissimo Cabido, e não só desempenhou, e satisfez com egregia heroicidade o grande empenho do
seu

seu esclarecido Ecclesiastico congresso, que delle, e só delle fiou seguramente empreza tão relevante, mas encheo de admirações, e de affombros a todos os circunstantes, que com geral expectação hiaõ successivamente reconhecido a vastidão sublime, e o profundo engenho deste singularissimo talento, na paletta concionatoria bem conhecido por grande, e com universal applauso na litteraria venerado sempre por insigne.

503 Praticaram-se na solemne celebridade desta manhã festiva todos os ritos, e ceremonias, que formalmente conduziaõ, a que no fausto, e na pompa se admirasse a mais vistosa, não faltando em regulados ductos, além dos incensatorios feitos ao Altar, Celebrantes, e Coro, todos os mais, que em funções magnificas costumãõ urbanamente distribuirse aos Magnatas, e ao Povo, como assistentes à religiosa ostentação de tanto acto, que se formava de mayor culto, e sendo elle tão sublime, e magestoso lhe não faltou circumstancia, ou requisito, que deixasse de o fazer em tudo grande, e assim se concluhio com o mais aceado luzimento.

504 Na tarde deste primeiro dia houve no mesmo Templo do Senhor de Bouças o musico sonoro divertimento, que politicamente se denomina festa, pelo ser de recreação mellifluna bem ajustada consonancia de diversos, e afinados instrumentos, nas qualidades os mais suaves, e no primor os mais acordes, assistindo a esta jucundissima scena quantas pessoas de toda a graduacão, quizeraõ participar a suavidade
admira-

admiravel de tão deliciofo recreyo , entre os muitos, varios, e grandes, de que foy copiofa a mefma tarde em Matozinhos, por fe achar em todo o dia patente o Sagrado Templo tanto aos ardentes eftimulos da devoção mais piedofa, quanto às admirações reflexivas da curiosidade mais attenta.

505 Havia pelas ruas discretos, e divirtidos mafcaras, que em varios generos de figuras, e diversidade de galantarias faziaõ representaçoens tão jucundas, que geralmente alegravaõ o immenfo povo, que fe achava prezente a efte univerfal efpectaculo, fendo em commum, e em particular tudo prazer, e contentamento. Em qualquer parte fe encontravaõ à vifta agradaveis objectos, e fuaves divertimentos, ouviam-fe agudos conceitos, vozes fonoras, aves mellifluas, praticas ferias, e converfações jucundas, fendo circumftancia relevante a tanto jubilo a ferena benigna eftação do claro tempo, em que só reſpirava favonio o brando Zefiro, colhendo por auras fragrantes nos jardins de Flora os delicados aromas, com que recrear, e dar alento aos humanos viventes.

506 Seguio os na noite huma nova representação do claro dia, tanto no esplendor das luminarias, como no luminoso candor de Latona, que trajando pompoſa gala, e continuando na prezidencia, já Lucina flamante, Delia refulgente, Cinthia brilhante, clara Phebea, fermofa Diſtyma, e grande ceſtial Luminaria, tirou do eſcuro volante a parda ſombra à primogenita filha do Chãos, e da Terra, e a conſtituiu eſcla.

esclarecida, e tão luzidamente roçagante, que occasionou, se vissem, e se admirassem varias formas de galantarias, e em circulaçãõ continua se lograssem suavissimos discantes, poeticos outeiros, e repetidas serenatas, concluindo-se tudo com agradavel, e universal divertimento.

CAPITULO LXXX.

Da celebridade do segundo dia do festivo Triduo.

507 **D**Estinado se achava o feliz segundo dia do solemniſſimo Triduo aos Religiosos de S. Francisco do Recoleta Convento, e admiravel Santuario de Nossa Senhora da Conceyçãõ do lugar de Leça da Palmeira circunvezinho, de que já demos noticia. Amanheceo este tão brilhante, e tão claro, como os dois antecedentes; porque a rizonha Aurora com roçagante matutina gala lhe veyo abrindo alegre esplendido campo. Pera dar lugar a tanta pompa se recolheraõ a Lua, e as Estrellas a prepararse de novas radiantes luzes com que na noite seguinte, que era o tempo mais proprio ao seu instituto, illustrassem magnificas o festivo terreno em continuada flamante ostentaçãõ de tanto jubilo.

*Polo Diar. Sa-
cro. Mans.
Hebr. tom. 1.
die 5. Maii.
n. 2096. pag.
387.*

508 Notavel foy igualmente este feliz segundo dia, que era o quinto do sempre alegre mez de Mayo, e havia sido tambem no deserto o segundo da preparaçãõ Hebraica a receber a Ley

Escri-

Escrta. Dia admiravel por fer o em que Noé, e feus filhos sahiraõ da Arca finalizando o diluvio: sobio Moyfés com Josué ao Monte Sinay: farrou Christo na Palestina o Paralitico, e o em que o mesmo Senhor do Monte Olivete subio ao Ceo triunfante depois de concluida a redempção do Mundo, como sentem mais provavel Alva, e outros Ecclesiasticos Escriitores. Dia em que o Profeta Ezequiel havia visto grandes prodigios, o que tudo aponta o referido Polo. E dia finalmente para a Igreja Catholica felicissimo, por nelle haver Santo Ambrosio convertido, e bautizado a Santo Agostinho, hum dos luminares grandes da mesma Igreja no anno 377. da sua Epoca, como Beyerlinch com Vincencio affirma.

*Beyerlinch.
Theat. Vit.
Human. tom.
2. lit. D. Ver-
bo. Dies in 5.
Maii Not. F.
pag. mibi 130*

509 Neste dia nasce sempre o 'Septentrional Asterismo, ou portentosa constellação, a que os Gregos denominaraõ Lyra, notado no Calendario Astronomico, que refere Rosino. Della finigio a Antiguidade Gentilica fer a decantada Lyra, que fabricada por Mercurio, e tocada por Orfeo, attrahia suavemente as duras penhas, constituindose taõ famosa, que morto Orfeo, a collocaraõ no Ceo as modulantes Musas, porẽm á Lyra instrumento musico por Mercurio inventado lhe deduzio Santo Izidoro a Etymologia do nome da variedade das vozes, e sons diversos, que meneado representa, e pulsada multiplica, e por esta razaõ de seu harmonioso plestro adverte o sobredito Polo, ser sonoro, enternecido, attrahente, e delectavel.

*Kalend. Af-
tron. apud. Ro-
sinum. lib. 4.
c. 4. pag. mibi
247.*

*Polo Diar. S.
P. tom. 2. die
5. Maii a n.
623. p. 173.*

510. Com propriedade pois mysterosa foy

T

desti-

destinado este dia aos Religiosos de S. Francisco, por serem mysticamente aquella prodigiosa, e bem temperada Lyra, que pelo Serafico Mercurio inventada, e pelo soberano impulso de melhor Orfeo, o Espirito Santo, em mendicante pobreza instituida, assombrando as Tartareas soberbas penhas, attrahe suavemente pelo destro toque da humildade profunda a mayor altura, e a mais elevada eminencia da eterna gloria, a que Deos exalta os humildes: *Et exaltavit humiles*, pela consonancia admiravel que há entre os altos sublimes daquella Divina ineffavel grandeza, e os pobres humildes baixos desta mystica decantada Lyra.

Luc. 1. 52.

511 Lyra, que admiravel se ostenta sonora em toda a parte do Mundo: que suaviza, enternecê, e abranda os corações rebeldes, e durros dos peccadores, modificando-os com a Divina Graça: attrahe as almas catholicas ao estado mais perfeito: e deleita os virtuosos espiritos na contemplação mais activa, e fervorosa, especialmente naquelle sempre insigne Santuario dedicado à soberana Senhora, que por em Graça concebida, faz que esta harmoniosa Lyra, de que he Protectora, seja perpetuamente na Religião Serafica, em perfeição a mais modulante, enternecida, attrahente, e deleitavel. Mas que não haverà de glorioso, santo, e admiravel neste venturoso sitio, já de tantos seculos, a grandes prodigios habilitado!

512 Era mais antigamente este dia entre os Romanos dos seus jogos Maximos o segundo, e segundo foy tambem, e melhor agora de Maximos

ximos applausos em Matozinhos ; mas se aquelles gentilicos jogos se celebravaõ em grande Circo , exornado de pyramides , fortalecido de columnas , guarnecido de estatuas , e com pavimento admiravel de douradas areas , em que havia famoso obelisco , poço de aguas , e outras delicias para regalo dos assistentes ; com mais acertada providencia aos nossos sagrados festejos formava neste dia famoso Circo o Cordaõ Serafico , fervendo-lhe os seus Religiosos de pyramides sublimes em elevadas jaculatorias , columnas firmes em verdadeira fantidade , estatuas perennes em atperas penitencias , a que não faltava o dourado pavimento das mas solidas virtudes , de fervorosas contemplações sublimados obeliscos , de regular humilde poço profundo , e na benigna direcção das Almas suavissimo recreyo.

C A P I T U L O L X X X I .

Continúa a mesma materia do segundo dia do Triduo.

513 **C**Om esplendor notavel , e aceyo grande havia já preparado a Santa , mas por esta razaõ , rica pobreza destes exemplarissimos Religiosos ; de illuminações magnificas o Sagrado Templo , que de tudo o mais se achava pomposamente adornado , fervendo-lhe na solemne ostentação deste dia a mesma plausivel Musica da Sé Cathedral , e de comico cortejo , em continuado

nuado reverente applauso ao Senhor de Bouças a luzida assistencia do Illustrissimo Cabido, Senado da Camera, Governadores, Magistrados, Magnates, e Cavalheros, e grande profusão de Povo, com igual ordem, disposição, e focego que no dia primeiro, ficando livre a Capella mayor, em grande parte, aos Religiosos, que em regular Comunidade vierão celebrar este magnifico Acto.

514 Celebrou a Missa o Reverendissimo Padre Mestre Frey Manoel de S. Caetano, Leitor Jubilado na Sagrada Theologia, Qualificador do Santo Officio, e Provincial da Religião de S. Francisco da Provincia de Portugal, que veyo assistir a esta solemnissima função; sahindo da Sancristia ricamente paramentado, e com pomposa magnificencia de Acolitos, e Thuriferarios assistido. Neste luzidissimo acto se praticaraõ todas as Ecclesiasticas ceremonias, e sagrados ritos pelo Ceremonial dispostos, urbanos cortejos, cantos mellifluos, e harmoniosos applausos, com que digna se ostentava da mais jubilosa attenção esta grande festividade, em que se via mysticamente representada a gloria excelsa de Seraficos espiritos adornada, e da celestiaes cortezões assistida.

515 Recitou o Sermaõ Panegyrico deste dia o Reverendo Padre Prégador Frey João de Deos Monte Alverne, Religioso do mesmo Serafico Convento, e natural da Cidade do Porto, não só com o ardente espirito, que recebeu do Serafim humano, o seu grande Patriarca S. Francisco; mas com toda a fervorosa inergia, e
suavi.

suavizada elegancia, que podia supporse, e esperarse de hum tal, e tão douto filho, dotado de quantos predicamentos o constituaõ capães de satisfazer plenamente o zeloso empenho da sua Communidade esclarecida em tanto applauso.

516 Concluida aplauzível Ecclesiastica função desta manhã festiva, houve tambem na tarde a festa harmoniosa, como no primeiro dia, em que a repetida sonora consonancia dos instrumentos occasionava delectavel divertimento, e elevada recreação a quantos em duplicado, reverente, e devoto culto tornavaõ a vizitar, e a assistir ao Senhor de Bouças no seu egregio Templo; pois nelle continuava patente, e exposto a receber, como em victimas de affecto, obsequiosos rendimentos, com que todos lhe formavaõ de ternuras holocaustos, e de orações fervorosas multiplicados sacrificios.

517 Pelas ruas, e Praças de Matozinhos, se repetiraõ na mesma tarde varios generos de plausiveis festejos, com formalidades diversas, e repetidas galantarias, em que a vista tinha multiplicados delectaveis empregos, e se ouviaõ discretos conceitos, e harmoniosas consonancias; pois a differentes invençoens dos mascaras, as elegancias dos poetas, das vozes os sustenidos, e as cadencias, dos instrumento as bem temperadas melodias suavizavaõ o terreno tanto em toda a parte, que não havia alguma em que tudo não fosse prazer, e jucundo contentamento, sem circumstancia, nem acaço, que pudesse disfavorear os animos concurrentes em tanto jubilo.

518 Aſzentouſe o Sol, como era preciso, deſte noſſo ao outro emisferio, ou já a ſer Antipoda brilhante da clara Noite, ou a hir do occaſo ao Oriente a rociar em perolas da Aurora a freſca gala, com que havia de ſahir no ſeguinte dia, e parecendo já tudo hum eſpeſſo bolque embrenhado de ſombras, ſahio a campo a triforme Diana com flamante purpura, ſemcada toda de Eſtrellas; mas já entã Matozinhos vigilante a eſperava alegre ornado de luminarias, aſſitido de diſcantes, laureado de poetas; de motes provido, circundado de gloſas, e guarnecido de ferenatas, para que com pompa igual à dos dias precedentes, ſe concluiffe a celebri-
dade deſte, que da meſma ſôrte foy viſtoſa, e magnifica.

C A P I T U L O LXXXII.

Dodia t erceiro do meſmo feſtizo Triduo.

519 **C**Hegou finalmente o terceiro dia deſte ſolemniffimo Triduo, e era o ſexto dia do mez de Mayo. Nelle ſahio ao romper d'Alva precedido do rizonho cortejo da bella Aurora o flamante Phebo, ou por idioma mais claro, brilhante o Sol, enchendo ao Mundo de reſplendores, e de alegre prazer os vi-ventes, dourando do mar as prateadas ondas, e da terra as amenas floreſtas, e ſubindo tanto de ponto na galhardia dos ſeus rayos, que ſen-
do,

do, como luminar grande, Presidente exelso do dia, no esplendor se ostentava das luzes Regio Monarca, por a todas se extender sublime a dominante jurisdicção do seu soberano esclarecido imperio.

520 Neste dia ostentou magnifica a devoção fervorosa o ardente zelo, e piedoso empenho, com que continuava a celebridade festiva deste Triduo plauzível; em que não foy menor a pompa; nem menos custosa a gala, por se achar em Matozinhos todo o luzido cortejo, que neste, e nos dias precedentes, com magestoso apparatus fez vistosa assistencia à Veneravel Imagem do Senhor de Bouças, sendo em tudo igual o applauso, por em tudo ser semelhante o motivo, nelle mostravaõ os animos conformes huma perfeita harmonia, e a mais rara complacencia, formando-se assim a solemnidade, não só numerosa, mas jucunda, e digna de ficar sempre nos Annaes da Fama memoravelmente perpetuada.

521 Este foy no dezerto, e estação duodecima do Povo Hebraico no Monte Sinay, o felicissimo dia, em que os Israelitas, como peculio entaõ escolhido, receberaõ da mão de Deos a Ley escrita, e por Moyfés communicada, e o ultimo do Triduo da preparação a recebella, a que se seguiu a magnifica construcção do Templo, ou portatil Tabernaculo, a da Arca do Testamento, a dos dois Altares, hum de ouro para os incensos, outro de preciosa madeira para os Sacrificios, e Holocaustos, a Meza dos Pães da Proposição, e o Candelabro de ouro finissimo, a

Polo. Mans. instituição dos ritos, e ceremonias, a das solem-
Hebr. tom. I. nidades, e festas, que haviaõ de ter legal obser-
tract. I Mens. vancia até a feliz promulgação da Ley da Graça,
 12. *cap. 16.* como do Sagrado Texto, e Expositores tudo
 a n. 364. refere o sobredito Polo.

522 Neste admiravel dia seis de Mayo, se
 celebravaõ as Hebraicas festas de Pentecoste, e
Polo. ubi su- Semanas, e a solemnidade das Primicias. Nel-
pra tom. I. le a beneficio da sua prodigiosa Vara converteo
 n. 1480. & Moysés em agoas doces as amargosas, que no
 2104. dezerto affligiaõ aos Israelitas. No mesmo livrou
 Christo a hum homem do espirito immundo, e
 obrou outros singulares prodigios, entre os quaes
Polo. dictus. n. foy particularmente memoravel, o que osten-
 986. tou na casa de S. Pedro, sarando lhe a sogra gra-
Martyrolog. vemente febricitante, e opiniaõ ha de que no
Roman. mesmo dia subio ao Ceo. Dia glorioso tambem
Fr. Antonius à Militante Igreja Catholica pelo esclarecido
a Purificat. Triunfo, que nelle alcançou da tina S. Joã Eu-
Chronolog. angelista, e ser o do Natalicio dos Justos a S. Joã
Monast. Lu- Damasceno, e ao Beato Joã Bispo Gerundense,
fit. lib. I. die nacional Lusitano.
 6. *Maii.*

523 Este que tambem entre os Romanos,
 era o tercciro dia dos Jogos Maximos, foy cele-
Beyerlinch. bre em Roma, pelo esclarecido Triunfo que dos
Theatr. vit. Tuscos alcançou o Dictador C. Marcio Rutilio, co-
human. tom. 2 mo nota Beyerlinch de Tito Livio, e Polo, de Mas-
lit. D. verbo. culo, e Tanayo. E posto que por outras razões, ou
Dies 6. Maii delirios no gentilismo fosse o dia sexto de ca-
pag. mibi 130 da mez tido por temeroso, infausto, e de mão
Not. F. agouro dedicado sómente aos Manes, em que
Polo. tom. 2. por ordem dos seus Pontifices, se abstinhaõ de
Diar. S.P. 6. sacrificar aos fabulosos Deoses superiores; com
Maii. n. 626. tudo
 & *Kalend.*
prophan. cap.
 7. a n. 49.

tudo tambem nelle havia festas , a que a Amalthea Onomastica, e Bluteau denominaõ Hordaes, ou Hordicidios; mas fóra estamos , pela graça de Deos , dos falsos erros profanados , e nas verdades Catholicas fica visto fer o dia seis de Mayo felicissimo.

*Amalthea
Onomast. ver-
bo Horda.
Bluteau
Diccion. Vo-
cab. verba.
Vaca.*

524 Achava-se o Sagrado Templo do Senhor de Bouças neste dia, com igual continua- da magnificencia, vistoso aparato, e pomposo adorno, magestosamente revestido, e copiosamente illuminado, com profusão em tudo tão sublime, que a devoção, e a grandeza, em amigavel fervorosa competencia, parece queriaõ exceder-se a si mesmas em primor, e bizarria; pois como este era o dia terceiro, e ultimo do solem- nissimo Triduo, se applicava o empenho ao ma- yor esforço, de que não faltasse circumstancia alguma relevante a tanto applauso, a que po- dia incitar mais a piedosa memoria de haver tam- bem sido este o terceiro dia do reverente Tri- duo, que em Matozinhos teriaõ celebrado os primitivos Catholicos, depois de colocado na sua primeira Igreja o Sagrado Crucifixo.

CAPITULO LXXXIII.

*Profegue a solemnidade do terceiro dia do
Solemnissimo Triduo.*

525 **E**Ra destinado este terceiro dia aos Reverendos Sacerdotes Irmãos da grande Confraria de S. Pedro no lugar de Matozinhos, e parecendo isto da forte acaço, não deixou de ter particularissimo mysterio, pela alta Providencia interiormente talvez disposto em razão de os Presbyteros serem mysticos venturosos filhos de hum tal Santo, a que Deos se dignou honrar neste Mundo a casa, e obrar nella neste dia o notavel prodigio já referido. Justo era pois que em tal dia, e em taõ plauzivel occasião succedesse competir a estes primorosos filhos a congratulação obzequiosa daquelle mystico Pay, escolhido tambem pelo mesmo Senhor para Principe, e Pedra fundamental da Igreja Catholica: *Tu es Petrus, & super hanc petram ædificabo Ecclesiam meam.*

Matth. 16.
18.

526 Mais competia, e com proporcionada razão, este terceiro dia aos mysticos filhos de S. Pedro; porque se a Republica Ecclesiastica se compoem communmente de tres Estados no modo diversos; quaes o de Conigos nos Coros das Sé; Cathedraes: o dos Religiosos Monachas, e Mendicantes nos Claustros dos Mosteyros, e Conventos; e os dos Clerigos Seculares, tanto por toda a parte em Parochos, e Paroquianos dispersos, como por muitas em semelhantes Con-
fra-

frarias constituidos; havendo solemnizado o Illustrissimo Cabido o dia primeiro, e os Religiosos Seraficos o segundo, pertencia nesta ordem aos Reverendos Sacerdotes o terceiro; não só por filhos, mas tambem por Irmãos do Principe dos Apostolos em Matozinhos. Advertimos porém que aqui não tratamos da Jerarquia Ecclesiastica pela individuação, com que a tratao Cassaneo, e Sebastião Cezar de Menezes; por não pertencer tão larga materia ao presente assumpto.

527 Concorria mais para a singularidade deste dia a circumstancia notavel de ser o terceiro deste solemnissimo Triduo. Do numero ternario escrevem Polo, e Beyerlinch ser perfeitoissimo, por nelle se achar a razão de principio, meyo, e fim, que tomando a perfeição da Natureza, principia, continua, e finalmente se termina; mas he sobre tudo, entre os Catholicos, admiravel, e sagrado, por nelle symbolizar-se a Trindade Santissima, que com ser individua na Essencia, he sem detrimento da Divina Unidade, triplicado nas igualmente eternas Pessoas; por modo porém tão ineffavel, que excede a comprehensão humana, e só a Fé no lo certifica, como admiravelmente pondera o doutissimo Bluteau em seu Vocabulario, e assim foy este Mysterio Altissimo repetidas vezes symbolizado em mysticas portentosas figuras aos Antigos Patriarcas, e illustrados Profetas, e por tudo mysterioso, e sempre Veneravel o numero ternario.

528 Não deixava de haver entre as obscuras tre-

Cassaneus *Catal. Gloria Mundi* 4. *part.*
Menefius.
Relect. de Eccl. Hierarch.

Polo. Diar. S. P. tom. 2. n. 212. pag. 56. & n. 372. p. 109.
Beyerlinch. Theatr. Vit human. tom. 5. Lit. N. Verbo. Numerus. a pag. mibi 880. a Not. H.

Bluteau. Vocabul. tom. 8. lit. T. Verbo Trindade.

trevas da Antiquidade Gentilica, huma clara, mas confusa sombra deste incomprehenfivel Myfterio; porque nella fabularaõ a Jupiter hum, e trino, reputando-o como aponta o douto Polo, Jupiter Maximo Rey do Ceo: Jupiter Neptuno Arbitro do Mar: e Jupiter Plutaõ Regedor do Abifmo. De maneira que fupposto o consideraffem em tres Pefsoas diftinctas, quanto aos referidos empregos, o tinhaõ por hum unico, e o mefmo Numen no fupremo dominio, e por efte principio, quafi fequindo a Ley da Natureza, obfervavaõ o ternario numero, como fagrado nas triplicadas ceremonias de feus religiosos facrificios, delineando affim, mas tofcamente, a Unidade Trina do Altiffimo Myfterio da Trindade Santiffima, que os Chriftãos adoramos, como infallivel verdade Catholica, praticando em reverente memoria della o numero ternario nas principaes circumftancias do Divino Culto.

De forte que demais das excellencias, que de fte numero admiravel referem, àlem dos fobreditos, outros muitos, e graves Efcritores, atè na Jerarquia Ecclefiaftica, reftabelecida efte em pompoza magnificencia desde os tempos de Conftantino Magno, principiou como fuperlativo a praticarfe nas acclamações Pontificias, e ainda nas Mageftofas faudações Regias, como bem defcreve Samuel Pitifco. E fendo elle fempre attendido, não fõ nos ritos fagrados, mas ainda nas expreffoens do mais profundo refpeito, entendemos que do mefmo principio procedem os folemniffimos Triduos, que na Igreja Catholica coftumãõ praticarfe, tanto no que refpeita a

Deos

*Polo. loco fup-
pra citato.*

*Pitifcus. Le-
xic. Antiquit.
Roman. tom. 3
Lit. T. ver-
bo. Ter.*

Deos Trino, como se observava nos antigos Concilios de Espanha, que traz Garcia de Loayfa, quanto nas Regações penitentes, confirmadas pelo admiravel Trifagio Celestialmente annunciado em Constantinopla, no Pontificado de Leão I. imperando Theodosio o moço, e mandado observar em todo o Mundo, de que dão noticia o doutissimo Bluteau, e Guilherme Burio, e outros; e da mesma sorte os Triduos festivos, com que ordinariamente se celebraõ as novas Dedicacões dos Templos, e as Canonizaçoens plauziveis dos Santos.

*Loayfa Col-
lect. Concil.
Hispan. pag.
543. 686. &
734.
Bluteau. Vo-
cabul. Lit. T.
Verbo: Tri-
fagio.
Burius. Notit.
Roman. Ponti-
fic. ex pag. 68.*

530 Nem foy menos relevante a circumstancia, de que o dia terceiro deste solemnissimo Triduo em Matozinhos cahisse no dia seis de Mayo, em razão de ser tambem perfeito este numero, pelo que delle referem Philo Hebreo, e os sobreditos Beyerlinch, e Polo, formados delle, quanto ao mez, para a plauzivel memoria dous Triduos; hum finalizado antigamente no dia tres, em que prodigiosamente appareceo a Veneravel Imagem do Senhor de Bouças neste lugar, e foy collocado em seu primitivo Templo, e este segundo, em que no dia seis acabou de solemnizar-se a festiva collocação do mesmo Senhor em seu novo, e reformado trono; sendo de notar, que tanto em hum, como em outro Triduo foraõ os seus terceiros dias celebrados por Clerigos; aquelle pelo Reverendo Cura, e primeiros Sacerdotes deste venturoso terreno, e estes pelos Reverendos Irmãos da Confraria de S. Pedro, e porisso lhe competio tambem com particular providencia o terceiro dia deste solemnissimo Triduo,

*Philo lib. de
Mundi Opif-
cio a pag. mi-
hi 2.*

CAPITULO LXXXIV.

Continúa a celebridade do terceiro dia do Triduo.

531 **D** Isposto com igual magnificencia o Sagrado Templo, deraõ os Reverendos Sacerdotes principio á festiva solemnidade do dia, em que celebrou a Missa o Reverendo Padre Jozé das Neves Quaresma da Freguezia de S. Miguel de Palmeira annexa da de Matozinhos, por ser neste anno o Juiz da Confraria de S. Pedro, e lhe competir como a Dignidade principal della, com assistencia de toda a Clerical, e numerosa Irmandade, que qual candidado exercito de sobrepelizes adornado, havia concorrido à plausivel ostentaçaõ deste magnifico acto, a que não faltou circunstantia alguma, das que o podiaõ constituir honorifico no esplendor, e luzimento, por ser feito com pompa em tudo igual à dos dois dias precedentés.

532 Ostentou o Sermaõ Panegyrico deste terceiro dia o Reverendo Doutor Manoel Pereira Alvares Prothonotario Apostolico; Reytor da Paroquial Igreja de Santa MARIA de Campanhã, natural da Freguezia de S. Salvador de Remalde, ambas igualmente quazi suburbios da Cidade do Porto. Foy este o Orador escolhido para o completo dezempenho desta plauzivel acçaõ, a que doutamente satisfez, pelo profundo, e vasto engenho, com que na palestra concionatoria costumaaõ exaltar-se os talentos grandes; sendo elle

jã nella por tal taõ conhecido, que notoriamente mostrou o quanto fora acertada a sua eleição a tanto emprego, em que universalmente foraõ bem aceitos os seus conceitos admiraveis, e os elegantes progressos dos seus discursos.

533 Finalizada magnificamente no Templo a celebridade plauzivel da manhã deste terceiro dia, se lhe seguiu, a horas competentes, na tarde o harmonioso festim, com que a festa nelle se ostentou delectavel, e jucunda a quantos, em continuada fervorosa assistencia faziaõ ao Senhor de Bouças reverentes demonstraçoens obzequiosas, formando a suavidade dos instrumentos bem acorde consonancia ao ardente jubilo, que a benigna, e amorosa vista do Senhor occasionava nas Almas devotas, que a seus pés rendidas lhe tributavaõ adoraçoens multiplicadas; mas aqui se viaõ já enternecidos, faudosos deliquios, na consideração de ser precizo, pela conclusão do Triduo, apartarem-se os coraçõens amantes daquelle Divino Retrato, e verdadeira Cópia, de hum taõ piedoso Senhor, que se dignou expressar, serem as suas delicias o estar com os filhos dos homens: *Deliciae meae esse cum filiis hominum.*

Proverb. 8,

31,

534 Continuavaõ na mesma tarde, pelas ruas, e Praças de Matozinhos, os plauziveis festejos, e jocosos divertimentos de mascaras, clarins, tambores, e pifaros, que com variedade harmoniosa, e repetidos galanteyos alegravaõ geralmente o Povo, que ainda bem copioso neste lugar se achava a lograr o ameno recreyo, que por varios modos se ostentou magnifico em todos

dos os dias deste applauso, e deste Triduo, sendo em qualquer parte do terreno universal o prazer, e o regozijo, quanto particular a boa ordem, e o primoroso aceyo, com que se deo expediente a tanto fausto, que por agradavel em cada hum dos dias parecia de singulares circumstancias revestido, e de novos primores adornado.

535 Já o Sol havia posto no Oceano os flammantes rayos, com que fizera o dia esclarecido, e como no quarto dos do principio do Mundo fora criado para clara divisaõ delles, obrigação as que nos quatro do Triunfo, e deste Triduo, com grande esplendor, e luzimento, por potencia obediencial, havia satisfeito, e devendo pela mesma natural instituição, sahir a Lua rociada de luminosas affluencias a illustrar a noite, de que lhe foy dada pelo Divino Artifice a presidencia, sahio com effeito, e com este brilhante soccorro se ostentou alegre a mesma, que no escuro se reputava triste máy das funebres Parcas, e sendo mais de varias illuminaçoens assistida, se admirou taõ clara, que perdeu entaõ do proprio nome a ethymologia, que a Antiguidade lhe formara, derivandolha *à nocendo*; por impedir tenebrosa aos olhos o exercicio de ver; porque nesta noite o tiveraõ a todas as luzes franco, e com bem divertido emprego pela multiplicidade grande de festivos objectos, que nella lhe serviraõ do mais vistoso espectaculo.

536 E sendo esta a ultima Noite dos dias destinados a tanto applauso, e não podendo já ter nelle mais extenso dezafoço o ardente zelo

lo dos devotos animos, que o haviaõ fervorosamente emprehendido, foy notavel o cuidado com que todos empenharaõ, e desempenharaõ o reito, nas galantarias, festejos, e divertimentos, que de toda a sorte se dispuzeraõ a alegrar o numerofo povo que em Matozinhos se achava, e hia sentindo o ser preciso terminarse hum taõ plauzivel, e justificado regozijo, rendendo todos em concluzaõ a Deos as graças, por se dignar, e haver permitido, que tudo se executasse com notavel quietação, e milagrofo soccego, em taõ grande variedade, e multidaõ de individuos, que haviaõ concorrido, attrahidos da Veneravel Imagem deste Senhor, que na Cruz exaltado està continuamente em perennes beneficios convidando a reverentes adoraçoens a todo o Mundo.

CAPITULO LXXXV.

Da solemnidade dos Triduos; com varias ponderações a esse respeito em abono de Espanha.

537 **A** Ssim finalizou em Matozinhos o fo-
lemnissimo Triduo, que se seguiu
ao esclarecido Triunfo, com que a fagrada Ima-
gem do Senhor de Bouças foy collocada em seu
novo, e magnifico trono, e se ao com que em
Jerusalem havia entrado, de adorações applau-
dido o Redemptor do Universo, se seguiu o ad-
miravel Triduo, com que no Jazigo do Sepul-
cro

Isaias. c. I I. cro (a que Izaias pronunciou glorioso) se offendi
 10. tou triunfante da morte, em que publicamen-
 te venceo os Demonios, e os Principes do Ju-
 daismo, como tudo allegoriza Laureto, bem se
Lauretus. manifesta a origem de a celebidades grandes
Sylva Alle- se seguirem ordinariamente solemnes Triduos, e
gor. Verb. o quanto nelles, além do que fica ponderado a
Sepulchrum, este respeito, veneraõ, e veneraraõ sempre os
& Triumphator. Catholicos o numero ternario, em que se deci-
 fra o primeiro, e principal Myterio da Fé no
 Christianismo, ostentando-se em reverente me-
 moria delle os devotos Triduos, que nos sagra-
 dos Templos se solemnizaõ.

538 Mas illustrando agora mais, *pro coro-*
nide, este ponto, supposto que não descobrimos
 formalmente a positiva origem dos Triduos, e
 o tempo em que prefixamente principiaraõ, por
 estatuto, ou por estillo, a praticarse, fazendo
 nesta indagação toda a diligencia, e consultando
 gravissimos talentos na materia; com tudo repa-
 rando com reflexaõ attenta no que a respeito
 da Festa da Santissima Trindade escreve o Padre
 Frey Jeronymo Roman, notamos insinuar tive-
 ra principio, de quando a Igreja Catholica, a
 impedir os progressos da Heresia de Arrio, que
 blasfemo negava a igualdade de Christo com o
 Eterno Pay na Divina Essencia, a instituhira, e
 que tambem entaõ se provera que no fim de ca-
 da Psalmo se dissesse o *Gloria Patri &c.* para que
 a Trindade Santissima, não só fosse continuamen-
 te reverenciada, mas estivesse sempre na nossa
 memoria.

Roman. Reput-
bl. del Men-
do. Repul.
Christian. lib.
5. cap. 5. p.
 272.

539 E supposto entre outros escrevaõ o
 Padre

Padre Graveson, e Guilherme Burio, que a Festa da Santissima Trindade a instituhira o Summo Pontifice Joaõ II. isto se deve entender ser somente determinação do prefixo dia de celebrar-se em toda a Igreja na Dominga seguinte à do Pentecoste; porque de antes se celebrava por varios modos, e em diversos tempos, como se manifesta do mesmo Burio, e se colhe do referido Padre Roman, e de Guilherme Durando. Do verso *Gloria Patri &c.* escreve tambem, entre muitos o referido Burio, que fora mandado rezar no fim de cada Psalmo por S. Damazo Pontifice Luzitano: o mesmo affirma Durando, advertindo que dos dois versos *Gloria Patri . . . e sicut erat in principio . . .* se dizia que o primeiro fora formado no Concilio Geral I. Niceno; mas Garcia de Loaysa comentando o terceiro Concilio Toletano, por authoridades de Nicephoro Calixto, Cassiano, e S. Bazilio, explica que o primeiro verso *Gloria Patri . . .* manara do instituto Apostolico, e o segundo *sicut erat . . .* lhe fora adicionado contra os Arrianos no Concilio Niceno.

540 De forte, que ainda que o primeiro verso *Gloria Patri . . .* manasse, como na verdade manava, do instituto dos Apostolos, ou mais propriamente do mesmo Christo, que lho insinuou, com expressão admiravel da Trindade Santissima, quando lhe ordenou, que hindo a Missão Apostolica, a que estavaõ destinados, ensinassẽ a todas as gentes, e os bautizassẽ em Nome do Padre, e do Filho, e do Espirito Santo. *Euntes ergo docete omnes gentes baptisantes eos in no-*

Graveson.
Hist. Eccl.
tom. 5. pag.
mibi 32. Col.

2.
Burius Notit.
Roman. Pon-
tif. a p. 228.
Roman. loco
citat.

Durandus in
Rationali lib.
6. cap. 114.
Burius. Su-
pra pag. 58.
Durandus
ubi supra lib.
5. cap. 2. a. n.

17.
Loaysa. Col-
lect. Concil.
Hispan. in
Concil. Tolet.
III. pag. 238

Matth. 28.
19.

mine patris, & Filii, & Spiritus Sancti, o que desde entã se observou, e observa entre os Catholicos, com veneravel attenção a tanto Myfterio, e sempre com triplicada repitição de Gloria, foilem pela Igreja reverenciadas as Tres Divinas Pessoas; parece com tudo não haver duvida, que o segundo verso *Sicut erat...* foy addicionado no primeiro Concilio Niceno, a confessar em resumido compendio a igualdade della, com mais extensão expressada no Symbolo da Fé, que se formou naquelle memoravel Concilio.

[541] Nos reieridos termos parece certo, que o primeiro Concilio Niceno celebrado no anno 325, da Redempção humana, e ao motivo principal delle, qual foy a condemnação de Arrio, estabelecida a verdade de tanto Myfterio, e confirmada com o raro prodigio, de que havendo de assinar-se a regra da Fé pelos Bispos Catholicos, que a tinhaõ firmado, sendo dous delles já fallecidos, e pondo-lhe os mais as copias sobre os sepulchros, com a deprecação de que se o que naquellas Actas, que com elles haviaõ definido, o tinhaõ por certo, as subescrevessem, ao que no dia seguinte appareceo de proprios sinais satisfeito pellos dous Bispos mortos; mas na gloria interminavel já vivos, e da mesma verdade plenamente certificados, como refere Carlos Sigonio; se seguiu o principiar a celebrar-se, com especial veneração, o Altissimo Myfterio da Santissima Trindade; e porque em diversas Provincias, em dias diversos, e por varios modos se solemnizava, decretou o Summo Pontifice João XXII. que em toda a Christandade tivesse dia proprio

Sigonius de Imperio Occidentali. lib. 3. pag. 57. n. 50.

proprio de festejar-se na Dominga referida-

542 Seguiu-se tambem ao primeiro Concilio Niceno a instituição de S. Damazo Summo Pontífice pelos annos de 367. de que em toda a parte no fim de cada Psalmo de dia, e de noite se dissessem os versos: *Gloria Patri*, e *sicut erat*.... para que continuamente neste rezumido sagrado compendio se desse perenne culto a tanto Myfterio; e para que tambem se reconhecesse, e publicamente confessasse, que o que veneramos Trino nas Pessoas, he hum só Deos na Effencia determinou depois S. Gregorio Magno, assumpto ao Pontificado no anno de 590. que no principio de todas as Horas Canonicas se pronunciasse o verso: *Deus in adiutorium*, com o *Gloria Patri*.... e além disso os Kyrios da Missa, alternados por tres ternos, em reverencia da Trindade Santissima, como entre outros, escrevem Eulario, e Durando, multiplicando-se por este modo na Catholica Igreja a adoração profunda, e os reverentes Trifagios, com que sempre tributou gloria a Deos, tanto Trino nas Pessoas, como unico na Effencia, havendo-se para tudo já introduzido no uso commum della pelos Santos Pontífices Xisto I. e Thelesphoro os Angelicos Hymnos: *Sanctus, Sanctus, Sanctus, & Gloria in excelsis Deo.*

Burius in Damazo I. & Gregorio I. pag. 58. & 89. Durandus. lib. 4. cap. 12. an. 3.

Burius in Xisto I. pag. 13. & in Thelesphoro p. 14. Durandus lib. 4. cap. 13. & 34.

CAPITULO LXXXVI.

Profegue a mesma materia da solemnidade dos Triduos, e regalias da nossa Espanha a esse respeito.

543 **D**E todos os ponderados principios, e especialmente desde os tempos

Bonucci Epit. Chronolog. lib. 2. Cap. 7. Secl. 4. pag. 233.

de S. Damaso, de quem escreve o Padre Antonio Maria Bonucci da Companhia de JESUS, que além da instituição referida, ordenara que na Missa se dissesse o Symbolo do primeiro Concilio Niceno, e supposto que Ilhescas attribua esta acção ao disposto no mesmo Concilio, e tambem tanto elle, como Guilherme Burio ao Santo Pontífice Marcos, tudo seria, não só por instituição, mas por repetida confirmação Apostolica; e assim mais, depois de no anno de 381. por ordem do mesmo S. Damaso, a diligencias do Espanhol Emperador Theodozio o Grande se celebrar o segundo Concilio Geral Constantinopolitano, em que da mesma fórte se estabeleceo a igualdade admiravel da Terceira Pessoa da Santissima Trindade, pronunciando-se nelle, conforme Ilhescas, outro symbolo semelhante ao que na Missa se canta; entendemos teve primaria origem, não só a Festa deste grande, e portentoso Mysterio; mas formalmente a veneravel attenção, que os Catholicos mostraraõ sempre ao numero ternario, fazendo pelo discurso dos tempos publica ostentação delle nos plauziveis Triduos, que ordina-

Ilhescas Hist. Pontific. lib. 2. Cap. I. 2. 4. 6. Burius Notit. Roman. Pontific. in Mart. co. pag. 51.

dinariamente solemnizaõ em funcões magnificas, e celebridades grandes, qual foy a do prezente assumpto em Matozinhos.

554 Mas, ou se originassẽm das disposições do primeiro Concilio Niceno, ou dos Decretos do de S. Damaço celebrado em Constantinopla, ou de ambos estes principios, mandados observar universalmente pelos Catholicos Emperadores Constantino, e Theodosio, que concorreraõ, quanto lhes era permitido, ao estabelecimento de hum, e outro Concilio; se nos faz digno de notar (e a esse fim se encaminha todo este ultimo discurso) que no primeiro Concilio Niceno prezidio, e foy legado de S. Sylvestre I. do nome nacional Romano, Osio Espanhol, Bispo de Cordova: o segundo Concilio Geral Constantino-politano foy ordenado, e disposto pelo Summo Pontifice S. Damaço, que não só era nacional Espanhol; mas especialmente Lusitano; e já se vay manifestando, tanto a conformidade que Espanha sempre teve com Roma, Cabeça espirital da Igreja Catholica, como quanto a grandes progressos de Religiaõ, e de piedade da mesma Igreja, concorreraõ nas suas instituições, talentos gravissimos da mesma Espanha, e com especialidade da Lusitania.

545 De S. Damaço não ha duvida, e o affirmam tambem Guilherme Burio, ser o primeiro Pontifice Espanhol, e Lusitano, como na realidade o era, e natural da Villa de Guimarães da Provincia de Entre Douro, e Minho, que tambem foy esclarecido berço do primeiro Rey de Portugal por Christo Senhor Nosso, com admiral

*Burios Notie.
Roman. Pon-
tific. in Dama-
so. pag. 56.*

ravel prodigio instituido ; e nestes termos fica claramente manifesto , que governando a Igreja de Deos hum Lusitano , não só se confirmou em Concilio Ecumenico a verdade definida no 1. Concilio Niceno da igualdade do Filho ao Eterno Pay , mas se definiu tambem a do Espirito Santo , Terceira Pessoa da Santissima Trindade , estabelecendo-se contra os Hereziarchas a certeza deste profundissimo Mysterio , o qual para se fazer mais publico , e manifesto a todo Orbe Catholico , principiaria logo solemnemente a festejar-se , e em sua veneração o numero ternario , nas funções sagradas a repetir-se , originando-se tambem deste religioso principio a regulada celebração dos Triduos, q̄ muitas vezes vemos praticar-se.

546 Não he menos digno de notar-se que o Emperador Theodosio I. chamado, por Antonomastia , o Grande , que tanto concorreo para o expediente , e bom effeito do referido Concilio Constantinopolitano , e em observancia do decretado nelle , em reverencia do Altissimo Mysterio da Santissima Trindade expedio para todo o Romano Imperio , os Decretos admiraveis , que

Sigonius de
Occident. Im-
perio lib. 8.
pag. 128. &
130.

Carlo Sigonio traz copiados , foy nacional Espanhol , e parece podemos dizer que Lusitano , por ser natural da antiga Cidade de Cauca na Provincia de Galiza , que já mostramos se comprehendia na primeira Lusitania ; e que de Cauca fosse natural , expressamente o expende o Padre João

Buffieres Flo-
sculi Historia-
rum Areola.

de Buffieres da Companhia de JESUS , dizendo: *Anno 379. Theodosius Hispanus , Caucae in oppidum Galleciae oriundus.* O mesmo havia já referido do Idacio antiquissimo Bispo de Lamego no prin-

12. pag. 125

cipio

cipio de sua Chronica: *Theodosius natione Hispanus de Provincia Gallecia, civitate Cauca, a Gratiano Augustus appellatur.* E sem duvida que merece todo o credito Idacio, tanto por Escritor nacional, e tal Escritor, como por contemporaneo; pois acabou de escrever no anno de 468 e de muita idade falleceo no de 470.

547 O mesmo da naturalidade deste grande Monarcha, marginou Frey Prudencio de Sandoval na impressão do referido Idacio por authoridade de Zozimo, e pela de ambos o seguiu Frey Pelippe de la Gandara em seus Escritos, e problematicamente o apontou sem impugnação alguma Frey Francisco de Bivar nos commentarios a Flavio Dextro; e da mesma forte Filippe Ferrario; mas admiravelmente explanou este ponto o Licenciado Jorge Cardozo no Agiologio Lusitano. E supposto que este doutissimo Escritor entendeo, que a Cidade de Cauca era Villapouca de Aguiar, que se comprehende nesta Provincia de Entre Douro, e Minho do Reyno de Portugal, e não pareciaõ desproporcionados os indicios que disso aponta, com tudo como nos Geographos antigos, e no Itenerario de Antonino, se não acha mencionada mais que huma só Cauca, parece não podia fer esta a dita Villa pelos incontrastaveis fundamentos, que sobre esta materia expende o eruditissimo Reverendissimo Real Academico D. Jeronymo Contador de Argote.

548 Como porèm reconhece, que Cauca era huma das Cidades da Galiza Romara, não da primitiva, nem das dos tempos de Augusto, mas da

Idacius in Chronic. apud Sandovaliũ, & Symmondum. in principio.

Sandovalius loco supra citato. in margine.

Gandara. Armas y Triumphos de Galicia. Cap. 4. pag. 31.

Bivar in Dextrum. comment. ad Annum Christi. 382. num. 4. pag. 398.

Ferrarius Lexic. Geographic. lit. C. verbo Cauca Cardozo. Agiolog. Lusitan. tom. I. ao dia 17. de Jan. e seu Comment. lit. A. pag. 167. & 172.

Argote. Memorias de Braga tom. I lib. 2. cap. 10. a 622. & a pag. 377.

da do Emperador Adriano, que suppoem mais extensa, e que nos termos desta escreveraõ Idacio, e Zozimo, fazendo della natural ao grande Emperador Theodosio, deixando de apurar agora se os Povos Vaceos, a que a tal Cidade pertencia, ou em todo, ou em parte se comprehendiaõ na primitiva Galiza, como parece colherse de Ptolomeo, por naõ ser este o lugar dessa questãõ, e já ficar apontado, que em largas Dissertaçoens Academicas mostramos, que antes que o Emperador Octaviano Augusto dividisse a Espanha em tres Provincias, Tarraconense, Bética, e Lusitana, havia ella sido só dividida em duas, Citerior, e Ulterior, mediando-as o Rio Ebro, e que naõ só a Lusitania antiga se extendia ao mar Cantabrico, e comprehendia tudo o que do rio Douro corre até o Septentriaõ, e do Rio Ebro por aquella parte até o Occidental Oceano; mas ainda tudo o que era Espanha Ulterior havia sido Lusitania, e que ainda depois, naõ obstante a politica divisaõ de Augusto, se ficaraõ em muitos annos reputando por da Lusitania, ao menos nas memorias Ecclesiasticas, muitas Cidades, que della o tinhaõ sido, como Braga, e outras semelhantes, que por aquella divisaõ ficaraõ sendo da Provincia de Galiza; sempre nestes termos parece podemos reputar Lusitano, posto que *lato modo*, ao Emperador Theodosio.

CAPITULO LXXXVII.

Continua a mesma materia do Capitulo precedente.

549 **E** Se em abono do Licenciado Jorge Cardoso quizeffemos addicionar á segunda classe dos Escretores, que aponta affirmarem ser o Emperador Theodosio Espanhol, sem especificarem lugar do seu nascimento, podiamos accumularlhe Lucas Tudense, Affonso Garcia Matamoros, Marco Antonio Sabelico, Rafael Volaterrano, Platina, Carlos Sigonio, Frey Alonso Venero, Frey Bernardo de Brito, Frey Pedro Poyares, D. Francisco de Amaya, e sobre todos Claudiano o Alexandrino Egypcio. Porêm só os apontamos para que se veja o engano com que Ambrosio de Morales, e outros, não havendo duvida em ser Theodosio Espanhol, o quizerão suppor natural de Italica na Provincia Betica por authoridades de Claudiano, e do Conde Marcelino, havendo neste os defeitos que aponta Jorge Cardozo, e naquelle não haver clauzula, que abone lugar certo do nascimento de Theodozio, antes sim ser da Provincia de Galiza, como escreveu Zozimo, e Idacio; e o que mais he que tambem dormitou neste ponto o grande Homero Lusitano André de Rezende, que seguindo na ma-

Lucas Tudense. Chronic. Mundi in tom. 4. Hisp. Illustrat. pag. mihi 3. & 37. Matamoros de Accadem. Hisp. tom. 2. Hisp. Illustr. p. mihi. 808. Sabelicus. tom. 2. Eneid. 7. lib. 9. Col. 407. Volleranus. Anthropol. lib. 23 col. 706. Platina. de Vitis Pontific. in Anastasio I. pag. mihi 44. Sigonius de Occid. Imp. lib. 8. pag. 125. n. 40. Venero Enchir. de los tiempos fol. 98. vers.

Brito Mcnarch. Lusit. 2. part. lib. 5. cap. 26. Poyares Diccion. Lusit. verbo: Hespanha. §. 6. pag. 163. Amay. F. C. Observat. juris. lib. 3. cap. 5. n. 3. pag. 599. Claudianus. ad 3. & 4. Consulat. Honorii De laud. Stiliconis Et in Panegyrico Serenæ. Morales Chronic. de Hesp. lib. 10. Cap. 45. Resendus. Responf. ad Moralium. in 2. tom. Hisp. Illustr. pag. mihi 1026.

teria a Claudiano , como seguirão Sigonio , e Amaya, sem lhe attribuirem mais que o ser de Espanha , o suppoz Italicense, pelo que fica sendo indubitavel , em todas suas circumstancias a authoridade de Idacio , e por ella ser o Emperador Tneodosio , não só Espanhol , mas natural da Provincia de Galiza , e nos termos propostos, o podermos considerar Luzitano.

550 De Osio Bispo de Cordova , que como Legado da Sê Apostolica , prezidio no primeiro Concilio Niceno , em que principiou a estabelecerse a verdade infallivel do Altissimo Mysterio do Santissima Trindade, não parece haver duvida em ser nacional Espanhol , e como se lhe não descobre lugar certo do seu nascimento, poderemos entender com Bernardo Alderete ser natural da Cidade de Cordova, Colonia Patricia, na Provincia Betica , que tambem foy patria de hum , e outro Seneca , e do Poeta Luciano , e neste caso , como da mesma sorte tudo o daquella Provincia , antes da politica divisaõ de Augusto, em que destinou novas Provincias , instituiu Chancelarias, e Conventos Juridicos , pertencia à antiga Lusitania , que na forma referida era toda a Espanha Ulterior , parece podiamos , do mesmo modo , considerar o ser Osio Lusitano ; mas prescindindo de tudo isso , nos he sufficiente o ser o Romano Pontifice S. Damaço Lusitano , e Portuguez , e tanto elle , como Osio Bispo de Cordova , e o Emperador Theodosio naturaes de Espanha antigamente Ulterior , para termos a gloria , de que della , e só della sabisssem estas tres grandes columnas da Igreja Catholica , a

estabe-

Alderete.

*Antig. de
Hesp. lib. I.
cap. 3. p. 12.
e 16.*

estabelecer o principal Myfterio da Fé nella, como fica ponderado, rezultando d'isso a piedosa attenção ao numero ternario, e a devoção delle praticada na plauzível ostentação dos Ecclesiasticos Triduos, deduzindo-selhe de talentos egrejos de Espanha a origem primaria.

551 Grandes sem duvida forão estas tres Colunas da Igreja, e Religião Catholica, em que até no numero dellas parece houve mysterio, e não foy menos firme a de Osio, porque a quizeirão abalar as cavilosas industrias dos perfidos Arrianos, e em seu acreditado abono, por não accumularmos multiplicados, e doutifsimos Escritores, que são muitos, e sobre todos Santo Athanasio, he bastante o ver-se o que delle larga, e doutamente escreveu o sobredito Bernardo Alderete, e o Padre Frey Paulo de S. Nicolão nas Antiguidades de Espanha, dignos de com attenção ponderar-se por tratarem largamente este ponto, que tambem honorificamente tocarão Lourenço Beyerlinch, Matamoros, Frey Francisco de Bivar, e o Padre Graveson, ficando assim firmes, e de grandes confirmadas as tres colunas referidas, e pendentés dellas a origem primaria dos solemníssimos Triduos, que nas festas celebradas se ostentão, como o do presente assumpto em Matozinhos.

552 Mas que muito que da Espanha Ulterior, ou antiga Lusitania, sahissém tão esclarecidos talentos, a serem firmes triplicadas colunas da Igreja Catholica, se na mesma Espanha, havia então mais de dois seculos, se achava mysteriosamente em Matozinhos depositada a venera-

Alderete. ubi supra lib. 1. cap. 3. a pag. 76.

P. Nicolas. Antig. Eccl. de Hesp. Sigl. 4. cap. 26. final.

Beyerlinch. Theatr. Vit. hum. tom. 3. tit. Episcopus. Not. C. pag. mihi 106.

Matamoros. de Accadem. Hisp. in Hisp. Illustr. tom. 2. pag. mihi 809

Bivar. Comment. Dextr. ad annum. Christi 306. n. 2. a p. 388.

Graveson. Hist. Eccl. tomo 1. pag. 95. Col. 1.

Joanis. c. 13.
3.

vel Imagem daquelle Senhor, em cuja mão havia o Eterno Pay constituhido tudo : *Omnia dedit ei Pater in manus.* E parece que a mão foy o mesmo Senhor, dispondo estes egregios Heroes, a serem agigantados Atlantes do mais Soberano Olympo, qual o Altissimo, e grande Myfterio da Santissima Trindade, tão elevado, eminente, e excelsó, e de esplendor tão luminoso, que para o Evangelista Aguia perceber delle algum rayo, foy preciso que por reflexo o participasse sô dormindo : *Erat ergo recumbens unus ex discipulis ejus in sinu Jesu. Itaque cum recubisset ille supra pectus Jesu. Qui & recubuit in cana super pectus ejus.* Sendo notavel a circumstancia, de que tres vezes repitisse esta fineza o Sagrado Texto, e fosse reclinatorio o peito da Segunda Pessoa da Santissima Trindade, e mais o que disto rezultou sô Deos o sabe ; porque sendo Christo preguntado na materia : *Domine hic autem quid!* (Permitase-nos accomodar a esta ponderação o Texto) Respondeo o Senhor : Assim quero que fique ; assim particularmente illustrado : *Sic eum volo manere.* E assim ficou o amado Evangelista ; mas sempre impenetravel o Myfterio, e iô da Fé definido por Trino nas Pessoas, e Unico na Essencia, do modo que declarou o mesmo Sagrado Evangelista. *Quoniam tres sunt, qui testimonium dant in Cælo : Pater, Verbum, & Spiritus Sanctus : & hi tres unum sunt.*

Joan. C. 13.
v. 23. 25. &
C. 21. v. 20.
21. 22.

Joan. Epist. I
C. 5. 7.

553 Columnas foraõ agigantadas, e do fim da terra da antiga ulterior Espanha extrahidas pela Divina Providencia para firmes propugnaculos da Igreja Catholica, e do Altissimo Mysterio

terio da Santissima Trindade, por este terno de etc. arecidos Heroes effabelecido, e com tanta gloria da mesma Espanha, que em feu applauso pôde dizer melhor que Claudiano nos louvores de Serena sobrinha do Emperador Theodosio.

*Divitiis undasse Tagum, Callæcia risit
Floribus, & roseis formosus Duria ripis. &c.*

E muito mais sendo todos tres, e qualquer delles celestialmente dotados das relevant s excellencias, que insinuaõ as ethymologias de seus nomes; pois o de S. Damaso, em latim he *Domanus*, deduzido de vocabulo Grego que significa *domar*, e deste o de precioso *Diamante*, em razãõ da dureza, com que a todo o contrario reziste, como pondera Guilherme Burio: *Damasus latine unde adamas lapis pretiosus praeduritie inaomabilis*. E por essa razãõ Gaspar Estacõ affirma que em hum Concilio fora S. Damaso denominado: *Diamante da Fè*.

554 Do nome de Osio, escreve Alderete, deduzirse de epiteto Grego, que exprime: *Santo, honesto, & puro*, e outros predicados de qualidade semelhante; e por Santo era Osio celebrado a 5. de Novembro na Syria, onde havia Igrejas dedicadas a seu nome, notado tambem no Kalendario dellas: *Hosii festum solemne*; como expende Bivar. Do de Theodosio refere Aurelio Victor, que fora em sonho a seus pays revelado, para que delle se entendesse ser dado por Deos: *Huic ferunt nomen somnio parentes monitos sacravisse, ut Latine intelligamus a Deo*

datum;

Burius. Notit. Roman. Pontific. in Damas. & finali Onomastico. verbo. Damasus p. 56. & 476. Estacõ Antig. de Portug. C. 16. n. 7.

Alderet. Antig. de Hesp. lib. 1. Cap. 3. pag. 12. Bivar. in Dextrum. cõment. ad ann. Christ. 360. n. 2. pag. 389

Aurelius Victor Epitom. in Theodosio

Camerarius. datum; e da mesma sorte o insinua Joaquim Ca-
Catal. Caesar merario: Theodosius Hispanus diuino in somnis
in Theodos. monitu hoc nomen sortitus. Bem desempenhou
super post eite grande Monarca do veneravel nome a Ethy-
Hist. Ecclesi. mologia, e porisso fez delle honorifica menção
Theodorici p. Molano nas Addiçoens ao Martyrologio de Ufu-
mibi. 803. ardo, além de outros, e da honra que lhe con-
Molanus in cede a Igreja Grega pondo-o no Menologio dos
Addit. Mar- seus Santos, como afirma o Licenciado Jorge
tyrol. Usuar- Cardozo.
di. de 17.
Januarii.

Cardozo Agi-
olog. Lusit.
tom. I. com-
ment. a 17.
de Janeiro.
lit. A. p. 174.

CAPITULO LXXXVIII.

Profegue, e se conclue a materia dos dois
Capitulos precedentes.

Paulus Epist.
I. ad Corint.
C. II. 19.

Bonucci Epit.
Chronol. lib.
3. Cap. 6.
a pag. 341.

555 **S**Endo taes, e tão grandes as tres co-
 lumnas da Igreja referidas, he final-
 mente digno de notar, dizer S. Paulo, que con-
 vinha haver herezias: *Nam oportet & haereses ef-*
se, e assim as houve por altas disposições da Di-
 vina Providencia, desde o principio da Igreja
 Catholica emanadas de Judas Escariothes, pri-
 meiro Apostata do Christianismo, e taes quaes in-
 dividualmente, entre outros expende o P. Anto-
 nio Maria Bonucci, mas he de advertir, que sup-
 posto os Hereges Ebionitas, Cerinthios, e Nico-
 laitas do primeiro seculo, e do segundo os Sa-
 turnianos, Capocracianos, Valentinianos, e Mon-
 tanistas, por varios modos, principiaffem a ne-
 gar a Divindade, e regalias de Christo, e no
 terceiro seculo Paulo Samosateno, e seus seque-

zes a consubstancialidade do mesmo Senhor, e não baptizassem em nome da Santissima Trindade: com tudo, como entrando o quarto seculo, excedeo a todos, e mais geralmente o maldito Arrio, em negar não só a Divindade de Christo, mas tambem a do Espirito Santo, havia Deos disposto ao mesmo tempo em Espanha ao Bispo Osio para propugnaculo de tanto, e tão alto Mystério, que elle como Prezidente estabeleceo no primeiro Concilio Niceno, e a diligencias da Igreja Catholica, e do Emperador Constantino Magno, por elle na verdadeira Fè instruido, estabelecco o mesmo em outros Concilios, como das Historias Ecclesiasticas he bem manifesto.

556 Mas porque ainda no mesmo quarto seculo continuou Photino a negar a consubstancialidade de Christo, e Macedonio a do Espirito Santo, e contra elles houve varios Concilios, em alguns dos quaes prezidio ainda o Bispo Osio, dispoz Deos da mesma forte, que de Espanha fahiem o Summo Pontifice S. Damaso, e o grande Emperador Theodosio para acabarem de estabelecer na Igreja Catholica a infallivel verdade do Altissimo Mysterio da Santissima Trindade, em que houve o plenario effeito, que fica referido, e das mesmas Ecclesiasticas Historias se faz certo, e por tudo indubitavel, que a Espanha Ulterior foy singularmente o berço, em que se criaraõ os tres Heroes esclarecidos, que na mesma Catholica Igreja foraõ os agigantados Atlantes, e as firmes columnas, que sustentaraõ nella o pezo infinito, e essencial de toda a gloria interminavel, a pezar do Inferno, e seus terrenos Ministros,

nistros, quaes os abominaveis Hereziarchas, procedendolhe os vigorosos alentos a dissipar tantos contrarios, daquelle sagrado Penhor, que já dos principios do segundo seculo se achava em Matozinhos depositado.

557 E supposto, que já no fim do quarto seculo, por altos Juizos de Deos se fulcitasse tambem em Espanha a tremenda feita dos Priscilianistas, houve com tudo logo nella os fortes Idacios, e outros Prelados inignes, que cortandolhe a raiz a dissiparaõ. E supposto que tambem nella entrasse com as Nações Barbaras a do Arrianismo, além de ser sempre impugnada, não foy na mesma tão geral, como nas outras Provincias, pelos muitos Concilios que se celebraraõ em Espanha a constraitalla; e nem durou tanto, que não fosse ainda nos tempos dos Suevos reprimida, e no dos Godos totalmente extincta reinando em toda a Espanha o gloriosissimo Recaredo, que com prodigioso assombro no terceiro, e sempre memoravel Concilio Toletano celebrado no anno de 589. fez publica profissão da Fé Catholica, com expressão admiravel do Altissimo Mysterio da Santissima Trindade sempre na mesma Espanha pelos Nacionaes reverenciado, e por essa razaõ em todo o tempo affectos ao numero ternario, de que se seguiu observarem no religiosamente nas Ecclesiasticas funcções dos Triduos pelos ponderados principios das definições estabelecidas nos Concilios Geraes Niceno primeiro, e Constantinopolitano segundo por Osio, e S. Damaso, e mandadas observar em todo o Romano Imperio pelo Emperador Theodosio.

558 E se finalmente dos tres Hereziarchas Arrio, Photino, e Macedonio, taõ empenhados em negar o admiravel Myfterio da Santissima Trindade, se pode considerar serem o Infernal Cerbero de tres cabeças, que là do Oriente furiosamente arrogantes, pertendiaõ devorar, e escurecer a verdade infallivel da plena igualdade das Tres Divinas Pessoas, permitio Deos, por todas as razões de congruencia referidas, que cá do Espanhol Occidente, se lhe oppuzesse o mais que Herculeo alento de outras tres Catholicas cabeças a destroçar aquellas hereticas, como destroçaraõ com tanta gloria, e triunfo da Igreja Romana, que tambem na parte Occidental do Mundo constituhida pode gloriarse de por estas tres columnas haver chegado ao *Non plus ultra* de ver restabelecida em seu gremio a confissãõ reverente do Myfterio principal, que como filhos della adoramos,

559 Bem acreditada se achava já neste Occidente com esclarecidos prognosticos, e antecipados annuncios, tanto no figurado Myfterio, como na triplicada representaçãõ dos Atlantes d'elle. Prodigiosamente havia sido figurado o Myfterio, quando no feliz dia do nascimento de Christo, com assombro admiravel foraõ vistos tres Soes em Espanha, que logo em hum só se uniraõ, como por authoridades de Julio Obsequente, e Santo Thomaz escreve Luiz Marinho de Azevedo, e adverte o Padre Frey Joã de la Puente, que este portento foy symbolo da Trindade Santissima, que nesta parte havia de ser primeiro, e melhor annunciada, e reconheci-

Marinho de Azevedo. Fundaçãõ, e Antig. de Lisboa. lib. 3. cap. 11. pag. 240. Puente. Convenienc. de las dos Monarch. lib. 1. cap. 7. §. 4. p. 42. & lib. 3. cap. 34. §. 2. pag. 208.

da, que em qualquer outra nação, ou Provincia, ensinando o Ceo aos Espanhóes por este modo, que Deos he Tres Pessoas em huma só substancia, e que por esta genuina razaõ desde que em Espanha se recebeo a Fé deste Divino Mysterio, nunca nella faltou a verdadeira Religiaõ, sendo sempre a Theologia delle mais altamente explicada nos nossos antigos Concilios, como bem delles se manifesta.

560 E porque na luz, e no Sol, na Lua, e nas Estrellas se symbolizaõ os Mestres da Igreja, e os mayores foraõ sempre no Sol symbolizados, pondera mais o Padre Puente, que nos referidos tres Soes apparecidos em Espanha se symbolizavaõ tambem os tres grandes Apóstolos San Tiago, S. Pedro, e S. Paulo, que haviaõ de vir, como vieraõ, successivamente a ella estabelecer a Fé Catholica; e como Deos permitio por altissimos fins da sua Divina Providencia, taes disposicoes em Espanha, attendida sempre a grandes emprezas, parece podemos considerar que neste prodigioso symbolo se representavaõ juntamente os tres esclarecidos Heróes, que da mesma Espanha haviaõ de hir propagar em todo o Mundo a verdade do Mysterio estabelecido, e reverenciado nella desde a prègação Apostolica, vindo a ser isto, como huma retribuição agradecida, com que em mutua sagrada correspondencia celestialmente disposta gratificasse o Occidente ao Oriente as luzes comunicadas do mais alto esplendor da eterna gloria, qual o Mysterio da Trindade Santissima, e tudo por admiravel anticipada representaçãõ delineado nesta Espanhola Provincia.

561 E assim parece que á vinda de Santiago, que foy o Sol, ou grande Mestre primeiro, que veyo a Espanha, correspondeo o grande Oficio Bispo de Corcova; sendo tambem dos tres Heroes o primeiro, que foy do Occidente Espanhol, qual outro ardente rayo forjado na solida doutrina de tanto Mysterio, illustrar com a pura confissão d'elle, a mayor parte dos Concilios, que por esta occasiã se celebraraõ no Oriente Asiatico. A S. Pedro, e S. Paulo, segundo, e terceiro dos grandes Mestres, ou Soes esclarecidos, que em pouca differença de tempos vierã à mesma Espanha, corresponderã della o segundo, e terceiro Atlantes da mesma Fé S. Damaso, e Theodosio, correndo desta para aquella parte, como brilhantes Astros, a concluir, e estabelecer no Orbe Catholico o claro conhecimento de taõ profundo Mysterio. A S. Pedro, que não só foy pedra; mas pedra seixo, especie a mais dura deste genero: *Petrus saxum, petra*, dizia respeito S. Damaso, pela propriedade do nome, symbolizado no de Diamante, pedra a mais dura das preciosas, como fica ponderado. A S. Paulo, vazo de eleiçã por Deos escolhido: *Vas electionis est mihi*, para Pregador Apostolico, e Doutor das Gentes na Fé, e na verdade: *Prædicator & Apostolus, Doctõr Gentium in fide, & veritate*, correspondeo Theodosio, dado por Deos, para ser Monarca do Romano Imperio, em que formou edictos publicos a todas as Gentes d'elle, com expressoens da Fé, e da verdade do mesmo admiravel Mysterio.

Index Interpret. nom. Bibl. lit. I. verbo: Petrus

Act. Apostol. c. 9. v. 15.

Paul. Epist. I. ad Timot. c. 9. v. 7.

562 Na certeza ultimamente de prodigios
taõ

taõ claros se manifesta bem a disposiçaõ admiravel, que havia nesta parte Occidental da antiga ulterior Espanha, naõ só para ser perpetuado memoravel deposito da Sagrada imagem de Christo Crucificado, que em Matozinhos se venera como Retrato de Christo Filho de Deos, segunda Pessoa da Santissima Trindade, desde os primitivos progressos da Igreja Catholica; mas tambem para que della sahisssem os tres esclarecidos Heroes, Osio, S. Damaso, e Theodosio a restabelecer na mesma Igreja, e propor a seus militantes filhos a reverente adoraçaõ a tanto Mysterio; reconhecendo-se naõ menos, que de taõ altos, e gloriosos principios procede a religiosa attençaõ dos Espanhoes ao numero ternario, e que pela continua, e proporcionada serie dos tempos vieraõ a consagrar em solemnes Triduos a perenne memoria delle, tudo por disposiçoens ineffaveis da Divina Providencia, que por todos os seculos eternamente seja louvada.

*LAUS DEO OPTIMO MAXIMO,
Virgini que Matri.*



PROTESTACAM

5

DO AUTOR.

TUdo quanto fica dito, ponderado, e escrito neste volume, fogeitamos humildemente, e a nós mesmo à correccão da Santa Madre Igreja Catholica Romana, com todos os reverentes requisitos, e protestos necessarios para este effeito, que havemos por individualmente expressos, e declarados &c.

Antonio Cerqueira Pinto.



INDEX

DAS COUSAS NOTAVEIS.

O numero denota o numero das paginas

A

Abdelazin

C Apitaõ Mouro conquistou a Cidade do Porto no anno de 716. da Redempçaõ pag. 155.

Adriano.

Emperador, no seu tempo continuou a terceira perseguiçaõ da Igreja. 83.

D. Affonso Henriquez

I. Rey de Portugal naceo em Guimaraens. 124.

Y

Alpha,

Alpha , e Omega

Estes dous nomes se punhaõ nas sepulturas dos Catholicos para differença dos Arrianos. 136.

Andaluzia

Quando foy instituida Provincia com o nome de Betica por Octaviano Augusto. 23.

Arisberto

Bispo do Porto occultou a Imagem do Senhor de Matozinhos por naõ ser sacrilegamente ultrajada pelos barbaros. 131.

Ataces

Rey dos Alanos cazou com Cindasunda filha de Hermenerico primeiro Rey dos Suevos. 125.

B

Bouças

Antiguidade da sua Igreja. 147. foy Padroado da Raynha D. Teresa, mulher do Conde D. Henrique, e de sua neta a Raynha D. Mafalda. ibi.

Braço

Em que dia, e anno appareceo o da Imagem do Senhor de Matozinhos. 30. e 31. como foy a sua prodigiosa invençaõ. 34. Milagrosamente

samente se unio ao corpo da Santa Imagem.

35.

C

Cabido

*Do Porto, foy o que celebrou o primeiro dia do Tri-
duo dedicado à nova collocação do Senhor de
Matozinhos. 281. & seqq.*

Cayo Carpo

*Foy na opiniaõ de muitos o Cavalleiro, a quem suc-
cedeo o milagre, quando passou o Corpo de S. Tia-
go defronte de Matozinhos, e se explica o seu
epitafio. 97. 98. & seqq.*

Cávado

*Este rio equivocaraõ com erro manifesto muitos
authores com o rio Leça. 206. Foy antiga-
mente chamado Celano, e porque? 210.*

Christo

*Cõm quantos cravos foy crucificado? 72. foy in-
visivelmente cuberto com huma toalha por ef-
tar todo despido na Cruz. 76.*

Concilio

*Constantinopolitano 3. foy congregado contra
os hereges Monothelitas, e porque cauza? 41.
muitos dos seus Canones são apocrifros. 42.*

Y 2

em quaes

em quaes se tratou da Veneraçãõ das Imagens.

43. Na Cidade de Braga celebra Pancraciano Arcebispo desta Metropoli hum, e para que fim? 131. Em que anno foy celebrado o Niceno? 308. Nelle se estabeleceo a verdade do Mysterio da Santissima Trindade. tit. No 2. geral Constantinopolitano se decretou a igualdade da terceira Pessoa da Santissima Trindade com as outras duas divinas Pessoas. 310. No Toledano celebrado no anno de 589. fez publica profissãõ da Fé Recaredo. 322.

Confrarias

Ou Irmandades, quando começaraõ em Italia 39. por esta palavra se entendiaõ os Congregaçoens dos Fieis. ibi. a de S. Pedro de Sacerdotes do lugar de Matozinhos solemnizou o terceiro dia do Triduo consagrado ao novo Triunfo do Senhor de Bouças. 298.

Constantino Magno

Em seu tempo se fizeram publicos os Templos da Cristandade. 13.

Convallo

Rey de Escocia levava diante da sua Pessoa pelas jornadas huma Cruz de prata com Christo senhor nosso nella crucificado. 50.

Convento

Da Conceição de Matozinhos de Religiosos Franciscanos em que anno se mudou do antigo de S. Clemente das Penhas. 200. os seus Religiosos celebraraõ o segundo dia do Triduo dedicado à nova collocação do Senhor de Matozinhos. 288.

Cravos

Com quantos foy Christo crucificado? 72.

Cruz

Em que dia, e anno foy descuberta por Santa Helena? 16. Tomou-a por armas Oçtaviano Augusto, quando conquistou as Espanhas. 18. Nunca foy em Espanha affrontoso patibulo. ibi. huma de prata levava diante de si pelas jornadas Convallo Rey de Escocia. 50. Que forma teve a em que Christo senhor nosso foy crucificado! 80. De que forma he fabricada a do Senhor de Matozinhos. 81.

Culto

Qual foy, o que teue a Imagem do Senhor de Matozinhos desde a sua apparição neste lugar athe a entrada dos Suevos? 126. & seqq. e 135. & seqq.

D

S. Damafo

Pontifice Romano foy natural de Guimaraens. 124. e 311. Institubio , que no fim de cada Psalmo se disseffe Gloria Patri, & 309. Por sua ordem no Concilio Constantinopolitano 2. se estabeleceo a igualdade da terceira Pessoa da Santissima Trindade com as outras duas divinas Pessoas. 310.

ElRey D. Diniz

Deu o Padroado da Igreja de Bouças ao Bispo do Porto D. Giraldo Domingues. 148.

E

Ebion

Heresiarcha affirmava que Christo era puro homem. 65.

Elifa

Neto de Noe fundou Lisboa. 25.

Epitafo

De Cayo Carpo , e sua mulher , impugnase a traducção

*traducção, que delle fez F. Luiz dos Anjos 99.
& seqq.*

Era

De Cesar, ordenou D. João o I. de Portugal que se contasse pelo Nascimento de Christo. 6.

Estatua

Em Cezaréa levantou huma a mulher, que o mesmo Senhor curou do fluxo de sangue. 88. Em lugar della quiz collocar huma sua Juliano Apostata, que foy do Ceo fulminada. ibi.

S. Eustachio

Como se converteu a Christo ! 47.

F

S. Felix

Primeiro Eremita da Europa foy natural de Entre Douro, e Minho. 123.

Fonte

He prodigiosa, a que brotou no lugar, onde aportou a Imagem do Senhor de Matozinhos, a qual ainda se conserva. 33.

G

Gayo Lelio

Pretor Romano fundou o Castello de Gaya, que se demolio no reinado del-Rey D. Joaõ o I. de Portugal. 147.

D. Giraldo Domingues

Recebeu o Padroado da Igreja de Bouças del-Rey D. Diniz. 148. em que anno morreo, e onde está sepultado? 190. Instituhio cinco Cappellarias na Igreja de Matozinhos. ibi.

Gotfredo de Bulhoens

Quando conquistou Jerusalem, descubrio o Sudario, em que Christo foy envolto. 86.

S. Gregorio Magno

Instituhio, que no principio das Horas Canonicas se disseffe Deus in adjutorium, com o Gloria Patri. 309.

H

Hespanha

Em que anno da Fundaçã de Roma se fez a sua divizãõ

divizão pelos Romanos. 22. Dividio-se em duas Provincias Citerior, e Ulterior. ibi. Foy dividida por Octaviano Augusto em Tarraconense, Betica, e Lusitana. 23. A ella veyo duas vezes Noe, e porque cauza? 27. Nella se veneraraõ as Imagens antes de Constantino Magno. 45. Em que anno entraraõ nella as Naçoens Septentrionaes. 129. & seqq. Em que anno entraraõ nella os Mouros! 139. No fim do decimo seculo padeceo lamentavel estrago. 159. Della naceu a Veneraçãõ ao altissimo Mysterio da Santissima Trindade. 310. & seqq.

S. Huberto

Sua prodigiosa Conversãõ. 48.

I

Igrejas

Logo se edificaraõ na Igreja primitiva. 36.

. Imagem

Do Santo Christo de Matozinhos em que era chegou a este porto? 5. Examina-se o anno em que aportou. 8. e 9. Em que dia chegou à praya de Matozinhos 15. e 16. He prodigiosa a de

Z

Christo

Christo, que está em Berintbo. 49. Huma do mesmo Senhor Crucificado he ferida em Hespanha por hum Judeo, da qual sabio sangue. 50. A do Salvador do Convento das Dominiccas de Lisboa quando foy descuberta? 51. He Veneravel a que se conserva em Valhelhas no Bispado da Guarda. 52. Tambem o he a de Santarem, a de Coimbra no Convento das Donas, e a de Alesquer no Convento dos Franciscanos. 53. Como he formada a do Senhor de Matozinhos. 78. e 79. Cauzas porque veyo de Palestina, e do anno, em que aportou na Luzitania. 82. 83. e 84. Pondera-se, porque aportou em Matozinhos, e não em outro lugar. 89. 90. Do culto, que teve desde o tempo da sua appareção athe a entrada dos Suevos em Hespanha. 126. e 127. Por cinco occasioens foy levada em Procissão à Cidade do Porto, e se assinaõ os annos. 168. & seqq. Em que anno se fez a nova collocação desta Imagem para o seu novò trono, e da magnifica pompa, com que se fez este triumpho. 229.

Imagens

Em que Concilios se decretou a sua Veneração. 43. Forão mandadas venerar publicamente por Adriano I. 44. Tiverão veneração em Hespanha

panha antes de Constantino Magno. 45. As da Virgem Senhora Nossa com o Menino Deos nos braços em que tempo se comecarão a praticar. 65. As dos Santos se conservarão com grande veneração em diversos Seculos. 88.

Joaõ XXII.

Decretou dia proprio para a Festa da Santissima Trindade. 308.

D. Joaõ o I.

De Portugal ordenou que se contasse pella Era do Nascimento de Christo. 6.

D. Joaõ o III.

Em que anno concedeo à Universidade de Coimbra o Padroado da Igreja de Matezinhos. 188.

Juliano Apostata

Mandou sacrilegamente collocar huma sua Esttua em lugar de huma de Christo Senhor Nosso, que foy do Ceo fulminada. 88.

L

Leça

Donde se derivou o nome a este rio. 121. e 214. Alguns Authores o equivocarão erradamente cõ o rio Cávado. 206.

Leixoens

São huns penhascos no sitio, onde está o Padraõ do Senhor de Matozinhos. 14.

Liberto

Era diverso de Libertino. 105.

Lisboa

Foy fundada por Elysa neto de Noe. 25.

S. Lucas

He opiniaõ de muitos, que não pintasse Imagens. 63. Prova-se que foy Pintor, e que são verdadeiramente suas as pinturas, que se lhe attribuem 64.

Lusitania

Quando foy restringido o seu Limite entre os rios Guadiana, e Douro por Oçtávio Augusto. 23. Comprehendia a Hespanha Ulterior antes da divisãõ feita pelo mesmo Emperador. ibi. Como se entende o que escreve Estrabaõ, que era cingida pelo Tejo da banda Austral. 24.

M

D. Mafalda

Raynha de Portugal pertendeo erigir a Igreja de Bouças em Convento de Freiras de Cister. 148.

Maho-

Mahomad Almançor

Innade os Estados de Bermudo. II. Cauza-lhe lamentavel esfrago. 160. Conquista as melhores Cidades de Portugal, e Galiza. ibi.

Mayo

Neste mez apertou a Imagem do Senhor de Matozinhos àquellas prayas; e no mesmo appareceo depois de cincoenta annos o braço da mesma Imagem. 16. e 31. admiraveis circumstancias succedidas no dia quarto deste mez. 282. E no dia quinto. 288. E no dia sexto. 295.

D. Fr. Marcos de Lisboa

Bispo do Porto, em que anno fez as Constituições deste Bispado. 172.

Marispala

Mulher nobre fundou na Era 485. de Christo o Convento de Vayraõ. 136.

S. Martinho de Dume

Reduzio a Theodomiro Rey Suevo a Fé Catholica. 138.

Martyres

Mil duzentos, e cincoenta morrerão abrazados por ordem de Aureliano no tempo do Emperador Adriano. 38. Mil, e vinte tres forão martyrizados em outra perseguição imperando o mesmo Adriano. 84. No anno nono deste Prin-

cipe foraõ crucificados dez mil. ibi.

Matozinhos

Foy este lugar o primeiro das Hespanhas , que recebeu a Fé de Christo. 8. e 90. A vista deste lugar parou o corpo de S. Tiago , que vinha embarcado da Palestina. 91. No seu porto he provavel que desembarcou S. Tiago para pregar o Evangelho. 119. e 120. Da sua antiguidade , e nobreza. 150. Descreve-se o seu governo politico. 199. Ethymologia do seu nome. 202.

Moninho Viegas

Quem era este Fidalgo ! 161. Restaurou a Cidade do Porto do poder de Almançor 165.

Mouros

Quando entraraõ em Hespanha. 139. Permittiam Templos aos Christãos. 140. Morrerãõ cento, e vinte e quatro mil na batalha de Covadonga. 143.

N

Nero

Exercitou o officio de pescador. 151.

Nicodemus

Sobreviveo bastante tempo a Christo Senhor Nosso

57. *Sustentou-o por muitos annos Gamaliel em huma sua herdade. ibi. Foy sepultado na Sepultura de Santo Estevaõ. ibi. Foy artifice de quatro Imagens de Christo Crucificado, das quaes se presume ser huma a do Senhor de Matozinhos. 59. Affirma-se que fabricara a Imagem que está na Cathedral de Orense em Galiza. 60. Recolheo o Sudario, em que Christo fora envolto, e por elle fabricou huma Imagem do mesmo Senhor. 62. Sinaes evidentes porque se mostra ser artifice da Imagem do Senhor de Matozinhos. 70. e 71.*

Noe

Veyo duas vezes a Hespanha, e a cauza da sua vinda. 19. e 27. Naõ foy Jano, como alguns imaginaraõ. 28. He verosimil que morreo na Lusitania. 29.

O

Octaviano Augusto

Depois de conquistar as Hespanhas tomou a Cruz por armas. 18. Dividio a Hespanha em Tarracõense, Betica, e Lusitana. 23.

Bispo de Cordova foy legado de S. Silvestre primeiro, e presidio no I. Concilio Niceno. 311.

P

Padraõ

Que estava na Praya de Matozinhos tinha a Epoca, em que aportou o Senhor de Bouças naquelle sitio. 5. 6. Em que anno foy reformada a Era, que nelle estava gravada. 12. Neste sitio não padecem naufragio as embarcações. 14. chama-se Espinheiro, e porque cauza! 15.

Pancraciano

Arcebispo de Braga congregou hum Concilio, e para que fim? 131. Como justamente se lhe deraõ neste Concilio os titulos de Arcebispo, e Senhor. 133.

S. Pedro, e S. Paulo

Vieraõ a Hespanha. 127.

S. Pedro de Rates

Foy o Prothomartyr das Espanhas. 123.

D. Pelagio

Na memoravel batalha de Covadonga, que alcançou dos Mouros, quantos morrerãõ nella. 148

Porto

Foy conquistada esta Cidade por Abdelazin no anno 716. da Redempção. 155. Foy seu Governador o Conde Hermenegildo Avo de São Rozendo. 158. Foy restaurada por D. Moninho Viegas, cuja ascendencia se descreve. 161. e 165. Nesta Cidade assistio à Raynha D. Teresa, de que se conservaõ muitos vestigios. 166. A esta Cidade veyo em Procissão cinco vezes a Imagem do Senhor de Matozinhos. 168. & seqq.

Procissoens

He muito antiga a sua instituiçãõ. 36. Huma muito solemne se fez, quando appareceo o braço do Senhor de Matozinhos. 37. Descreve-se largamente a que se fez quando o mesmo Senhor foy collocado na Capella nova, que agora tem. 242. & seqq.

Provincia de Entre Douro, e Minho

Descrevem-se as suas grandezas. 122. 123. & seqq. Foy felizmente restaurada no anno 745. da Redempção. 155.

R

Recaredo

Fez no Concilio Toledano publica profissão da Fé Catholica. 322.

Regulos

Varios , que teve Hespanha. 96.

Rivano

Chamavase o Cavalleiro , a quem succedeo o prodigio , quando passou o corpo de S. Tiago à vista de Matozinhos , como querem alguns Authores , e se impugna. 107.

S. Rozendo

Natural de Entre Douro , e Minho foy o I. Santo Canonizado conforme os ritos , que agora se praticão. 124.

S

Sudario

O em que Christo foy envolto , em que anno foy achado em Jerusalem ? 86.

T

Theodosio I.

Emperador donde foy natural? 312. Concorreo para a celebraçã do Concilio Constantinopolitano. 2. ibi.

Templo

Do Senhor de Matozinhos, que agora existe, em que anno foy fundado? 189. Descreve-se o seu ornato, as Capellas, que tem, e as festas, que nelle se celebraõ. 192. 3^o seqq. He Reytoria, que apprezenta a Universidade de Coimbra em pessoa formada em Theologia, ou Canones. 198. Novamente se reedificou com grande dispendio, e magnificencia. 226. 3^o seqq.

Raynha D. Teresa

Mulher do Conde D. Henrique foy do seu Padroado a Igreja de Bouças. 147. Assistio muito tempo na Cidade do Porto, de que se conservaõ grandes vestigios. 166.

S. Tiago

seu Cadaver vindo embarcado de Palestina parou à vista do lugar de Matozinhos, onde succedeo

succedeo hum caso prodigioso. 90. 91. e 92. em que dia, e anno succedeo este prodigio? III. 112. & seqq. O seu Sepulchro foy descuberto pelo Bispo Theodomiros. 113. He provavel, que em Matozinhos dezarbarcasse para prégar a Ley Evangelica. 119. 120.

D. Touriz Sarna

Em que tempo reedificou o Templo de Vayraõ. 161.

Triduo

Foy magnifico, o que se consagrou ao Senhor de Matozinhos, quando ultimamente se collocou a sua Imagem em o novo trono. 281. & seqq. Onde naceu a origem dos Triduos. 306.

Triunfo

Describe-se diffusamente o que se fez em applauzo do Senhor de Matozinhos novamente collocado no seu trono. 242. & seqq. Porque partes discorreõ? 259.

V

Vayraõ

Convento de Religiosas que antiguidade tem a sua
fuz

*fundação. 136. Foy reedificado no anno IIIIO.
por D. Touris Sarna. 161.*

Vesperas

*Porque cauza se começaraõ por ellas as Festivi-
dades? 17.*

Vesper

*Que mysterio tem porem os Mathematicos neste
Planeta huma Cruz. 17. Que significava es-
te Planeta para com os Gregos. ibi.*

Vesta

*Mulher de Noe fundou no valle de Chellas hũ
Convento de Virgens Vestaes. 19. Em huma
sua antigua estatua tinha pendente huma in-
signia, que figurava a Cruz. 20.*



THE UNIVERSITY OF CHICAGO
LIBRARY
1215 EAST 58TH STREET
CHICAGO, ILL. 60637
TEL. 773-936-3700
WWW.CHICAGO.EDU

THE UNIVERSITY OF CHICAGO
LIBRARY
1215 EAST 58TH STREET
CHICAGO, ILL. 60637
TEL. 773-936-3700
WWW.CHICAGO.EDU



THE UNIVERSITY OF CHICAGO
LIBRARY
1215 EAST 58TH STREET
CHICAGO, ILL. 60637
TEL. 773-936-3700
WWW.CHICAGO.EDU

FRANZ BOUNCE

...

MATTHEUS

...

...

...



S E R M A M E U A N G E L I C O ,

PANEGYRICO, HISTORICO, E APOLOGETICO,

Que em quatro de Mayo de 1733. primeiro dia do Triduo,

C O N S A G R A D O

A^c SACROSANTA IMAGEM DO SENHOR

D E

M A T O Z I N H O S

NA SUA TRASLADAC,AM SOLEMNE PARA
a Capella Mòr do seu grande Templo, e Exaltação a hum novo, e magnifico Throno,

Havendo no dia precedente acompanhado a Prociissão, em que a mesma Imagem Veneravel foy levada a abençoar os Mares atè àquelle sitio aonde fora seu milagroso apparecimento, o Illustrissimo Cabido da Santa Igreja Cathedral do Porto, e o Nobilissimo Senado da Camera da mesma Cidade; seguidos do Regimento do partido da mesma, e de hum grande concurso de Nobreza, e multidão de Povo.

P R E G O U

OM.R. MANOEL DOS REYS
B E R N A R D E S,

Conego Prebendado da Santa Igreja Cathedral do Porto, e Magistral de Escritura, Commissario do Santo Officio, e Juiz Conservador de algumas Religioens deste Reyno.

SER MAM

EUANGELICO

CONTEINENDO IL TESTO
DELLA BIBBIA
E LE PAROLE
DELLA VERBA

CONFESSIONE

DELLA FIDELTÀ

MATTHEO

IN QUA
SICUTI
E' DESCRITTO
IL FIGLIO
DELLA
DIAVOLE

IL FIGLIO
DELLA
DIAVOLE
E' DESCRITTO
IN QUA
SICUTI
E' DESCRITTO
IL FIGLIO
DELLA
DIAVOLE

DELLA

DELLA

DELLA

DELLA

DELLA

DELLA

DELLA

DELLA



J. M. J.

Sciens Jesus, quia omnia consummata sunt dixit, sitio dixit: consummatum est. Joan. 19. n. 28. & 30. Nunc vado ad eum, qui misit me. Joan. 16.



GRANDE solemnidade, e taõ superiormente grande, que para lhe formar a idea, foy necessario recorrer a dous Textos do mesmo Euangelista. O Euangelista S. Joaõ, que pe a geraçõ eterna do Verbo Divino, deo principio à sua Chronologia Sagrada: *In principio erat Verbum: & Verbum erat apud Deũ.* *Joan. Cap. I.* nos diz, que humanado o mesmo Verbo,

apparecera no Mundo: *In Mundo erat*. E foy advertir com agudeza devota o grande Drexelio, que logo, que o Verbo fora concebido, se achara Crucificado; antecipando na intenção a fineza em Nazareth, o que depois havia de

*Drexel. de Christo mo-
riente p. 412* de executar a ingratação no Calvario: *A primo vite momento Christus in Crucem actus est*, diz o Padre, *triginta quatuor annis in Cruce pependit*. Este pois amante Crucificado, Imagem, que era do Pay Eterno, diz o Evangelista, que no Mundo, onde apparecera, fora desconhecido:

Joan. Cap. I. *Mundus eum non cognovit*; e que pelos seus mesmos fora recusado: *Et sui eum non receperunt*. Continúa o Sagrado Chronologico os Annaes deste amante Crucificado, e diz, que atravessára os mares: *Abiit Jesus trans mare*; e que passára além de hum rio: *Trans Jordanem*: e que assim no mar, como na terra obrára tantas maravilhas, que na sua vassalagem reconheciaõ todos os Elementos o seu imperio.

Joan. 6. E que não menos eraõ feudatarios ao seu dominio os espiritos malignos, quando a efficacias da sua voz deixavaõ

os Energumenos: Que eraõ tantos os seus prodigios, como publicavaõ em rendimentos agradecidos os cegos, a quem restituhio a vista: os Paraliticos inveterados, a quem tirou das Piscinas: os Febricitantes moribundos, a quem, para lhes extinguir o calor ardente, bastou só a fê dos Padrinhos: Os Aridos estupidos, a quem fez flexiveis os nervos: Os leprosos incuraveis, a quem purificou do contagio maligno: Os mortos (e algum já cadaver quattriduanos) a quem fez reviver dos sepulchros, sem mais fadigas, que proferir hum *surge*, e dizer hum *veni foras*. E muitos mais; porque innumeraveis foraõ os que pelas suas conversões refurgiraõ do mortifero estado da culpa para a vida da Graça. Bem o exaggerava em Samaria *Joan Cap.4.* aquella peccadora, que levada do aca-so a huma fonte; fonte, que tambem era de poço: *Erat ibi fons: Puteus altus est*; dezejando beber agoa da vida, reconheceo, que a fonte era de milagres, e do Salvador: *Quoniam hic est Salvator*; *Joan. ibi* não só porque abjurou entre outros er-

ros , os falsos Dogmas dos Saduceos ; mas porque publicando a maravilha , foy instrumento para a conversão de innumeraveis scismaticos : *Et multo plures crediderunt in eum.* Refere mais o Evangelista , que por algum tempo estivera este Crucificado amante occulto : *Non manifeste , sed quasi in occulto ;* e logo deo a razão : Para que a impiedade (sempre dezagradecida a beneficios) não violasse a sua pessoa com dezacatos : *Quia querebant eum Judæi interficere.* Diz mais , que a beneficio universal de todos os Povos , e dos habitadores da sua entre todas mais querida Jerusaleem , fora repetidas vezes àquella Cidade ; sendo a ultima para a livrar de todo de hum maligno contagio , cuja epidemia da cabeça de Adam trouxera a sua origem ; e que diffundida por todas as partes a noticia destes portentos , era sem numero a multidão , dos que em Procissão o seguião , e incomputaveis os que em successivos concursos com adorações o buscavaõ : *Sequebatur eum multitudo magna , quia videbant signa , quæ faciebat super eos ,*

Joan.

Joan. Cap. 6.

quæ

que infirmabantur. Ultimamente passando a ingratitude a executar no Calvario o mesmo, que havia feito o amor em Nazareth; nos mostra o Evangelista o Filho de Deos, e Imagem do Eterno Pay em huma Cruz pendente; onde vendo, que para a Redempção do genero humano, estavaõ todas as obras, não só consummadas; mas perfeitas: *Sciens Jesus, quia omnia consummata sunt*: outras versoens tem: *Intuitus Jesus, quia omnia perfecta sunt*: entre agonias de morte declarou huma sede ardente: *Dixit: Sitio*: e logo proferida mais huma palavra, concluhio, que estava consummado, e perfeito hum edificio grande, e preexcelso: *Consummatum est*: E Santo Agostinho tem *Perfectum est*: E Drexelio explica: *Consummatum est Aedificium grande, præexcelsum*.

E invertendo S. Joaõ a ordem da sua historia, segundo o estylo dos mais Evangelistas, predisse dantes no Capitulo 16. o que parece havia dizer depois do Capitulo 19. No Capitulo 19. affirma que para a Redempção do Ge-

nero humano estavaõ completas , e acabadas todas as obras : *Omnia consummata sunt* ; e consummado aquelle Edificio grande , e preexcelso : *Consummatum est Edificium grande præexcelsum*. E que se seguiu depois ? O que o Evangelista havia predito dantes. Hir o Senhor para o seu Templo , e collocarse no seu Throno. O Templo de Deos , diz David , que he no Ceo , e que no Ceo tem o seu Throno : *Dominus in Templo Sancto suo : Dominus in Cælo sedes ejus*. Pois para esse Throno , e para aquelle Templo , diz o Senhor , que vay agora ; porque agora vay para o Throno do Pay , que o mandou : *Nunc vado ad eum , qui misit me. Illius gloria sociatur in Throno* ; disse S. Leaõ Papa. E com taõ magestosa soberania , que diz S. Paulo , que naquelle Throno excelso , está de honra , e gloria coroadado : *Vidimus Jesum per passionem gloria , & honore coronatum*. Mas esta exaltaçaõ foy depois , que se acabaraõ da Redempçaõ as obras : *Postea , quia omnia consummata sunt* : E se consummou na perfeiçaõ aquelle grande , e pre-

Psalm. 10.

Joan. 16.

S. Leo. Pap. apud. Drexel.

Paul. ad Hebræ. 2. 9.

e preexcélso throno , ou Edificio : *Consummatum est adificium grande , & præexcelsum.*

Naõ refere o Evangelho o appa-
rato magnifico , com que neste festi-
val triunfo entràra Christo no seu Tem-
plo , e se exaltara no seu Throno ; por-
que talvez preocupado de admiração ,
naõ lhe coube na penna a expressão de
tanto jubilo. O certo he , que naquel-
le triumphal progresso se achou hum nu-
meroso concurso , e taõ luzido , q̃ nelle
fociavaõ os Anjos : *Hominum , & Angelorum turmis stipatus revertitur.* Là veyo da
Santa Cidade de Jerufalem hum bem
formado Coro , que capitulando louvo-
res , em alternadas vozes , repetia de
David a letra : *Deus , Deus meus magnificatus est vehementer.* Concorrerãõ tam-
bem da mesma Cidade Santa celestiaes
Cidadões , que vendo a Christo em san-
gue banhado com a gloria de triunfan-
te , formando-lhe da admiração o elo-
gio , como em consulta , ou em Sena-
do, perguntavaõ com Izaías : *Quis est iste , qui venit de Edon tinctis vestibus de Eofra ?*
Iste

Drexel,

Psal. 103.

Isai. 63. 3.

Zach. I. 36.

Iste formosus in stola sua. Assistiraõ tam-
 bem de outra Jerarquia da M.licia ce-
 leste , celestiaes militares , que fazen-
 do-lhe corpo de guarda , como a feu
 Soberano , ao mesmo tempo , que se
 admiravaõ , de que sahisse da Campa-
 nha taõ ferido : *Quid sunt plagæ istæ in
 medio manuum tuarum ?* o acclamavaõ
 Rey , e Senhor victorioso : *Iste est Rex
 gloriæ , Dominus fortis , & potens ; Dominus
 potens in prælio.* Finalmente que entre
 festivos applausos , e incomparaveis ju-
 bilos , como tinha profetizado David :

Psal. n. 18.

*Ascendit Deus in júbilo , & Dominus in vo-
 ce tubæ :* entrou o Senhor Jesus , e Ima-
 gem do Pay Eterno no feu Templo , e
 se exaltou no feu throno : *Vado ad eum ,
 qui misit me : Illius gloriæ sociatur in Thro-
 no : Dominus in templo Sancto suo : Dominus
 in Cælo sedes ejus.*

Jà agora tereis percebido huma
 parte da minha idèa para o assumpto ;
 e para que a comprehendais de todo ,
 vou advertir naquella clausula do Tex-
 to , que me ficou por ponderar. Entre
 agonias da morte , disse Christo , que
 tinha

tinha huma fede ardente: *Dixit, sitio.* Joan. C. 19.
 Nesta fede distinguem todos os Padres
 duas formalidades: huma corporal, por-
 que realmente teve Christo fede; e af-
 sim o havia profetizado David: *In siti*
mea potaverunt me aceto: outra espiri- *August. apud.*
 tual; e esta he a fede, que Santo Agos- *Sylv. in Joan.*
 tinho diz, que Christo ainda hoje tem: *c. 19.*
Nunquam erit sine siti. Isto supposto; no-
 tem. Esta palavra *Sitio* foy a quinta,
 que Christo proferio na sua Cruz; e
 corresponde em numero às cinco ve-
 zes, que o Senhor de Matozinhos foy
 à Cidade do Porto. Direi agora: Que
 desde a quinta vez, que a Cidade do
 Porto logrou esta ventura, ficou o Se-
 nhor de Matozinhos com esta fede? Di-
 go, que sim, e me favorece em algum
 sentido a authoridade de S. Lourenço
 Justiniano, dizendo, que aquella fede
 de Christo fora hum dezejo ardente de
 se communicar sempre a todos: *Sitiebat,*
Et dare se nobis desiderabat. Mas que fe- *D. Laurent.*
 de he esta do Senhor de Matozinhos? *Justin apud*
Sylv. ubi su-
 Eu o digo. *pra a n. 34.*

Quinta vez estava determinado,
 que

que em Procissão solemne fosse ao Porto aquella Imagem sagrada ; para que em huma esterilidade experimentassemos os effeitos da Divina Mizericordia. E que succedeo ? Obrarse o milagre ; porque se liquidou o Ceo em aguas ; mas ainda até hoje chegou o reconhecimento do beneficio ; pois nem o Senhor foy ao Porto ; nem do Porto vierão render as graças ao Senhor. Sim , quinta vez foy o Senhor ao Porto ; porém não em reconhecimento daquella antiga Mizericordia ; mas sim por instancia de nova necessidade. E esta foy a fede do Senhor de Matozinhos. Dezejava o agradecimento daquella piedade , para fazer novas demonstrações da sua clemencia : queria os nossos obsequios , para multiplicar os seus beneficios. Abona o pensamento o Nasianze-

*Nasãz. apud
Alap. in C. Jo-
an. 19.*

no : *Sitit sitiri Deus.* Diz, que Deos tem fede da nossa fede : isto he , quer , que em nós sejaõ infaciaveis os fervores para as suas adorações , e fervorosos os affectos para os seus cultos : *Ut insatiabiliter eum amemus , & optemus :* diz Alapide

*Alap. in Joan.
19. n. 28.*

pide commentando ao Nasianzeno. E para que ? Para multiplicar as suas beneficencias , vivificando a nossa fé com os seus prodigios : assistindo às nossas necessidades com o seu remedio : suavizando os trabalhos da vida com gostosas conformidades com a sua providencia , que esta he de Christo a espiritual fede , disse Drogo Hostiense : *Vestram* Drog. Hostiens. apud Sylveir. ubi supra. *fidem , vestram salutem , vestrum gaudium.*

Diga pois muyto embora Santo Agostinho , que esta fede espiritual de Christo he immutavel : *Nunquam erit sine fide* ; que eu hey de dizer (methaforicamente fallando , e em sentido allegorico) que igualmente satisfeita , que extincta fica agora a fede mystica do Senhor de Matozinhos ; não só , porque em magestoso Triunfo sahio com sua prezença a vivificar os povos , fecundar as terras , serenar os Ceos , e alegrar os mares : não só porque entre festivaes applausos , musicas sonoras , vivas repetidos , entrou no seu Templo sagrado , aonde consummadas as obras
mais

mais primorosas: *Omnia consummata, perfecta sunt*, lhe tinha a devoção mais ardente erigido hum Throno excelso: *Consummatum est adificium grande, præexcelsum*, em que se exaltou: *Vado ad eum, qui misit me: Illius glorie sociatur in throno*; mas tambem porque continuando os obsequios, por hum Triduo se lhe repetem os cultos; por tres dias em sagradas Aras se lhe triplicação os Sacrificios. Oh Triduo, e como pela inveja dos seculos futuros seràs sempre famigerado! Oh dias, se a vossa duração vos reprime na limitada esfera do tempo; a vossa celebridade vos fará memoraveis no incomprehensivel espaço da Eternidade!

Jà Moyfès havia sanctificado semelhantes dias; porque não só em acção de Graças erigio em honra de Deos hum Altar; *Ædificavit Moyses Altare*, em o dia tres de Mayo, que corresponde ao de hontem, como observaraõ Lorino, e Tirino, citados pelo Minorita Valentino: *Quod ad præfatum diem tertium Sivan, sive Maii referunt citati Authores*; mas

Exod. Cap.
10. n. 17.

Lorin. Tirin.
apud Petrum
Polo in die 3.
Maii Exod.
C. 19. 10.

mas tambem lhe confagrou hum Triduo, a que chamou da Purificação, e Santificação; o qual principiou no dia quatro de Mayo, continuou no quinto, e findou no sexto, cuja opiniaõ não tem menos abonados Authores, que Ribera, Bellarmino, Alapide, Menochio, e Tirino: *Hæ dies preparationis, & purificationis fuerunt quarta, quinta, & sexta Sivan; sive Maii.* E que resultou a Moysès de taõ religiosos cultos? Que? Que no dia quatro de Mayo, primeiro daquelle Triduo, fosse o Povo Israelitico por Deos escolhido, como mais amado, cujo grande beneficio mandara notificar por Moysès ao mesmo Povo: *Die quarta Maii populus hebræus fuit a Deo electus in peculium: Ipsa die quarta hoc tam ingens beneficium Dei populo hebræo fuit notificatum per Moysen.* E continuando os beneficios até o sexto dia, que era o ultimo do Triduo, neste lhe deo no Decalogo hum seguro das suas beneficencias; se as não viera a desmerecer aquelle Povo com as suas rebeldias: *Datum est Decalogum populo hac die sexta Sivan,*

Riber. Belar.
Alap. Meno-
chio. Tirin.
apud Petre
Pol. ubi sup
Exod. 19.

qua sexto diei Maii correspondet. Assim dizem no Capitulo dezenove do Exodo os já referidos Authores. Logo se em semelhantes dias se dedicaõ ao Senhor de Matozinhos mais sagrados cultos, quem o não considerará empenhado, para conceder multiplicados beneficios? Pois sendo esta fede reciproca, que o Senhor tem, e quer, que tenhamos: *Sittit fitiri Deus: ut insatiabiliter eum amemus, & optemus*; quem o duvidará com tanto obsequios na sua mystica fede faciando para o ter nos favores propicio? *Vestram sitio fidem, vestram salutem, vestrum gaudium.*

No que tendes ouvido, se deixa já ver, qual ha de ser a idèa do assumpto: o qual para mayor clareza dividirey em dois discursos. O primeiro será Historico Apologetico: o Segundo Panegyrico Demonstrativo. Será Historico Apologetico o primeiro; porque nelle mostrarey, como na mesma sagrada historia, que ouvimos do filho de Deos, e Imagem do Eterno Pay a São Joaõ, como Euangelista, fallou o mes-

mo Euangelista do Senhor de Matozinhos, e Imagem do verdadeiro Filho de Deos, como Profeta. Serà Panegyrico Demonstrativo o segundo; porque nelle mostrarey, que os obsequiosos cultos, que nesta acção consagramos ao Filho de Deos na Exaltação da sua Imagem prodigiosa, são huns seguros reais, para nos conceder beneficios multiplicados. E assim em hum, como em outro systema, ajustarey todas as circumstancias da solemnidade com as clausulas dos Textos: *Sciens Jesus, quia omnia cōsummata sunt, dixit, sitio. Dixit, consummatum est: vado ad eum, qui misit me.* O empenho està pedindo superior auxilio, alcancemo-lo do Divino Espirito por intercessão de MARIA Santissima, que por Esposa sua he Mãe de Graça. *Ave Maria.*

§. I.

HE o systema do primeiro discurso, confrontar com a Historia Sagrada, que ouvimos do Filho de Deos, e Imagem do Eterno Pay, a Historia prodigiosa do Senhor de Matozinhos Imagem do Filho

de Deos, para que se veja, que a mesma Chronologia, que S. João escreveu de Christo, como Evangelista, he huma Apologia, que fez do Senhor de Matozinhos, como Profeta. E assim como ao Evangelista, recorrendo àquelle principio, sem principio: *In principio erat Verbum*; servio de exordio à sua narração o mesmo Verbo feito homem: *Verbum Caro factum est*: assim tambem a este discurso servirá de Prologo a noticia do principio, e formatura daquella Imagem Sacrosanta.

Que Nicodemos Principe em Judèa, Mestre em Israel, e Discipulo de Christo, formasse algumas Imagens de seu Divino Mestre, não só he asseveração de muitos, e graves Authores; mas foy tambem reflexão do Concilio Niceno. E que fosse o Artifice engenhoso daquella Imagem Veneranda, he tradição inconcussa; para cuja demonstração deixo muitas razoens de congruencia, que não he o lugar para dissertações. O certo he, que Nicodemos por observante da Ley de Christo foy pelos Judeos seus Antagonistas deposto do seu Magisterio; privado de seus bens:

e al-

e algum Autor diz, que flagellado com açoutes : *Principis dignitate spoliatum : ejus* Calmet. verb. Nicod. *bona populati , verberibus ita affecerunt , ut pene exanimem reliquerint.* E fugindo a esta perseguição, se retirou de Jerusaleem para hum lugar solitario , de que era senhor seu tio Gamaliel , Mestre que foy de S. Paulo.

Nesta soledade passava Nicodemos em vida contemplativa ; e como na sua alma tinha impressa de seu Divino Mestre a Effigie ; não lhe soffrendo o amor , que aquella impressão ficasse só em idéa de amores , fez pratica a mesma idéa , formando aquelle sagrado transfumpto. E aqui temos apparecida no Mundo em huma Cruz a Imagem do Filho de Deos ; assim como do Filho de Deos , e Imagem do Eterno Pay , dissemos com o Euangelista, e com Drexelio , que na sua Cruz apparecera no Mundo : *In Mundo erat : A primo vitæ momento in Crucem actus est.* E que succedeo ? Ficar Christo na sua Imagem , assim como o fora na sua Pessoa ; não só no Mundo desconhecido : *Mundus cum non cognovit ;* mas pelos seus mesmos recuzado : *Et sui eum non receperunt.* Porque renovau-

do-se de dia em dia pelos annos 33. e 34 da morte de Christo a perseguição contra os Professores da Ley Evangelica , muitos delles se para Deos foraõ sagradas victimas ; do odio Farisaico ficaraõ sangui- nolento despojo ; pois no anno 43. por Herodes Agrippa foy degollado San Tiago, e prezo S. Pedro. E como à violenta vexação da Igreja correspondia a irreverente perseguição das Imagens ; para que aquella Imagem Sagrada não experimentasse a impiedade dos homens , se resolveo Nicodemus a fiälla da inconstancia das ondas. E descendo ao Porto de Jope (como he verosimel , por não ter Judèa outro Porto no mar Mediterraneo) a lançou aos Mares ; como quem entendia , que era Senhor do Imperio crystalino , quem lhe moderava seus movimentos fluctuantes: *Tu dominaris potestati maris ; motum autem fluctuum ejus tu mitigas.* Em fim , como quem sabia do mar os caminhos , as paragens , os Portos , os Bancos , os Cabos , e Promontorios , como disse David : *In mari via tua ; & semitæ tuæ in aquis multis.* Começou a fulcar aquella Sagrada Imagem esse liqui-

*Pfalm. 76. v.
penult.*

liquido Elemento por todo o Mediterraneo de Levante a Poente: desembocou o Estreito de Gibraltar; engolfou-se no Oceano; buscou o caminho do Norte; e depois de vencer a altura, virou para Leste, e aportou na praya desta muitas vezes venturosa povoação de Matozinhos; verificando-se em navegação tão milagrosa daquela Imagem, o que do seu Prototypo disse o Euangelista: *Abiit Jesus trans mare.*

Joan. ubi supra.

Naõ he averiguavel o anno, em que para illustrar, e enriquecer esta terra appareceo nella tão precioso thezouro. Alguma opiniaõ, e para mim de grande credito, fazendo distincção entre as Epocas de Christo, e de Cezar; pois pela era de Cezar se numeravaõ em Espanha os annos atè o tempo del-Rey D. João o I. que estabeleceo, se contassem pelo nascimento de Christo; se persuadé, que no anno de 90. de Epoca de Christo apparecera aquella Sacrosanta Imagem; e tendo de duração 1699. annos, vem a ter de residencia neste lugar 1609. Venero esta computação, que he para mim de grande authoridade; naõ menor pelos seus fundamentos, que

Antonius de Cerqueira Pinto. Academic. Regal. Academ. in suis annotat. manuscriptis.

pelo seu Autor : porèm resolvo-me a seguir o parecer de outro , que sendo na profissão todo Serafico, he na intelligencia, como no nome todo Angelico ; o qual advertindo , que entrando neste lugar de Matozinhos a Fè, e o bautismo , donde se diffundio para toda a Esphanha, na Epoca de Christo de 46. por este , e outros fundamentos se persuade, que no anno de 50. fora daquella Imagem Sagrada o feliz apparecimento ; vindo a ter de permanencia neste lugar 1683. annos , fazendo-se o calculo pela era de Christo. Porèm, ou o seu apparecimento fosse na Epoca de Christo de 50. ou de 90. o certo he , que no arrojio dos mares , foy daquella Imagem a primeira maravilha seu prodigioso apparecimento. A este se seguiu a sua Collocação na Igreja de Bouças ; aonde continuando os seus prodigios , não só mostrou, que era Senhor dos mares , mas tambem da terra , e de todos os Elementos. Reflecti, o que dissemos de Christo com São João , e applicay o mesmo àquelle seu exemplar ; que não he justo desassossegue a vossa attenção , repetindo maravilhas , de
que

*Fr. Raphael
Ordin. Sera-
phic. in suis
annotat.*

que são testemunhas as vossas experiencias. Faculte-me porèm a vossa urbanidade , que faça memoria da resurreiçaõ de hum morto ; que he o mesmo , que a conversão de hum scismatico ; por ser , naõ só a minha Patria, mas a minha Rua, o theatro desta maravilha.

Pela rua nova na ultima Procissão, em que foy à Cidade do Porto , passava este Senhor Soberano; e pondo na sagrada Imagem hum Olandez os olhos ; como os Israelitas na mystica Serpente do Dezerto ; tal foy a luz que pelos olhos lhe entrou no coração ; que arrojando o veneno , que lhe introduzira a Serpente de Luttero , detestou os erros daquella feita infeliz , e abraçou os documentos da Fè ortodoxa. Deixo de referir outras conversoens maravilhosas , por dizer daquelle Senhor o que de Christo disse já com o Euangelista: *Et* Joan. ubi supra. *multo plures crediderunt in eum.* Lembro tambem , que para multiplicar os seus prodigios , descobrio este Senhor no lugar, onde appareceo , entre infructiferas areas , hum Poço , e Fonte de milagres ; a qual , como a de Samaria , se pòde chamar Po-

ço , e Fonte do Salvador : *Quoniam hic est Salvator : Erat ibi fons : Puteus altus est.*

vid. D. Roderic. da Cunha in suo Cathalogo.

Agora vejo me perguntaõ os mais versados nas Historias: Que se aquella Imagem tem de residencia em Matozinhos 1683. annos , aonde estavaõ as suas veneraçoes , e cultos no anno de 412. em que entraraõ nesta Provincia os Suevos , Vandalos , Alanos , e Selingos , declarados inimigos das Imagens Sagradas ? No anno de 585. em que Leovigildo Rey dos Godos conquistou toda a Espanha , sendo o Corifeo dos Arrianos ? No anno de 633. em que Sezinando se acclamou primeiro Rey de toda a Espanha , lançando della os Romanos , que em toda a parte tinhaõ presidios , e Colonias ? No anno de 713. em que extinc̃ta a Monarquia dos Godos , senhorearaõ esta Provincia os Arabes pelo seu Ulit , graõ Califa de Babilonia ? Finalmente onde estava pelos annos de 982. e de 985. em que os Gascõens entrando pela Barra do Porto , inteiramente destruiãõ a Almançor Capitaõ Mouro dos Reys de Cordova ; ficando esta Provincia livre do jugo Mauritano ? A taõ bem fundada

fundada pergunta respondo com a Historia, e com o Euangelista. A Historia diz, que no anno de 410. mandara Arisberto Bispo do Porto, que em cavernas subterraneas escondessem aquella Santa Imagem, para a eximir de defacatos sacrilegos. E assim esteve todo aquelle tempo em Bouças entre brenhas occultas; para que se verificasse daquella Imagem, o que nos disse o Euangelista do seu Prototypo: *Non manifeste, sed in occulto: quia querebant eum ^{Joan. ubi su-} _{pra.} Judæi interficere.*

Livre em fim com Espanha esta Provincia do tiranico infiel dominio, se collocou aquella Imagem veneranda no Templo, que em Bouças lhe edificou a Raynha Dona Thereza, donde depois se trasladou para este sumptuoso, e magnifico Templo. Continuou o Senhor de Matozinhos os seus portentos, sendo de todas as necessidades infallivel refugio; e por occasião das mais publicas, e transcendentaes, repetidas vezes, ao menos foraõ cinco (segundo numera do Senhor de Bouças o Historiador mais moderno, e mais culto: suspendo o Elogio digno do seu talento;

por-

porque a sua modestia, sendo meu ouvinte, me embarga o ser seu orador) cinco vezes digo foy à Cidade do Porto, que por ser Cidade da Virgem, *Civitas Virginis*, lã tem sua analogia com a Cidade de Jerusaleem, pois he, como disse Richardo de S. Lourenço, Cidade de Jerusaleem a Virgem

*Rich. á S.
Laurent. de
Laudib. B.
Virg. lib. II.*

MARIA : MARIA *Jerusalem Civitas*. Sendo a ultima para a livrar de huma quasi epidemia maligna, em que pereciaõ seus moradores flagellados pela Divina Justiça. E como a todo o Mundo saõ manifestos effeitos taõ milagrosos; quem poderã numerar as Prociõsoens continuas, que de todas as partes vem obsequiar o Senhor de Matozinhos, em desempenho de seus votos sagrados? Quem poderã fazer calculo dos quotidianos concursos, que ou a honrar, ou a agradecer, buscaõ aquelle Senhor com adorações reverentes? Mas assim havia de ser, para que se visse na Imagem do Senhor de Matozinhos, o que já dissemos com S. Joã do Divino Original:

Joan. ubi supra.

Sequebatur eum multitudo magna, quia videbant signa, quae faciebat super his, qui infirmabantur.

E como taõ continuos beneficios estaõ sempre , e sempre movendo os animos para novos , e repetidos obsequios ; com heroico zelo renovou a Irmandade do Senhor de Matozinhos com taõ primorosa, e sobredourada escultura no feu Templo a sua mayor Capella ; erigio hum novo Altar , para as victimas , e firmou hum Trono de ouro para as adorações , ficando obra taõ magnifica inveja da mayor grandeza ? Ou se não digamos , que hum Ceo aberto na terra ; porque na terra he emula do Ceo a Igreja : *Regnum Cælorum præsentis temporis Ecclesia dicitur* : disse já S. Gregorio. E não só acabadas , mas perfeitas todas as obras : *Omnia consummata* : *Joan. ubi su-*
Omnia perfectæ sunt : Consummado em per-
 feição aquelle Trono Excelso : *Consummatum est ædificium grande præexcelsum* : que se havia de seguir ? Senão hum processional triumpho , em que á semelhança do Filho de Deos Imagem do Eterno Pay ; entrar o Senhor de Matozinhos, Imagem do Filho de Deos no feu Templo , e exaltar-se no Ceo do feu Trono : *Vado ad eum* : *Joan. ubi su-*
Dominus in Templo sancto suo : *Dominus in Cæ-*
 lo

*Pfal. ubi supra
Laurent.
ubi supra.*

lo sedes ejus : Cælum dicitur ipsa Ecclesia. E
ainda que o Texto nos infinue, que o Se-
nhor vay para o mesmo Trono donde fa-
hio : *Vado ad eum , qui misit me :* tanto
mais glorioso lhe fica nesta exaltação o
mesmo Trono, que já dissemos com S.
Paulo, que nelle está de honra, e glo-
ria coroado : *Videmus Jesum per passionem
gloria , & honore coronatum.*

*D. Paul. ubi
supra.*

Qual fosse a pompa magnifica, e
concurso lustroso, com que aquelle Se-
nhor entrou no seu Templo, e se exaltou
no seu Trono; se a vossa admiração o ad-
vertio; a minha o não comprehendeo! O
certo he, que para este processional tri-
unfo veyo (como há pouco dissemos da Je-
rusalem Celeste) da Cidade do Porto, Jeru-
salem analogica, hum Coro, q se póde cha-
mer Angelico por Canonico; pois sendo
o exercicio de Conegos cantar a Deos lou-
vores; este he o officio dos Anjos : *Lau-
date eum omnes Angeli ejus : Laudate eum omnes
virtutes ejus.* Vieraõ tambem da mesma Ci-
dade Illustres Cidadões, condecorando com
a sua assistencia a taõ festival progresso,
como acclamando por novamente glorio-
fo

*Psal. 148.
& n. 2.*

fô o seu Deos Crucificado : *Iste formosus in stola sua.* Chegaraõ de outra Jerarquia Esquadrões de Militares , que bordando as ruas , davaõ por bocas de metal em maiores distancias do seu alvorço as noticias , pelo que respondia o ecco : *Iste est Rex Gloria : Dominus fortis , & potens , Dominus potens in praelio.* Finalmente que entre universais acclamações, e gloriosos vivas , como predisse David : *Ascendit Deus in júbilo ; & Dominus in voce tubæ ;* como o Filho de Deos no Trono do seu Templo : *Dominus in Templo sancto suo : Dominus in Cælo sedes ejus ;* entrou aquella Imagem no seu Templo ; e se exaltou no seu Throno : *Vado ad eum , qui misit me : Illius gloria sociatur in Throno : Cælum dicitur ipsa Ecclesia.* E para que estas exaltações do Filho de Deos no Throno do Ceo , e do Senhor de Matozinhos no Ceo do seu Trono fossem em tudo semelhantes ; hoje 4. de Mayo he o primeiro dia , em que veneramos collocado no seu Trono o Senhor de Matozinhos. E affirma Tirino , que em 4. de Mayo fora o dia , em que se exaltara no seu solio o Senhor dos Ceos : *4. die Maii ascendit in Cælum.*

Psalm. Supra cit.

Psalm. Supra cit.

Vid. Pol. in 4. die Maii

Ago-

Agora do que tendes ouvido, inferi, se S. João fallou do Senhor de Matozinhos como Profeta, na mesma Historia Sagrada, que nos refere do seu Prototypo, como Euangelista, que eu, se me não engano, nem faltey à narração historica; nem á confrontação apologetica, conferindo com as circumstancias da Solemnidade as clauzulas do Thema: *Sciens Jesus, quia omnia consummata sunt &c.*

§. II.

HE o systema do segundo discurso, a que chamey Panegyrico Demonstrativo (porque o ser Demonstrativo, como sabem os Rethoricos, he huma parte do genero de ser Panegyrico) mostrar, que os obsequiosos cultos, que nesta acção consagramos ao Filho de Deos na exaltação da sua Imagem prodigiosa, são huns seguros reais para nos continuar beneficios multiplicados. Assim se paga do nosso obsequio, ainda que limitado; porque este he da sua Magestade o tymbre glorioso.

Nebula implevit Domum Domini. Diz

3. Reg. C. 8.
n. 10.

Samuel no terceiro livro dos Reys, que huma grande nevoa enchera a Casa do Senhor, e que ainda que luzida, fora taõ denfa, que nem os Sacerdotes alli podiaõ

assistir, nem administrar: *Et non poterant* Ibi n. 11.

Sacerdotes stare, & ministrare propter nebulam.

E a que atè agora Samuel chama nevoa, já diz, que he a Gloria do Senhor, que

enchera a sua casa: *Impleverat enim Gloria* Ibi n. 11.

Domini Domum suam. Donde admirado Salamaõ de taõ grande maravilha; vendo, que

o Ceo lhe fazia, e ao seu Povo hum beneficio, que transcendia na grandeza as

balizas a todo o merecimento, dissera que naquella nevoa gloriosa estava o Senhor

escondido: *Tunc ait Salomon: Dominus dixit, ut habitaret in nebula.* Agora pergun-

Ibi n. 12.

to assim: E donde veyo a Salamaõ, e seu Povo, dignarse Deos de lhe fazer hum

taõ alto beneficio, como foy fazer emprego de seus olhos corporaes hum final sen-

sivel da sua Gloria soberana, e da sua presença divina. *Hic consequenter ostenditur signum*

Lira in 3.

Divinae praesentiae, quãdo este he hum objecto, q̃ naõ se comprehende na esfera de mate-

Reg. Cap. 8.

riaes

riais sentidos? Eu o digo, dem-me at-
tenção.

Edificou Salamaõ hum Templo mag-
nifico, e nelle erigio hum throno excel-
so, em que havia de collocar a Arca do
Testamento. E depois que vio consum-
mada na perfeção obra de taõ superior

3. Reg. Cap.
7. n. 51.

*Perfecit omne opus, quod faciebat
Salomon in Domo Domini:* convocou da Ci-
dade de Jerufalem o Capitulo da Igreja de

3. Reg. Cap.
8.

Omnis enim Ecclesia Israel stabat.
Congregou da mesma Cidade os Senado-
res principaes, que como primeiros ti-

Ibi n. 1.

*Congregati sunt
omnes majores natu Israel cum principibus tri-
buum:* Chamou, como militares do Par-
tido de todas as familias, as companhias
a quem servissem de guia os seus Capi-
tães:

Ibi n. 1.

Et Duces familiarum filiorum Israel.
Dispoz, que toda esta multidaõ innume-
ravel acompanhasse a Arca em Procissão

Ibi n. 5.

*Omnis autem multitudo Israel, quæ
convenerat ad eum, gradiebatur cum illo ante
Arcam.* E com esta lustrosa pompa foy de

Ibi 6.

Siam, onde assistia: *De Civitate Sion,* le-
vada por Sacerdotes a Arca do Testa-
mento

mento para o seu Templo, e exaltada no Sancta Sanctorum, que era o seu Tro- *Ibi 6.*
no, condecorando tanta Magestade dois Cherubins aos seus lados: *Et intulerunt Sacerdotes Arcam fœderis Domini in locum suum, Ibi 7.*
in Oraculum Templi, in sancta Sanctorum, subter alas Cherubim.

Atéqui a letra do Texto, vamos agora á inergia do Myfterio. Que outra cousa era a Arca do Testamento, que hum exemplar, e Imagem de Christo Crucificado? Sim, porque dizendo S. Paulo, *D. Paul. Cap. 9. ad Hebr.*
que dentro nessa Arca hia a Vara de Aram, que era a mesma de Moysés; e sendo esta Vara huma figura mysteriosa da Cruz de Christo, como com S. João Damasceno, dizem muitos Padres: *Virga Damasc. lib. de fide orodox.*
Moysaica in Crucis figuram efformata. E sendo tambem a Arca huma mystica representação do mesmo Christo; como com a torrente dos Doutores, diz o Mestre das Allegorias: *Arca potest & ipsum Christum designare,* já se deixa ver, que estando nessa Arca Christo na sua Cruz; que era exemplar, e Imagem de Christo Crucificado a Arca do Testamento. Agora conclua-

Ibi n. 2.

mos. E como Salamaõ depois de consummar a obra de hum Templo magnifico, e erigir hum Trono excelso; convocada toda a Nobreza Ecclesiastica, Secular, e Militar, com hum innumeravel concurso da multidão de Israel: *Convenit universus Israel*: conduz da Santa Siam em Procissão solemne para o seu Templo, e exalta no seu Trono o exemplar, e Imagem de Christo Crucificado, como lhe não haviaõ de chover do Ceo os beneficios, como diz o Texto: *Factum est autem, cum exissent Sacerdotes de Sanctuario, nebula implevit Domum Domini*: E para Deos mostrar o quanto lhe eraõ aceitos aquelles obsequios, como disse Lira: *Quod Domus ab eo ædificata erat Deo accepta*; lhe fez, e a todo o Povo taõ altos beneficios, como foy fazer emprego dos seus olhos huma representação da sua gloria: *Impleverat enim gloria Domini Domum Domini*, e de lhe mostrar hum final da sua Divina Presença: *Domini dicit, ut habitaret in nebula*: *Hic consequenter ostenditur signum Divinæ presentie*.

Ibi n. 10.

Lyr. bic.

Parece, que está provado o assumpto; e na applicação do lugar desempennharey

nharey de todo a Idèa. Se a Arca do Testamento he exemplar, e Imagem de Christo Crucificado ; digo que do Senhor de Matozinhos foy o melhor exemplar , e Imagem a Arca do Testamento. E se não vede. A Arca do Testamento , diz Laureto, que era formada de materia incorruptivel: *Arca erat de lignis Sethim imputribilibus.* Lauret. Verb. Arca. A materia, de que he formada a Imagem do Senhor de Matozinhos , já sabemos, que a incorrupção a respeita, porque ha 1683. annos, que permanece. Da Vara , que vinha dentro nessa Arca, mystica figura de Christo, e da sua Cruz, sabemos o prodigio, de que do Porto do Egypto atravessara o Mar Vermelho até outro Promontorio ; sem que os sustos do perigo fizessem aballo em algum dos Israe- litas. Daquella Sagrada Imagem na sua Cruz dissemos já , que do Porto de Jope na Judéa cruzara os mares até aportar em Matozinhos ; e como se viera a pè enxuto, diz David , que não ficaraõ nas agoas de seus pès vestigios: *In aquis multis vestigia tua non cognoscentur.* Da mesma Vara, diz o Texto, que fizera a maravilha,

de que em hum Dezerto arido descobrira huma fonte, defentranhando agoa de huma pedra. E bem mostrou, que a agoa era milagrosa, e de Christo a fonte; pois diz S. Paulo, que era Christo a pedra: *Petra autem erat Christus*. No arido Dezerto de huma area infructifera abriu huma fonte prodigiosa aquelle Senhor Soberano; e para testemunha de que he milagrosa a sua agoa, diz huma das suas inscripções, que he do Senhor de Matozinhos a fonte: *Haurietis aquas in gaudio de fontibus Salvatoris*. Finalmente sendo este mystico exemplar de Christo Crucificado tão prodigioso, que suspendia as agoas nas afluencias, que as dava nas esterilidades; sendo de todas as necessidades commuas singular remedio; e sendo tambem estes do Senhor de Matozinhos os effeitos portentosos, verificados com as experiencias de tantos seculos, quem duvidará, que do Senhor de Matozinhos foy expressa Imagem a Arca do Testamento? E se nas maravilhas ha tão grande identidade, vede nas trasladações huma total femelhança.

Consummadas na perfeição todas as
obras

obras deste Templo magnifico : *Omnia consummata perfecta sunt* : ou como diz o Texto em que discorremos : *Perfecit omnee opus ...in domo Domini*. Convocado para a assistencia o congresso de todos os Capitulares ; ou Corpo de todos os Ecclesiasticos da Cathedral do Porto, Jerufalem interpretativa: *Omnis enim Ecclesia Israel stabat*. Juntos em Assembleia , ou formalidade Senatoria os Cidadões, que tem as primazias do governo politico ; *Congregati sunt maiores natu Israel cum Principibus Tribuum*. Chamados para o obsequio do presidio do Porto os Militares, para que na disciplina da milicia seguissem nos applausos seus Capitães: *Et Duces familiarum filiorum Israel*. E disposto , que todo este numeroso concurso com toda a multidaõ acompanhasse em Procissãõ solemne aquella Imagem prodigiosa: *Omnis autem multitudo Israel, que convenerat ad eum, gradiebatur cum illo ante arcam*. Com este festival apparatus sahio de Siam; *de Sion* ; isto he do Altar de MARIA Santissima ; aonde antes de acabadas as obras assistia a Sagrada Imagem por ser MARIA Santissima a Cidade de Sion, em que Chris-

S. Anselm. in
Poliant. Ma-
rian. Verb.
Sion.

to habitara ? *MARIA Civitas Sion , in qua
Christus habitavit* , disse Santo Anselmo : E
por Sacerdotes foy levada para o feu Tem-
plo , e exaltada no Sancta Sanctorum do
feu Throno ; onde vemos, como de guar-
da para o respeito, dois Cherubins aos seus
lados : *Et intulerunt Sacerdotes Arcam in locum,
in Oraculum Templi : in Sancta Sanctorum sub-
ter alas Cherubim.* E sendo estes obsequio-
sos cultos , consagrados nesta acção àquel-
le Senhor em tudo semelhantes aos que
com feu Povo dedicou Salamaõ a hum ex-
emplar , e Imagem sua ; como não esta-
remos seguros , de que nos ha de conce-
der beneficios multiplicados , assim como
para Salamaõ , e feu Povo foraõ os bene-
ficios copiosos : *Nebula implevit Domum Do-
mini : Impleverat enim gloria Domini Domum
Domini : hic consequenter ostenditur &c.*

Assim se paga aquelle Senhor do nos-
so obsequio , ainda que limitado , por
fer este da sua Magestade o timbre glorio-
so. Lembra-me a mim , que fazendo Mar-
cial huma lizonja , não sey se à propria
vaídade , disse ao feu Posthumo com ex-
agerativo hiperbole , que era de espirito

taõ elevado , que para estar sempre a remunerar o beneficio tinha na memoria o obsequio: *Quæ mihi præstiteris , memini, semperque tenebo.* Mas despindo do profano este apothema , he só daquelle Senhor proprio o elogio; que porisso explicou por huma fede o dezejo das nossas adorações rendidas: *Sitio sitiri* , para conferir com liberalidade dadivas multiplicadas: *Vestram sitio fidem, vestram salutem, vestrum gaudium.* Assim o vistes em huma figura do Testamento velho; e assim o vereis agora estabelecido em o mesmo figurado no Testamento novo: porque mostrarey, que os obsequios desta acção são àquelle Senhor igualmente gratos, que aceitos; e que não só os retribue com a affluencia de beneficios repetidos; mas passando do positivo ao superlativo, o empenhaõ para lhe corresponder com dões, mais que copiosos, copiosissimos.

Em huma pratica, que Christo teve com seus Discipulos, diz S. Lucas, que levantando o Senhor as mãos lhes lançara a sua benção. *Elevatis manibus, benedixit eis.* Nesta benção, diz Silveyra, que

Luc. Cap. 24.

lhes infundira o Senhor não só copiosos, mas copiosísimos dões: Vede o superlativo: *Largissima Dona eis infundens*. Reparo affim. He certo; porque consta do Sagrado Texto, que antes desta occasião tinha Christo concedido aos Discipulos graças, merces, e beneficios copiosos: logo que occasião foy esta, em que de muitos, e copiosos passaraõ a ser copiosísimos os dões, que lhes communica? *Largissima Dona eis infundens*? Que occasião havia de ser, Senhores, se não a em que Christo entrou no seu Templo, e se exaltou no seu Throno? Day-me attençaõ, e ouvi a S. Lucas.

Diz este Euangelista, que acompanhado o Senhor do Sagrado, Canonico, e Apostolico Collegio fora para Bethania: *Eduxit autem eos foras in Bethaniam: Discipuli Dominum comitabantur*: explicou Silveira; e acrescenta, que naquella Procissão solemne hia hum numerofo concurso: *Mul-ti alii congregati aderant*, no qual não faltariaõ, como Discipulos de Christo, os Senadores principaes da Cidade de Jerusalem Nicodemos, e Jozè ab Arimathea: *Joseph Judæorum Senator*. Nem o Centuriaõ, que

Calmet. verbo Joseph.

*Calm. verbo
Centurio.*

que dos militares do partido da mesma Cidade, era o principal Cabo, e Capitaõ: *Centurio dux centum militum.* Tudo diz Calmet. Por Bethania se dirigio este luzido congresso: *Eduxit eos foras in Bethaniam.* E acompanhado estas demonstraçoens obsequiosas, e adoraçoens rendidas, como diz o Euangelista: *Et ipsi adorantes*, foy o Senhor levado para o seu Templo, e exaltado no seu Trono: *Factum est dum benediceret illis, recessit ab eis, & ferebatur in Cælum: Dominus in Templo Sancto suo: Dominus in Cælo sedes ejus.* E para Christo mostrar, que nesta acção lhe eraõ aceitos aquelles obsequios rendidos, e que lhe eraõ gratas aquellas adoraçoens reverentes; agora que entra no seu Templo, e se sublima no seu Trono, lhes communica na sua Cruz, isto he na sua benção: *Crucis figuram representavit*, disse Drexelio, naõ só beneficios copiosos, mas copiosissimos dões: *Elevatis manibus, benedixit eis: Et ferebatur in Cælum: Largissima Dona eis infundens.*

*Drexel. 448
Col. 2.*

Parece, que na sua Historia Sagrada fez S. Lucas huma Cronologia desta acção festi-

festiva! Não vistes hontem, que entre tão Nobilissimo Congresso, e tão grande multidão, *multi alii congregati aderant*, seguiaõ com os obsequios, e adorações àquelle Senhor: *Et ipsi adorantes*, hum Capitulo, que canonicamente se pode chamar Apostolico; pois dos Sagrados Apostolos foy a sua origem: *Canonici dicti sunt a Canone, si-ve regula ab Apostolis præscripta*? Hum Magistrado politico, e Tribuno Senatorio: *Joseph Senator*? Hum luzido, e militar esquadraõ: *Centurio dux centum militum*? E por onde o seguio tão Illustre, como copioso concurso? Por Matozinhos: Melhor dissera por Bethania. *Eduxit eos foras in Bethaniam*; porque de Matozinhos he Bethania o melhor retrato, que achey em toda a Escritura. Permita-me a vossa curiosidade hum parentesis noticioso.

Bethania estava situada em hum lugar dezerto: *Est locus desertus*, e depois pelos milagres, com que Christo a ennobreceo; hum dos quaes foy a fuscitação de Lazaro, se fez huma Villa celebre; assim o diz Quaresmio. Matozinhos foy hum lugar folitario; e depois que aquelle Senhor sobera-

Beyerlin.
verb. Cano-
nic.

soberano appareceo neste Dezerto : *In terra deserta, & inuia, & inaquosa, sic in Sancto apparui tibi*, se fez pelos seus prodigios hum lugar nobre, e populoso. Bethania distava da Cidade de Jerusaleem huma legoa, diz o mesmo Autor: *Ab Jerusaleem leuca est una*, e por huma legoa se conta a distancia de Matozinhos à Cidade do Porto. Por huma parte confrontava Bethania com o mar, e pela outra visinhava com outra Bethania, ou Bethàbara, porque entre ambas mediava o Rio Jordão : *Bethebara, altera ab ea, ubi Lasarus fuerat mortuus, est locus trans Jordanem*. E o que mais he dizer o mesmo Quaresmio, que alli pelos Christãos se erigira huma Ponte : *Fuit a Christianis erectus Pons*. Digaõ agora os meus ouvintes o que vem os seus olhos ? Que haõ de ver ! Por hum lado confrontar Matozinhos com o mar Oceano ; por outro lado corresponder a Leça da Palmeira, e por entre estes dous lugares famosos correr o celebrado Rio Leça, ou Lettes, sobre o qual està edificada huma nobre Ponte : *Erectus est Pons*. Tambem em Matozinhos hà, como em Bethania houve, hum nobre

Pol. 1579.

Quar. apud
Pol. 746.
747.

Pol. 1697.

nobre Castello: *Est Bethania nobile Castellum.*
 E o que sobre tudo he, dizer o Sagrado
 Texto, que nas visinhanças de Bethania
 fora o lugar, em que S. João Precursor
 de Christo, convertendo, e bautizando
 introduzira o Christianifino em Judæa: *Ubi*

Joan 10.40

erat Joannes baptizans, scilicet, in Bethania,

Polo 158.

explicou o douto Minorita. Nas visinhanças tambem desta mystica Bethania foy o lugar em que passando para Galiza o Corpo de San-Tiago, Precursor do Senhor de Matozinhos, converteraõ, e bautizaraõ seus Discipulos com prodigio raro (que supponho sabido) ao Regulo Cayo Carpo, morador em Bouças; o qual instruindo na Ley de Christo a sua mulher Claudia Loba, foy o instrumento para a introducção da Fé, não só neste lugar de Matozinhos; mas tambem para a estabelecer em toda a Esphanha, verificando-se o que cantara David: *Mota est terra a facie Dei Jacob.* Finalmente (para que nem esta circumstancia faltasse) havia em Bethania huma fonte; melhor dissera hum Poço; porque o douto Quaresmio a intitula Cisterna; junto à qual se via erigida huma

hum a Pedra , que por elevada era hum Quar.T.2.P. 330. C.8.&
 Padraõ: *Cisternæ Marthæ proximus est Lapis non multum a reliqua rupe elevatus.* Porèm o 9.

douto Haye affirma , que este Padraõ era hum a Cruz: *Fuit a Christianis erecta Cruz.* Hay. apud Pol. ubi supra Bed. & D. Hieron. apud Sylw. in Luc. Cap. 24.
 Refere mais o citado Autor , com Beda , e S. Jeronymo , que alli se edificara hum a Capella : *Sacellum olim circa ipsum extru-*

ctum. E não he isto o que vemos no Lugar de Matozinhos? Huma fonte , ou Poço milagroso , e junto a este de Pedra hum a levantada Cruz, Padraõ , que se chama do Senhor , em memoria , de que naquelle lugar fora o apparecimento da sua Imagem Sacrosanta : *Statuere posteris æternum monumentum* , disse Cicero. Cicero apud Plut. Assim como aquelle Padraõ , e Cruz foy erigida em memoria , de que Christo estivera sentado naquella pedra ; disse o mesmo Quaresmio: *Christus super eum scdit.* E para que esta Cruz Santa , e religioso monumento fosse pelos fieis com mayor decencia venerado , lhe edificou com primorosa Architectura a piedade Christãa , hum a como Capella , ou Oratorio devoto: *Sacellum circa ipsum extructum.*

E com

Calixt. Placent.
apud Pol.

E com tantas semelhanças bem posso dizer, que indo o Senhor por Matozinhos, passou por Bethania: *Eduxit eos foras in Bethaniam.* E se o dia de hontem por tres de Mayo foy o dia, diz Calixto Placentino, em que Christo passou de Tyro para o mar de Galilea: *Hic dies itineris Christi è finibus Tyri per Sidonem ad mare Galilea:* tambem hontem tres de Mayo passou o Senhor por esta mystica Bethania a visitar de Matozinhos os mares: os quaes, parece, que vivificados com a Divina Presença, se queriaõ arrojar a terra em obsequio da Magestade; mas sendo insuperavel este impossivel; alcatifáraõ a branda area com espumada prata; e como que huma onda se lhe hia, e outra se lhe vinha, por não poder beijar os pès de quem os pizou com as plantas; e já retirando-se á sua procelloza morada, sahiaõ de sua voragem imensa entumecidos, mas liquidos montes, que quebrando-se nos Rochedos, eraõ suas espumas nos olhos de Amphitrite correntes lagrymas, as quaes com fluctuante suffuro explicavaõ a queixa de ver comprimidos os seus impulsos dentro em huma clau-

clausura, cujos limites não podia exceder seu christalino Imperio. Da sua Bethania, ou Matozinhos, passou o Senhor além do Rio Leça; que se atègora lhe fabularaõ, que era Rio do esquecimento, este maravilhoso transito o fará Rio da memoria, ou como o Jordaõ, Rio do Juizo: *Fluvius* Joan. ub. su-
Judicii: e se verificarà melhor: *Abiit Je-* pra.
sus trans Jordanem. Para passar a Arca do Testamento pelo Rio Jordaõ; separando-se as agoas lhe abriraõ caminho por maravilha. E por maravilha se erigio sobre o Leça huma Ponte. *Ereçtus est Pons*, para passar aquelle Senhor, de quem foy Imagem a Arca do Testamento, e com tanta exaltação, e prazer de todo o seu lustroso sequito, como predisse David: *In flu-* psalm. 65.
mine pertransibunt; ibi letabimur in ipso. Por Leça da Palmeira fez circulo esta Procissão solemne, e não sem mysterio; notem. Sobre o nosso Texto: *Eduxit eos in Bethaniam*, dizem muitos dos Sagrados Expositores, que Christo dirigira aquella comitiva por Bethania; porque naquelle Castello affiliaõ Lazaro, Marta, e Maria; e como estes habitadores eraõ o emprego do seu amor,

Sylv. Lyr.
Alap.

amor , quiz , que com o seu obsequio fossem testemunhas do seu triunfo. Agora digo assim. Para testemunharem a gloria da sua exaltação , quiz aquelle Senhor honrar com o seu Transito , e presença aquella Bethania de Leça , como já lhe chamey , para mostrar a seus devotos habitadores , que em satisfação aos seus obsequios , se por huma parte os tinha ao seu lado ; por outro eraõ do seu amor o emprego. Em fim , que entre exaltações , rendimentos , adorações , e applausos foy aquelle Senhor levado ao seu Templo : *Et ferebatur in Caelum. Dominus in Templo Sancto suo : Dominus in Cælo sedes ejus. Cælum dicitur ipsa Ecclesia.* Sendo estas venerações áquelle Senhor tão gratas , que por obsequiosas levaõ os se- guros de aceitas. E assim o empenhaõ , naõ só para os corresponder positivamente com beneficios repetidos ; mas para os premiar superlativamente com copiosissimos dõs , como diffusamente vimos na combinação do Texto. *Eduxit eos foras in Bethaniam : Benedixit eis : largissima Dona eis infundens.*

A mais dilatados periodos se devera
exten-

extender esta demonstração panegyrica; porêem vou excedendo a hora, e não devo cançar a vossa attenção urbana. Concluo, que se a fede espirital de Christo foy hum dezejo ardente dos nossos cultos; *Sitit fitiri Deus: ut insatiabiliter eum amemus, & optemus*; para nos repetir beneficios multiplicados: *Vestram sitio fidem, vestram salutem, vestrum gaudium*: quem não dirà, que o Senhor de Matozinhos está empenhado para nos fazer beneficios, mais que copiosos, copiosísimos; porque daquella fede allegorica, que dissemos, está saciado com os presentes obsequios; pois completas, e perfeitas as suas obras; consummado em perfeição o seu Throno; dedicado ao seu culto hum solemne Triduo, entrou em magestoso triumpho no seu Templo, e se exaltou no seu Trono. *Sciens Jesus &c.*

Acabey o Sermaõ, cujo Systema dividi em dous discursos: Historico Apologetico hum: Panegyrico Demonstrativo outro. E se nestas emprezas não satisfiz inteiramente ao empenho do primeiro dia; bem podem nos mais dias esperar os meus ou-

vintes maiores dezempenhos. Em hum orador ; porque lhe he innata a subtiliza ; em outro ; porque lhe he natural a Eloquencia ; porẽm a mim naõ me farà admiração o excesso ; porque fey , que o segundo pelo espirito he na profiffaõ Serafico ; e o terceiro pela facundia no engenho Aquilino ; e que pondo a coroa ao Triduo , darà por consummado o Triunfo.

Soberano Senhor , Sacra , e Milagrofa Imagem da verdadeira Imagem do Filho de Deos. Duas coufas me occorrem ; huma , que expoz David ; e outra , que fez Salamaõ. Depois que Salamaõ trasladou para o Templo , e sublimou no sancta Sanctorum huma Imagem vossa (porque foy figura vossa a Arca do Testamento) levantou ao Ceo as mãos ; prostrou-se diante do voffo Altar , na presença da principal Igreja de Israel , e de todo aquelle innumera-vel concurso : *Stetit autem Salomon ante altare Domini in conspectu Ecclesie Israel expansis manibus.* Day-me agora licença , Senhor para que com humilde rendimento prostrado a vossos Santiffimos Pès ; diante do voffo Altar , na presença do Ecclesiastico con-

gresso

gresso da principal Igreja Portuense , e de todo este nobilissimo concurso , diga, e peça ; o que pedia , e dizia Salamaõ. *Di-*
rey , Senhor, que são tantas as vossas mara-
vilhas , que me persuado não haver em
todo o Mundo Imagem semelhante à Vos-
sa, pela qual Deos obra tantos prodigios;
que he o que de Deos dizia Salamaõ : *Do-*
minus Deus Israel non est similis tui Deus in *Ibi ver. 23.*
Cælo desuper, & super terram deorsum, qui
custodit pactum, & misericordiam servis suis.
Pedirey , Senhor, como Salamaõ, que at-
tendais às nossas preces, e ouçais as nos-
sas orações, e que para as piedades tenhaes,
não só hum, mas ambos os olhos abertos:
Respice ad orationem servi tui, & ad preces *Ibi n.28.29.*
ejus; ut sint oculi tui aperti. Que fecun-
deis as terras : purifiqueis os ares : fruti-
fiqueis as plantas : concedais as agoas :
ênclaustreis os diluvios : modereis os ma-
res : anihileis os contagios : desterreis as
enfermidades ; feliciteis as armas ; e prof-
pereis o Reyno , para que em todo o Or-
be seja conhecida a grandeza do vosso No-
me : *Audiatur enim nomen tuum magnum.* *Pa-* *Ibi 43. n.*
ra que se veja, que he tão poderosa a vos-
sa

fa mão ; e taõ esforçado o voffo braço ;
 que fe em algum tempo hum dos vossos se
 lamentou desperdicio da ondas ; pode
 hum prodigio fazer , com que restituiffem
 esta reliquia os mares , para que em mi-
 lagres se conhecesse o poder daquella mão,
 e a valentia daquelle braço : *Manus tua for-
 tis ; & brachium tuum extentum ubique.* Af-
 fim, Senhor propiciai ao voffo povo , *Pro-
 pitiaberis populo tuo ;* pois he este voffo Po-
 vo a voffa herdade : *Populus enim tuus est ,
 & hereditas tua.* Atè aqui com Salamaõ as
 minhas preces ; e parece , que David em
 profecia nos fegura novas , e mayores da-
 divas ; porque fallando com vosco (e dif-
 fera eu , que com os olhos nesta acção)
 dizia : quando vòs Senhor com grande
 pompa sahires à vista do voffo Povo , di-
 rigindo o caminho por hum lugar deser-
 to : *Deus cum egredereris in conspectu populi
 tui ; & pretransires in deserto : Incedere cum
 pompa ,* explicou Lorino ; entaõ ferà tal o
 concurso , que á voffa vista se abalarà to-
 da a terra. *Terra mota est a facie Dei ;* e en-
 tre o voffo amado Clero : *Inter medios Cle-
 ros ;* acompanhado de hum Magistrado po-
 litico:

Psalm. 67.
n. 8.

Ibi n. 9.

litico : *Ibi Principes Juda* : e de hum luzido militar Esquadraõ : *Duces eorum* ; veraõ todos a vossa entrada magestosa no vosso Templo magnifico : *Viderunt ingressus tuos, Deus ; ingressus Dei mei , qui est in Sancto* ; e a vossa exaltação a hum Trono excelso : *Ascendisti in altum: in sublimitatem* (disse Tertuliano) E posto , que já dantes depositara em vossas mãos o Eterno Pay todos os seus dõs : *Omnia dedit ei Pater in manus* : com tudo agora diz David , que exaltado no vosso folio : *In sublimitatem* , recebieis para comunicar aos homens novas dadivas : *Accepisti dona : mittenda hominibus* (diz outra letra) cujas dadivas , e dõs faõ os do Espirito Santo, segundo nos dizem os vossos Interpretes. E se tudo o que David nos refere neste Texto , parece huma profecia da presente acção , bem podemos estar seguros , de que exaltado no vosso Trono excelso nos concedais, não só temporaes venturas em bens multiplicados ; e beneficios sobre copiosos copiosissimos ; mas tambem espirituaes felicidades nos influxos da graça , e dõs do Espirito Santo : *Gratia spiritualis , & ipse Spiritus Sanctus*. Tu-

do para todos vos exoro ; e muito especialmente para os que com incançavel zelo se empregão nos vossos cultos. E permita-me a vossa soberanãa immensa, que com humiliação rendida ponha aos vossos pés sacrosantos estes meus amados irmãos, e filhos vossos ; que talvez por lhe premiães a veneração, com que vos respeitãõ, e o respeito, com que vos adoraõ, os quizestes interessar nos vossos obsequios ; que he tal a vossa benignidade, que reputais merecimentos os mesmos que vos faõ devidos cultos para os corresponder com beneficios grandes. E eu entre todos o minimo (que ha menos de quarenta dias, para a faude temporal achou a minha devoção em vòs recurso) vos peço a espirital da alma, que sem duvida por mais enferma, mais carece de vossos auxilios ; para que entre os mais obrigados á vossa Divina Benificencia publique, e cante na vossa Igreja, como manda David no mesmo Psalmo, a Magestade do vosso Triunfo, e a gloriosa exaltação no vosso Trono : *In Ecclesiis benedicite Deo : Cantate Deo, Psallite Deo,*

qui

qui ascendit super Cælum : Cælum dicitur ipsa
Ecclesia. Ad quam &c.

FINIS LAUS DEO

VIRGINI QUE MATRI SANCTISSIMÆ MARIÆ,
ejus que Sponso Sacratissimo Joseph ; ac meis Ad-
vocatis, Francisco Seraphico ; Petro de Al-
cantera, & Magnæ Getrudini.



FRONT VUE DEB

FRONT VUE DEB
FRONT VUE DEB
FRONT VUE DEB



S E R M A M
DA PRODIGIOSA, E ADMI-
ravel Imagem
D O S A N T O
C H R I S T O
D E M A T O Z I N H O S ,

QUE EM CINCO DO MEZ DE MAYO, DIA SE-
gundo do decantado Triduo, que na mesma Igreja
de Matozinhos, celebraraõ os Religiosos Recoletos
do Convento da Conceyção, em acção de Graças
pela Collocação, que da mesma Sagrada Imagem fi-
zeraõ os Irmãos da sua Confraria, trasladando-a pa-
ra hum Magnifico Tabernaculo anno de 1733.

P R E G O U

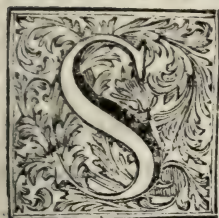
O P. FREY JOAM
DE DEOS MONTE ALVERNE

*Religioso do mesmo Convento da Pro-
vincia de Portugal.*

D A D O A ' E S T A M P A
PELOS IRMAOS DA MESMA
Confraria.



Omnia consummata sunt. Joan. 19.
vers. 28.



E houve já quem discretamente filosofando inferisse de huns assombros outros assombros, não faltou também quem com discreta Filosofia inferisse o silencio por consequencia das admirações. Entrou em pensamentos aquelle famoso Principe da Historia Romana, descrever com a penna da lingua a celebrada Cidade de Carthago, emula de Roma, e maravilha do Mundo, e advertindo na sua grandeza, considerando a empreza transcendente á sua idéa, veyo descobrir nas clausulas do mais discreto silencio, as mais cabaes expressões da sua melhor explicação. *De Carthagine melius tacere.* Dando a entender Salustio com estas discretas

Salustio.

cretas

cretas palavras , que fô o silencio era o melhor , e mais digno panegyrista das materias, que para os discursos eraõ todas afombros , e admirações. *De Carthagine melius tacere.*

Mas para que he hir buscar o discurso taõ longe , e taõ antigo o credito desta verdade , se taõ proximo á nossa lembrança fô com a interpolação de hum dia , a vimos hontem neste lugar abonada , pela relevancia do assumpto , elegancia das noticias , e elevação do estylo de taõ douto , e insigne Orador , que com assombro das attenções de taõ illustre , e nobilissimo Auditorio , deo principio com admiração universal aos encomios decantados deste solemnissimo Triduo ; pois era bem que empreza taõ soberana tivesse em primeiro lugar hum Orador ao mesmo tempo extatico , e eloquente : extatico , para com inflamado espirito penetrar do objecto a eminencia ; e eloquente , para com elevado estylo suspender das potencias as operações. Assim o confessaraõ hontem com reverentes , e merecidos applausos os discursos mais elevados ; e naõ

menos

*Prègõ no
primeiro dia
do Triduo, o
R.D. Manoel
dos Reys Bernar-
des Conego da Sè do
Porto, e Magistral de Es-
crittura da
mesma Sè.*

menos o publicaraõ universalmente con-
 cordes ainda as mais imperitas intelli-
 gencias. *Mirati sunt universi.* A' vista pois Luc. 16
 destas antecedencias de assombros, e ad-
 mirações, que veneraraõ nossas attenções
 no Orador primeiro, quem duvida que
 por forçosa consequencia se seguia agora
 o silencio por fatisfação mais digna do
 Prêgador deste dia? Quando he certo que
 para dezempenhar assumptos que transcen-
 dem a esfera do proprio engenho, não
 bastaõ do coração os talentos, quando
 muito mais sobra a penuria do discurso;
 que porisso escrevia hum discreto ensinan-
 do, que nunca as emprezas deviaõ ven-
 cer a baliza dos talentos para calificação
 do dezempenho: *Sumite materiam vestris* Horatius i
qui scribitis equam; viribus &c. Mas se Arte Poeti-
ca:
 contra mim mesmo corre o argumento
 proposto a concluir por temerario meu
 impulso, alente-se com tudo do animo a
 cobardia, anime-se do espirito apusillani-
 dade; porque tambem aos Menores reve-
 la o Ceo coufas grandes; e se estas em al-
 gum sentido faõ materia para o silencio:
Melius est tacere; faõ tambem em outra opi-
 não

niaõ assumpto para não callar. *Inde oritur*

D. Leo. Pap. Sermon. 6. de Nativitate Domini. *difficultas fandi , unde adest ratio non tacen-*

di.

As reliquias que ficaraõ da mesa do dia de ontem , quero que sejaõ hoje vosso sustento , dizia S. Joaõ Chrysostomo falando com prodigiosa methaphora em hum Sermaõ a seus ouvintes. *Reliquias hesternæ*

D. Chris. in Psalm. 50. homil. 2.

mensæ hodie vobis reddere volo , e as reliquias que sobraraõ da copiosa enchente dos pensamentos do Prêgador do dia passado , digo eu hoje ao meu Auditorio , que será a materia de suas attenções ; pois não parece será novidade estranha continuar-se hum festivo culto com as reliquias de pensamentos. *Reliquia cogitationum diem*

Gal. 75. II. festum agent tibi. Mas dirigindo já o discurso à contemplação do presente objecto ; e entrando já o pensamento a examinar com attenta reflexaõ suas prodigiosas circumstancias , e qualidades misteriosas , pareceo-me que já lá nos primitivos seculos , tinhaõ sido vaticinadas por huns

Habac. cap. 2. v. 20. *Dominus in Templo*

Zach. cap. 2. v. 13. *Sancto suo , sileat à facie ejus omnis terra :*

Sileat omnis caro à facie Domini , quia con-

surrexit

surrexit de habitaculo sancto suo. Quando já
 (querem dizer estes dous Profetas) quan-
 do já o Senhor se adora em seu magnifi-
 co, e magestoso trono, depois de se le-
 vantar, e trasladar de hum humilde habi-
 taculo, sejaõ as reverencias de seu culto,
 o mais profundo silencio de toda a terra,
 e a mais reverente admiração de todos os
 homens, porque assim o dicta a Sobera-
 na Magestade de seu Divino Rostro. *Sileat* Apud Alap.
omnis terra, ut reveareatur; explicaraõ os Se- sup. Cap. 2
 tenta, Paõ de muitos rostros se intitulava o v. 20. in Hab.
 mesmo Senhor, nas antiguas figuras do bac.
 Testamento Velho: *Panis facierum*: e nes-
 te festivo culto o estamos vendo, e ado-
 rando a duplicadas faces naquelle maravi-
 lhoso trono collocado, naquella tremen-
 da Imagem desfigurado, e ao vivo retra-
 tado; desfigurado pelos tormentos da
 Cruz, em que padeceo pelo nosso reme-
 dio: *Vidimus eum, & non erat aspectus*: e Isai. cap. 53
 ao vivo retratado naquella Thaumaturga v. 2.
 Imagem; como consta da mais certa, e
 commua tradição: pois quando Christo
 com estas circunstantias se traslada de hum
 habitaculo humilde, para se collocar, e
 adorar

adorar em seu magestoso tabernaculo, sejaõ nos homens os silencios respeito, e tributo digno a tanta magestade: sejaõ as eloquencias humanas estatuas mudas de admiração; e fallem só as perfeições primorosas daquelle magnifico trono, e sumptuoso tabernaculo; porque quando o objecto, por soberano, não cabe nos limites da explicação, só o que mais extatico o admira, esse he o que consagra à sua grandeza mayor culto, e veneração. Com propugnaculos; diz a Escritura sagrada, que fizera David a torre de hum Templo, que a Deos consagrara, para o Culto de seus Divinos louvores. *Quæ edificata est cum propugnaculis.* E dizendo Octaviano Tuso, e Gislerio, que as pedras estavaõ taõ primorosamente lavradas, que vestiaõ as apparencias, e semelhanças de bocas. *Lapidés turris excisos fuisse ad oris similitudinem,* declara o motivo Rabbi Abraham, dizendo que fora, para suspender as eloquencias de todos, quantos vissem a obra. *Edificata est ad suspendenda ora.* De forte que queria David que a fabrica do Templo fosse maravilhosa, e singular em todo o Mundo

Cantica cant.
tic. 4 v. 4.

Tus. & Gis-
ler. in Eccle-
I.

Mundo; e como a torre era o indice, q̄ mostrava do Templo a grandeza, porisso mysteriosamente organizou as pedras à maneira de bocas , para q̄ quãtos nas perfeições da obra contéplassem seus mysterios , ficassem como extaticos por admiração: *Lapides &c.*

Naõ sey Senhores na verdade se fallo das perfeições da torre do Templo de David , ou se pondêro as primorosas maravilhas daquelle sumptuoso Tabernaculo deste Templo ? Mas com pouca declinação do discurso, persuado-me , que melhor se verifica neste Templo , o que là se representava no Templo de David ; porque se nelle dizem as Escrituras , que o Senhor se adorava em huma pèdra safira collocado: *Viderunt Deum Israel, & sub pedibus ejus quasi opus lapidis saphirini*, e na pedra safira , diz o douto Ribeira , que se representa a soberana Imagem de Christo :

*Exod. 24. v.
10.*

In saphiro ille significatur, qui portat imaginem Cœlestis, id est, Christi: que outra cousa vem os nossos olhos , e veneraõ as nossas atenções naquelle tabernaculo deste Templo , senaõ aquella Imagem soberana de Christo , retrato verdadeiro de seu Proto-

*Rib. in cap.
21. Apoc.*

typo, e bem debuxada copia de feu Original: *Imaginem Celestis, id est, Christi?* Tanta semelhança, se bem com excessão, fuy descobrir entre as circunstancias deste Têplo, e o de David, que me pareceo, ou o de David se trasladàra para este, ou que a visão, que no Templo de David tivera o Profeta Isaías, fora huma clara profecia da verdade, que estamos vendo neste Têplo. Porque se o zelo de Salamaõ, filho de David, reedificou, e fez de novo no mesmo Templo hum maravilhoso Santuario, ou Tabernaculo magestoso, de tão primorosa Architectura, que servindo de remora dos sentidos as perfeiçoens da obra, parecia, que as realidades da madeira se equivocavaõ com as substancias do ouro: *Sanctuarium facies, id est, tabernaculum quod est propria domus facta de tabulis de auro hæc facta sunt;* commentou o Abulense: o mesmo admiramos naquelle maravilhoso Tabernaculo, ou mais propriamente fallando, naquelle rico, e precioso monte de ouro, que fabricado de novo a expensas da devoção, diligenciou o mais heroyco, e ardente zelo. Se no

lugar

Exod. cap. 25

Abul. hic

lugar mais nobre do Templo de David, vio Isaías o Filho de Deos assistido de Angelicos Espiritos, e nas apparencias humano, pendente dos braços de huma Cruz: *Vidi Dominum sedentem, id est, filium Dei in figura humana.... pendentem de Cruce:* commentou Hugo Cardeal, seguindo a S. Bernardo: o mesmo estamos vendo realmente no lugar mais illustre deste Templo, em que adoramos aquella Soberana Imagem do Filho de Deos, collocada no alto daquella Tabernaculo, assistida de Angelicos Espiritos, e pendente dos braços daquella Cruz. Se o Trono que vio Isaías cercado de Espiritos Angelicos, e com a presença do Filho de Deos Crucificado, fazia equivocar o Templo em hum Ceo glorioso: *Seraphin stabant super illud, & ea quae sub ipso erant, replebant Templum Gloria ejus,* com a soberana presença daquella Divina Imagem do Filho de Deos naquella Trono collocado, e de Espiritos Angelicos assistido, tudo quanto vemos neste Templo são vozes que lhe cantão mudamente louvores divinos, e glorias celestiaes: *Et in Templo ejus omnes dicent gloriam.*

*Isai. Cap. 6.
v. 1.
Hug. & D.
Bern. hic.*

Está o Tabernaculo do Senhor de Matozinhos cercado todo de Anjos de admiravel architectura.

Psal. 28.

Psal. 88.

Ditoso aquelle povo que em gloriosos jubilos de devoçam assiste nestes dias a estes cultos neste Templo ! *Beatus populus qui scit jubilationem !* Pois nestes dias logra já executados aquelles desejos fervorosos , em que antigamente se abrazava o coração de David , talvez vendo com os olhos da profecia , os cultos maravilhosos desta solemnidade , que celebramos. Porque se David desejava ver patentes as portas da graça , e gloria , para que dentro do Templo do Senhor , solemnizasse tanta dita com devotos , e cordeaes louvores. *Aperite mihi portas justitiæ , ingressus in eas confitebor Domino , idest , laudabo Deum :*

Psal. 117.

Lyr. bic

commentou o meu Lyra : esta venturosa felicidade logra hoje este Povo , e todos aquelles , que nestes dias assistem a estes cultos neste Templo , adorando aquelle soberano Senhor como porta da graça , e gloria , q̄ perennemente nestes dias nos depende. *Gratiam, & gloriam dabit Dominus; hæc porta Domini: Porta ista ad unam scilicet Christum referuntur ;* commentou o Cardeal Hugo.

Psal. 83.

Hugo in Ps.
117.

Mas se David não vio logrados nos seus dias os seus dezejões , deixou com tudo ensinado

nado aos Povos venturosos de tanta dita, as qualidades, e circumstancias, com que havia de ser solemnizada taõ festiva Solemnidade. *Dicat nunc Israel, dicat nunc domus* Psal. 117.
Aaron, dicant nunc qui timent Dominum, quoniam in seculum misericordia ejus. Nas quaes palavras diz o doutissimo Incognito seguindo o meu Lyra, que quizera David convidar para tanta solemnidade os Anjos entendidos pela casa de Israel: *Invitat Angelos*; os Ecclesiasticos entendidos pela casa de Aaraõ: *Invitat ad Clericos*: os Religiosos, e Seculares entendidos pelos que servem, e temem a Deos: *Religiose viventes, Seculares, & laicos.* E individuando o mesmo David as obrigações, e ministerios dos que assistissem a tantos cultos, acrescenta o mesmo Incognito, que os Anjos haviaõ de solemnizar com suaves musicas: *In voce exultationis*: os Ecclesiasticos, e Religiosos, com predicativos elogios; *Prædicando*; e os Seculares, e leigos com reverentes assistencias, e devotos louvores: *Laudantes Deum.* Agora voltemos o discurso ao nosso intento, e ponhamos os olhos nestes cultos, e neste Templo. E que ou-

Incog. & Lyr. hic.

Solemnizarãõ este Triduo o R. Cabido da Sê do Porto com a Musica da sua Capella: Os Religiosos da Cõceyçãõ de Matozinhos, e o Clero, e moradores do mesmo lugar de Matozinhos.

tra cousa vemos , e admiramos nelle senaõ abertas as portas da graça , e gloria daquelle Senhor , a quem acordes consonancias de Angelicas musicas , plausiveis oratorias de encomiasticos panegyricos , e devoto concurso de reverentes attenções , estaõ fazendo este Templo hum Ceo na terra? Tudo com circumstancias expressas, e manifestas qualidades , que David deixou advertidas, e ao meo parecer , para esta solemnidade vaticinadas: *Dicat nunc Israel &c. invitat Angelos &c.* Todas estas circumstancias , e qualidades , estaõ solemnizando o objecto , que temos hoje à nossa veneração da prodigiosa Invenção, da Trafadadação triunfante, e magestosa Collocação daquella soberana Imagem do Senhor de Matozinhos ; obra que mais conforme com seu original , retratou ao vivo a idéa de Nicodemus , para que nella collocasse a Clemencia Divina o Trono, e misericordioso Oraculo de suas piedades em ordem ao remedio do Mundo ; e destas mesmas circumstancias deduzo eu a mais conveniente accomodação das palavras do meu Thema: *Omnia consummata sunt.*

Joan. sup.

Que

Que nas prayas do mar , que circula esta terra , fosse achada miraculosamente aquella Sagrada Imagem , he certa , e antiga tradiçãõ trasladada com luzidos applausos daquelle Altar , a donde estava , para aquelle maravilhoso Tabernaculo , donde agora se adora collocada, vimos como Domingo passado se cantaraõ solememente seus Triunfos nesta terra , e neste Templo ; para serem por todos os seculos decantados em todas as idades. Suspiravaõ até aqui os corações devotos por esta gloriosa dita ; e cada hum ancioso de ver satisfeitos seus cuidados , diante daquella divina Imagem respirava em repetidas vozes da devoçãõ : *Surge Domine in Psalm. 131. requiem tuam , tu , & arca Sanctificationis tuae.* Correrãõ os tempos , e continuavaõ-se os dezejõs ; até que chegaraõ estes dias em que celebrados estes decantados cultos , com vozes de alegria , e cordeal affecto a todos està dizendo a devoçãõ : *Omnia consummata sunt : completa , & perfecta.* Já estaõ Syl. v. in Jo- ann. hic. satisfeitas as vossas ancias , ò povo de Matozinhos , já estaõ completos vossos dezejõs , ò devotos daquella Soberana Imagem;

porque já estão consummadas, perfeitas, e acabadas as obras, que pedia o culto de tão divino Simulacro: *Omnia consummata sunt.* Bem he verdade que estas palavras escreveu o Evangelista S. João fallando de Christo no Monte Calvario, amphiteatro de suas penas: porém hoje, e nestes dias as está dizendo a devoção daquella Soberana Imagem do mesmo Christo já collocado naquelle monte de ouro, teatro de suas gloriosas exaltações. Lá no Monte Calvario fallou o Evangelista das obras da nossa redempção consummadas pelo Amor Divino: porém hoje, e nestes tres dias, falla a devoção das obras daquelle magestoso Tabernaculo acabadas pelo zelo mais heroico. E se lá buscou Christo com grande mysterio o Monte Calvario, para que elevado no Trono da sua Cruz atrahisse a si o Mundo todo: *Cum exaltatus fuero, omnia traham ad me ipsum:* para atrahir a si os homens todos com altissima providencia sua, elegéo o mesmo Senhor naquella sua Imagem Sacrosanta este maravilhoso Templo, em que collocado naquelle Tabernaculo maravilhoso, e exaltado naquelle luzido

zido monte de ouro , como feu descanso glorioso, e habitação perpetua cõmunica-se a todos seus devotos os beneficios da sua piedosa benção : assim parece que o està dizendo do alto daquelle Trono , nestas palavras de David. *Hæc requies mea in seculum seculi, hic habitabo quoniam elegeri eam.* Oução agora a Rainerio commentando estas palavras muito a este intento : *Hæc Ecclesia est requies mea in perpetuum*, Rainer. in Ps. *hic habitabo in benedictionibus meis, quoniam* 131. *elegi eam ex pura gratia mea.* Sendo pois ás circumstancias effenciaes , que concorrem nos cultos desta solemnidade , a Invenção , Trasladação, e Collocação daquella Soberana Imagem do Senhor de Matozinhos , satisfazendo a minoridade de meu talento a todas , e aproveitando-me das reliquias , que para colher a Ruth de minha ignorancia deixou o doutissimo Orador primeiro , mostrarey o Sermaõ deste segundo dia do Triduo decifrado em dous pontos. Serà o argumento do primeiro as conveniencias felices , e gloriosos lustres , que vieraõ a esta terra de Matozinhos , com a Invenção daquella Thaumaturga Imagem. Serà o argumen-

gumento do segundo, os triunfos singulares da sua Trasladação, e resultancias venturofas que assegura a todos seus devotos aquella soberana Imagem collocada naquelle novo, e magnifico trono, acabadas as obras, que pedia o culto, e veneração de taõ divino simulacro: *Omnia consummata sunt &c.* Este o assumpto do Sermaõ, individuado em dois pontos: para que me não falte o acerto que dezejo, necessito dos auxilios da divina graça por intercessão de MARIA Santissima; ajudem-me a implorallos com as palavras do Anjo.

Ave MARIA.

Omnia consummata sunt. Loc. sup. cit.

Ditofo mil vezes te considero, ò lugar de Matozinhos? Terra bendita, em que foy achado, e descoberto o mais precioso tesouro das riquezas do Ceo? Venturosos infinitas vezes teus habitadores, povo escolhido, para gozar a posse da mais divina perola do Reyno da Gloria, que trazida a influxos divinos pelos dilata-

dilatados, e tumultuosos mares Orientaes, até tuas Occidentaes prayas, os enriquecco com a mais fingular dita, que achou a sua felicidade na Invenção miraculosa daquella Soberana Imagem de Christo filho de Deos, que he o tesouro precioso das riquezas do Ceo, como lhe chamou S. Paulo: *In Epist. ad Col- quo sunt omnes thezauri*; e a perola mais excellentes da Gloria, como allegorifou Laurito: *Christus est pretiosissima Margarita*. Com gratificação condigna a tanta felicidade, celebra annualmente este povo, e nestes dias com especial culto solemniza o mais ardente zelo a Invenção prodigiosa daquella Thaumaturga Imagem; cuja dita querendo a Providencia Divina, que fosse para esta terra gloriosa, dispoz que fosse a Invenção daquella Imagem do Senhor de Matozinhos no mesmo dia, em que o Mundo solemnizava a mysteriosa invenção da Cruz do mesmo Senhor; para que ficasse igualmente correspondente a dita do Mundo, pela Invenção da Cruz, à gloria desta terra de Matozinhos pela Invenção daquella soberana Imagem de Christo: *Invenire Crucem nihil aliud est, quam invenire*

los. 2.

Laur. in alleg. verb.

Margar.

Foy achada a Imagem do S. de Matozinhos em 3. de Mayo.

D. Bonav.
Serm. de In-
vent. Cruc.

venire illum, qui pependit in Cruce; honor quippe Crucis ad Crucifixum refertur: disse o meu Doutor Serafico S. Boaventura.

De sorte que vinha para esta terra por altissima disposição aquella Sagrada Imagem, para obrar prodigios, e maravilhas em remedio de todos; e permitio o Ceo, que fosse achada com aquella mesma Cruz, em que agora se venera, e adora preservada do naufragio das agoas do mar, por donde tinha passado, desde Jerusalem até esta terra; muito melhor que Moysês na prodigiosa passagem, que fez pelo mar Roxo, quando vadeava as agoas vindo do Egypto para a Palestina. Porque se Moysês nunca obrou maravilha alguma, sem q fosse por virtude da Vara, figura da Cruz de Christo, como disse Severiano:

Severian.

Sine Virga, quæ typus Crucis fait, nihil admiratione dignum Moyses fecit; a mesma Vara lhe servio como de mysterioso baixel, em que passou o mar a salvo sem naufragio de suas ondas. Virga Moysaica in simili-

Machar. Fi-
ladel.

tudinem Crucis mare percussit, & salvatus est Israel: disse Machario Filadelfo; e como Moysês vinha por ordenação divina á

terra

terra da Palestina para obrar prodigios em favor de seus habitantes, mysterio grande houve em passar o mar com a Vara na mão, para que à virtude da Vara se attribuisse o prodigio da sua miraculosa passagem: *Virga Moysaica in similitudinem Crucis &c.* Com sinaes, e demonstrações de jubilos, e alegrias, diz o Texto, que celebrara Moyfès com todo o povo de Israel o prodigio singular de se acharem nas prayas da terra da Palestina: *Cantemus Domino, gloriose enim magnificatus est.* Mas com razão mayor se alegraraõ os primeiros habitantes desta terra de Matozinhos, achando miraculosamente na praya do mar aquella soberana Imagem do Divino Moyfès, Crucificada na Vara da sua Cruz, deterrados os Godos, Mouros, e Romanos, Senhores que haviaõ sido deste territorio, e perseguidores dos Catholicos, como consta de muitos escriptos, e antiga tradição. Celebrada diz a Escriitura que fora a invenção de Ismael filho da Nathanasias, pelos moradores do lugar de Masphat, quando o acharaõ junto das agoas do lago de Gabaon: *Invenierunt eum ad aquas*
mul-

Exod. 15

Jerem. 41

multas; quæ sunt in Gabaon; cumque vidisset omnis populus lætati sunt. Mas muito melhor, e com mayor motivo foy aplaudida, e he todos os annos celebrada pelos moradores deste lugar de Matozinhos, a Invenção prodigiosa daquella soberana Imagem: porque se a invenção de Ismael foy celebrada pelos moradores de Masphat, porque achado elle acharaõ o remedio das terriveis oppressões, que padeciaõ: *Lætati sunt pro sua liberatione;* commentou o meu Lyra; com a Invenção daquella soberana Imagem, se alegraraõ os moradores de Matozinhos, porque achada ella, acharaõ sua mayor dita, e remedio das perseguições, com seguro infallivel de todas as adversidades. *Lætati sunt &c.* Diga muito embora Jeremias aos moradores de Masphat, que com a invenção de Ismael, està o Senhor com elles para os livrar, e salvar de todos os males: *Nolite timere dicit Dominus, quia ego vobiscum sum ut salvos faciam vos.* Que eu hoje publicamente digo, que os moradores de Matozinhos com a Invenção daquella Divina Imagem estaõ seguros de todas as adversidades; porque

Nient Lyran. hic.

Jerem. 42. v. 12.

porque com elles está a Divina Clemencia em seu remedio; para cujo fim veyo a esta terra taõ divino simulacro trazido a influxos divinos para beneficio de todos.

Hic habitabo in benedictionibus meis. Ego veni ut vitam habeant, & abundantius habeant.

Joan. 20.

Esta verdade que assegura a pia devoção de meo pensamento aos moradores de Matozinhos, com a Invenção, e posse daquella Imagem Sagrada, parece que já lá em Jerusaleem quiz mysteriosamente manifestar o seu divino Prototypo: porque Crucificado Christo no Monte Calvario dizem as Escrituras, que ficara com as costas para as partes do Oriente, voltado o rosto para as partes do Occidente, como querendo significar, que deixada Jerusaleem, teatro de suas pennas, olhava para as partes da Europa, que depois havia de buscar naquella sua Imagem singular, para as illustrar com beneficios, e

graças: *Christus pependit in Cruce facie à Jerusaleem aversa, quam nempe relinquebat, & conversa ad Occidentem, tanquam Europam spectans ut significaret suo splendore illuminaturum.* escreveo o Doutor Sylveira. Porif-

Sylv. tom. 5.
lib. 8. Cap.
13. quest. 74

Joan. 19.

fo considerava eu que este fora o motivo de recusar o titulo de Rey (que lhe davaõ os de Jerusaleem) com a inclinação da Cabeça : *Inclinato Capite* : como mostrando, que deixado aquelle ingrato povo a seus beneficios, e graças, havia depois de estabelecer nas partes da Europa o seu Imperio, e querendo que este fosse o nosso Reyno de Portugal (parte mais nobre da Europa) segundo a voz do mesmo Divino Oraculo ao primeiro Monarquã deste Imperio Lusitano : *Volo in te, & in semine tuo stabilire Imperium mihi, fide purum, pietate dilectum* : por altissima providencia sua veyo naquella Sagrada Imagem sua a esta terra, elegendo este lugar para sua Corte, este Templo para seu Palacio, e aquelle maravilhoso Trono para seu assento, e habitação perpetua; de donde a todos os Catholicos, como seus fieis vassallos, está lançando a benção de seus divinos beneficios, graças, e maravilhas, que a huns promete, a outros mostra, e finalmente a todos dispende, em seu favor, amparo, e remedio. *Hac Ecclesia est requies mea, hic habitabo in benedictionibus &c. Benedictio Dei erga*

Chronic. de
Portug.

D. Amb. de
Benedict. Pa-
triarch.

homines

Phil. Jud. de
vita Moys.
lib. I.

resplandecentes luzes. *E medio rubi promicabat forma quadam pulcherrima, nulli visibili similis divinum simulacrum luce clarissima lucens.* De sorte que buscou a Clemencia Divina para trono, em que fizesse a Moyses participante de sua piedade, e despachasse as supplicas do povo de Israel para seu remedio, porque no espinheiro estava collocada huma prodigiosa Imagem sem semelhante a alguma na terra: *Nulli visibili similis.* Pois com altissima Providencia sua, considerava eu, que buscara aquella Soberana Imagem o lugar chamado Espinheiro; para que sendo nelle a sua miraculosa Invenção, segurasse a todos os Catholicos, e devotos seus, a felicidade, que lhes trazia para seu remedio, e seguro de suas adversidades. *Apparuit ei Dominus in medio rubi &c. E medio rubi promicabat &c.*

Appareceo a
Imagem do
Senhor de
Matozinhos
em hum lugar
chamado Espi-
nheiro junto
ao mar, que
cerca a terra
de Matozi-
nhos.

Confesse o Mundo todo os favores, que tem conseguido da Divina piedade, por meio do patrocínio desta Thaumaturga Imagem, pois são com tanta copia dispendidos, e em todo o tempo multiplicados os prodigios, e maravilhas que obra

em

em favor de seus devotos, que me atrevo a considerar que está acreditando esta terra com os braços de patria sua, inda que vinda là das partes do Oriente. Se me não engana o pensamento, parece que lhe heyde descobrir a prova, que me abonará a devoção. Diz o Sagrado Euangelista S. Matheus, que sahindo Christo Prototipo verdadeiro daquella Sagrada Imagem, dos fins de Genezareth, passando o mar, vieira aportar às prayas da sua Cidade: *Et ascendit in naviculam, transfretavit, & venit Math. 9. v. 1. in Civitatem suam.* E querendo os Padres saber que terra, ou Cidade fosse esta, a quem o Euangelista chama patria de Christo, diz o meu Lyra com outros muitos, que era a Cidade de Carpharnaum. *Quis dubitat Capharnaum Civitatem Domini?* Agora o meu reparo: pois se a terra que se intitula patria, ou he aquella, que dà o nascimento, ou aquella em que se concebe hum foyeito, como sendo Christo gerado em Nazareth, e nascido em Belem, chamava o Euangelista a Capharnaum patria sua: *Venit in Civitatem suam: Quis dubitat Capharnaum Civitatem Domini?* A este argumento,

Lyr. & Hug.
hic.

Na Zachar.
Episcop.

e duvida , responde o mesmo Lyra dizendo que fora , porque Christo em Capharnaum fizera muitos prodigios , e maravilhas em favor de seus moradores. *Dicitur Civitas Domini , quia ibi multa miracula fecit. Suam fecit non nascendo , sed miraculis illustrando*: explicou o Bispo Zacharias. Agora digo eu ao nosso intento : pois se a Cidade de Capharnaum se conhecia ennobrecida com o braço de patria de Christo pelos milagres que nella obrava ; quem duvidará que pelos prodigios , e maravilhas que nesta terra de Matozinhos está obrando Deos quotidianamente por aquella Soberana Imagem , a está illustrando com os creditos de patria sua ? Mas adiantando mais o pensamento nas azas da devoção , lá fuy descobrir na mesma semelhança mayor , e mais excellente excessão ; porque se a terra de Capharnaum se gloriava com o braço de patria de Christo , pelos prodigios que nella obrava o mesmo Christo em pessoa ; esta terra de Matozinhos se acredita com a mesma excellencia , e mais excessiva , pelos milagres , que nella está obrando o mesmo Senhor naquella sua ad-
mira-

miravel Imagem; e muito mais maravilhoso, e admiraveis são os prodigios obra- dos pela Imagem, do que são os que são executados pela pessoa. A prova deste pensamento darey depois a seu tempo, quando melhor tiver lugar.

Que parte do Mundo haverá, a quem o Ceo concedesse favor semelhante, como a esta terra privilegiou com graça tão singular? Glorie-se muyto embora Roma com a posse dos mayores astros do Ceo Apostolico S. Pedro, e S. Paulo: festeje-se Achaya com o martyrio de Santo André; jacte-se Efezo com a doutrina de S. João Euangelista; engradeça-se Scythia com S. Filippe, Jerusalem com San-Tiago Menor, Albania com S. Bartolomeo, e Salerno com S. Matheus. Contenda muito embora a Persia, e Inglaterra sobre a posse dos dous Irmãos S. Simão, e S. Judas; honre-se Espanha com San-Tiago Mayor; a India com S. Thomè, a Ethiopia com S. Matthias; e finalmente as mais partes do Mundo com os Discipulos de Christo; que muito mais, e com mayor razão se engrandece, e blazona o lugar de Matozinhos,

dando-se a si os parabens de ser a terra que no Reyno de Portugal logra a posse daquella Soberana Imagem do Divino Mestre, e Senhor de todos os Apostolos; porque se elles foraõ mandados ás mais partes do Mundo pelo mesmo Divino Mestre, para as illustrar com prodigios, e maravilhas; com altissima providencia reservou para si o Reyno de Portugal, e nelle o lugar de Matozinhos, para o enriquecer com o thezouro da posse daquella sua divina Imagem, fineza tão singular que

Psal. 147. *Non fecit taliter omni nationi; sicut populo suo dilecto, & credenti,* commentou

Rai. ibi

Rainerio. Bem he verdade, que inviar Christo a seus Apostolos em pessoas às mais partes do Mundo foy ardente zelo de feu amor divino; mas reservar para si esta terra, para vir a ella naquella sua admiravel Imagem, não ha duvida que de feu amor divino foy fineza mais mara-

Theol. cõmun.

vilhosa. Dizem os Theologos todos que para Deos reparar o Mundo, podia vir a elle em qualquer das Divinas pessoas; porém querendo o Euangelista S. Joaõ ma-

nifestar

nifestar o excesso do amor de Deos, em ordem á reparação do Mundo, diz que a sua prova consistira em vir ao Mundo na Pessoa do Filho. *Sic Deus dilexit Mundum, ut filium suum unigenitum daret. Sic denotat magnitudinem amoris*: explicou o Doutor Sylveira. Mas daqui nasce huma difficuldade; porque se a reparação do Mundo suppunha culpa, a culpa diz privação da graça, e a graça he vinculo de amor, porque não viria o Espirito Santo ao Mundo, se não a Segunda Pessoa, quando à Terceira Pessoa se attribue o amor, e à Segunda se attribue a fabledoria? Mas o certo he que assim o dispoz a Providencia por excellencia do Mysterio; porque como a Segunda Pessoa da Trindade he a que só se chama Imagem do Padre, e sua perfeita Imagem, como disse Santo Ambrosio seguindo a Theologia celeste de S. Paulo: *Filius imago Patris: solus enim Christus est plena Dei imago*: porisso veyo o Filho, e não o Espirito Santo para a reparação do Mundo, por ser obra de seu Amor Divino; sendo esta a razão de dizer o Evangelista que mandar Deos seu Filho ao

Joan. 3. Syl-
veir. ibi

Paul. Hebr.
Epist. I. D.
Amb. in Luc.
C. 22. lib.
10.

Mundo, fora mostrar a calificação de seu amor, por ser só o Filho sua Imagem, e não o Espirito Santo: *Sic Deus dilexit Mundum &c.* Ou se não digamos (para darmos a prova ao pensamento que fica já tocado) digamos que a vinda de Deos ao Mundo, fora empenho maravilhoso de seu amor divino para com os homens; e querendo o mesmo Deos mostrar-se maravilhosamente desempenhado, não dispoz vir na Primeira, ou Terceira Pessoa, mas sim mandar seu Filho, que he seu retrato, e sua Imagem; para que se visse que nos empenhos do amor divino para com o Mundo, he muito mais mandar, do que vir, he mais fineza, e maravilha mayor, mandar a pessoa que he juntamente Imagem. Todos sabem que a criação, e formação do homem foy empenho grande, e obra maravilhosa do amor de Deos: *Faciamus hominem ad imaginem, & similitudinem nostram. Considera totum Deum occupatum,* disse Tertuliano; e não foy tambem menos maravilhosa a reformação, e reparação do mesmo homem: *Ex quo apparet maxima Dei dilectio;* escreveu o Alapide. Po-
rêm

*Genes. 2. &
7. Tertulian.
ibi.*

rêm he de notar que dizendo a Igreja que Deos se houvera maravilhoso em seu amor na obra da formação : *Mirabiliter condidisti* : afirma que muito mais maravilhoso se mostrara na sua reparação. *Et mirabilius reformasti*. Pois como assim ! Se tanto em huma, como em outra obra, se mostrou Deos amante, e maravilhoso, porque mais realçou seu empenho na formação, do que na reparação do homem ? A razão já fica dita : he porque para a criação do homem veyo Deos ao Mundo todo Trino : *Considera totum Deum occupatum* ; e para a sua reformação mandou o Padre seu Filho : *Misit Deus filium suum ut repararet hominem lapsum* : e como o filho he Imagem, e retrato do Padre ; e a sua vinda ao Mundo era effeito do Amor Divino ; porisso a Igreja illustrada pelo Espirito Santo, disse que mais superlativamente maravilhoso se houvera Deos na obra da reformação do homem, do que na sua criação, para que se visse que mais maravilhosas são as obras executadas pela Imagem, do que pela propria pessoa ; e que nos empenhos do amor de Deos para com o remedio do Mundo, he

Eccles. in Sacrif. Mis.

D. Aug. & Greg.

he muito mais mandar, do que vir ; he muito mayor fineza, e maravilha mayor, mandar o retrato, do que vir na pessoa.

Eccles. sup.

Mirabiliter condidisti, & mirabilius reformasti. Parece-me Senhores, que superfluo feria accomodar o lugar ao pensamento, porque me estaõ ouvindo taõ doutissimas intelligencias: basteme só dizer por conclusaõ do discurso, que fora fineza maravilhosa do amor, e piedade divina, para com esta terra de Matozinhos, vir a ella aquella Soberana Imagem, retrato singular de seu Prototypo, para communicar, e dispender a todos seus devotos os beneficios de sua divina bençaõ, que saõ os prodigios, e maravilhas, que està obrando em favor do Mundo, naquelle maravilhoso Tabernaculo collocada, acabadas já as obras que pedia o culto, e veneraçaõ de taõ divino Simulacro: *Omnia consummata sunt, perfecta, & completa: Hæc Ecclesia est requies mea, hic habitabo in benedictionibus meis, quoniam elegi eam ex pura gratia mea Benedictio Dei erga homines &c.*

Joan. sup.

Rain. ut sup. sit.

Omnia consummata sunt, perfecta, & completa: Hæc Ecclesia est requies mea, hic habitabo in benedictionibus meis, quoniam elegi eam ex pura gratia mea Benedictio Dei erga homines &c.

SEGUNDO DISCURSO.

SAtisfeitos já se contentaõ os coraçõs devotos do Senhor de Matozinhos , quando vem aquella sua soberana Imagem trasladada para quelle magnifico Tabernaculo. Devida sem duvida era a sua Trasladação para aquelle lugar , em que agora se adora collocado , considerados os beneficios divinos , que por meyo de taõ soberano Oraculo da piedade , està dispendendo a todos a Divina Clemencia. Não foy taõ merecido (entrando já a aproveitar-me das reliquias, que sobraraõ do Sermaõ do dia de hontem) não foy taõ merecida a transladação da Arca do Testamento , nem em tanta obrigação estavaõ os Israelitas para a trasladarem ; e dizendo com tudo a Escritura as circunstancias da sua transladação, descubro eu não só semelhança, mas ainda excessõ , que lhe fez a transladação daquella Soberana Imagem da Arca viva do Testamento Novo: *Christus est vera Arca Testamenti* : escreveu o Doutor Sylveira. Dispoz o Profeta David taõ amante, como agrade-

Syl. in Apo-
cal. 11.

agradecido aos beneficios divinos , trasladar a Arca do Testamento da casa de Obbedon , para mais decente , e decoroso lugar ; e diz o Texto que em seu Palacio lhe fabricara hum sumptuoso Tabernaculo, no meyo do qual collocada tivesse a devida veneraçãõ. *Ædificavit locum Arce Dei ... Et constituerunt eam in medio Tabernaculi, quod tenderat ei David.* Quiz o Santo , e devoto Rey , que fosse celebre por todos os seculos a sua Trasladaçãõ ; e fazendo concorrer a Jerusalem os povos circunvezinhos de todos os estados , e qualidades , fez huma triunfante Procissãõ pelas ruas com a mesma Arca , levada aos hombros dos Sacerdotes com taõ plauzivel apparatus , que os campos se povoavaõ com a multidãõ das gentes , as musicas recreavaõ os ouvidos , e suavizavaõ os ares , enchendo a terra de prazer , as ruas de alegria , e finalmente a todos de contentamento , que manifesto nas lagrymas com que os corações mostravaõ o gosto , eraõ linguas com que aclamavaõ de tanto triunfo o applauso. *Congregavit David universum Israel.... Vocavit que cantores ut resonaret in excelsis sonitus*

Paralip. lib. 7.
13.

tus letitia.... Santificavit que Dominus Sacerdotes , ut portarent Arcam Domini.

Não sey, senhores, se fallo da **T**rafladação da Arca do Testamento, ou daquella Imagem Soberana? E que foy o que vimos, e admirámos Domingo passado nesta terra, senão aquella Imagem Divina da Arca viva do Testamento novo, trafladada para aquelle magnifico Trono, levada aos hombros dos Sacerdotes com triunfante apparatus, em plausivel Procissão pelas ruas destes dois lugares de Matozinhos, e Leça, acompanhada de infinita multidão de devotas almas, e sonoras musicas? Que coração houve que se lhe não consagrasse? Que lagrymas de hum terno gosto senão viaõ? Que applausos se não ouviaõ? E que adorações se lhe não tributavaõ? Os edificios dos lugares se adornaraõ de galas, as ruas se alcatifaraõ de olorosas, e engraçadas flores, o Ceo concorreo com claras luzes do Sol, os ares com serenidade dos Elementos: a terra concorreo com estrondosos, e festivos applausos, estes dous lugares com vistosas luminarias, seus moradores com vivas acclama-

*Acompanhou
o Regimento
dos Militares
do Porto a
Procissão da
Trasladação
da Sãta Ima-
gem.*

clamações , não faltando finalmente os estrondosos applausos dos Militares , que vindos da Cidade do Porto a impulso fervoroso da sua cordeal devoção , mostravaõ seus vivas jubilosos em bem composto , e ordenado esquadrão com os festejos de seus instrumentos marciaes. Tudo assim passou , porque a todos estes affectos incitava a gloriosa , e decantada Trasladação daquella Soberana Imagem. Seja muito embora celebrada a Trasladação da Arca do Testamento pelos Israelitas , que considerado o applauso da Trasladação daquella Diuina Imagem , realça tanto mais o seu Triunfo, que não pude achar na terra a quem comparasse seu applauso , e só no Ceo fuy descobrir sua verdadeira semelhança. Entre as mais revelações que teve o Euangelista Profeta no seu Apocalypse, foy ver no Ceo manifesto o Templo de Deos , e nelle collocada a Arca do Testamento. *Apertum est Templum Dei in Cælo , & visa est Arca Testamenti.* E proseguindo adiante o mesmo Euangelista as mesmas revelações , diz que innumeravel concurso de habitadores celestes acompanhavaõ o Trono

Trono do Templo ; e juntamente que ao som de acordes instrumentos applaudiaõ os festejos gloriosos , que no mesmo Templo se dedicavaõ à Arca : *Centum quadraginta quatuor millia ... Et vocem quam audiui cytharedorum cytharizantium in cytharis suis , Et cantabant canticum novum ante sedem Dei.* O que supposto notem agora : aquella Arca que vio festejada no Templo do Ceo o Euangelista Profeta , diz o Doutor Sylveira referindo ao douto Mendocça , e Santo Anselmo , que era a Arca do Testamento , que o Profeta Jeremias na transmigração dos Hebreos a Babilonia tinha escondido na terra de Moab. *Per Arcam intelligit ipsammet Arcam foederis , quae abscondita fuit à Jeremia Propheta in terra Moab.* Agora digo eu : e como da terra para o Ceo se tinha trasladado a Arca para se collocar no trono do Templo de Deos , porisso era celebrada a sua Trasladação com taõ gloriosos applausos , e festivos triunfos. *Apertum est Et c.*

Gap. 14.

Sylv. in Apoc.
11. q. 34. n.
265. & 267.

Semelhantes aos applausos do Ceo na Trasladação da Arca do Testamento , vimos Domingo passado neste Templo os efeitos com que a mais heroica devoção

moven-

movendo com estrondos de piedade taõ innumeravel concurso a esta terra, celebrou a Trasladação triunfante daquella Divina Arca do Testamento novo, para se collocar no Ceo glorioso deste maravilhoso Templo. Mas se não faltou a semelhança dos applausos de huma a outra Trasladação, venerou-se mayor Mysterio na Trasladação daquella Soberana Imagem com excessõ à da Arca do Testamento; e se não vejaõ. Na Arca do Testamento, que Jeremias occultara, disse Pedro Comestor, que nella se encerrava juntamente a Vara de Moyses: e que veria tempo, segundo o vaticinio de Jeremias, em que sahindo hum dia a publico a Arca com a Vara em triunfante Procissão para se collocar no alto do Monte Siao, todos os que a seguissem, alcançariaõ a mais venturosa felicidade: *Arca Testamenti cum his quæ erant in ea tulit Resurget hæc Arca, & ponetur in Monte Sion, & omnes congregabuntur ad eam sustinentes regressum Domini.* Profecia he na verdade esta ao meu parecer vaticinada para o dia de Domingo passado, em que vimos sahir deste Templo aquella Soberana Imagem da viva

Arca

Pedr. Comest.
cap. 3. in lib.
Tob.

Idem circa
finem.

Arca do Testamento novo em gloriosa , e triunfante Procissão juntamente com a Vara da sua Cruz para se collocar naquelle elevado, e maravilhoso Trono deste Templo , que he tambem entendido pelo Monte Siam : *Mons Sion interdum significat Ecclesiam.* Logo claramente se deixa ver, como com razão ponderava eu , que eraõ mais devidos os applausos à Trasladação daquella soberana Imagem, do que os que tributarãõ os Israelitas à Trasladação da Arca do Testamento , não só pela differença que se descobre entre aquella Imagem , e a Arca , se não tambem pela excellencia das maravilhas que se notaõ. Porque se na Arca do Testamento experimentavaõ os Hebreos o abrigo de suas miserias como oraculo das consultas do Ceo , e remedio de todas as adversidades , como disse o meu douto Carthagena : *In dubiis bonum consilium , in adversitatibus magnum solatium* : muito melhor , e com mais efficacia experimentaõ os Catholicos esta dita naquella Soberana Imagem , em que a Piedade Divina collocou o Trono de suas Clemencias para o remedio de seus devotos. De Da-

*Laur. in Aleg.
verb. Sion.*

*Carthag. de
Arc. Dei ho-
mil. 1.*

vid sendo pastor sahindo a pelear com o Gigante, disse Santo Agostinho fallando de feu valor , que ElRey Saul considerara nelle influxos divinos: *Intellexit rex aliquid in eo esse divinitatis* ; porque como o povo de Israel padecia as oppressões dos Filistheos , na vitoria, que David alcançou do Gigante, ficou remediada a sua necessidade; e porisso entendeu Saul aquella excellencia de David, como conhecendo mais que humano a hum fogeito, que acodia a tanta ruina consolando tanta multidão de gente. *Intellexit Rex &c.* Este conceito que Saul formou do David, pelo que nelle experimentaraõ os Israelitas em feu remedio, fórma a nossa devoção daquella sagrada Imagem de David verdadeiro, e divino, pelo que nella lucraõ as conveniencias de seus devotos: *Habet aliquid divinitatis*, lhe disse hum feu devoto, e penitente espirito, e se David se vio gloriosamente exaltado no trono de eximios applausos, que lhe tributaraõ os Israelitas, como em festiva acção de graças pelo beneficio que por meyo de feu valor receberaõ do Ceo: *Egressæ sunt mulieres cantantes, & dicentes: percussit*

Aug.

O P. Fr. Antonio das Chagas, visitando a Imagem do S. de Marzinhos.

Lyr. ibi

cussit

cuffit David decem millia. Plus honoris attribuebant David; commentou o meu Lyra: aquella Divina Imagem do Divino David, exaltada pela fua collocação naquelle Trono, he nestes dias applaudida com festivos louvores, porque em todo o tempo he aclamada de feus devotos prodigiosa, como se vê no infinito concurso de gente, que vem a este Templo de remotas regiões, com devotas offertas em agradecimento dos beneficios recebidos.

Lembre-me a mim ter lido nos escritos de Marco Tullio, que no Reyno de Sicilia havia hum magnifico Templo, e nelle collocada huma imagem da Deosa Ceres, a quem a superstição dos Gentios tinha em tanta veneração, que se a não adoravaõ como original vivo, tinhaõ para si que era viva imagem obrada pelo Ceo, e não por artificio da terra: *Cujus simulacrum tanto erat affectum artificio, ut qui illud intuerentur, aut ipsam Cererem viderent, aut effigiem non manufactam, sed de Cælo delapsam arbitrarentur.* E como esta era a fé daquelles barbaros discursos; concorria a cada passo, e cada dia ao Templo infinita multidão dos povos,

*Idem Cic. in
fin.*

adorando aquella falsa Imagem com offer-
tas de louvores, e agradecimentos das gra-
ças , que imaginavaõ haver recebido por
meyo de feu patrocínio : *Gaudentes in dona-
tionibus pro beneficiis.* Mas isto que naquel-
les Barbaros era cegueira , he clara verda-
de em todos os Catholicos , que vindo pe-
rennemente a este magnifico Templo, ado-
raõ aquella Sagrada , e Divina Imagem de
feu Creador , exaltada , e collocada na-
quelle magestoso Trono ; muito melhor,
que Moyfès coroado de triunfos , e mui-
to mais engrãdecido que Salamaõ em toda
a sua gloria. Para aqui parece que foy va-
ticipada aquella profecia de Isaiás , dizen-
do : *Oculi videbunt habitationem opulentam....
& tabernaculum quod nequaquam transferri po-
terit.... quia tibi solummodo magnificus est Do-
minus noster.* Quer dizer o Profeta : Veràs,
oh povo venturoso , o teu Deos na sua
habitação , e no seu Tabernaculo exal-
tado ; porque nelle magestosamente col-
locado atè o fim do mundo , lograrà a sua
magnificencia declarada na grandeza dos
prodigiosos effeitos de suas maravilhas pa-
ra teu remedio , e salvação : como expli-
caõ

*Isai. 31. 8.
20.*

caõ as Glosas de Lyra, e Hugo : *Secundum magnificentiam suam declaratus , faciens magna in miraculorum operatione , in qua nihil deficit de necessario ad salutem.* E que outra cousa resistaõ os nossos olhos neste Templo senaõ aquella Divina Imagem de nosso Deos, collocada naquelle maravilhoso Trono, habitaçaõ opulenta de glorias, que neste perpetuo Tabernaculo da sua Igreja, que elegeo para sua habitaçaõ, está ostentando em si pela sua collocaçaõ, e despendendo a todos os beneficios de sua bençaõ? Assim se engrandecem as glorias daquelle Senhor naquelle Trono, e lograrà para sempre na sua collocaçaõ mais exaltada magnificencia. Agora alcanço eu a razãõ da differença de ver Isaiãas a Deos em hum Trono entre glorias exaltado : *Super Solium excelsum, & elevatum,* e estar sem esta magnificencia, quando foy visto de Daniel em outro Trono. *Aspiciebam donec Throni positi erant, & antiquus dierum sedit.* Sendo a razãõ ao meu parecer; porque Deos collocado no Trono entre Espiritos Seraficos, e assistido de louvores se manifestou a Isaiãas : *Seraphin stabant, & clamabant San-*

Lyr. & Hug. hic in Isai.

Isai. 6. v. 1.

Daniel. 7. v. 9.

Etus &c. E como estas acclamações, e louvores não se lé que tivesse Deos no Trono em que o vio Daniel, porisso no Trono de Isaias lograva magnificas, e gloriosas exaltações; para que se entendesse que os louvores a Deos, quando se ostenta collocado em hum Trono magnifico, augmentaõ mais em certo modo a sua gloria. Foy este pensamento do Doutor Sylveira: *Of- tendebatur Thronus Dei Isaiæ inter Seraphin stantia, Dei que laudes canentia: ubi autem Deus inter caelestes mentes ad altiora tendentes, ejusque magnalia decantantes ostenditur, non potest non ostendi altior, & elevatior.*

Sylv. in Apoc.
11. q. 33. n.
264.

Esta verdade veneraõ as nossas attenções devotas naquelle magnifico Tabernaculo, em que aquella soberana Imagem do Filho de Deos se adora, acclamada por admiravel com estes festivos cultos, e louvores de seus devotos, ostentando mayor magnificencia na sua Exaltação, e na sua Collocação mayor gloria, realizando com sua presença veneranda, e tremenda aquella figura, que ElRey Salamaõ collocara no tabernaculo do seu Templo. Despois que o Rey Sabio acabou a renovação do Templo

plo, que para os louvores divinos consagra-
 rã, consta das Escriaturas, que collo-
 cando no lugar mais nobre do Taberna-
 culo huma luzida Estrella, que como bri-
 lhante diadema estava coroadando toda a
 obra, illustrava gloriosamente o Templo
 com brilhantes resplendores, e rayos, à
 femelhança de braços estendidos, e aber-
 tos, como escreve o Doutor Sylveira: *In* Syl. in Apoc.
12. v. 1. q. 4.
suprema parte Throni Stella stabat, qua duo pro-
tendebat brachiola patula, & aperta. No Tro-
 no, diz o douto Rabano, que se simboli-
 fava a Igreja: *Solum Salomonis Ecclesia esse* Rab. apud
Lyr.
dicitur. E na Estrella assim circunstanciada,
 escreve o mesmo Sylveira, que se repre-
 sentavaõ as condições de hum Principe, e
 Senhor, affavel, e amoroso: *Quo signifi-* Idem Syl.
catur Princeps brachiis apertis debere esse. Mas
 isto que là no trono de Salamaõ não pas-
 sou de huma figura representada no Tem-
 plo, ainda que misteriosa em seu emble-
 ma, estaõ agora resistando os nossos olhos
 na realidade, naquelle magnifico Taber-
 naculo deste maravilhoso Templo, em
 que adoramos aquella Divina Imagem do
 Supremo Monarcha, e Senhor do Ceo, e

da, terra Rey dos Reys, e Senhor dos senhores, coroando toda aquella obra maravilhosa com os braços abertos chamando a todos, prometendo-lhes, e assegurando-lhes os copiosos beneficios, donativos, e graças de sua divina benção, para cujo effeito elegeo por sua Divina Graça este magnifico Templo para sua habitação perpetua, e remedio de todos seus devotos.

Rain. ut Jup. *Hac Ecclesia est requies mea in perpetuum, hic habitabo in benedictionibus meis, quoniam elegi eam ex pura gratia mea. Benedictio Dei erga homines, est divina pollicitatio alicujus boni, seu illius exhibitio.* Para abono deste pensamento, e credito desta verdade considero eu que viera a esta terra aquella Sagrada Imagem, só com o braço direito, segundo a mais certa opiniaõ, como he tradiçaõ antiga, e como assim refere o R. Autor que escreveo a sua prodigiosa Invençaõ: porque como no braço direito de Christo, de quem he aquella Sagrada Imagem copia singular, dizem muitos dos Santos Padres, e Expositores que estaõ depositados os tesouros da Misericordia Divina para remedio, e protecçaõ dos homens: *Fir-*

metur

metur dextera tua : idest protectio tua firmetur, in malorum depressione, & bonorum sublimatione ; porisso quiz o Ceo que viesse a esta terra aquella Imagem Soberana só com o braço direito, como penhor seguro da Piedade Divina que a todos vinha assegurando. Passaram-se alguns annos, e appareceo miraculosamente o seu braço esquerdo no mesmo lugar da Invenção do braço direito ; não para final de castigos que ameaçava, mas sim para mais certificar as opulencias, e bens, que a seus devotos assegurava na benção de seus divinos beneficios, entendidos tambem pela mão esquerda de Christo. *In sinistra illius divite, & gloria : Læva medetur, & justificat*, disse S. Bernardo. Estes são os bens que nos braços daquela Divina Imagem tem os homens seguros para seu remedio : mas tambem naquelle amoroso peito tem todos o atractivo mais efficaz para obrigar as attentões humanas a buscar naquelle lugar os favores da Clemencia Divina depositados no soberano Oraculo daquela Imagem prodigiosa.

Prov. 3. D.
Bern.

Là cantava dizendo o Rey Psalmista
que

que os passaros grandes habitavaõ nas copas do Cedros eminentes; mas que o Herodio Capitaõ de todos os levava, e attrahia para seu ninho, e domicilio: *Illic passeres nidificabunt, Herodii domus dux est eorum.* Por este Passaro grande chamado Herodio entendem as glosas de Lyra, e Hugo (seguindo a saõ Jeronymo na exposiçaõ deste lugar) a Christo Senhor nosso; a caza, e domicilio para donde atrahe as aves, he seu peito amoroso, porque nelle cabem os peccadores todos significados nas mais aves de rapina. *Herodius id est Christus, qui est domus rapacissimorum, nec tales deserit;* mas inquirida a razaõ porque Christo se assemelha a hum passaro Capitaõ das aves de rapina, responde o Abulense admiravelmente a este reparo. He o Herodio, diz o Padre, huma ave de taõ raro, e singular genio, que nas prezas que faz, se distingue das mais aves de rapina, porque se ellas com as garras, e bico gofaõ da preza que cativaõ, o Herodio tem o peito taõ agudo, e animoso, que formando no meyo della huma ponta mais firme, que a mais valente espada, recolhendo em si

Psalm. 103.

Hug. & Lyr.
ibi

as garras , e bico , se arroja côm o peito sobre a preza , sem que lhe possa escapar do tiro , nem o abutre da mayor corpulencia , nem tampouco a mais remontada

Aguia. *Capit prædam super ipsam irruendo pe-* Abul. ad Cap. 11. de vit. & D. Hyer. apud. glos. Lyan.
ctore , quin eam lædat rostro , vel ungue : escreveo o Abulense. Pois ave de genio tão raro , e singular , he Christo nosso Capitaõ ,

diz David , porque vencer , e cativar aves de rapina , isto he ; converter , e atrahir a si peccadores , usando só do tiro amoroso de seu peito , para os levar ao lugar donde habita , bem se deixa ver que esta prodigiosa Ave não pode ser outra se não Christo : *Herodius idest Christus &c. Capit prædam super ipsam irruendo pectore , quin eam lædat rostro , vel ungue.* Sirva de confirmação desta verdade a experiencia que nos mostraõ todos aquelles que a este Templo cõcorrem a adorar aquella Divina Imagem de Christo ; porque se entraõ peccadores distrahidos , pondo os olhos naquelle Sobrano Simulacro , e prostrados reverentemẽte diante de sua magestosa , e tremenda presença , sahem deste Templo contritos , e penitentes : Se entraõ outros enlaçados

dos nas redes do amor profano, adorando aquella Soberana Imagem, sahem consagrados ao Amor Divino; e que outra couza he isto se não effeitos daquelle amoroso peito, que como atractivo iman das attenções humanas, causa estes prodigios nos homens? Porisso todos vem buscar perennemente a este Templo aquella Divina Imagem atrahidos das Divinas Clemencias, que nella achão os corações de seus devotos; porque quiz a Providencia Divina recopilar naquelle Divino Simulacro, por modo eminential, aquelles instrumentos prodigiosos, de que em huma, e outra Ley, velha, e nova, usou a Omnipotencia Divina para remedio dos humanos.

Exod. 7.

Porque se na Ley velha houve huma Vara que exaltada nas mãos de Moysès, obrava prodigios, e maravilhas em favor dos Israelitas; aquella Divina Imagem exaltada naquelle Trono, obra portentos, e milagres em remedio de seus devotos; digam-no aquelles que concorrem a este Templo agradecidos, e obsequiosos abeijarlhe os Pès pelos beneficios recebidos, e ou-

tros

tros a põrlhe nas Mãos suas petições para alcançarem feu despacho, e abrigo em suas miserias. Se na Ley velha houve huma misteriosa Serpente exaltada no alto de hum madeiro, na qual todos os que punhaõ os olhos, se viaõ logo livres de suas enfermidades; naquella Divina Imagem todos os que empregão os olhos de viva fê, e a ella recorrem cordealmente em suas affições, achaõ contra suas enfirmidades o mais activo colirio. Confessemno os moradores da sempre nobre, e leal Cidade do Porto, que na occasiaõ que a sua mesma Cidade estava hum hospital de enfermos apestados, alcançaraõ logo o feu remedio naquella Divina Imagem sendo levada pelo mesmo motivo á Cidade do Porto. Se na Ley velha houve huma misteriosa pedra collocada no alto do Monte Horeb, da qual os Hebreos recebiaõ abundancias de agoa para remedio da fede que padeciaõ; naquella Divina Imagem, naquelle elevado Trono, Monte de curo collocada, recebem os Catholicos as copiosas abundancias da piedade divina, para alivio de seus males, e calamidades temporaes. Publi- quem-

Num. 21.

Exod. 17.

quem-não os mesmos moradores do Porto, que nas occasiões em que a sua Cidade se achava huma Lybia ardente pelas faltas de agoa, que por largos tempos não chovera, recorrendo áquella Divina Imagem, em quatro vezes que foy levada à mesma Cidade em deprecativa Procissão, receberam as terras as enchentes de agoa, que o Ceo lhes chovera, para a producção dos frutos, de que necessitaõ os humanos.

Joan. 15.

Se na Ley velha houve huma misteriosa Piscina em cujas agoas a influxos superiores do Ceo, se curavaõ as enfermidades, e achaques todos; nas prodigiosas agoas da fonte, que aquella Divina Imagem, miraculosamente fez emanar no deserto de hum areal, não ha enfermidades, ou achaques, que não achem o seu remedio. Digam-no todos aquelles, que assim o tem experimentado por virtude das agoas de taõ miraculosa fonte, mais prodigiosa

Genes. 7.

que a de Siloe. Se na Ley velha houve huma Arca que salvou a Noè, e outros muitos do naufragio universal; naquella Divina Imagem, achaõ todos seus devotos o Porto seguro de suas felicidades, como

Arca

Arca mystica da Ley da Graça para remedio dos Catholicos. Assim o testemunhão todos aquelles que navegando esses dilatados, e furiosos mares de hum, e outro Polo, se tem visto livres de seus perigos, e promontorios, clamando devota, e cordealmente por aquella Soberana Imagem, que como Divino Santelmo livrando-lhe as vidas das sepulturas das ondas, os tem trazido às prayas do Porto suspirado. Se na Ley nova finalmente, nos deixou o Filho de Deos humanado nos Misterios, e Sacramentos, que instituhio, cartas de seguro da mizericordia, alvarás da summa bondade, e penhores da Bemaventurança: naquella Divina Imagem do mesmo Filho de Deos, verdadeiro retrato de seu Original, achão todos os Catholicos os seguros certos de suas felicidades, assim temporaes, como sempiternas, cuja verdade parece que està significando com a misteriosa disposiçãõ de seus olhos; porque ao mesmo tempo que com hum nos promete as felicidades do Ceo, com outro nos assegura as conveniencias da terra: *Oculi Domini aliquando significant misericordiam &*

*Eccles. & Sã.
7. PP.*

Tem a Imagem do S. de Matozinhos hum olho no Ceo, outro na terra.

benig-

Laur. in Al-
leg. verb.
oculus.

benignitatem: oculus dexter, est consiliarius, & amicus in rebus divinis, sinister vero consiliarius in rebus terrenis: allegorizou Laureto.

Compendio de muitas graças, e excellencias, virtudes, e perfeições, quiz a Providencia Divina, que sahisse das mãos de Nicodemus aquella soberana Imagem; para que entre todos os retratos de Christo, que venera a fé Catholica na terra, fosse aquelle Divino Simulacro estimado singularmente das humanas atenções, por ser o mais conforme com seu Original, e porisso venerado entre todos por admiração. Entre todas as creaturas visiveis, e invisiveis, só do homem se diz, que he pintura divina, por sahir das mãos de Deos huma Imagem, e semelhança sua:

Genes. 2.
D. Ambr. ibi *Faciamus hominem ad imaginem, & similitudinem nostram. Secundum hanc imaginem, que res-fulget, pictura est Adam, disse Santo Ambrosio.* Bem he verdade que os Anjos são creaturas perfeitissimas, como substancias todas espirituaes; mas como no Anjo não se acha aquella excellencia, e prerogativa, que se descobre no homem, porisso só do homem se diz o que não se affirma do

Anjo.

Anjo. He o homem hum compendio de todas as perfeições naturaes pelas mais creaturas repartidas ; porque se na pedra he perfeição ter ser, e substancia, nos irracionaes o sensitivo, nas plantas o vegetativo, e o intellectivo nos Anjos, todas estas perfeições pelas mais creaturas repartidas se achão no homem recopiladas: *Juxta aliquid omnis creatura est homo. Habet namque commune esse cum lapidibus, sentire cum animalibus, vivere cum arboribus, intelligere cum Angelis*, disse S. Gregorio Magno. Sendo pois esta razão porque só o homem se diz pintura divina, e admiravel imagem de Deos, por esta razão tambem he aquella Soberana Imagem para as nossas admirações admiravel, porque nella compendiou a Providencia Divina todas as prerogativas, e excellencias, que pelas mais Imagens de Christo na terra estaõ divididas. Estas gloriosas excellencias estaõ ostentando nos prodigiosos effeitos q' obra em remedio de seus devotos ; e com razão adorada com summa reverencia naquelle magnifico Tabernaculo, donde collocada magestosamente, pela mais heroica devoção,

D. Greg. bu-
mil.9.

logra as mais elevadas exaltações naquelle Trono; acabadas as obras, que pedia o culto, e veneração de tão soberano, e divino Simulacro: *Omnia consummata sunt &c. Hæc Ecclesia est requies mea &c. Benedictio Dei erga homines &c.*

Magestoso, e adorado Senhor, Imagem divina de Christo Filho do Eterno Padre, até aqui puderaõ chegar os voos de meu limitado discurso, para elogiar as gloriosas exaltações, que pela vossa magestosa collocação ostentaes nesse magnifico Tabernaculo, como Ceo de tão suprema Gloria, como Erario de tão rica joya, como Custodia de tão sagrada Reliquia, como Cofre de tão soberano Sacramento, e como Campo de tão precioso Thesouro, que o Ceo quiz descobrir nesta terra para enriquecer os homens de maravilhas prodigiosas de vossa Divina benção. Bem conheço Senhor, que fuy diminuto na publicação das vossas excellencias; mas accey-me piadoso a vontade por cabal sacrificio da minha devoção; pois bem sabeis que o preceito da obediencia me fez subir a este lugar temeroso. E já que a todos os vossos

vossos devotos liberalmentente despendeis tantos beneficios, para mim vos peço hoje primeiramente o perdão da minha confiança (se he que a obediencia não disculpa os confiados) e despois vos suplico que a estes meus Irmãos que em Religiosa Comunidade, celebraõ tambem a vossa Collocação, liberalizeis as enchentes da vossa graça, pois nos vossos applausos se mostraõ tambem empenhados com razão especial, como filhos daquelle Pay, que foy na vida vossa imagem, e retrato vivo: *Franciscus fuit imago Christi*, para que a elles, e a todos os que vos assistem neste festivo Culto de vossos applausos, assistidos tambem da vossa graça, vão com eilla gozar no Ceo da vossa Gloria. *Quam mihi & vobis &c.*

*Cardeal Pizano
no in vita S.
Francisc.*

Amen.



si in contemplatione sedentis in Throno.

Supposto pois , que hoje haviaõ de ser os pasmos , e os assombros os melho- res Panegyristas de tanta grandeza ; vamos ao menos vendo, como o mesmo Ceo (que aqui vemos trasladado na terra) ensinandonos a respeitalla suspensos deo a forma , e o molde para a magnificencia destes applausos.

Saõ Dionysio , e Celestino referidos pelo grande Alapide no commento de Isa- ias ao Capitulo sexto, disseraõ vira o Profe- ta a Deos no Trono louvado , e applaudi- do daquelles Celestiaes Espiritos , para delles aprender como na terra as couzas

Divinas haviaõ ser tratadas : *Ut á Celestibus Spiritibus disceret , quomodo Divina tractanda sint.* D. Dionis. & Celestin. ab Alap. relati in Coment. ad Cap. 6. Isai.

E o mesmo , em que foy entaõ Isaías instruido , he o que neste magnifico culto vemos com promptualidade executado ; porque se là no Ceo Ezequiel vio Cheru- bins ; Isaías Serafins , e Anjos o Euange- lista ; rendendo todos gratificativos louvo- res ao Senhor no seu Trono , tambem na terra dentro do Ceo deste Templo, vemos, e temos visto correrem por conta dos Che- rubins,

rubins , Serafins , e Anjos os applausos do Bom JESUS restituído ao seu Solio ; fe-não vejase a congruencias ; e proprieda-de.

No primeiro dia deste Triduo , a que assistio o Illustrissimo Cabido, correo o applauso por conta dos Cherubins , que considero nos fugeitos daquella Gerarquia , não sómente pelo elevado das Intelligencias , e graduações ; mas tambem pelo encarnado das murças ; de encarnado se ornaõ os Cherubins : saõ logo os primeiros assistentes Cherubins , atè pelas insignias , com que se condecoraõ.

No segundo , e precedente dia , a que assistiraõ os Religiosos da Conceyção , correo o culto por conta dos Serafins ; que tambem vejo representados naquella Gerarquia , não sómente pelos ardores do Espirito , mas tambem pela profissaõ do habito , de pardo se vestem os Serafins ; saõ logo Serafins aquelles segundos assistentes até pela cor do habito , que professaõ.

E hoje neste ultimo dia , e terceiro , a que assistem os filhos , e irmãos de S. Pedro

Pedro corre o remate da festa por conta dos Anjos ; que contemplo nos fogueitos desta ultima Gerarquia , assim pelos cantores da sua pureza ; como pelo candido de suas sobreprelizes , que de branco se vestem os Anjos.

E porisso com muito acerto vem estes no ultimo lugar ; porque depois de Ezequiel , e Isaias verem os Cherubins , e Serafins assistindo ao Senhor no seu Throno ; vio S. Joaõ no ultimo lugar os Anjos todos germanados ; ou em corpo da Irmãdade para o mesmo empenho : *Omnes Angeli stabant in circuitu Throni , & adoraverunt Deum.* Em Christo adoraraõ a Deos os Anjos , e assim o fazem , como o devem fazer , os filhos , e irmãos de S. Pedro ; imitando a seu Pay , e Principe nas acclamações da Divindade : *Tu es Christus Filius Dei vivi.* Math. 16: 16. porque hoje por remate das glorias de applaudido acclamaõ ao Senhor tres vezes santificado : *Sanctus , Sanctus , Sanctus , Dominus Deus exercituum , plena est omnis terra gloria ejus.*

Na triplicidade uniforme dos fugeitos , por cuja conta corre a magnifica assistencia

tencia deste Culto , se me estaõ reprezen-
tando aquellas tres arvores que nasceraõ da
boca de Adaõ depois de morto ; as quaes
sendo tres differentes plantas ; como eraõ,
Palma, Cypreste , e Cedro , se uniraõ taõ
maravilhosamente entre si, que de tres trõ-
cos vegetativos, se vieraõ a germanar em
hum só tronco , reduzindo-se com mila-
groza harmonia as tres plantas a huma só
arvore: assim o diz Villarroel referindo a
Pineda , que o tirou de outro Autor mais
antigo: *Steterunt tres isti rami, seu potius
arbores actis in Adami ore radicibus ad usque sæ-
culum Noé: ergo Deo sic volente in se se mutuo
tres illi rami influxerunt, & conjunctione mira-
bili in unam ingentem arborem coaluerunt.*

Figura expressa da Cruz foy aquel-
la arvore, que de Palma, Cypreste, e Ce-
dro no parecer de Bozio se compoz o Sa-
grado Lenho da Cruz: *Ligna Crucis Palma,
Cupressus, & Cedrus*; e foy providencia, que
assim como pela boca de Adaõ a penas
com vida entrou no pomo vedado o vene-
no da morte; depois de sua morte lhe fa-
hisse da mesma boca a melhor idéa da ar-
vore da vida: havia porém de formar
aquella

Villaruel.

Boz. de Cru-
ge Christi.

S E R M A M
NO TRIDUO, COM QUE
os Irmãos devotos
DO SENHOR
DE MATOZINHOS

Celebraraõ a Reposiçaõ daquella Veneranda Imagem no Trono depois de consummada toda a obra da sua Capella.

P R E G A D O

No terceiro, e ultimo dia a seis de Mayo do Anno de 1733.

PELO REVERENDO DOUTOR

MANOEL PEREIRA
ALVARES

Protonotario Apostolico de sua Santidade, e Reytor de Santa Maria de Campanhã do Bispado do Porto.

22. R. M. A. V. E.

THE LIBRARY OF THE
UNIVERSITY OF TORONTO

DOUBLEDAY

OF NEW YORK

1900

THE UNIVERSITY OF TORONTO
LIBRARY

1900

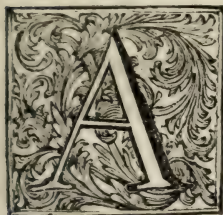
UNIVERSITY OF TORONTO

LIBRARY

1900



Consummatum est. Joan. Cap. 19. n. 30.



SEIS de Mayo com a sexta palavra, que Christo profetio da sua Cruz, venho no terceiro, e ultimo dia deste Triduo pòr o remate aos applausos, com que os devotos do Bom JESUS dando graças por graças lhe solenizaõ neste Templo a Encenia, ou nova dedicação do feu Trono. A seis de Mayo, que no dia sexto, e na sexta hora; quando o Mundo estava na sua infancia, e primavera, cahio Adaõ do trono da Graça, para que no sexto dia, e na hora sexta, vissemos o segundo Adaõ Autor da Graça mostrandonos no Trono da sua Cruz redimidos da culpa. Desde a hora sexta, em que o Senhor da sua Cruz fez Trono:

Glos. ad text.

Ex Hymn. Ecclesie. *Regnavit in ligno Deus*, com razaõ occultando as luzes callaraõ os astros as linguas.
Matth. 27. 45. *A sexta autem hora tenebræ factæ sunt*; porque à vista do Senhor no seu Trono, as linguas mais apuradas haviaõ ficar com razaõ às escuras emmudecidas: *A sexta autem hora tenebræ factæ sunt.*

Quando no Templo do Calvario posto no Trono da sua Cruz, consummou o Senhor a obra da Redempçaõ; todos os que presenciaraõ aquelle Soberano Espectaculo, ferindo os peitos com amiudados golpes, reverentemente suspensos, se apartavaõ daquelle lugar attonitos. *Omnis Luc. 23. 48. turba eorum, qui simul aderant ad spectaculum istud, & videbant quæ fiebant percutientes pectora sua revertebantur.* Mas que havia de fer? Vio aquella turba que os astros com os seus ecclipses, a terra com os seus tremores, os marmores com os seus abalos, as pedras com as suas scissuras; e até os homens com os seus testemunhos, havendo reconhecido em Christo, como Deos o *non plus ultra* da sua Gloria; ainda depois de morto no sangue, e agua que derra-

derramou do peito, mostrava terem as suas clemencias *plus ultra*; e verem as turbas que depois de consummada huma taõ grã-de obra em Trono de Magestade collocado, ostentando Christo de sua Gloria o *non plus ultra*, mostrava ainda alli ter *plus ultra* a sua Clemencia: quem haveria, que chegando-o a ver, deixasse attonito, e suspenso de o venerar? *Omnis turba &c.*

Isto mesmo que succedeo no Calvario á vista da realidade, muito antes o tinha visto Isaias em representação? Os Serafins, que como Palacianos do Ceo affixião a Deos na Corte da Gloria, com as suas azas cobrião o Rostro do Senhor, e mais os Pès, e os seus proprios Pès, e proprio Rostro: *Duabus velabant faciem ejus, Isai. 62. & duabus velabant pedes ejus.* O Caldeo, Vatablo, e outros: *Duabus velabant facies suas, & duabus velabant pedes suos;* mas vio o Profeta, que o Senhor alli estava em hum mag-nifico Trono. *Super Solium excelsum,* e não de outra fórte, senão feito hum anticipado retrato do Bom J E S U S Crucificado, que isto mesmo he, o que diz S. Bernardo vira o Profeta naquelle excelso Solio. *Isaias vidit*

Cald. & Vatabl. relat. á Cern. Aiap. in hunc locum.

D. Bernard.

vidit Christum sub Patre in Cruce pendentem,
fazendo ostentação taõ grande de sua Glo-
ria, em abono da sua Clemencia, que
fendo a Esfera do Ceo pequeno Theatro
para ostentação da sua Gloria, e Magesta-
de, toda a redondeza da terra encheo
benevola a Magestade da sua Gloria: *San-*
ctus, Sanctus, Sanctus, Dominus Deus exerci-
tuum, plena est omnis terra Gloria ejus.

Isai. ubi su-
pra n. 3.

E quando no feu Solio, e no feu
Trono, se vê de Christo o melhor retra-
to com jubilos alegres applaudido, na of-
tentação de sua Gloria, e clemencias em-
penhado, não ha intelligencia, que abrin-
do as azas do discurso na exploração deste
soberano Mysterio, saiba por donde cami-
nha, porque faltando-lhe a actividade da
perspicacia, a cada passo tropeça.

São os Serafins não sómente puras
intelligencias, mas as intelligencias mais
puras; e quando as mais puras intelligen-
cias na exploração de tanta grandeza cru-
zando as azas suspendem os voos; que ter-
reno discurso na sua exploração remontá-
do os voos, alargará os passos? He sem
duvida, que perdendo o tino aos primei-

ros passos , escurecida a actividade da perspicacia, a cada passo perderão os voos o tino. *Duabus velabant facies suas, & duabus velabant pedes suos.*

Oh meu Deos , e meu Senhor ? E que farey eu agora á vossa vista , sendo vòs de Christo o melhor retrato , e eu da terra o menor bichinho , entre as creaturas a mais vil , e entre os rudes o mais inerte : para que hoje possa da parte dos homens dezempenhar-me nos vossos louvores, e com elles dezempenharvos para com mão prodiga nos dispenderes os vossos beneficios ? He certo meu Bom JESUS , que voando sem cessar com as azas do coração , como faziaõ os Serafins do Trono : *Et duabus volabant* , ainda que para louvores não possa montar o impossivel de comprehendervos ; mostrarey ao menos a reverente submissão , com que dezejo aplaudirvos ; que là voaõ muitas vezes os affectos , aonde não pòdem chegar os discursos ; venerarey affectuoso , o que não posso decifrar discursivo , dizendo com David suspenso , e mais attonito ?

He a Sagrada Imagem do Bom Jesus de Bouças retrato verdadeiro de Christo.

Isai. ubi supra 62.

Isai. 14. 13.

*Quis ascendet in montem Domini, aut quis stabit in loco Sancto ejus? Quem (dizia o humilde coração do Real Profeta) quem poderá subir com o pensamento, não a entronizar-se vanglorioso como Lucifer: In Caelum conscendam, & super astra Dei exaltabo Solum meum, sedebo in monte testamenti; que isso he experimentar sem fallencia as ruinas de despenhado, nos delirios de atrevido: mas a decifrar reverente a Gloria, que ostenta o Bom JESUS no seu Trono: *Quis ascendet in montem Domini? Ou quem poderá sem temer, e tremer a pè fixo fazer alto com o discurso naquelle abyfmo de clemencias, em que está empenhado o Bom JESUS restituído ao seu Solio? Aut quis stabit in loco Sancto ejus?* mostrando cabalmente nesta acção de graças os dezempenhos, e empenhos deste magnifico culto? He este hum projecto que para desfenganar a temeridade do mayor atrevimento com as creaturas insensiveis no Calvario, o respeitaraõ os homens estupefactos, assim como os Serafins do Trono o veneraraõ suspensos, e mais attonitos, diz o mellifluo Bernardo: *Stabant attoniti, & suspensi**

si in

aquella arvore para Christo da sua Cruz o seu Trono; diz Hugo. *CruX est Thronus Christi*. E como havia de ser Trono, em que Christo no Mundo apparecido se havia de ver glorificado: logo na diversa triplicidade das plantas, de que se formou a propriedade, e conveniencia dos assistentes deste culto nos descobrio.

Hugo Card.
in indice

Todos procedemos de Adaõ; que nelle tiveraõ principio as nossas rayzes; e porisso fomos crescendo, & multiplicando como arvores; que isto bem o vio, quem ainda naõ via bem: *Video homines velut arbores*; mas tendo todas as suas semelhanças com os diversos estados, e sexos das creaturas. No Cedro com muita propriedade se representaõ os primeiros assistentes deste culto pela altura de sua dignidade: *Cedri in Ecclesia*, (diz Hugo) *sunt viri sublimes in dignitate*. No Cipreste se representaõ os segundos assistentes, porque sendo simbolo dos Religiosos, e Penitentes, que sem pender para a terra sempre vaõ com os olhos no Ceo, como diz Picinelo. *Cupressus Religiosos, & penitentes adumbrat*. Os Religiosos da Conceyção saõ da Ordem da Penitencia.

Mart. 8.24.

Hug. Card.
in indice.

Picinel. lib. 7.
n. 154. &

115.

E ultimamente na Palma se retratão os filhos, e iamãos de S. Pedro; não porque no animo, e affecto, com que assistem a levem aos de mais assistentes, que, aonde vemos huma tal uniaõ de affectos, não podemos admitir mayoria nos extremos; mas porque sendo a Palma symbolo da pureza, o he da fraternal uniaõ: assim o decifrou Arezio em duas Palmas enlaçadas com este timbre. *Castum Conjugium*, que quer dizer, ajuntamento casto; e que mais casto ajuntamento, que o desta devotissima Irmandade, que no amor, e zelo a todas se leva a palma?

Arezius à Pincinel. relat. lib. 9. n. 354.

Logo com acerto imitando no Ceo os Anjos (que todos são de huma mesma natureza) com prodigiosa harmonia se juntaraõ na terra os homens para os applausos do Bom JESUS restituído ao seu Trono, que sendo-o para elle a sua Cruz, se vio na diversidade daquellas plantas; de que estes ramos de Adaõ uniformes, e conjuntos com singularidade do objecto, querem ostentar húa só a arvore para o mesmo fim nascida de hum só tronco; e por isso em quanto eu descifrando o culto das

pala-

palavras do Tema dirivo o argumento ; as Palmas , os Cyprestes , e os Cedros , postrem reverentes aos Pês do Bom J E S U S às suas Coroas , e insignias , assim como o faziaõ os Anciões , que assistiaõ ao Senhor no seu Trono submetendolhes aos pês as Coroas : *Mittebant Coronas suas ante Thronum.*

Apoc. 4. 10.

Neste culto mostraõ os devotos do Bom JESUS o prazer de verem aquella sua veneranda Imagem restituida ao seu Trono , do qual esteve separada em quanto se dourou a obra da sua Capella , e o mesmo Trono ao Senhor dedicado ; por cuja divida nesta Encenia , ou nova dedicaçãõ , com o rendimento destas graças o querem ter propicio para novas graças ; e esta foy a razãõ de eu dizer ao principio , vinha pòr o remate a estes applausos , dando graças por graças : e isto mesmo , nem mais , nem menos , insinuaõ as palavras do nosso Euangelho , que tomey por tema , as quaes saõ aquellas mesmas , com que o Senhor deo a obra da Redempçaõ por consummada. *Consummatum est opus redemptionis* , *Glos. ad text.* diz a Glosa.

Carta. ad
nostr. tent.

Porque alli na sua Cruz com appa-
rato regio dedicou o Senhor para si o me-
lhor Trono, diz o Cartagena. *Cruce Domi-
ni Thronum, & solium, quem ipse... authori-
tata Regia dedicavit.* E esta he a congruen-
cia de ser a elle restituído no dia da Invé-
ção do Sagrado Lenho da Cruz; porque se
o Senhor da sua Cruz fez Trono, quiz de-
ver as glorias de applaudido à Magestade
de Crucificado, e foy a Cruz no Templo
do Calvário, Trono, aonde ultimamente, e
por remate de tudo descançou o Senhor,
diz o doutíssimo Baeça: *Non enim Deo dig-
na requies ubi non omnia, quæ incepit facere
consummavit.*

Baeça ad
textum.

Dignamente descançou o Senhor no
seu Trono, porque já estava consummada
a obra de que lhe resultava da sua Gloria
a melhor Coroa, diz o já referido Carta-
gena. *Consummatum est, idest constantiam in co-
ronando incepto opere significavit.* Coroou o
Senhor a obra, e poz-lhe o remate mos-
trando do seu amor o *non plus ultra*, diz
Philo, ou Cartagena referindo-se a Philo.
*Consummatum est, significare ait Christum Domi-
num, ejus amorem ultra progredi non potuisse.*

Cartag. ubi
supr.

Philo à Car-
tag. relatus
ad hunc locum.

E por-

E porisso inclinando o Senhor a Cabeça para espirar, rendeo a seu Eterno Pay as devidas graças por haver permitido descançasse no Trono da sua Cruz depois de consummada a obra da Redempção, diz o Sylveira: *Capitis inclinatione denotavit Christus summam adorationem, & reverentiam erga Patrem cum gratiarum actione pro Cruciatibus toleratis, hominum redemptione adimpleta.*

Sylv. lib. 8.

cap. 28. q. 9.

§. 1.

E se no Calvario rendeo o Senhor a seu Eterno Pay as devidas graças por haver permitido descançar no Trono da sua Cruz, que para ostentação de sua Gloria, e clemencia com aparato Regio para si dedicou com universal applauso das creaturas racionaes, e insensiveis; mostrando alli por remate, e coroa da mayor gloria o *non plus ultra* do seu amor, ferà argumento desta Oração por ultimo remate desta acção de graças vermos ostentar o Bom JESUS restituído ao seu Trono o *non plus ultra* da sua gloria; porque alli ha de ter sempre a sua Clemencia *plus ultra*; gravando nestas duas columnas o Divino Hercules o *plus ultra* da sua Clemencia além do *non plus ultra* da sua Gloria; que neste empenho poem

ao Bom JESUS, que por coroa, e remate destes applausos mostra do seu amor os desempenhos. *Consummatum est opus redemptionis. Constantiam in coronando incepto opere significavit. Significare ait Christum Dominum ejus amorem ultra progredi non potuisse. Non enim Deo digna requies ubi non omnia, quæ incepit facere consummat. Crux Domini Thronum, & solum, quem ipse autoritate Regia dedicavit. Capitis inclinatione &c.*

Assim como ha fatisfações que obrigaõ, ha dezempenhos, que empenhaõ: he o mesmo que eu considero nesta acção de graças, com que os devotos do Bom JESUS lhe solemnizaõ a Encenia, ou nova dedicacão do seu Trono, depois de acabada, e perfeita a obra da sua Capella; porque quanto mais os devotos do Senhor se empenhaõ nos applausos da sua gloria, tanto mais o empenhaõ para os favores da sua Clemencia aos applausos da sua gloria: nesta celebridade hoje se lhe dà o fim, mas desde hoje nos promete o Senhor serem sem fim as enchentes da sua Clemencia.

Eu não quero dizer terà fim a gloria do Senhor, que essa, assim como he immensa,

fa,

fa, tambem he eterna , e desta fórte considerada sempre tem *plus ultra* ; mas como he temporal , a que lhe resulta dos applausos daquella Imagem veneranda , officina admiravel dos prodigios da Divina Omnipotencia ; tendo hoje o ultimo termo ganancia ferem sem termo do Senhor as misericordias. E porisso eu dizia , que no remate desta celebridade em hum *non plus ultra* se descobria hum *plus ultra*. *Consummatum est significare ait Christum Dominum ejus amorem ultra progredi non potuisse. Constantiam in coronando incepto opere significavit.* Mas para reduzirmos este culto , e este asserto a termos praticos , saybaimos primeiro , que vem a ser Encenia , ou nova dedicaçã no rigor especulativo.

Lauret. in
Sylva alle-
gor.

Encenia , diz Laureto , que he a dedicaçã de qualquer cousa , ou festa , que se faz pela renovaçã da mesma cousa: *Encenia dicuntur , quando fit dedicatio cujuscumque rei , vel festum , quo res qualiscumque innovatur.* Consiste esta dedicaçã , ou Encenia em huma solemne , e plausivel acçã de graças rendidas ao Senhor por haver permitido chegar a cousa dedicada ao fim dezejado.

*Theatrum Vi-
tae Humanae.
lit. T. verbo.
Templum.*

Assim o diz Lourenço Beyerlinck no seu Theatro. *Dedicatio nihil aliud est, quam solemnitas quaedam, & cum summa exultatione facta Deo gratiarum actio; quod domus illa ad optatum finem perducta sit.*

E sendo este culto hum reverente applauso consagrado ao Senhor pelo vermos restituído ao seu Trono, aonde felizmente descança depois de consummada a obra da sua Capella: *Non enim Deo digna requies, ubi non omnia quae incepit facere consummavit*, com justa razão lhe compete a este culto o nome de Encenia, ou nova dedicação, e com elle mostrando-se a gloria do Bom J E S U S elevada à mayor altura, claramente ficará a sua Clemencia por interminavel conhecida: ou para o dizer melhor, ostenta o Senhor restituído ao seu Trono o *non plus ultra* da sua Gloria; porque alli teraõ sempre as suas Clemencias *plus ultra*. Temos hum lugar que sendo idèa do assumpto, nos prova fielmente o argumento.

Para Salamaõ celebrar a dedicação do seu Templo (que foy huma das maravilhas do mundo) mandou convocar todos

dos os Principes, Capitães, e Grandes do seu Reyno, para que com a mayor pompa, que podia ostentar a sua grandeza, fosse com triunfal solemnidade levada a Arca do Testamento para Trono, que no Propiciatorio, ou Oraculo do Templo lhe tinha fabricado: *Congregati sunt omnes maiores natu Israel cum Principibus Tribuum, & duces familiarum ad regem Salomonem in Hyerusalem, ut deferrent Arcam fœderis Domini de Civitate David.*

3. Reg. 8. a 1.
& 2. Paralip. 5. a 1. uf-
que ad finem

Juntos em fim no fim do mez de Abril, ou principios de Mayo com immê-
fidade de Victimas, e coreas, e musicas tiraraõ a Arca de Siao Cidade de David, e nos hombros dos Sacerdotes a levarãõ em Procissaõ solemne para o Trono do Propiciatorio, aonde lhe estava fabricado o seu jazigo sobre as azas de dous Cherubins. *Intulerunt Sacerdotes Arcam fœderis Domini in locum suum in Oraculum Templi in Sanctum Sanctorum subter alas Cherubim. O Alapide, duo Cherubim erant super Propitiatorium; ita ut per alas suas expansas, & conjunctas, exhiberent quasi sedem Deo.*

Alap. sup.

3. Reg. ub. sup.
pra n. 6.

Alap. in Exod
25. 10. pag.
580. lit. A.

E posta no Trono a Arca do Senhor

nhor lhe rendeo Salamaõ as graças por haver permitido pôr ultimo remate á obra do feu Templo , e Trono ; assim como o prometera a David feu Pay dando desta fórte principio à celebridade da sua dedi-

2. Paralip. 6. cação : *Benedictus Dominus Deus Israel , qui*
 4 & 3. Reg. *quod locutus est David patri meo , opere complevit ,*
 8. 15.

de que resultou ao Senhor tanta gloria , que para fazella manifesta encheo de nevoa resplandecente todo aquelle admiravel Sanctuario em tanta forma , que para mostrar-se impenetravel á comprehensão dos juizos rebatia aos assistentes a perspicacia dos olhos : *Non peterant Sacerdotes stare , &*

3. Reg. *ubi ministrare propter nebulam , impleverat enim*
 supra n. II. *gloria Domini domum Dei.*

Eu já não reparo em que a gloria do Senhor enchesse o Templo ; porque essa, como he immensa, todo o lugar occupa : e assim o viraõ os nossos olhos se Deos elevando-os lha quizera fazer manifesta: no que reparo he , que rendendo Salamaõ a Deos as graças na dedicação do feu Templo por ver a Arca do Senhor já de assento no feu Trono para continuarlhas, fizesse o Senhor alli huma vizivel , e manifest-

ta ostentação da sua gloria: *Impleverat enim gloria Domini domum Dei.* Oh senhores, que não podia deixar de ser !

De maneira, que a Arca collocada sobre as azas dos Querubins no Trono do Propiciatorio, como lhe chama o Alapide,

Propitiatorium erat quasi solium Dei Triumphantis, Alap. in Exod. 25. 18. pag. 514. lit. D.

era hum anticipado Retrato de Christo Crucificado posto de assento no seu Magestoso Trono. Porque se a Arca era figura de

Christo no commum sentir dos Expositores, que seguem a Ruperto, e a S. Grego-

rio; collocada sobre as azas, que os Cherubins tinhaõ estendidas, e cruzadas; vinha a ser huma verdadeira Imagem de Christo Crucificado na sua Cruz. E quando o melhor retrato de Christo Crucificado em Trono de Magestade he com reverentes latrias applaudido; entãõ para ostentação das grandezas da sua Clemencia com justa razão quiz alli mostrar Deos o *non plus ultra* da sua gloria. *Impleverat enim gloria Domini Domum Dei.* Rupert. & D. Greg. Homil. ult. in Ezechiel. & Cyril. lib. 4. in Joan. Cap. 28.

Quando o melhor retrato de Christo Crucificado em Trono de Magestade he com reverentes latrias applaudido; entãõ para ostentação das grandezas da sua Clemencia com

justa razão quiz alli mostrar Deos o *non plus ultra* da sua gloria. *Impleverat enim gloria Domini Domum Dei.* 2. Paralip. 7. 5.

Celebrou Salamaõ, e todo o povo a dedicação do seu Templo, e Trono, *Dedicavit domum Dei Rex, & universus populus,*

lus, e descendo o fogo do Ceo a consumir as victimas, viaõ os assistentes a mesma Gloria do Senhor enchendo, e exuberando aquelle Sanctuario, razão porque prostrados, e rendidos com reverentes latrias lhes davaõ os devidos louvores; e graças.

2. Paralip.
ubi supr. n. 3.

Videbant descendentem ignem, & gloriam Domini super domum, & corruentes proni in terram adoraverunt, & laudaverunt Dominum.

Via porém aquelle povo, que estando aquella Veneranda Imagem do Senhor de assento já no seu Trono; o mesmo Deos, que não tem plus ultra, para ostentar vizivelmente o *non plus ultra* da sua Gloria; alli mostrava ter para sempre *plus ultra* a sua Clemencia; *Quoniam in aeternum misericordia ejus.* E quando em trono de Magestade venerado, e applaudido, ostenta o Senhor sem termo a sua Clemencia, he para mostrar da sua Gloria o *non plus ultra*; e o ultimo termo. *Impleverat enim Gloria Domini domum Dei, quoniam in aeternum misericordia ejus.*

2. Paralip.
ubi supr. n. 3.
& 6.

O passo he taõ de molde para o assumpto, e para o festejo; que não necessitava de accomodaçãõ, senão fora presi-

zo fazer com elle manifesto , e claro , quizerão os devotos do Bom JESUS na reformação deste Templo , e grandeza deste culto , imitar a grandeza de Salamaõ , não sómente na fabrica do seu Templo ; mas tambem no applauso da sua dedicação , depois de descançar no Trono do Propiciatorio a Arca do Senhor , retrato verdadeiro da Imagem do Bom JESUS , já no seu Trono posta de assento , e como no parecer de Alapide aquella dedicação primeira de todas as outras foy idèa : *Dedicatio Templi significabat dedicationem Ecclesia , & cujuslibet Templi Christiani* , para lhe investigarmos a congruencia mais ao perto , o havemos de hir premeditando ponto por ponto.

Ordenando Salamaõ depois de acabado o seu Templo trasladar a Arca do Senhor de Siaõ Cidade de David , para o Trono do Propiciatorio , e celebrar a sua dedicação com apparatus em tudo Regio , digo celebre , como advertio Lourenço Beyerlinck no seu Theatro : *Fecit que Salomon tempore illo festivitatem celebrem* , mandou (como já disse) convocar todos os Grãdes

*Alap. in 71
Reg. cap. 8. v. 2.
2. pag. 147.
lit. B.*

*Theatr. Vit. e
Humanae lit.
T. Verbo Templ.*

des de feu Reyno para com triunfal apparatus collocar a Arca do Senhor no seu magestoso Solio, que lhe tinha mandado fabricar todo cuberto de ouro, e pedrarias, e não sómente o Trôno, e Querubins delle, mas tambem o Altar, e paredes em roda, à maneira, que mandou Deos fabricar o Altar do Tabernaculo: *Vestiesque illud auro purissimo tam craticulam ejus, quam parietes per circuitum.*

Exod. 30. 3.

E se neste Templo não vemos a grandeza, com que Salamaõ mandou fazer aquella maravilha, ao menos vemos huma tal grandeza de animo, fervor, e espirito nos devotos do Bom JESUS; que depois de dispenderem com a magnifica obra da sua Capella, e fabrica da sua Tribuna, não as riquezas de Ofir; mas aquellas com que a devoção concorreo de todo este Reyno, e suas Conquistas; que foraõ bastantes para fazer hum monte de ouro todo aquelle admiravel Sanctuario; do qual se pòde dizer com verdade, o que disse do Sol o Poeta Sulmonense, quando affirmou exceder o artificio da obra à preciosidade da materia. *Materiam superabat opus.*

Ovid. *Metamorph.*

E ao

E ao depois para trasladarem a elle a Imagem veneranda do Bom J E S U S á imitação do Sabio Rey, convocaraõ todas as PESSOAS principaes de huma, e outra milicia, para com triumphal solemnidade collocarem no seu feliz jazigo; tirando-a da Capella de Nossa Senhora do Rosario; aonde esteve depositada (qual Arca do Testamento em SIAÕ Cidade de David) podendo hoje dizer com muita propriedade a melhor filha de David, e de SIAÕ; fora descançar no seu Tabernaculo, o mesmo que lhe dera o ser com tanto privilegio: *Qui creavit me, requievit in Tabernaculo meo.*

Assistio o R. Cabido da Sè do Porto; a Camara, e o Governador das Armas Antonio Mõteyro de Almeyda com a gẽte de Guarnição.

Ecles. 24. 12.

E a tres de Mayo dia da Invenção do Sagrado Lenho da Cruz (que neste anno cahio em o dia de Rosa) sahio com razão da Capella do Rosario a melhor Rosa de Jericò, para que desafiando coroadade espinhos as flores da primavera, vissem todos, que na Vara da Cruz franqueava mais liberal os aromas da sua Clemencia. Sahio naquelle dia o Senhor; e como tudo se fez parente aos Elementos, todos uniformes quizerãõ celebrar reverentes do Senhor os Triunfos.

Esteve o Senhor na Capella do Rosario, em quanto se dourou a obra da sua Capella, e no dia da Rosa, que foy a 3. de Mayo sahio della em Procissão, e se recolheo na sua propria.

O Fogo, afogado em glorias, e abraçado em luzes: o Ar ardendo em chamas, e confuzo em vivas: a Terra alcatifada de flores; e adormecida em consonancias; e o Mar nadando em alegrias, ainda que cheyo de faudades. Então vio a perola, que para enriquecernos de felicidades, em femelhante dia arrojara nas prayas entre as areas, fem duvida para mostrar, que fem numero nos havia de cõunicar o Senhor as venturas; e porisso o celebrou orgulhoso com o coro das Ninfas; a Terra, com a turba dos Faunos; o Ar, com a musica das Aves, e o Fogo com as lingoas dos Astros; mas todos tão empenhados em applaudir do Bom JESUS a gloria, que attingindo cada hum a sua ultima baliza, chegou ao seu *non plus ultra*.

Affim o testemunhão os corações, que acompanhando então ao Senhor defeitos em ternuras se viaõ fluctuar em hum abyfmo de alegrias; nesse dia ao som armonico de bem concertadas vozes, se puderãõ levantar os muros de outra melhor Thebas; que para isso se moveriaõ voluntariamente fenão os riscos duros do coração

ção dos montes ; a montes brandos como cera, corações de pedra. Nesses dias os corações mais duros foram as vítimas mais abrazadas : não houve naquella dia alma por mais distrahida , que abalada com a presença da Magestade daquella Imagem veneranda , se lhe não desejasse sacrificar por vítima.

Chegou em fim a melhor Arca do Senhor, a Sagrada Imagem do Bom JESUS, nos hombros dos Sacerdotes ao seu magestoso Trono , onde tinha o seu jazigo : *Intulerunt Sacerdotes Arcam fœderis Domini in locum suum , in Oraculum Templi.* Continuou logo em acção de graças ao Senhor este solemniſſimo culto da Encenia , ou nova dedicação do seu Trono , e da sua Capella neste sumptuoso Templo, imitando em tudo os seus devotos a grandeza de Salamaõ, assim nos Sacrificios, como na bem disposta ordem, com que os Sacerdotes com devotos Hymnos, e Canticos, empenhados nos applausos daquella Divina Magestade lhe vão dando, e rendendo graças por graças.

3. Reg. 8. 6.

Tres vezes , diz Tertuliano , e ou-

Tertulian.

Tertul. à
Cartagen. re-
lat.

tros , foy dedicado o Templo de Salamão em Jerufalem ; foy a primeira dedicação feita , e celebrada pelo mefmo Salamaõ ; a segunda por Zorobabel ; e a terceira por Judas Machabeo : *Semel, iterum, & tertio, dedicatum fuit Hyerofolymitanum Templum. Prima dedicatio facta fuit á Salomone, fecunda à Zorobabel, tertia à Juda Machabeo.* E tres vezes fey eu, tem sido dedicada ao Bom JESUS a fua Capella neste Templo : a primeira , quando nella fe collocou vindo da Igreja de Bouças ; a segunda , quando accrescentando-fe-lhe a mefma Capella , e fazendo-se-lhe a fua nova Tribuna, collocarão ao Senhor nella antes de douralla ; e a terceira , e ultima agora de prezente, quando depois de dourada , e consummada de todo a fua obra, foy o Senhor a ella reftituido , e poriffo lhe não compete a efte culto o nome de collocação , ou dedicação primeira , mas fim de reftituição , ou Encenia. Razaõ porque diffe advertidamente Tertuliano ; que à primeira folemnidade da dedicação fe feguirá a segunda da reftituição , ou Encenia : *Prima dedicationis folemnitate, fecunda reftitutionis*

nis gratulatione. Mas em tudo foraõ as novas dedicações, ou Encenias, huma festiva imitação da primeira; e este he o motivo de senão referir por extenso nas Escrituras a sua pompa.

E supposto, que dos Expositores discrepem sobre a relação do dia, em q̄ foy collocada a Arca do Senhor no Oraculo do Templo, como muitos affirmaõ com

Alapid.

o Alapide encontrar-se a festa da dedicação com a festa dos Tabernaculos; a qual tinha o seu principio a tres de Mayo; em

cujo dia, no parecer de Adricomio, collocou Moysês no Tabernaculo a Arca do Senhor:

Die primo Maii Castra figunt ad Montem Synay, Moyses autem ascendit montem, quem Deus jubet sanctificari, & paratum esse in diem tertium,

Adricom. Theatr. Ter- ra Sanct. in Exod. 19.

atè no dia de tres de Mayo, em que a veneranda Imagem do Senhor foy restituida ao seu Tabernaculo, convem com o dia festivo, em que foy collocada no Propiciatorio a Arca do Testamento; e tudo assim foy por disposição do Ceo succedendo, para que no dia da Invenção do Sagrado Lenho da Cruz, em que foy apparecido em Trono de Magestade, nos fi-

zesse conhecer a sua gloria à mayor altura elevada.

Ezecl. 10. 4. *Elevata est gloria Domini desuper Cherub*; diz Ezequiel, que estando o Senhor no Trono sobre as azas dos Querubins; se vira a sua Gloria elevada á mayor altura, mas que havia de ser? No Trono, quando apparecia a Cruz, na forma com que os Querubins cruzavaõ as azas, tambem alli apparecia o Senhor sobre as azas dos Querubins Crucificado na sua Cruz. E quando de Christo a melhor Imagem se vê em Trono de Magestade collocada, quando no dia da Invenção do Sagrado Lenho da Cruz apparecida; entãõ para o Senhor ostentar o *non plus* da sua Gloria, no seu Trono a inculca remontada à mayor altura: *Elevata est Gloria Domini desuper Cherub*. Menos mal o hey de dizer, e com melhor propriedade.

No Trono do Propiciatorio se divizava huma Palma entre Querubim, e Querubim; & *Palma inter Cherub, & Cherub*. E como a Palma seja figura da Cruz, em que Christo pelas prodigalidades da sua Clemencia ostentou o *non plus ultra* da sua gloria

ria: *Ligna Crucis Palma*, diz Anastasio Synaita, e S. Drogo. *Crux tua gloria tua ob Domine!* Quando em Trono de Magestade collocado se vê de Christo o melhor Retrato à vista do Sagrado Lenho da Cruz, no dia de cuja Invenção foy apparecido; não tendo Christo como Deos mais glorias, que ostentar, ou não tendo a sua Gloria mais alta esfera a que subir, a Cruz porque ostentou interminavel à sua Clemencia, elevou à mais alta esfera a Magestade da sua Gloria. *Elevata est Gloria Domini desuper Cherub, & Palma inter Cherub, & Cherub.*

Anastaf. Synait. & D. Drogo.

Servem os Querubins ao Senhor de Trono: *Qui sedet super Cherubim*, e como na Cruz das suas azas appareceo Crucificado, assim como as memorias da Cruz lhe realçaraõ a Gloria de apparecido, estas mesmas memorias quiz o Senhor lhe esmaltassem a Gloria de entronizado; mas de tal fórte excedem as Glorias, que ostenta o Senhor restituído ao seu Trono, às que ostentou no seu apparecimento, que deixando a olhos vistos, outra qualquer gloria a perder de vista; no seu Trono

Pf. 98. a 1.

voa a sua Gloria a taõ remontada esferá, que nem os juizos a comprehendem; nem a penetraõ os olhos; esconde-se ao intuito dos olhos para mostrar, que a naõ penetra a perspicacia dos entendimentos. *Elevata est Gloria Domini desuper Cherub.*

2. Reg. 22. n.
11.

Inclinou Deos para a terra os Ceos, quando descendo dos Ceos, appareceo na terra: *Inclinavit Cælos, & descendit*: o mesmo Senhor, que apparecido na terra cifrou toda sua Gloria na ostentaçãõ da sua Clemencia: posto no Trono da sua Cruz, por onde mostrou sem termo a sua Clemencia, remontou a sua Gloria ao ultimo termo, para que vissemos, que no Senhor realça-vaõ muito as Glorias de entronizado, as que ostentou quando apparecido: *Inclinavit Cælos, & descendit, & ascendit super Cherubim, & volavit*. Ainda temos mais que notar neste passo.

1. Reg. 4. n.
41.

Era a Arca do Senhor, como Retrato verdadeiro de Christo, a Gloria de Israel, e essa foy a razãõ de se dizer fora traslada-da a gloria de Israel, quando seus inimigos cativarão a Arca do Senhor: *Translata est gloria Israel, quia capta est Arca Dei*. A gloria

gloria deste povo, e de todo este Reyno he a venerada Imagem do Bom JESUS de Bouças; entre as cinco, que fabricou o Santo Varaõ Nicodemus, a principal, e a primeira; não sómente, porque he entre todas a mais milagrosa, senão tambem, porque no parecer de Jorge Cardoso, no seu Agiologio Lusitano, primeiro que todas as outras Imagens venerandas veyo sahir a Espanha nas prayas de Matozinhos, para que logo pelo Mundo se esprayasse a fama dos seus portentos; e pelas franquezas da sua Clemencia, nos desse a conhecer a Magestade da sua Gloria.

*Jorg. Cardoso.
in Agiolog.
Lusit.*

Porque assim na terra, como no mar he o Bom JESUS de Bouças o seguro de todas as venturas, e felicidades todas. Elle he o Capitaõ das batalhas, o fiador das victorias, o segurador das vidas, e o abonador das fazendas. A elle se devem os bons despachos, e as boas viagens, sendo aquella Imagem sagrada Oraculo sempre propicio para os devotos, que com limpeza do coração neste Templo buscão para as suas necessidades, o remedio, para suas tribulações o amparo, e para suas

perseguições o abrigo: e como agora entronizado quer mostrar o *non plus ultra* da sua Gloria, pelas franquezas da sua Clemencia, ferà a sua Clemencia mais ampla para todos com muita Gloria.

Continuando Salamaõ a grande celebridade da dedicação do seu Templo; na qual mostrou a grandeza de animo, com que lhe rendia ao Senhor as graças por haver permitido descançar a Arca no Trono do Propiciatorio depois de consummada aquella grande obra, para mostrar o Senhor o quanto se agradara da magnificencia daquelle applauso como seguro de futuras graças lhe disse do Oraculo do Templo estas misteriosas palavras, as quaes me parece estou ouvindo ao Senhor do seu Trono, donde nos està animando aquelle Divino Oraculo.

2. Paralip. 7.
15. & 16.

Occuli mei erunt aperti, & aures meae erectae ad orationem ejus, qui in loco isto oraverit, elegi enim, & sanctificavi locum istum, ut sit nomen meum ibi in sempiternum, & permaneant oculi mei, & cor meum ibi cunctis diebus. Do seu Trono (assim como o Senhor do Oraculo do Templo) nos està dizendo

do o Bom JESUS, que sempre ha de ter os olhos abertos para ver piedoso as nossas misérias, e remediar compassivo as nossas necessidades, e applicados os ouvidos para ouvir as Orações, e supplicas de todos, os que devotos, e penitentes o vierem buscar a este seu Templo; porque nelle elegeo, e santificou o seu Trono; para que nelle permaneça athe o fim do mundo a gloria do seu nome; e alli estejaõ sempre seus Divinos Olhos, e Coração Divino, todos os dias do seculo. Estas ultimas palavras do Senhor são muito dignas de sobre ellas se fazer hum reflexo.

Porque se o Senhor alli fallava com allusão à Pessoa do Verbo fazendo menção das partes do corpo, que havia de ter encarnado, como para seguro dos seus beneficios, não diz que haõ de permanecer para sempre alli seus Divinos Braços, como tympres de sua Omnipotencia? E ter perennemente abertas para os favores suas Divinas Mãos; que são as que correm, e abrem os registos ás torrentes das suas misericordias? Direy: Em seus Divinos Braços, e Mãos Divinas; assim como nelles

tem

tem o Senhor, como instrumento da sua Omnipotencia, o Tribunal para os favores; tambem igualmente o tem para os castigos; porq̃ no Senhor se mostraõ iguaes os attributos: da sua Justiça, e da sua Clemencia: e como o Senhor no seu Trono, como Rey benigno, e piedoso, queria mostrar pelas prodigalidades da sua Clemencia, o *non plus ultra* da sua Gloria; como esquecido dos castigos da sua Justiça sómente quer ter Olhos para ver as nossas misérias; e Coração para remediar compassivo as nossas necessidades, porque se he o Coração, como fonte do amor, o centro da Clemencia, e os Olhos faõ, como janelas da alma, as portas do Coração; alli todos os dias do seculo, como brazaõ da sua Clemencia, quer o Bom JESUS ter promptos para remediarnos seus Olhos, e Coração: para mostrar, que as nossas necessidades lhe haõ de estar sempre levando o Coração apos os Olhos: *Et permaneant oculi mei, & cor meum ibi cunctis diebus.*

E isto mesmo mostrou a Providencia Divina em permitir, que esta Imagem

vene-

veneranda appareceffe nas prayas do mar sem o Braço esquerdo, porque como apparecera para Deos franquearnos por ella o mare magnum de sua Clemencia, na falta do Braço esquerdo para o castigo das nossas culpas, quiz não appareceffe final da sua Justiça. E tendo o Olho direito fechado para a terra, e o esquerdo aberto para o Ceo: ou estando com hum Olho no Ceo, outro na terra; porque não quer ver os nossos defeitos, olha para o Ceo, donde nos està impetrando os beneficios; e ministra-nos do Ceo os beneficios sem olhar para os nossos defeitos. Imagem portentosa, que sendo de Christo o melhor Retrato, nos està mostrando o *plus ultra*, e *non plus ultra* da Gloria, e Clemencia do mesmo Original Divino.

Attingit à fine usque ad finem fortiter, & disponit omnia suaviter. Quando no Calvario consummou Christo da Redempção a obra, attingindo alli a sua gloria a ultima baliza, e o seu *non plus ultra*; que isso denota o *fortiter*; mostrou o Senhor o *plus ultra*, e o sem fim da sua Clemencia; que isso quer dizer o *suaviter*. Mas alli no

Sap. 8. a 1.

Trono

Trono da sua Cruz sem olhar para os aggravos de quem o crucificára, estava o Senhor pedindo a seu Eterno Pay favores, e perdões para quem o offendia: *Pater ignosce illis, quia nesciunt, quid faciunt.* E quando o Senhor sem fazer cazo de aggravos, ao Ceo está supplicando os beneficios; entãõ o *plus ultra* da sua Clemencia acredita o *non plus ultra* da sua gloria: *Attingit à fine usque ad finem fortiter, & disponit omnia suaviter.*

Vio o Santo Varaõ Nicodemus, como aquelle Original Divino supplicava ao Ceo os beneficios, para os que lhes estavaõ fazendo os mayores aggravos. E que fez? Debuxou este seu Retrato de tal sorte, que pelos olhos, como portas do coracaõ, nos estivesse mostrando depois do Bom fim da terra, o ultimo fim sem fim no Ceo; esculpindo aquella Imagem Soberana com hum Olho no Ceo, outro na terra. A isto alludio S. Bernardo: *Attingit à fine usque ad finem, idest à summo Cælo usque ad inferiores partes terra.* Porque se alèm do fim, que he o *non plus ultra*, não pòde haver outro fim, o fim, que depois de hum fim está

D. Bernard.

está o Senhor attingindo, he o sem fim, e o *plus ultra* da sua Clemencia, depois do fim, e *non plus ultra* da sua Gloria.

Vio S. João no seu Apocalypse ao Senhor restituído ao seu Trono, já despozado com a sua Igreja formada de novo, e della diz o Euangelista lhe dissera o mesmo Senhor estas palavras: *Dixit qui sedebat in Trono, ecce nova facio omnia, ego sum alpha, & omega, initium, & finis, ego sitienti dabo de fonte aquæ vitæ gratis.* Eu (disse o Senhor) nesta função dos meus desposorios, para tudo sahir de gala, tudo reformo de novo. *Dixit qui sedebat in Trono, ecce nova facio omnia*: Eu sou o principio, e mais o fim, ou para o dizer melhor com Cornelio Alapide; sou sem fim, nem principio, porque sou eterno: *Ego sum sine principio, & sine, idest, sum Æternus.* E por isso a todo o que tiver sede de satisfazer-se na fonte viva dos meus favores, chamamos, porque para todos estão sempre aqui correndo as aguas de Graça. *Ego sitienti dabo de fonte aquæ vitæ gratis.*

E pois porque o Senhor no seu Trono se ostenta principio, e fim, ou sem fim,

Apoc. 21. 5.
& 6.

Alap. ubi sup.

Apoc. sup. n. 7

fim, nem principio, he que ha de satisfazer a todos a sede dos seus defejos, na fonte viva dos seus favores? Sim senhores, porisso mesmo. De sorte que o fim he hum *non plus ultra*, e o *plus ultra* he hum sem fim, e como o Senhor alli estava restituído ao seu Trono, desposado com a sua Igreja formada de novo: *Vidi Hyerusalem novam paratam sicut sponsam ornatam viro suo*: franqueava liberal a torrente dos seus favores, para que dalli, como Deos, que sendo principio, e fim, he sem fim, nem principio: pelo *plus ultra* da sua Clemencia nos fizesse reconhecer o *non plus ultra* da sua Gloria: *Dixit qui sedebat in Trono; ecce nova facio omnia.... Ego sum Alpha, & Omega, initium, & finis: Ego sitiienti dabo de fonte aque vita gratis. Ego sum sine principio, & fine.* Està o Bom JESUS posto já de assento no seu glorioso Trono, e alli nos està mostrando o *non plus ultra* da sua Gloria, pelo *plus ultra*, e sem fim da sua Clemencia, que nos està prometendo de graça, e sem trabalho: *Ego sitiienti dabo de fonte aque vita gratis.* Grandeza, que neste seu Retrato, quiz mostrar o Original Divino no Templo

plo do Monte Calvario, quando no Trono da sua Cruz, que para si dedicou, consummou a obra da Redempção: *Consummatum est opus Redemptionis; constantiam in coronando incepto opere significavit. Significare ait Christum Dominum ejus amorem ultra progredi non potuisse. Non enim Deo digna requies, ubi non omnia, que incepit facere, consummavit. Crux Domini Tronum, & Solium, quem ipse auctoritate Regia dedicavit. Capitis inclinatione denotavit Christus summam adorationem, & reverentiam erga Patrem cum gratiarum actione pro cruciatibus toleratis, hominum redemptione adimplata.*

Concluamos agora com huma observação de Pinciano, que atando-nos alguns fios desta Oração, lhe poem o ultimo remate. Quando o Senhor no Templo do Monte Calvario, aonde no Trono da sua Cruz se desposou com a sua Igreja, inclinou a Cabeça para a terra, olhando para o nosso principio, e fim, depois de regar com o seu Sangue a cãveira, ou ossos de Adaõ, que alli jaziaõ aonde se arvorou a Cruz do Senhor, a qual foy a arvore Triforme, que diz Pineda, sahia da boca do mes-

Pincianus

*Pineda sup.
relatus.*

mo Adão depois de morto ; mostrando-lhe, e a seus filhos as entranhas da sua misericordia, cujo oleo prometera a nosso primeiro Pay, quando o excluio do Parayso, nos segurou o sem fim da sua Clemencia, por braço unico da sua Gloria; preconizou as felicidades, e misericordias, que por este seu Retrato haviaõ de ter os filhos de Eva, assim como no Parayso foraõ prometidas ao primeiro Adão. Folgarà de ouvir o successo, quem ainda delle não tiver noticia.

Estava moribundo Adão, e considerando seus dias cheyos, mandou a Seth, que fosse ter com o Cherubim ao Parayso, e lhe pedisse do oleo da misericordia, que Deos lhe prometera, quando o lançou fóra delle. Partio Seth, e estando quasi chegado ao Parayso, lhe sahio ao encontro o Cherubim, e perguntando-lhe a que hia, lhe contou Seth a empreza. Recebeo-o o Cherubim muito bem, e mandou-lhe, que levantasse os olhos, e observasse bem o que via: assim o fez Seth, e em primeiro lugar vio huma fonte; e junto a ella huma arvore grande estendida em ramos,

mas sem folha, nem casca alguma, e alli advertio Seth o peccado de nossos primeiros Pays; e a Cruz da Penitencia, que havia de ser o seu remedio.

Admoestado Seth, segunda vez, que visse mais, torna a olhar, e vê dentro do Parayso huma arvore taõ grande, que chegando com as suas pontas, e ramos, qual escada de Jacob ao Ceo, na sua mayor eminencia tinha hum Menino sentado, que gemia, e chorava: entaõ lembrando-se do peccado original torna a olhar, e vê, que aquella arvore dobrando os ramos para a terra, penetrava com elles o mesmo Inferno. Vira-se neste assombro para o Anjo, e este lhe explica o misterioso enygma, dizendo-lhe, que aquelle Menino, que estava entronizado no alto daquella arvore, era o Filho de Deos no alto da sua Cruz, e que esse era o oleo da misericordia prometido a Adaõ seu Pay.

Partio Seth, e dando conta de tudo ao venerando velho, alegre Adaõ, cheyo de prazer levantou as mãos ao Ceo, e rendeo ao Senhor as graças por lhe segurar a sua Clemencia, e misericordia na-

L

quella

quella Imagem de Christo posta de assento no Trono da sua Cruz. E nisto pondo-lhe nas mãos toda sua esperança, espirou, entregandolhe sua alma: *Adamus de suo, intra tres dies, obitu certior factus á Seth, atque Pincian. sup. de rebus aliis instructus, totus ridibundus, atque relatus. hilaris gratias Deo reddidit, & post satis longam vitam, spiritum in illius manus deponit,* traz isto Pinciano já referido, tirado de outros Autores antigos. Agora para o intento.

A fonte que vio Seth junto do Parayso, he a fonte milagrosa do Senhor, que está, aonde o Senhor sahio no lugar do Espinheiro, por outro nome chamado o Parayso: a arvore sem rama, ou folhas, he o Padraõ do Senhor, que está junto della, e a outra arvore frondosa, que estava dentro do Parayso com o Menino Deos entronizado no Solio de seus ramos, he a Cruz, em que está a veneranda Imagem do Bom JESUS de assento já no seu Trono dentro do Parayso deste magnifico Templo, e verdadeiro oleo da misericordia, e Clemencia para todos os filhos de Adaõ, que hoje imitando aquelle bom Pay, lhe devem render as graças por haver permitido
por-se

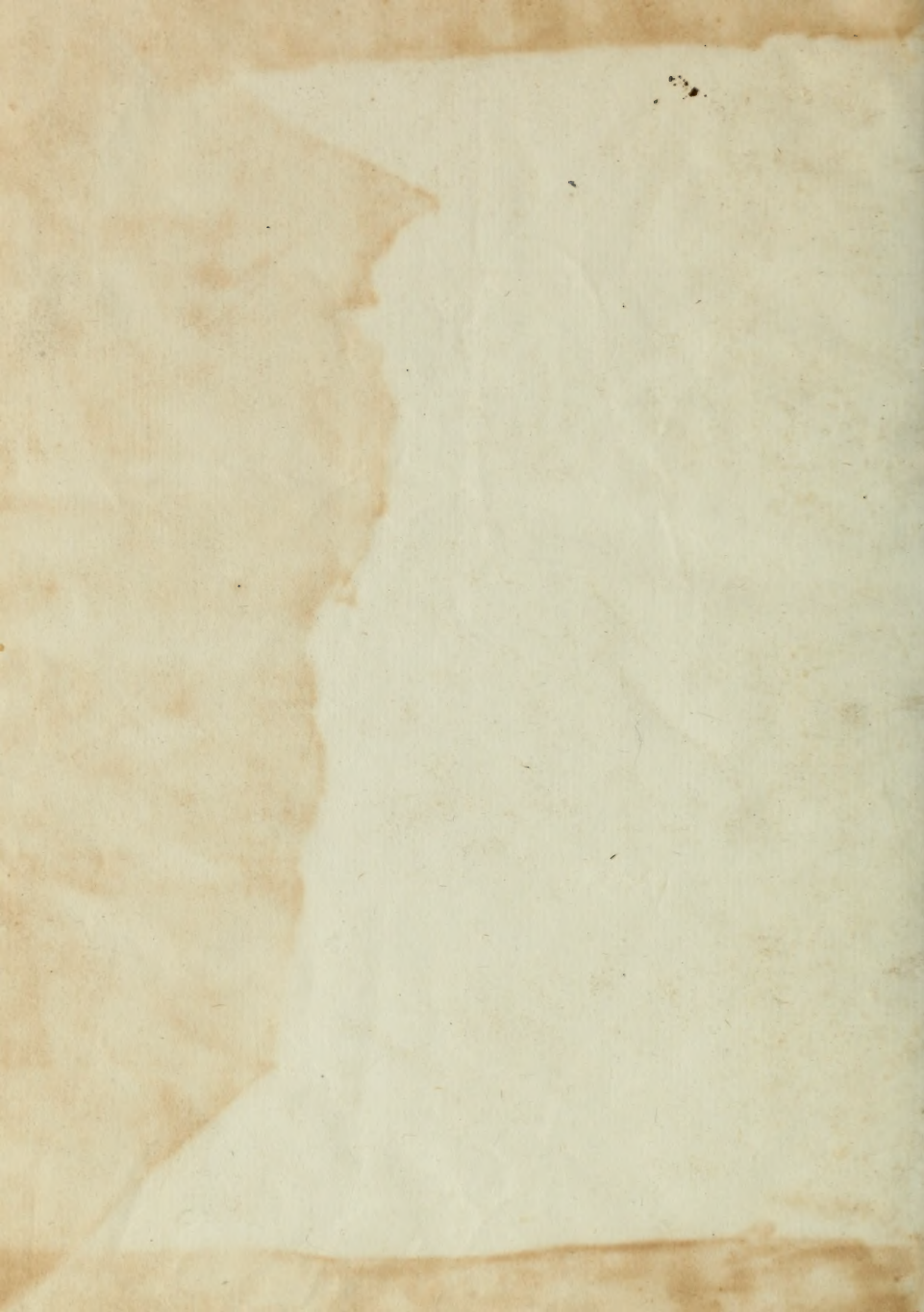
por-se a ultima coroa á obra da sua Capella, e o remate aos applausos desta nova dedicação do feu Trono. *Consummatum est.*

Infinitas graças a vossos Pés prostrados vos rendemos meu Bom JESUS todos os filhos de Adaõ por haveres permitido por-se o remate a este glorioso Culto da dedicação do vosso Trono. Confiados em que assim, como a povo Hebreo em duas columnas, huma de fogo, outra de nuvem, mostrates gravados o *non plus ultra*, e *plus ultra* da vossa Gloria, e da vossa Clemencia, ahi nesse glorioso Trono a este vosso povo, e a todos os filhos de Eva, que peregrinamos neste desterro, seguraes na vida o *plus ultra*, e sem fim da vossa Clemencia, para que depois da morte vão gofar o ultimo fim, e *non plus ultra* da vossa Gloria. *Quam mihi &c.*

LAUS DEO,

VIRGINI QUÆ MATRI.

Omnia sub jicio correctioni Sanctæ
Matris Ecclesiæ.



480

